

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – PPA

FRANCIANI FERNANDES GALVÃO MULINA

**Liminaridade e Cultura de Consumo:
Objeto e Expressão de Consumo do Neófito da Religião
Protestante**

MARINGÁ

2019

FRANCIANI FERNANDES GALVÃO MULINA

**Liminaridade e Cultura de Consumo:
Objeto e Expressão de Consumo do Neófito da Religião
Protestante**

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutora em Administração, do Programa de Pós-graduação em Administração, da Universidade Estadual de Maringá.

Orientadora: Dra. Olga Maria Coutinho Pépece.

MARINGÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

M957L Mulina, Franciani Fernandes Galvão
Liminaridade e cultura do consumo: objeto e expressão de consumo do neófito da religião protestante. / Franciani Fernandes Galvão Mulina. -- Maringá, 2019.
244 f. : il., color., figs., tabs., quadros.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Olga Maria Coutinho Pépece.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2019.

1. Teoria da cultura de consumo. 2. Neófitos. 3. Ritos de passagem. 4. Liminaridade. 5. Religião. I. Pépece, Olga Maria Coutinho, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Administração. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

CDD 21.ed. 658.8

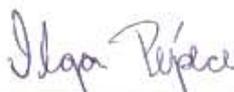
AHS-CRB-9/1065

FRANCIANI FERNANDES GALVÃO MULINA

**LIMINARIDADE E CULTURA DE CONSUMO:
objeto e expressão de consumo do neófito da religião protestante**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de doutor em Administração, do Programa de Pós-Graduação em Administração, da Universidade Estadual de Maringá, sob apreciação da seguinte banca examinadora:

Aprovada em 30 de maio de 2019



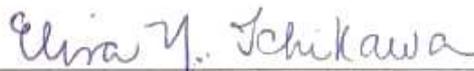
Prof.^a. Dr.^a. Olga Maria Coutinho Pépece
(presidente)



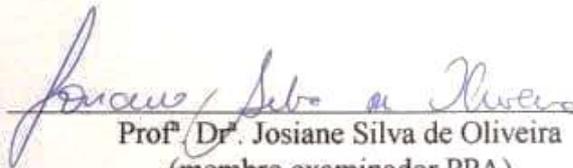
Prof.^a. Dr.^a. Ana Paula Celso de Miranda
(membro examinador externo - UFPE)



Prof. Dr. Fagner Carniel
(membro examinador externo convidado - PGC/UEM)



Prof.^a. Dr.^a. Elisa Yoshie Ichikawa
(membro examinador PPA)



Prof.^a. Dr.^a. Josiane Silva de Oliveira
(membro examinador PPA)

MARINGÁ
2019

Dedicatória

Dedico estes escritos à Deus, ao meu esposo Ricardo e a todos os indivíduos liminares deste
tempo.

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela minha existência, por não ser apenas pó das estrelas, mas um ser completo que foi moldado por Ele nos mínimos detalhes. O agradeço por ter me sustentando diante das inúmeras tormentas durante o doutorado. Agradeço por ter permitido aprender todo o conteúdo científico ao qual me apaixonei, por permitir realizar este sonho de liberdade que o conhecimento conferiu e que me aprimorou por completo. Obrigada Aba por usar da alegria e do sofrimento para me edificar e me transformar assim como uma lagarta em borboleta. Agora posso voar para as direções científicas que eu desejar.

Meu esposo Ricardo, muito obrigada por estar ao meu lado, por aguentar minhas angústias e desesperos. Obrigada por seu cuidado exagerado e por me possibilitar a realização deste sonho, pelo chocolate e o café durante os momentos tristes e por estar sempre presente, mesmo quando eu não queria que você estivesse. Te amo.

Agradeço a mamãe Leonor por ter me amado tanto, que mesmo diante do seu leito de morte não quis me preocupar com suas dores enquanto eu fazia a seleção para este doutorado, falecendo quatro dias após a prova de seleção.

Agradeço ao papai Francisco, que foi provedor e financiador nos momentos de aperto durante os anos em Maringá e, que sem o seu exemplo enquanto pessoa crítica do mundo eu não teria trilhado este caminho.

Obrigada a meus irmãos Patrícia e Giovani. Obrigada meus sobrinhos Larissa e Luan que foram a alegria nos momentos sombrios.

Professora Olga, você foi a luz no fim do túnel, minha auxiliadora e orientadora, pessoa muito valorosa, honesta e extremamente inteligente e competente. Obrigada pela paciência ao me conduzir, por ser o ânimo quando eu não mais conseguia seguir. Você me mostrou o conteúdo mais emocionante e me fez compreender a importância social da Cultura de Consumo, área esta que pretendo seguir em minha carreira.

Professora Eliane, me descobri loucamente apaixonada pela antropologia em suas aulas. Obrigada pela sua paciência, pelo seu direcionamento e atenção. Nossas conversas foram enriquecedoras e me trouxeram uma nova forma de enxergar meu mundo.

Gratidão imensa tenho pela querida amiga e líder Cristina. Amiga, sem seus conselhos e indicação de neófitos eu não teria conseguido. Obrigada pelo seu cuidado por mim e pelas orações.

Sou tremendamente grata aos pastores Ney e Márcia e demais irmãos da Comunidade Alcance de Irati, pela presteza em me ajudar, pelo acesso que me permitiu conhecer os neófitos,

propiciando um grande aprendizado e experiência enquanto pesquisadora.

Agradeço ao professor Valter pelo apoio, pela confiança e carinho.

Agradeço ao professor Giovani pelos direcionamentos iniciais que me fizeram crescer como pesquisadora e ser humano.

Agradeço a todos os professores que tive contato no PPA por seus ensinamentos.

Agradeço aos professores da banca por aceitarem o convite de avaliar esta tese.

Agradeço ao Bruhmer, por estar sempre disposto a auxiliar em nossas necessidades.

Agradeço aos irmãos da Igreja Batista São de Maringá por me acolherem, e me auxiliarem nos passos iniciais para compreensão do protestantismo, em especial à Marcia e a Mari que me apresentou ao termo neófito.

Agradeço aos queridos Ruth, Fernanda, Lisa e Gilmar pela moradia.

Agradeço a Capes, pela bolsa utilizada nos primeiros anos deste doutorado.

Agradeço aos colegas de doutorado, em especial ao Alexandre pela parceria.

Agradeço a meus colegas da Unicentro, que não mediram esforços a me auxiliar.

E por fim, agradeço a todo aquele que tive contato direta ou indiretamente durante este tempo, pessoas que me acolheram, oram por mim e me cuidaram espiritualmente.

Resumo

Esta tese aborda temática que relaciona teorias relacionadas da antropologia e de marketing, mais especificamente a teoria da liminaridade com a teoria da cultura de consumo. Busco compreender o papel do artefato da expressão da prática cristã de consumo do neófito na fase de liminaridade na religião protestante pentecostal. Ao usar a teoria da Liminaridade Van Gennep e Turner direcionada ao contexto do consumo do novo convertido, acredito que o artefato consumido pelo neófito da religião protestante o ajuda a modificar seu comportamento no dia a dia com o grupo e no seu cotidiano, apresentando assim, este artefato, um papel importante como objeto da expressão do neófito enquanto indivíduo em transição na religião protestante. O método etnográfico foi escolhido para cumprir este objetivo de pesquisa junto a novos convertidos na religião protestante de segunda onda, especificamente pertencente a igreja Comunidade Alcance sediada em Irati-PR. Foram selecionados por conveniência e acesso neófitos que se entraram na nova religião entre seis meses e dois anos. Como parte da etnografia, além da observação participante, foram realizadas 20 entrevistas em profundidade, e durante um ano foi realizado o acompanhamento para observação participante junto ao grupo religioso. A partir do material coletado, foi efetuada análise e assim identificado o consumo do neófito. Os resultados apontam os estágios de transição na religião protestante, as características do protestante neófito liminar, bem como, demonstram o bem material e imaterial consumido pelo neófito protestante, o objeto de expressão da transição e aspectos relacionados à nova forma de consumir advinda da conversão.

Palavras-Chave: teoria da cultura de consumo, neófito, ritos de passagem, liminaridade, religião.

Abstract

This thesis approaches thematic that relates related theories of anthropology and marketing, more specifically the theory of the liminality with the culture consumption theory. I seek to understand the role of the artifact, the expression of the Christian practice of consumption of the neophyte in the phase of liminality in the Protestant Pentecostal religion. In using Van Gennep and Turner's theory of liminality, I believe that the artifact consumed by the neophyte of the Protestant religion helps him to change his behavior on a day-to-day basis with the group and his daily life, this artifact, have an important role as an object of expression of the neophyte as an individual in transition in the Protestant religion. The ethnographic method was chosen to fulfill this research objective with new converts in the Protestant religion of the second wave, specifically belonging to the church Comunidade Alcance based in Irati-PR. They were selected for convenience and Access, neophytes who entered the new religion between six months and two years. As part of the ethnography, in addition to the participant observation, 20 in-depth interviews were conducted, and during one year the follow-up was carried out for participant observation with the religious group. From the collected material, the neophyte consumption was analyzed and thus identified. The results point to the transitional stages in the Protestant religion, the characteristics of the neophyte, and the demonstration of the material and immaterial goods used by the Protestant neophyte, the object of expression of the transition and aspects related to the new form of consumption derived from conversion.

Keywords: consumer culture theory, neophyte, rites of passage, liminality, religion.

Lista de abreviações

- ABREPE** - Associação Brasileira de Empresas e Profissionais Evangélicos
- ACAMP** - acampamento de adolescentes
- CCT** - Consumer Culture Theory
- EM** - Ensino Médio
- EMA** - Escola Ministerial Alcance
- GPS** - Global Prophetic School
- IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IEQ** - Igreja do Evangelho Quadrangular
- ININT.** - Ininteligível
- MAXQDA** - nome próprio de software para análise de dados qualitativos e mistos
- MBA** - Master of Business Administration
- MMI** - Mariage Ministries International
- PIB** - Primeira Igreja Batista de Curitiba
- TADEL** - Treinamento Avançado de Líderes

Lista de tabelas

Tabela 1. Percentual da população residente por grupos de religião, total e sexo - Brasil -2000-2010	27
Tabela 2. Dados demográficos pastores	135
Tabela 3. Dados demográfico casais de neófitos.....	136
Tabela 4. Dados demográficos neófitos	136

Lista de figuras

Figura 1. Fases de transição nos ritos de passagem	47
Figura 2. Categorias de ritos	49
Figura 3. Teoria e técnica ritual.....	49
Figura 4. O poder cíclico do ritual: perspectiva interdisciplinar	59
Figura 5. Imagens Livros cristãos, bíblias diversas, CDs e DVDs	101
Figura 6. Vestimentas: camisetas, blusas, ternos, vestidos para casamento, bonés, etc.....	102
Figura 7. Joias e bijuterias, relógios, etc.	102
Figura 8. Miscelâneas: bolsas, travesseiros, produtos infantis, Produtos de representatividade cultura internacional, móveis para igrejas, etc.	103
Figura 9. Produtos variados: canecas, garrafas térmicas, óleo para unção (...).	104
Figura 10. Serviços de locação para eventos, streaming de músicas, consórcios (...)	105
Figura 11. Entretenimento de experiência: arca de Noé, Pragas do Egito, Coliseu e Abertura do mar morto	105
Figura 12. Entretenimento: acesso a programas de entrevistas, ser filmado ao cantar	106
Figura 13. Entretenimento infantil: acesso a personagens do universo gospel	106
Figura 14. Entretenimento: acesso a pessoas famosas	106
Figura 15. Batismo na Comunidade Alcance em 2018	111
Figura 16. Evento 'Mulher 100%' na Comunidade Alcance	112
Figura 17. Evento 'Chá Amada do Senhor' na Comunidade Alcance	113
Figura 18. Evento 'Encontro de Casais' da Comunidade Alcance.....	114
Figura 19. Evento 'Encontro com Deus' da Comunidade Alcance.....	115
Figura 20. Evento 'Projeto Pharol Universitário' na Comunidade Alcance	116
Figura 21. Evento 'Festa das células' na Comunidade Alcance.....	117
Figura 22. Evento fora do calendário: 'Celulão'	118
Figura 23. Evento fora do calendário: Louvor no centro de eventos Italiano	118
Figura 24. Evento fora do calendário: Natal na praça	119
Figura 25. Sala de oração na Comunidade Alcance	121
Figura 26. Reunião de confraternização do Ministério de Intercessão	121
Figura 27. Participação de neófito em atividade desportiva organizada (...)	123
Figura 28. Almoço Japonês	124
Figura 29. Participação de neófito na venda sorvete e rodízio de pizza.....	124
Figura 30. Participantes no curso de membresia	125

Figura 31. Neófitos participando do EMA	125
Figura 32. Membros da igreja participando do Tadel	126
Figura 33. Participantes do GPS	126
Figura 34. Conferência do Espírito Santo	127
Figura 35. Colóquio 500 anos da Reforma Protestante em Curitiba.....	127
Figura 36. Troca de liderança da Comunidade Alcance - Pinhais	128
Figura 37. Evento Alianças em Pinhais.....	129
Figura 38. Produtos comercializados no evento para mulheres Alianças em Pinhais.....	130
Figura 39. The Global Leadership Summit - Brasil em Curitiba	131
Figura 40. Neófitos na visão dos pastores	189
Figura 41. Neófitos pelos neófitos	190
Figura 42. Comportamento de consumo do neófito protestante moderno	199
Figura 43. Nota de campo 7	227
Figura 44. Nota de Campo 8	228
Figura 45. Nota de Campo 9	229
Figura 46. Nota de Campo 10	230
Figura 47. Nota de Campo 11.....	230
Figura 48. Nota de Campo 12	231
Figura 49. Continuação da Nota de Campo 12.....	232
Figura 50. Nota de campo 13	233
Figura 51. Fluxograma das Fases de Pesquisa	238
Figura 52. Definição "Frutos do Espírito"	239
Figura 53. Estabelecimento de fiéis neófitos - Parte 1	240
Figura 54. Estabelecimento de fiéis neófitos - Parte 2	241
Figura 55. Qualificações de líderes na igreja - Parte 1.....	242
Figura 56. Qualificações de líderes na igreja - Parte 2.....	243
Figura 57. Qualificações de líderes na igreja - Parte 3.....	244

Lista de quadros

Quadro 1. Características dos estados liminares rituais	36
Quadro 2. Propriedades da liminaridade e sistemas de posições sociais	37
Quadro 3. Pontos críticos do ritual como categoria analítica de Tetreault e Kleine III.....	53
Quadro 4. Tipologia da experiência ritual.....	55
Quadro 5. Características do comportamento ritualizado versus características do ritual.....	56
Quadro 6. Características da Sociedade de consumo e da Cultura de Consumo	68
Quadro 7. Indicadores Sociológicos da Cultura do Consumidor	69
Quadro 8. Fases de transição nos ritos de passagem.....	85
Quadro 9. Trajetória metodológica	86
Quadro 10. Atividades no campo	98
Quadro 11. Codificação inicial no MaxQDA	133
Quadro 12. Relação entre objetivos e variáveis identificadas.....	133
Quadro 13. Propriedades congruentes da liminaridade e novo convertido.....	191
Quadro 14. Fases de transição nos ritos de passagem do novo convertido protestante	193
Quadro 15. Panorama do consumo no ambiente do novo protestante	196
Quadro 16. Consumo no ambiente do novo protestante	198
Quadro 17. Resumo descritivo: Liminaridade	221
Quadro 18. Resumo descritivo de ritos	222

Sumário

Apresentação	19
1. Introdução.....	20
1.1. Contextualização	21
1.1.1. Cultura de consumo e ritos	21
1.1.2. Liminaridade e religião.....	24
1.2. Delimitação do estudo e problema de pesquisa	26
1.3. Objetivos de pesquisa	28
1.3.1. Objetivo Geral.....	29
1.3.2. Objetivos Específicos	29
1.4. Justificativa.....	29
1.5. Organização do estudo.....	32
2. Referencial teórico.....	34
2.1. Caminhos da liminaridade	34
2.1.1 <i>Communitas</i> de Turner.....	39
2.1.2. Indivíduos liminares	41
2.1.3 Temporalidade da Liminaridade	44
2.2. Ritos de passagem	45
2.2.1. Classificação de rituais	48
2.2.2. Experiência Ritual.....	53
2.2.3. Comportamento ritualizado	54
2.2.4. Perspectivas interdisciplinares	57
2.2.5. Ritual e consumo	59
2.2.6. Rito de passagem e o neófito	60
2.2.7. Ritos e a religião	63
2.3. Cultura de consumo	65
2.3.1. Consumo, sociedade do consumo e cultura de consumo.....	65
2.3.2. Consumo simbólico e consumo transicional (<i>threshold</i>).....	70
2.3.2.1. Símbolo ritual.....	70
2.3.3. Consumo e religião	72
3. Procedimentos metodológicos.....	74
3.1. Delineamento da Pesquisa e Modelo Conceitual	74
3.1.1. Etnografia.....	76

3.2. Coleta de dados.....	83
3.2.1. Mapa conceitual da tese	84
3.3. Sujeitos da investigação	85
3.4. Diretrizes para procedimentos de coleta.....	86
3.4.1. Preparação para a coleta	86
3.4.2. Diário de consumo	87
3.4.3. Notas de campo.....	88
3.4.4. Observação participante.....	88
3.4.5. Entrevista	89
3.4.5.1. Roteiro de entrevista com pastores	90
3.4.5.2. Roteiro de entrevista com neófitos.....	90
3.4.6. Ética de pesquisa.....	91
3.5. Análise dos dados	91
4. O campo.....	93
4.1. Igreja Comunidade Alcance	94
4.2. A entrada no campo	94
4.3. A coleta de dados	95
4.3.1. As atividades de participação da pesquisadora	98
4.3.2. Tempo de coleta	100
4.4. Artefatos de Consumo	100
4.4.1. Os Produtos: Bens Materiais.....	100
4.4.2. Os Produtos: Bens imateriais	105
4.5. Atividades da prática cristã.....	107
4.5.1. Campo Interno	107
4.5.1.1. Reuniões ou cultos	107
4.5.1.2. Células.....	109
4.5.1.3. Batismo	109
4.5.1.4. Eventos do calendário anual para públicos específicos	111
a) Mulher 100%	112
b) Chá Amada do Senhor	113
c) Encontro de Casais	113
d) Encontro secreto: Encontro com Deus	114
e) Projeto Pharol Universitário	115

f) Festa das células.....	116
4.5.1.5. Eventos sem calendário definido	117
a) Celulão.....	117
b) Louvor no Centro de Eventos Italiano	118
c) Natal na praça	118
d) Show do cantor gospel Fernandinho	119
4.5.1.6. Atividades de grupos específicos	120
a) Reunião de confraternização do Ministério de Intercessão	120
b) Formatura do curso "Pais para a vida toda"	122
c) Atividade esportiva: Futebol.....	122
d) Atividades para angariar dinheiro.....	123
d.1) Almoço Japonês.....	123
d.2) Venda de sorvete e rodízio de pizza	124
4.5.1.7. Cursos do calendário anual da igreja	125
a) Membresia	125
b) EMA	125
c) TADEL.....	125
4.5.1.8. Cursos fora do calendário anual da igreja.....	126
a) GPS.....	126
b) Conferência do Espírito Santo.....	126
4.5.2. Campo Externo	127
4.5.2.1. Colóquio 500 anos de reforma protestante: dimensões sociais, políticas e culturais - UFPR	127
4.5.2.2. Troca de liderança da comunidade alcance em pinhais	128
4.5.2.3. Alianças	128
4.5.2.4. The Global Leadership Summit - Brasil - Curitiba.....	130
4.5.2.5. Expocristã.....	131
5. Análise dos dados	132
5.1. Domínio dos dados	132
5.1.1 Codificação	132
5.1.2. Bricolagem teórico-empírica	134
5.1.3. Construindo o cenário do campo: personagens e rotinas.....	134
5.1.4. O processo de conversão	137

5.2. Liminalidade e o neófito: caracterizando o novo convertido.....	137
5.2.1. Como os neófitos são vistos pelos pastores	138
5.2.1.1 Fase de separação ou fase pré-liminar	139
5.2.1.2 Fase de margem ou liminalidade	140
a) Temporalidade	140
b) Conhecimento	142
c) Comportamento	143
d) Prática.....	145
5.2.2. O neófito pelo neófito	146
a) Conhecimento	147
b) Comportamento	149
c) Prática/participação	151
5.2.3 O resultado da passagem pela liminalidade: o eu melhorado.....	153
a) Auto identificando a mudança: o autocontrole	153
b) Melhoria no cotidiano de convivência familiar.....	155
5.3. Panorama do consumo no ambiente do novo protestante: o que e como o neófito consome no estágio de liminalidade.....	156
5.3.1. O que consomem: bens tangíveis.....	157
5.3.1.1 Objetos para aprendizado	158
5.3.1.2 Vestimenta	159
5.3.2 O que consomem: bens intangíveis	161
5.3.2.1 Busca e incorporação de conhecimento	161
5.3.2.2 Consumo de mídias: vídeos online, tv e música gospel.....	163
5.3.2.3 Eventos.....	165
a) Demais atividades da igreja	168
5.3.2.4 Entretenimento	168
a) Lazer	168
b) Lugares das más escolhas.....	169
5.3.3. Saúde e restrições.....	169
5.3.3.1. Reeducação alimentar	170
5.3.3.2. Jejum	172
5.3.3.3. Cuidado com o corpo e estética	172
5.3.3.4. Abandono do consumo e descontinuação do consumo	172

5.3.4 Expressões da fé no consumo	174
5.3.4.1. Consumo antes e após a conversão	175
5.3.4.2. Influência de consumo pelos pares	176
5.3.4.3. Objetos como identidade cristã	177
5.3.4.4. Produtos de identidade do coletivo	177
5.3.4.5. Consumo com o grupo	178
5.3.4.6. Colecionismo	178
5.3.4.7. <i>Gift given</i>	179
5.4. Comportamento de Consumo: Racionalização do Consumo	179
5.4.1. Racionalização na escolha	180
5.4.2. Racionalização (autocontrole) financeira	181
5.4.3. Frugalidade e economia de recursos	182
5.4.4. Consumo consciente	185
5.4.5. Consumo pensando no futuro	186
6. Considerações Finais	188
6.1 Contribuições teóricas: classificação do neófito protestante contemporâneo	188
6.2 Contribuições teóricas: consumo do neófito	193
Referências	203
Apêndices	217
Anexos	239

APRESENTAÇÃO

Eu preciso iniciar este trabalho contando a minha história com as religiões, que formaram a minha experiência de vida e é motivo da minha curiosidade por este campo de pesquisa. O campo enquanto pesquisadora me despertou a atenção já há alguns anos, quando da ocorrência do meu processo de conversão. Logo, sou uma nativa deste desde 2010, contudo, meu tempo limitado e inúmeras viagens para qualificação e cuidados médicos de um familiar não me permitiram o aprofundamento adequado à organização religiosa. Tornando-me uma praticante e participante esporádica em todo o contexto do curso de eventos.

Muitos foram os caminhos que me levaram à igreja, o desertar religioso e espiritual iniciou-se cedo em minha vida. Já na sétima série me encantei em participar de um curso sobre religiões e Egito antigo e frequentando a religião católica romana, sempre procurei seguir os ritos de passagem comum da maioria dos brasileiros, a primeira comunhão e a crisma. Contudo, no tempo da mocidade e sob a tutela familiar, passei a me interessar pelo ocultismo e ufologia o que me levou a experiências na bruxaria moderna e em crenças da nova era, incluindo a crença na aliança intergaláctica alienígena sob a tutela do 'ser extraterrestre' Ashtar Sheran (comum para espiritualistas modernos), o que se mesclava ao contexto relativo ao espiritismo kardecista. E mesmo diante dessa confusão religiosa a crença cristã se mantém constante na fé espiritual, contudo relegada e ultrajada por muitos.

A fé e a crença andam juntos com quem busca conhecimento espiritual, ou foi criado sob esta esfera. Assim, diante de um doutorado surgiu a oportunidade de estudar a associação do contexto religioso com o tema da linha de pesquisa do programa. E ao abrir o horizonte para o conhecimento da sociologia e antropologia me deparei com uma teoria que jamais antes teria compreendido se não me encontrasse conhecedora no mínimo da religião protestante. A teoria da liminaridade de Victor Turner. E é a partir daí que esta pesquisa começa.

Considero esta pesquisa como um marco em minha vida e carreira acadêmica, pois, oportunizou-me ter uma visão ampla dos grupos sociais religiosos. Considero que seus resultados ressoaram em todo processo como um espetáculo de burburinho positivo junto ao grupo cristão ao qual pertenço, pois, durante estes anos de pesquisa e interesse, tudo que vivenciei empiricamente e teoricamente foi replicado de maneira positiva. Foram pelos menos dois cultos sobre o consumo e a realidade social que envolvem o cristão, foram pessoas interessadas na área acadêmica pela minha experiência e tema, foram pessoas tocadas pelo meu relato e experiência pessoal no doutorado, foi o maior interesse sobre os indivíduos liminares, um pastor publicou um livro sobre a maturidade espiritual, qualificando o neófito.

1. Introdução

Este estudo descreve o entendimento do cristão protestante neófito na atual conjuntura social, diante de sua característica, forma e propensão a consumir produtos e serviços relacionados à sua nova estrutura de crenças e valores religiosos adquiridos no novo papel. Com a intenção de capturar o momento sócio/econômico/cultural desse grupo, esta pesquisa teve como foco indivíduos que estavam passando pela fase de transição religiosa em igreja protestante da terceira onda¹, como por exemplo, as igrejas estilo comunidades evangélicas (Matos, 2013).

O processo de transição da amostra trabalhada se encontra na entrada do fiel para a nova denominação religiosa cristã. Pois quando um novo membro começa a frequentar a igreja, advindo principalmente de outras denominações ou seitas não cristãs e/ou não pentecostais, esta passa por um processo de reconhecimento, estudo e adaptação à nova sistemática organizacional. Fazendo parte da organização religiosa, porém, referenciado por neófito na fé por algum tempo e durante este tempo de contato inicial o indivíduo é submetido a participação de várias atividades e desenvolve novos hábitos, dentre eles, adquirir produtos (materiais e imateriais) relacionados a sua nova fé. E com este novo hábito de consumo, o mesmo se apoia como apoio para evolução dentro desta nova fé.

É neste sentido que baseio minha tese, pois acredito que o artefato consumido pelo neófito da religião protestante o ajuda a modificar seu comportamento no dia a dia com o grupo e no seu cotidiano, apresentando assim, este artefato, um papel importante como objeto da expressão do neófito enquanto indivíduo em transição na religião protestante.

Portanto, de modo holístico, este estudo propõe investigar o consumo e os seus significados para os neófitos da religião protestante pentecostal durante a fase de liminaridade. Focando exclusivamente para o consumo no ambiente do novo protestante e as expressões da fé no comportamento de consumo desenvolvidas no início do processo de conversão. Em adendo procurei identificar o indivíduo liminar na transição liminaridade.

¹Nomenclatura criada por Freston (1994), a primeira onda iniciou-se na década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã no Brasil (1910) e da Assembleia de Deus (1911); a segunda onda pentecostal ocorreu na década de 50 e 60, pela fragmentação de igrejas, dentre várias, três grandes grupos estavam ligados ao pentecostalismo clássico: a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo (1955) e a Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962), com foco na cura divina; e a terceira onda histórica do pentecostalismo brasileiro começou no final dos anos 70 e dec. de 80, tendo como representante principal a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), e outros como a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), as Comunidades Evangélicas, Comunidade Sara Nossa Terra, Igreja Renascer em Cristo, etc. (Matos, 2013).

1.1. Contextualização

1.1.1. *Cultura de consumo e ritos*

O consumo é um tema importante para aqueles que desejam entender a sociedade e a humanidade (Mauss, 2007), precisamente porque é inquestionável, ou seja, todas as pessoas consomem, e esse aspecto cotidiano que sugere que se está em uma cultura de consumo, pois enquanto o consumo é um ato, a cultura do consumidor é um modo de vida (Goodman & Cohen, 2004).

Existe pluralidade quanto ao conceito de cultura entre antropólogos e cientistas sociais, passando dos apanhados dispersos de Kluckhohn² em o 'Espelho para o homem', à noção de Geertz (2008) de cultura como sendo algo semiótico, onde a cultura é vista como teia de significados e sua própria análise, sendo uma ciência interpretativa à procura de significado (Geertz, 2008).

É diante deste contexto que a teoria da cultura é definida como o estudo das relações entre elementos em todo um modo de vida, a cultura não é uma prática, nem é a soma descritiva dos usos e costumes das sociedades, mas está enroscada em todas as práticas sociais, sendo a soma de suas inter-relações (Hall, 1980). É definida ainda como o nível em que os grupos sociais desenvolvem distintos padrões de consumo da vida e dão forma expressiva para a sua experiência de vida social e material (Hall et al., 1976).

"A cultura é um padrão possível de significados herdados do passado imediato, um abrigo para as necessidades interpretativas do presente" (Douglas & Isherwood, 2004, p.111). Já, o consumo é o lugar onde a cultura é objeto de lutas que lhe conferem forma, os bens neste contexto, são conjuntos de marcações dentro de um referencial de espaço e tempo e suas escolhas criam continuamente padrões de discriminação, superando ou reforçando outros, sendo então os bens a parte visível da cultura. São "arranjados em perspectivas e hierarquias que podem dar espaço para a variedade total de discriminações de que a mente humana é capaz

² Diversos significados de cultura cunhados por Kluckhohn ((1) "o modo de vida global de um povo"; (2) "o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo"; (3) "uma forma de pensar, sentir e acreditar"; (4) "uma abstração do comportamento"; (5) "uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente"; (6) "um celeiro de aprendizagem em comum"; (7) "um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes"; (8) "comportamento aprendido"; (9) "um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento"; (10) "um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens"; (11) "um precipitado da história", e voltando-se, talvez em desespero, para as comparações, como um mapa, como uma peneira e como uma matriz. (Kluckhohn, Clyde. (1959). *Mirror for Man: The Relation of the Anthropology to Modern Life*. US: McGraw-Hill Inc.).

(...). Em última análise, suas estruturas são ancoradas nos propósitos sociais humanos." (Douglas & Isherwood, 2004, p.114).

Um dos pontos relevantes para compreender a relação de cultura e consumo é a expressão da cultura material explorada por Daniel Miller, pensamento derivado do trabalho de Mauss, associando o consumo como um aspecto desta cultura, pois, "Uma vez que os bens de consumo são pensados como um sistema simbólico, isso abre a possibilidade para algumas formas de "ler" a própria sociedade através do padrão formado entre os bens." (Miller, 2007, p. 44) e esta forma de ler a sociedade envolve compreender sua forma material e antimaterial. E esta proposição com o desenvolvimento de "abordagem de cultura material é algo que ajuda a desmembrar a especificidade do consumo, e mostrar que a materialidade de cada gênero é em si mesma importante", e com este foco no objeto material ajudando a ganhar senso mais profundo da humanidade, reconhecendo assim a materialidade intrínseca na sociedade (Miller, 2007, p.51).

Ao transcrever para o léxico "cultura de consumo", tem ênfase no mundo das mercadorias como centralidade e seus princípios de estruturação para compreensão da sociedade (Featherstone, 1995), logo, os estudos da liminaridade podem ser encontrados no processo de consumo na fase de transição do indivíduo, sendo nomeado como 'consumo transicional' (Noble & Walker, 1997). Neste aspecto, o consumo ocorreria pontualmente no decorrer da passagem da fase liminar, podendo modificar a forma de pensamento do indivíduo, fazendo-o transitar, linearmente, levando a diminuição de suas incertezas e consolidando uma nova identidade.

E sendo a religião uma das facetas da cultura de consumo (Goodman & Cohen, 2004), a cultura de consumo do fiel pode representar aquilo que mais o qualifica enquanto protestante ativo, pois, seus usos e costumes desempenham papel em congruência com esta nova manifestação e crença, tornando este consumo a própria identidade religiosa do indivíduo. O que leva ao entendimento da identidade do consumidor, que é uma composição de várias dimensões culturais como linguagem, raça e também religião (Burke, 1980), como cada qual influencia sua visão de mundo e valores (Sherry Jr & Kozinets, 2007), e estes consumidores retratam disposições específicas e comportamentos que não são típicos de outros grupos (Sherry Jr & Kozinets, 2007; Hong, Morris, Chiu, & Benet-Martinez, 2000), compactuados em múltiplo sistema de valores e repertório multicultural (Sherry Jr & Kozinets, 2007; Cardona, 2000).

O consumo transicional ou na fase de transição do indivíduo é o ponto teórico em que acredito culminar a relação da passagem do estado de liminaridade, ou seja, interligaria a noção

de transição e consumo, e os consumidores em transição trazem contribuição à junção da pesquisa de consumo simbólico e construção de identidade (Voice Group, 2008; Hogg, Maclaren & Curasi, 2003). Tema pontuado por autores expoentes da área de marketing e antropologia, que estudam o contexto do consumo nas fases de transição, e este durante o processo de liminaridade é complexo, visa tanto incitar quanto aliviar a ambivalência durante a transição de papel (Ogle, Tyner & Schofield-Tomschin, 2013). Assim de acordo com estes autores, as transições liminares seriam como:

uma mudança em um papel de vida significativo marcado por um período de transição ou liminar durante o qual as (a) identidades pessoais estão suspensas, produzindo consequências psicológicas significativas, e o (b) consumo simbólico pode ser usado para facilitar a transição para o novo papel. (Noble & Walker, 1997, p.32)

O indivíduo pode usar o consumo de bens para ajudar nas transições durante os períodos de liminaridade e, desta forma, o consumo simbólico (Belk, 1988) teria o papel de moldar os significados de si mesmo e de sua identidade (Voice Group, 2008). Então, presume-se que quanto mais significativa for a transição, mais provavelmente o consumo será utilizado para facilitar a transição para o novo papel ao reduzir a incerteza (Solomon, 1983). Logo, o consumo simbólico facilitaria esta passagem (Noble & Walker, 1997), estreitando a lacuna entre o eu real e o eu ideal (Patrick, Macinnis & Folkes, 2002) e esta nova posse poderá então contribuir para o desenvolvimento da nova identidade (Noble & Walker, 1997).

Os processos de transição têm em sua composição ritos que ratificam a passagem de um estado a outro de movimento dos ciclos sociais, chamados pela antropologia de ritos de passagem. Tais ritos dão vazão para o entendimento de rituais e suas nuances diante da transição, podendo ser visto como objeto, tópico de estudo, abordagem, ferramenta, tipo de comportamento e inclusive uma abordagem teórica, mas são entendidos como tipos especiais de eventos, estereotipados e formalizados, estáveis e susceptíveis à análises etnográficas, que possuem certa ordem e um sentido de acontecimentos com propósito coletivo, eficaz e com percepção de diferença, é visto como uma escola para treino de aprendizado analítico, os rituais pertencem à esfera da ação social, revelam visões de mundo dominantes ou até conflitantes em determinados estudos (Peirano, 2006).

A aprendizagem e experiência através de ritual acontecem entendendo que qualquer atividade ritual ou ritos de passagem necessários para a existência humana. Contudo, deve-se compreender que sua tarefa crucial é de incutir as regras e valores de uma sociedade para aqueles que estariam prestes a se tornarem seus membros de direito pleno (Myerhoff, Camino & Turner, 2005).

Os ritos de iniciação são meios fundamentais pelos quais as pessoas se transformam em humanos e o 'cosmos' o fazem sagrado, acreditando que a iniciação seria um fenômeno metacultural e trans-histórico (Eliade, 1958), pois:

Como qualquer outro fato cultural, o fenômeno da iniciação é também um fato histórico. Em outras palavras, as expressões concretas de iniciação estão relacionadas respectivamente tanto à estrutura da sociedade quanto à sua história. Por outro lado, a iniciação implica uma experiência existencial, como por exemplo, a experiência do ritual da morte e a revelação do sagrado, ou seja, exibe uma dimensão que é metacultural e trans-histórica. É por isso que os mesmos padrões iniciatórios continuam ativos em sociedades culturalmente heterogêneas. (Eliade, 1958, p. 130).

Assim, a tendência de implicitamente ou explicitamente equacionar a liminaridade com o sagrado e o poder transformativo é para privilegiar o acesso e o controle do homem ao sagrado (Stephenson, 2005).

Sendo os rituais apropriadamente 'atos da sociedade', é através deles que a sociedade toma consciência própria, recriando e afirmando-se, criando um corpo de ideias e valores compartilhados socialmente, assumindo conotação religiosa, embora não ligada ao sobrenatural, mas à sociedade (Durkheim, 1996). Para Durkheim (1999), os fenômenos religiosos podem ser classificados em duas categorias basilares: as crenças e os ritos. Neste sentido, as crenças são caracterizadas por estados de opinião, consistindo em representações sociais de confissão; e os ritos são os modos de ação determinados pela crença.

1.1.2. Liminaridade e religião

Na visão antropológica, a liminaridade, partindo dos indivíduos e dos papéis sociais que estes desempenham, é interpretada como um período de isolamento e autonomia, uma experiência individual complementar ao grupo social (Da Matta, 2000), também um espaço social caracterizado por graus ritualizados de separação da sociedade (McKechnie, Jaye & MacLeod, 2010), passados pelo neófito. Nesses períodos de passagem, como por exemplo, da infância para a adolescência, fase da maternidade, fase de estudos na graduação, um período liminar, é que os neófitos são forçados a pensar sobre a sua sociedade, seu universo e os poderes que geram e sustentam a ambos (Turner, 1990), em conjunto.

A liminaridade vista como um estado de transição entre os diferentes modos de ser leva as pessoas à possibilidade de moverem-se entre diferentes comunidades e diferentes quadros de experiência social, para que novas ideias e conhecimentos surjam (McKechnie, Jaye & MacLeod, 2010; Jeyaraj, 2004). Assim, liminaridade também se refere a um espaço social

caracterizado por graus ritualizados de separação da sociedade (McKechnie, Jaye & MacLeod, 2010).

Portanto, o neófito é visto como alguém à margem da estrutura social da qual faz parte como neófito, neste caso, na religião protestante, é aquele que busca conhecimento e inserção em grupos dos quais antes não fazia parte. O indivíduo, visto como iniciante em estruturas sociais fechadas tece uma teia de noções e raciocínios preparatórios para adentrar nesses grupos, porém, enquanto este não está pronto, acaba por ficar entre *between* e *betwix*³. Porém, para perceber esse indivíduo e seu papel transitório, cabe então o entendimento do que seriam os pressupostos da liminaridade.

Estudos do consumo em religião remontam o sagrado e o profano no comportamento do consumidor, abordam o consumo como um veículo para experimentar o sagrado (Belk, Wallendorf & Sherry, 1989). Nesse sentido, Belk, Wallendorf e Sherry (1989) trataram da experiência do sagrado ou sacralização (ritual, peregrinação, herança, etc.), da perpetuação do sagrado (rituais, legados, etc.) e dessacralização (racionalização, não separação do sagrado e profano, rituais de investimento intencionais, perda do objeto sagrado, etc.), da venda de bens sagrados (Belk, Sherry & Wallendorf, 1988), da sacralização de parque com a temática religiosa (O'Guinn & Belk, 1989), da filiação religiosa que afeta critérios usados para tomada de decisão para a compra (Hirschman, 1985), dos significados sagrados do dinheiro (Belk & Wallendorf, 1990; Hirschman, 1988), e da distinção do sagrado "envolvendo a experiência de um indivíduo com a religião, espiritualidade, adoração, e Deus" (Iacobucci, 2001; Rinallo, Scott & Maclaran, 2012). Rinallo, Scott e Maclaran (2012) pontuam ainda a ideia da noção de culto à marca e identificar os mitos de sustentação que fundamentam o aspecto religioso do consumo Macintosh (Belk & Tumbat, 2005), sugestões sobre como criar cultos à marca e transformar clientes em "verdadeiros crentes" (Atkin, 2004; Ragas & Bueno, 2002), trabalhos teológicos sobre a cultura popular (Ostwalt, 2003), experiências transcendentais pela prática de consumo sagrado (Rinallo, 2009), ilustração de como a necessidade humana por espiritualidade e transcendência pode ser encontrada em atividades culturais e de consumo popular (Belk, Wallendorf & Sherry, 1989).

Existem estudos onde as crenças religiosas e espirituais são reificadas na cultura material (Mcdannell, 1995; Morgan, 1999; Moore, 1995), por meio de:

imagens sagradas, objetos devocionais e litúrgicos, edifícios e outros lugares de culto, obras de arte, bens de consumo produzidos em massa e de entretenimento produtos e as

³ *Between* e *Betwix*: expressão cunhada por Victor Turner para designar o estado de liminaridade, onde o indivíduo se encontra dentro e entre um processo de transição.

práticas em torno desses objetos materiais (rituais, cerimônias, oração, mediação, display, a peregrinação, adoração, mágica, estudo, etc.) (Rinallo, Scott & Maclaran, 2012, p.6).

Os autores acrescentam ainda visões negativas dos estudos de religião como, por exemplo, o mau gosto e o materialismo espiritual no movimento *New Age* (Rindfleish, 2005; Trungpa, 1973), superstição como excesso de crença (Kramer & Block, 2008; Mowen & Carlson, 2003) e pensamento mágico no comportamento do consumidor (Arnould et al., 1999; Fernandez & Lastovicka, 2011; St. James et al., 2011).

Diante deste panorama, para Belk, Wallendorf e Sherry (1989), os aspectos sagrados do comportamento do consumidor podem ser interpretados para aumentar a sua compreensão, auxiliando na legitimação de metáforas e construção com base na religião, espiritualidade e magia na pesquisa de consumo (Rinallo, Scott & Maclaran, 2012).

Como exemplo da importância do estudo do ritual, existem também autores que trabalharam com emoção e aprendizagem em ritual na religião, como Anthony Wallace (1966) que, em seu livro *Religion: an Anthropological View* apresentou o conceito de "processo de aprendizagem ritual", trabalhando com o que chamou de "lei da dissociação", e compõe a ideia do por que o neófito foi colocado num estágio em que ele ou ela é então (radicalmente) dissociado do conhecimento anterior antes deste lhe ser apresentado com maior quantidade de nova informação, em local novo onde as reestruturações cognitivas e afetivas seriam então facilitadas a eles (Myerhoff, Camino & Turner, 2005). Demonstra-se a existência de várias fases desse tipo de aprendizagem durante a liminaridade, sendo elas:

pré-aprendizagem ou antecipação; separação (por meio de privação sensorial, estímulos monótonos, estresse físico extremo e similares); sugestão (alta sugestibilidade associada com transe e dissociação, às vezes tida como a conversão ou a posse); execução (realização de uma nova estrutura cognitiva); e manutenção (através da repetição ou reforço), ocasionalmente envolvendo uma ressíntese. (Myerhoff, Camino & Turner, 2005).

1.2. Delimitação do estudo e problema de pesquisa

Esta pesquisa se debruça sobre um fenômeno particular, que deriva do aumento do número de pessoas convertidas ao protestantismo nos últimos anos, aguçando uma cultura religiosa que perpassa as esferas das organizações religiosas, chegando às esferas públicas, políticas, produtivas, de entretenimento, etc.

Conforme o Censo demográfico do IBGE (2012) é desde o primeiro recenseamento de âmbito nacional até a década de 1970, que o perfil religioso da população brasileira manteve

como aspecto principal a hegemonia da sua filiação à religião católica apostólica romana. Mesmo nos anos posteriores, apontaram a premência da católica romana, contudo, com redução representável nos resultados entre 1980 e 1991, deu-se início ao crescimento do segmento que se declarava evangélico de 6,6% para 9,0%, destacando, inclusive, o crescimento de neopentecostais de 3,2% para 6,0%. Então, em 2000 o censo, "mostrou acentuada redução do percentual de pessoas da religião católica romana, o qual passou a ser de 73,6%, o aumento do total de pessoas que se declararam evangélicas, 15,4% da população, e sem religião, 7,4% dos residentes." (IBGE, 2012, p.90).

Os mais recentes resultados, de 2010, mostram que houve crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil, com maior pluralidade nas áreas mais urbanizadas e populosas do país em detrimento da área rural, onde a proporção de católicos acompanhou a tendência de redução ressaltada nas duas décadas anteriores, embora tenha permanecido a maior parte de fiéis e o resultado apontou também o crescimento da parcela da população que se declarou evangélica de origem pentecostal, conforme apontado na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1 - Percentual da população residente por grupos de religião, total e sexo - Brasil -2000- 2010.

Grupos de religião	Distribuição percentual da população residente (%)			
	2000	2010	Sexo	
			Homem	Mulher
Católica Apostólica Romana	73,6	64,6	65,5	63,8
Evangélicas	15,4	22,2	20,1	24,1
Evangélicas de Missão	4,1	4,0	3,6	4,4
Evangélicas de origem pentecostal	10,4	13,3	12,1	14,5
Evangélica não determinada	1,0	4,8	4,4	5,3
Espírita	1,3	2,0	1,7	2,3
Umbanda e Candomblé	0,3	0,3	0,3	0,3
Sem religião	7,4	8,0	9,7	6,4
Outras religiosidades	1,8	2,7	2,5	2,9
Não sabe/não declarou	0,2	0,1	-	-

Fonte: adaptado de IBGE (2012).

Esse dado é relevante, pois demonstra que muitas pessoas estão passando pelo estágio de transição religiosa no país, haja vista o decréscimo de fiéis da religião Católica romana e crescimento das igrejas evangélicas pentecostais.

Acentuando o acesso a novos tipos de consumo e produtos para consumo, vislumbrados pelos próprios consumidores da religião protestante, é por meio desse novo acesso, que os consumidores emergentes foram ao encontro de uma religião antes vista como tradicional, mas hoje vista em alguns grupos sociais de maneira a promover a integração social em vários

sentidos, alterando assim a forma de consumir modernamente produtos essenciais como roupas, alimentos e entretenimento (ABREPE, 2017; Varejista, 2015; Terra, 2015; Amorim, 2014; Ladeia, 2014; Idoeta, 2011). Alterando inclusive a forma de ofertar os produtos.

Os trabalhos de Turner (1969) e Van Gennep (1909) geraram ricas teorias para o estudo do processo ritual, tendo o conceito de liminaridade como conceito de longo alcance (Myerhoff, Camino & Turner, 2005). Assim, são os neófitos que dão sentido ao estado das fronteiras e códigos sociais, representados seres liminares, conforme se observa em pessoas estabelecidas socialmente como indivíduos espirituosos e membros diferenciais, como os palhaços, poetas, *shamans*, bobos da corte, trapaceiros, monges, curandeiros, etc., seres que fazem parte dos movimentos sociais, cultos milenares e princípios sociais como sistemas matriarcais e patriarcais (Stephenson, 2005; Myerhoff, Camino & Turner, 2005), são os "seres liminares" em posicionamentos ocupados tradicionalmente por homens (Stephenson, 2005), homens no sentido seres humanos e não animais.

Diante desse fenômeno, o consumo pode ser entendido como facilitador do processo de transição, como interveniente na conversão do neófito, com o senso de *communitas*, facilitando o processo de passagem, sendo o consumo diferenciado, deste modo na liminaridade, levando à necessidade de interpretar a transformação liminar ocorrida com neófitos protestantes sob o contexto da Teoria da Cultura de Consumo. Levanta-se, então, a seguinte pergunta de pesquisa:

Qual o papel do artefato⁴ de consumo e da expressão da prática⁵ do consumo do neófito na fase de liminaridade na religião protestante pentecostal?

1.3. Objetivos de pesquisa

Para a realização do estudo proposto sobre o fenômeno que envolve o consumo do neófito pentecostal, apontado anteriormente, são propostos os seguintes Objetivos Geral e Específicos:

⁴ Artefatos são considerados objetos simples como uma ferramenta ou um enfeite mostrando uma obra ou modificação humana distinta de um objeto natural (Merriam-Webster, 2019), mas nesta pesquisa, incorporei a ideia de Rook (1985) sobre os artefatos rituais (sinais e símbolos) e as ponderações de Tetreault & Kleine III (1990), sendo objetos usados no ritual, linguagem ritualística, atores sociais rituais e até comportamentos. Assim, identifiquei os artefatos culturais e sociais como artefatos materiais e imateriais, objetos, serviços ou disposições ou agrupamentos sociais para um fim específico.

⁵ A prática cristã tratada nesta pesquisa, refere-se às ações do cotidiano relacionadas a cultura cristã, "viver de acordo aos costumes e ensinamentos de (uma religião)" (Merriam-Webster, 2019), a "totalidade do comportamento religioso e da atitude que se ajustam às crenças, doutrinas ou fé dos cristãos. Isso incluirá adoração, orações, confissões, estudos bíblicos etc." (Chiluwa & Uba, 2015, p. 354).

1.3.1. Objetivo geral

Compreender o papel do artefato da expressão da prática cristã de consumo do neófito na fase de liminaridade na religião protestante pentecostal.

1.3.2. Objetivos específicos

- Caracterizar o neófito da religião protestante pentecostal;
- Descrever as práticas do neófito no estágio de liminaridade na religião protestante pentecostal;
- Identificar e analisar o que e como o neófito consome no estágio de liminaridade na religião;
- Identificar e analisar a percepção dos outros agentes religiosos (líderes religiosos e outros adeptos) sobre o que e como o neófito consome no estágio de liminaridade na religião;
- Interpretar os significados atribuídos pelos consumidores neófitos à experiência vivida, durante e após o consumo no processo de transição religiosa;
- Identificar a Definição implícita e explícita do tempo para conversão.

1.4. Justificativa

A relevância do estudo deve ser considerada tanto do ponto de vista teórico quanto de sua aplicação prática sobre os estudos de comportamento do consumidor no mercado, para a sociedade, ciência, religião e mercado.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa justifica-se em função da sua capacidade de ampliar os horizontes intelectuais da área de antropologia e consumo, devido às referências escassas de conhecimento sobre o consumo dos chamados “consumidores liminares” ou “consumidores em transição”, ou seja, aqueles consumidores que se encontram em processo de transição dentro de uma cultura social, neste caso, no contexto religioso. Propõe-se, assim, a discussão deste tema que ainda não foi analisado adequadamente pela academia, conferindo um encaminhamento distinto daquele adotado pelos seus predecessores. E esta identificação

ampliará horizontes de pesquisas que abordem o ser liminar na antropologia, o tempo, o espaço e os outros indivíduos envolvidos.

Defendo que este estudo é relevante para ampliação dos conhecimentos sobre o tema liminaridade na cultura de consumo, para a sociedade que necessita levar em consideração a presença deste indivíduo liminar em vários aspectos de grupos sociais e saber como considerá-los em sua representatividade e expressão, uma vez que é um indivíduo presente e que possui inquietações tanto no tocante a expressão do eu psicológico como a insegurança da presença do eu social junto ao grupo. Entendo assim, que o auxílio a estas pessoas e o direcionamento adequado ajudaria a dirimir as inseguranças comuns da transição, como por exemplo, estudantes de graduação e pós-graduação, mulheres grávidas, funcionários temporários, expatriados, estrangeiros, doentes em tratamentos e neófitos de várias organizações sociais formais (novos funcionários ou novos sócios) e informais (novos jogadores virtuais), inclusive de organizações religiosas (novos convertidos judeus, muçulmanos, indús., cristãos, etc.). Mesmo não sendo a mesma vivência, entende-se que o novo papel em todos estes segmentos sociais, causam incertezas, segregação, reagregação, inseguranças, e neste sentido, cabem os resultados a todos eles.

Para ciência o apelo temporal na identificação dos indivíduos pode trazer uma forma de enquadrar o ser humano e considerar esta mudança social como algo importante a ser considerado fisiologicamente e biologicamente, pois entendemos, que trânsitos como a saída da infância para a adolescência exercem papéis preponderantes na fisiologia, quanto à biologia desta transição para o desenvolvimento e enquadramento psicológico do ser humano. Considerar apelo como este como necessário para compreensão do ser social junto ao ser biológico deve fazer parte do *quórum* de interpretação científica.

Para as religiões, o indivíduo liminar é comumente notado, porém, este, não recebe atenção adequada que o auxiliem neste trajeto pela identificação do mesmo como ser liminar. Toda religião e seita que recebe novos entrantes trabalham com este indivíduo, mas geralmente de maneira a não destacar intensivamente esta qualidade de neófito ou noviço. E acaba por se tornar um problema de comunicação, pois, é impreterível saber comunicar a essência do que se prega para este indivíduo que muitas vezes não compreende os dogmas da religião ou seita que está frequentando.

Quanto ao mercado, sempre há oportunidades para o mercado em trabalhar com novos entrantes em qualquer situação humana, pois, são como "*tabula rasa*", eles estão prontos para serem preenchidas por um novo conhecimento e geralmente podem ser mais facilmente

convencidos a adquirir produtos que os auxiliem no processo de transição, aliás, sob o apelo de que o acesso ao material facilitaria o processo de transição, este poderia ser fidelizado e atingido mais facilmente.

Do ponto de vista prático, o conhecimento adquirido pode auxiliar as empresas a desenvolverem estratégias em maior sintonia com o mercado gospel, haja vista o mesmo ser um núcleo crescente de consumidores e que apresenta peculiaridades em gostos e ações (usos e costumes).

Os bens para uso estabelecem e mantêm relações sociais, mas os bens de consumo podem ser usados para marcar os intervalos de tempo, a passagem de tempo, que é carregada de significado, tendo como variação de qualidade a necessidade de estabelecer diferenciação entre o ano do calendário e o ciclo de vida (Douglas & Isherwood, 2004). Acrescentam ainda que o consumo tem como função essencial a capacidade de dar sentido, além das mercadorias serem boas para comer, vestir e abrigar, elas são boas igualmente para pensar, sendo, portanto, um meio não verbal para a faculdade humana de criar. Pois, "Dentro do tempo e do espaço disponíveis, o indivíduo usa o consumo para dizer alguma coisa sobre si mesmo, sua família, sua localidade, seja na cidade ou no campo, nas férias ou em casa." (Douglas & Isherwood, 2004, p. 116), em suas próprias palavras, "a função essencial do consumo é sua capacidade de dar sentido" às coisas (p.108).

Estudar os consumidores na liminaridade é relevante teoricamente para compreender o consumo em fases de transição, pois eles ocorrem fora das estruturas sociais e psicológicas normais do indivíduo e dos grupos, conferindo um possível direcionamento teórico diferente do já estabelecido, sendo a mudança de identidade do indivíduo como resultado. O que pode ocorrer ainda é uma mudança de identidade virtual ou passageira, ou mesmo que o contexto de liminar seja por um período curto, a mudança pode gerar raízes profundas na identidade relacionada ao consumo pelo indivíduo. Além disso, a fase de transição é a fase na qual o neófito está mais suscetível ao aprendizado e à aceitação de novas estruturas de pensamento e de consumo. Assim, é mais fácil para as estruturas industriais conseguir a confiança do consumidor pelos seus produtos e serviços, levando-os a um consumo arraigado para o longo prazo, inclusive, levando-os a melhor possibilidade na indicação de produtos e serviços para outros neófitos ou mesmo indivíduos que não estariam passando pelo processo de transição. Um novo parecer teórico poderá advir destas observações.

A relevância desta pesquisa está centrada na identificação dos neófitos, seres da liminaridade religiosa pós-industrial, que virá complementar os estudos de Turner (1969) e Da

Matta, quanto ao aprimoramento da teoria da cultura de consumo pela identificação dos objetos da prática de consumo, pois, podem ser estes os artefatos facilitadores desta transição. Esse fato pode agregar à teoria da liminaridade uma perspectiva da cultura material, dentro da teoria da liminaridade o objeto liminar como a qualidade transitória ou portadora do indivíduo e não o processo e a estrutura da transição liminar em si.

1.5. Organização do estudo

Este trabalho está dividido em seis capítulos. Inicia com a apresentação da experiência da pesquisadora e do campo seguida pela Introdução e os pormenores sobre o contexto estudado junto aos objetivos e justificativa de pesquisa.

O capítulo dois, referencial teórico, traz o apanhado teórico do contexto da liminaridade e consumo, juntamente com a temática de descrição de ritos de passagem e rituais. Continua com os aspectos teóricos relacionados à Cultura de Consumo e consumo simbólico relacionado a religião. O referencial teórico traz apanhado amplo sobre a área de antropologia para levar a compreensão do que seria liminaridade, bem como traz apanhado sobre as pesquisas que relacionam consumo e liminaridade.

O capítulo três trata dos procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, demonstrando os modelos conceituais teóricos utilizados, o método de pesquisa etnográfico, os dados e sua forma de coleta, sujeitos de investigação, diretrizes para coleta de dados, finalizando com a explicação da análise dos dados.

O capítulo quatro fala a respeito do campo, a igreja, ou ambiente, o processo de entrada no campo, como foi efetuada a coleta de dados, os personagens e rotinas, as atividades da pesquisadora, os artefatos de consumo como bens materiais e imateriais, a descrição das atividades efetuadas no campo interno da igreja Comunidade Alcance (pois é o local de congregação dos neófitos estudados) e externo, junto a outras igrejas e eventos de cunho protestante.

O capítulo seguinte, cinco, traz a análise dos dados coletados por meio de entrevista e observação participante, a descrição do neófito como ser liminar, o panorama do consumo no ambiente do novo protestante e o comportamento do consumo relacionado à racionalização do consumo.

As considerações finais apontam as contribuições teóricas relacionadas à teoria da

liminaridade e referente a cultura de consumo, trazendo igualmente as limitações de pesquisa e sugestões para estudos futuros.

A tese apresenta ao final as referências, apêndices desenvolvidos previamente, no decorrer e após a pesquisa. Apresento anexos que auxiliarão na compreensão da cultura do grupo protestante.

2. Referencial teórico

Neste capítulo, são apresentados os fundamentos teóricos do estudo. Inicialmente, abordando a questão da natureza da liminaridade, dos ritos de passagem, recuperando algumas contribuições da antropologia do consumo e cultura de consumo. Considerando a complexidade do tema que envolve esta pesquisa, a revisão se pautará na definição contextual e delimitação dos ritos e do processo de transição e o ponto culminante deste, intitulado liminaridade.

2.1. Caminhos da Liminaridade

A liminaridade ela própria é um artefato (ou mentefato) de ação cultural (Turner, 1974).

O contexto de liminaridade está ligado ao livro *Les Rites de Passage*, publicado em 1909 por Arnold Van Gennep, porém, está igualmente ligado às obras de Victor Turner que junto a Mary Douglas, Max Gluckman e Edmund Leach, foram os responsáveis pelo resgate, caracterização e popularização do tema nos estudos antropológicos modernos (Da Matta, 2000). Neste livro, Gennep (1909) descreveu os ritos, suas formas, contextos e aplicações associados à lógica social, sendo inclusive, articulador das fases rituais, descritivas iniciais dos ritos de transição que levaram Turner a cunhar a expressão liminaridade.

Turner (1969), após beber do saber da obra de Gennep entendeu que todos os rituais autênticos, ou seja, rituais em sua essência, seriam transformativos e, portanto, deteriam o aspecto temporal da liminaridade. E percebendo que é no decorrer das significantes fases de transições de vida, consideradas ritos de passagem, é que o indivíduo passaria por várias fases discretas em sua vida (Schouten, 1991; Turner, 1969; Warner, 1959), denominou fase de transição ou liminaridade. Liminaridade é a passagem entre o *status* e o estado cultural que foram definidos cognoscitivamente e articulados logicamente, é o "limbo de ausência de 'status'" (Turner, 1974, p. 120).

Passagens liminares e 'liminares' (pessoas em passagem) são um grau de sentido intermediário, durante tais fases as pessoas podem ser criativas em sua libertação dos controles estruturais, mas também podem ser vistas como perigosas do ponto de vista da manutenção da lei e da ordem (Turner, 1974).

A liminaridade pode caracterizar *ritos de elevação de 'status'*, "nos quais o sujeito do

ritual, ou o noviço, é conduzido irreversivelmente de posição mais baixa para outra mais alta, em um sistema institucionalizado de tais posições"; ou da segunda forma, encontrada frequentemente no ritual cíclico que é também relacionado ao calendário, geralmente de tipo coletivo, no qual, "em determinados pontos culturalmente definidos do ciclo das estações, grupos ou categorias de pessoas" que ocupam posições inferiores na sua estrutura social, "são positivamente obrigadas a exercer uma autoridade ritual sobre seus superiores, devendo estes, por sua vez, aceitar de boa vontade a degradação ritual", denominados *ritos de inversão de "status"* (Turner, 1974, p. 202).

O processo de liminaridade pode "variar de sistema para sistema, assumindo distintas conotações e adquirindo sentidos diferentes" (Da Matta, 2000, p.16), porém, os estudos iniciais rememoravam contextos negativos dos processos de passagem indígenas. O autor que ponderou o contexto positivo do processo de transição pela liminaridade foi Da Matta, ao estudar o carnaval brasileiro. Da Matta (1981) encontrou o lado positivo da liminaridade. Ele percebeu e contextualizou "a alegria obrigatória dos estados carnavalescos caracterizada justamente por se estar *betwixt and between*, um momento especial demarcado por uma festa que, simultaneamente, salientava o coletivo e o individual, um ritual situado dentro e fora do mundo" (Da Matta, 2000, p.13). Esta liminaridade do carnaval promove uma "experiência com um 'eu essencial' e não com um 'nós essencial', como Turner gostava de acentuar, sem atinar que com isso estava idealizando relações, uma ausência mais do que sentida no universo liberal e individualista do qual era parte" (Da Matta, 2000, p.16).

Genep em 1909 quando analisou os ritos, os "analisados sociologicamente, sendo tomados como expressões da dinâmica social", ele resgatou os ritos de passagem do seu plano de estudo individual e descobriu que (Da Matta, 2000, p. 10), dentro de uma multiplicidade de formas conscientemente expressas ou meramente implícitas, há um padrão típico sempre recorrente: o padrão dos ritos de passagem" (Van Genep, 1978, p.191).

Os estados liminares rituais possuem ainda características distintivas conforme aponta Da Matta (2000) que, diante das ponderações de Van Genep, Turner, Douglas e Leach, apresentam oito características com a intenção de demonstrar a quebra de paradigma e organização do estágio de transição e o que este causa e representa para os indivíduos (Quadro 1):

Características	Autor
1 Evasão da estrutura jurídico-política cotidiana, das classificações cognitivas fundadas na lógica do isso ou aquilo, uma coisa ou outra — no princípio aristotélico do terceiro excluído.	Douglas, Turner, Leach
2 Associação com a morte para o mundo (entre os Ndembu, o lugar da circuncisão é chamado de “lugar onde se morre”).	Turner
3 Impureza, pois os noviços/neófitos transgridem (e transcendem) as fronteiras classificatórias.	Douglas, Turner
4 Identificação com objetos e processos antissociais (fezes) ou “naturais” (lactação, parto, desmame e gestação), com a consequente associação dos noviços aos embriões e crianças de peito.	Turner
5 Uso de línguas secretas, estranhas e/ou especiais.	Van Gennep, Turner
6 Invisibilidade social plena, com a perda de nomes, insígnias, roupas.	Turner
7 Associação com seres bi ou transexuais, como os andróginos, ou com animais que estão na interseção de duas classes e sinalizam estados negativos ou abomináveis.	Turner, Leach, Douglas
8 Ordálios como a circuncisão, a subincisão, a supressão do clitóris, a exposição prolongada ao frio ou testes físicos impossíveis nos quais o fracasso é ridicularizado, bem como pela resposta a enigmas, adivinhações e resistência à punição física.	Turner

Quadro 1. Características dos estados liminares rituais

Fonte: adaptado de Da Matta (2000, p. 15).

Estas características explicitam os caminhos percorridos pelos seres liminares em sua essência, as associações que os autores que pesquisaram este contexto indicam como características, classificações, associações, usos e costumes, etc.

As propriedades da liminaridade nos rituais tribais correspondem a movimentos milenaristas: homogeneidade, igualdade, anonimia, ausências de propriedade; redução de todos ao mesmo nível de 'condição social', uso de vestuário uniforme; continência sexual; "redução ao mínimo das distinções de sexo"; "abolição de categorias, humildade, descuido pela aparência pessoal, altruísmo, obediência total ao profeta ou líder, instrução sagrada"; "levar ao máximo as atitudes e o comportamento religioso, por oposição ao secular"; "suspensão dos direitos e obrigações de parentesco"; "simplicidade de fala e de maneiras, loucura sagrada, aceitação da dor e do sofrimento", etc. (Turner, 1974, p. 136). Confrontada pelos sistemas de posições sociais, a liminaridade pode ser descrita conforme discriminações binárias:

Propriedades da Liminalidade	Propriedades dos sistemas de posições sociais
Transição	Estado
Totalidade	Parcialidade
Homogeneidade	Heterogeneidade
" <i>Communitas</i> "	Estrutura
Igualdade	Desigualdade
Anonímia	Sistemas de nomenclatura
Ausência de propriedade	Propriedade
Ausência de "status"	"status"
Nudez ou uniformidade de vestuário	Variabilidade de vestuário
Continência sexual	Sexualidade
Subestimação das distinções sexuais	Alta importância das distinções sexuais
Ausência de classe	Distinções de classe
Humildade	Justo orgulho da posição
Descuido com a aparência pessoal	Cuidado com a aparência pessoal
Nenhuma distinção de riqueza	Distinções de riqueza
Altruísmo	Egoísmo
Obediência total	Obediência apenas à classe superior
Sacralidade	Secularidade
Silêncio	Fala
Suspensão dos direitos e obrigações de parentesco	Obrigações e direitos de parentesco
Referência contínua aos poderes místicos	Referência intermitente aos poderes místicos
Insensatez	Sagacidade
Simplicidade	Complexidade
Aceitação de dores e sofrimentos	'Evitação' de dores e sofrimentos
Heteronomia	Graus de autonomia

Quadro 2 - Propriedades da liminaridade e sistemas de posições sociais

Fonte: adaptado de Turner (1974, p. 130-131).

A qualidade de *passage* da vida religiosa permanece em várias formulações sociais, e estas características da vida religiosa e propriedades acima citadas, aparentam configurar ações características da vida religiosa tradicional cristã. Logo, esta passagem da vida religiosa permanece em formulações de ideias do cristão como peregrino, como monges e freiras, sendo uma condição permanente a eles, na condição de cristão católico do rito romano. Como por exemplo, a regra monástica de São Bento, onde a eles é imputado comportamento de convivência em comunidade, devotando-se a Deus pela autodisciplina, oração e trabalho, sendo obrigados a pobreza individual, abstenção do casamento e obediência aos superiores, com votos de estabilidade e conversão de conduta, austeridade na conduta, jejum na abstinência da carne, e restrição na conversa (Turner, 1974).

A distinção do processo no qual se encontra a liminaridade seria o próprio processo de segregação de uma pessoa, ou de uma categoria de pessoas, corporação social ou até mística, com a aparente segregação de "seus laços sociais imperativos, liberando-a temporariamente das suas obrigações de família, linhagem, clã ou aldeia, o que a transforma em indivíduo fora do mundo", pois seriam as pessoas do grupo que permitiriam sua classificação social e definiriam, desta forma, suas obrigações para com a sociedade (Da Matta, 2000, p.20). E é nas culturas

tribais que os períodos liminares incluem tipicamente várias cerimônias que suspendem ou até mesmo reverterem os papéis tradicionais (Noble & Walker, 1997). Neste momento de descolamento do ser do grupo social, por meio desta 'desclassificação', com a rejeição do mundo, que possibilita "a constituição de uma sociabilidade inusitada e distinta, criando novas experiências fundadas em uma 'liberdade', que é possível nutrir-se da experiência da individualização" da sociedade (Da Matta, 2000, p.20).

A fase de liminaridade confere estado anônimo ao iniciado, ausência de sexualidade e de anomia são característicos dela. "Em muitas espécies de iniciação, nas quais os neófitos são de ambos os sexos, homens e mulheres vestem-se do mesmo modo e são denominados pelo mesmo termo. É o que acontece, por exemplo, em muitas cerimônias batismais nas seitas cristãs, ou sincréticas da África, assim as do culto Bwiti no Gabão" (Turner, 1974, p. 126).

A fala é a transmissão da sabedoria tribal e é por ela que na liminaridade sagrada a sabedoria remodela o ser do neófito, assim, o neófito na liminaridade deve ser uma 'tabula rasa', um quadro em branco no qual se inscreve o conhecimento e a sabedoria do grupo, nos aspectos pertinentes ao novo status (Turner, 1974).

Van Gennep (1909) utilizava-se de dois grupos de termos para descrever as três fases da passagem de um estado ou condição, culturalmente definido, para outro. Aplicando aos rituais, os termos *separação*, *margem* e *reagregação*, e como referência às transições espaciais empregou os termos *pré-liminar*, *liminar* e *pós-liminar*. O primeiro conjunto de termos são os dados, onde o autor aborda os aspectos "estruturais" da passagem e no segundo conjunto, indica seu interesse e direcionamento pelas unidades de espaço e de tempo, "nas quais o comportamento e o simbolismo se acham momentaneamente libertados das normas e valores que governam a vida pública dos ocupantes de posições estruturais" (Turner, 1974, p. 201). Demonstrando a centralidade da liminaridade na estrutura, pois se a "liminaridade é considerada como um tempo⁶ e um lugar de retiro dos modos normais de ação social podem ser encarados como sendo potencialmente um período de exame dos valores e axiomas centrais da cultura em que ocorre." (Turner, 1974, p. 202). Pois sendo o centro de uma estrutura social, a liminaridade é um apêndice na estrutura existente, um período de teste de passagem para a nova estrutura social.

⁶ Tempo, neste sentido, é dado como representativo da variável genérica de tempo ou período e não, o estabelecimento de um tempo determinado para o estágio de neófito.

2.1.1. *Communitas de Turner*

A '*communitas*' é um relacionamento não estruturado que muitas vezes se desenvolve entre liminares, é um relacionamento entre indivíduos concretos, históricos e idiossincráticos entre indivíduos racionais cuja emancipação temporária de normas sócio estruturais é assunto de escolha consciente. Estes indivíduos não estão segmentados em funções e status, mas encaram-se como seres humanos totais (Turner, 1974). Para Turner (1974) '*communitas*' surge onde não existe estrutura social, e só se torna evidente ou acessível, por sua justaposição a aspectos da estrutura social ou pela hibridização com estes. Grupos informalmente estabelecidos, ou sem organização prévia, quando estabelecido dentro de uma organização prévia ele é estabelecido em conjunto, se tornando assim, híbrido.

Turner recorre a metáfora e a analogia, para descrevê-la, pois ela tem uma qualidade existencial, que abrange a totalidade do homem, em sua relação com outros homens inteiros. Sua estrutura tem qualidade cognoscitiva, pois "consiste essencialmente num conjunto de classificações, num modelo para pensar a respeito da cultura e da natureza, e para ordenar a vida pública de alguém." (Turner, 1974, p. 155). A "*communitas*" tem também um aspecto de potencialidade estando no modo subjuntivo (Turner, 1974). Os profetas e os artistas tendem a serem pessoas liminares ou marginais, "fronteiriços".

A "*communitas*" irrompe nos interstícios da estrutura da organização social, na liminaridade; também nas bordas da estrutura, na marginalidade; e por baixo da estrutura, na inferioridade. Em quase toda parte, é considerada sagrada ou "santificada", "possivelmente porque transgrede ou anula as normas que governam as relações estruturadas e institucionalizadas, sendo acompanhada por experiência de um poderio sem precedentes." (Turner, 1974, p. 156).

É nessa estrutura que exhibe a existência de movimentos de "*communitas*" de crise ou de catástrofe, de afastamento e do retiro (Turner, 1974). E é na história das religiões que é interessante notar quão frequentemente os movimentos deste estilo dão origem a uma mitologia apocalíptica, uma teologia ou até mesmo uma ideologia; a de crise ou de catástrofe (não no nível de *interação social*), mas, no sentido dos produtos da imaginação dos mitos apocalípticos, gerados no ambiente da "*communitas*" existencial (Turner, 1974).

Nas dimensões coletivas, a "*communitas*" e a estrutura, devem encontrar-se com todos os estágios e níveis da cultura e da sociedade, mesmo que as pesquisas e interesses de Turner sejam centralizadas nas sociedades pré-industriais tradicionais. Assim, "A imediatidade da

'*communitas*' abre caminho para a mediação da estrutura, enquanto nos *rites de passage* os homens são libertados da estrutura e entram na '*communitas*' apenas para retornar á estrutura, revitalizados pela experiência da '*communitas*'. Certo é que nenhuma sociedade pode funcionar adequadamente sem esta dialética." (Turner, 1974, p. 157). Porém, "*communitas*" sem estrutura pode unir e manter as pessoas juntas apenas momentaneamente (Turner, 1974), portanto, para sua existência fazer sentido deve-se existir uma estrutura social previamente estabelecida.

Sob a visão de Turner (1974, p. 161), "*communitas*" se distingue de três formas: 1) a "*communitas*" *existencial* ou espontânea, nas sociedades pré-industriais e nas primeiras sociedades industriais esta, pode estar associada ao poder místico, vista como um carisma ou graça, enviado pelas divindades ou pelos ancestrais (Turner, 1974, p. 168) "*communitas*" *normativa*, na qual, "sob a influência do tempo, da necessidade de mobilizar e organizar recursos e da exigência de controle social entre os membros do grupo na consecução dessas finalidades, a "*communitas*" existencial passa a organizar-se em um sistema social duradouro", é encontrada nas sociedades pré-letradas e pré-industriais; 3) a "*communitas*" *ideológica*, rótulo aplicado a uma multiplicidade de modelos utópicos de sociedades, baseados na "*communitas*" existencial, é uma tentativa da descrição de efeitos e externos e visíveis de uma experiência interior da *communitas existencial* e numa tentativa de enunciar de forma clara as condições sociais ótimas nas quais é possível esperar que essas experiências floresçam e se multipliquem.

A "*communitas*" não é apenas produto de impulsos biologicamente herdados, liberados das coações culturais, são produtos de "faculdades peculiarmente humanas, incluindo a racionalidade, a volição e a memória, desenvolvidas pela experiência da vida em sociedade" (Turner, 1974, p. 156). E mesmo nas sociedades mais simples existe a distinção entre estrutura e "*communitas*", encontrando a expressão simbólica nos atributos culturais de liminaridade, marginalidade e inferioridade e em diferentes sociedades, em períodos diferentes em cada uma dessas sociedades, um ou outro desses "antagonistas imortais" assumem a supremacia, porém, juntos, constituem a própria "condição humana", no que diz respeito às relações do homem com seus semelhantes (Turner, 1974, p. 159).

A liminaridade permanente (associada à *communitas* existencial de S. Francisco) é um dos pressupostos existenciais dos irmãos Franciscanos, onde há a habitação pelos frades nos interstícios das estruturas sociais "de seu tempo, conservando-os permanentemente em um estado liminar, onde, conforme indicada a tese deste livro, existiriam as condições ótimas para a realização da "*communitas*" (Turner, 1974, p. 177). Para São Francisco, "a religião era a "*communitas*", entre o homem e Deus e entre os homens uns com os outros, vertical e

horizontalmente", e a "pobreza e a nudez constituíam ambos os símbolos expressivos da "communitas"" e consequentemente instrumentos para alcançá-la (Turner, 1974, p. 178).

A pedagogia da liminaridade "representa a condenação de duas espécies de separação do vínculo comum da "communitas". A primeira espécie consiste em agir somente de acordo com os direitos conferidos ao indivíduo pelo exercício do cargo na estrutura social. A segunda consiste em me seguir os impulsos psicológicos do indivíduo, à custa de seus companheiros. Atribui-se um caráter místico ao sentimento de bondade humana em muitos tipos de liminaridade, e em várias culturas este estágio de transição relaciona-se estreitamente com as crenças nos poderes protetores e punitivos de seres e potências divinas e sobrenaturais". (Turner, 1974, p. 129).

Para Turner (1967), a *communitas* é uma modalidade particular de relações sociais, caracterizada pela ausência de hierarquias, classes e outras estruturas sociais que estão presentes na comunidade, ele define como uma área de vida comum, sendo um fenômeno temporário e dura até que os neófitos mudem de estado e se reintegrem à sociedade com uma identidade clara, definida e estável. *Communitas* refere-se às relações igualitárias dos neófitos baseadas na solidariedade e camaradagem. Estes serão classificados nas estruturas de sua comunidade e deixarão de ser membros da *communitas* (Cappellini & Yen, 2016⁷).

2.1.2. *Indivíduos Liminares*

Essas características demonstram as diversas distinções e experiências vivenciadas pelos indivíduos liminares. Evidencia-se que a identificação desta fase de transição é fortemente expressada pela mudança interior dos indivíduos, com passagens que modificam a sua experiência de mundo e forma de existir, por isso a importância da identificação do ser individual. Neste contexto, Da Matta (2000, p.17), questiona algo que previamente não teria sido percebido por Turner; para ele, seria importante discernir sobre as "dimensões individualizantes (mas sem individualismo) contidas nos processos liminares". Neste sentido, argumenta que "o que caracteriza a fase liminar dos ritos de passagem é a experiência da individualidade vivida não como privacidade ou relaxamento de certas regras (...), mas como um período intenso de isolamento e de autonomia do grupo", e uma experiência assim, vê a "individualização como um estado, não como uma condição central da condição humana",

⁷ As autoras pontuam que *communitas* e comunidade apresentam uma relação dialética, pois a comunidade é apenas temporariamente abandonada, e os indivíduos que retornam a ela serão revitalizados pela sua experiência igualitária.

porém, uma individualização complementar ao grupo (Da Matta, 2000, p.17).

Trata-se de uma autonomia que não é definida como separação radical, mas como solidão, ausência, sofrimento e isolamento que, por isso mesmo, acaba promovendo um renovado encontro com a sociedade na forma de uma triunfante interdependência quando, na fase final e mais básica do processo ritual, os noviços retornam à aldeia para assumir novos papéis e responsabilidades sociais⁸. (Da Matta, 2000, p.17).

O neófito, que é o indivíduo iniciado ou noviço no processo de transição, nesta situação liminar, é conduzido a um estado de reflexão, no qual as suas ideias, sentimentos e feitos, que até então configuraram os pensamentos, e que eles aceitaram de maneira imediata, veem-se dissolvidos em partes componentes. Estes componentes acabam por serem separados um a um e convertidos em objetos de reflexão para os neófitos, mediante o processo de exageração 'componencial' e dissociação das variantes concomitantes (Turner, 1990, p.117).

Os neófitos são meramente entidades em transição, não tendo ainda posição ou lugar (Turner, 1974). Outras características são a submissão e o silêncio, submete-se a autoridade da comunidade total, que é a depositária da gama completa dos valores da cultura, normas, atitudes, sentimentos e relações. Os noviços são despojados das roupas seculares quando passam através de um portão simbólico, sendo nivelados pelo fato de abandonarem seus antigos nomes, dando-se a todos a designação comum de noviços e tratados da mesma maneira. (Turner, 1974).

Assim, "Os poderes que modelam os neófitos na liminaridade para a entrada em uma nova "condição", nos ritos em todas as partes do mundo, são considerados poderes sobre-humanos, embora sejam invocados e canalizados pelos representantes da comunidade." (Turner, 1974, p. 130).

Todavia, é importante salientar que nem todas as mudanças envolveriam a transição liminar, pois esta envolve a mudança de papel que modifica abruptamente o senso interior do 'eu' ou muda de lugar com o sistema social, pois os indivíduos mantêm em suas vidas vários papéis que variam em termos de sua importância para definir o 'eu' (Turner, 1978). Logo, os eventos da vida que desenrolam as transições liminares tendem a envolver papéis que são mais centrais para a auto definição. É neste sentido que Noble e Walker (1997, tradução livre, p. 32) definem a transição liminar como:

uma mudança em um significativo papel da vida marcado por um período transicional ou liminar durante o qual (a) a identidade pessoal é suspensa, produzindo consequências psicológicas significativas, e (b) o consumo simbólico pode ser usado para facilitar a

⁸ As responsabilidades sociais assumidas diante da igreja, como, ministérios, diaconato, treinamento de liderança, etc.

transição para o novo papel. (Noble & Walker, 1997, p. 32)

O novo papel, neste sentido, seria o convertido, e o consumo dos produtos representativos da fé cristã facilita o processo de transição para o neófito, mas também a afeição pelos produtos cristãos demonstra o processo de passagem para o indivíduo já convertido, sendo, portanto, importante para o neófito e seu líder.

A liminaridade é ainda evidenciada pela solidão, alienação da existência social, e retirada da estrutura social presente (Shomaker, 1989). Descrita em pesquisas empíricas como um estado de identidade incerta em que as pessoas relatam sentir-se "no vácuo", "no ar", "nem aqui nem lá" e "em pontas soltas" (Ibarra, 2007; 2003; Ebaugh, 1988; Bridges, 1980; Osherton, 1980), um estado psicológico em que o indivíduo quebra ou perde uma conexão autodefinida em uma importante área social (Ibarra, 2007; Ashforth, 2001; Turner, 1969; Noble & Walker, 1997). As pessoas experimentariam a liminaridade como um momento de confusão, insegurança ou incerteza, pois elas sentem que perderam a linha narrativa de sua vida (Ibarra, 2003; 2007).

Logo, o ser transicional ou a "*persona* liminar", que é entendido por um nome e um conjunto de símbolos, são pessoas que estão sendo iniciadas a estados de vida muito diferentes entre si (Turner, 1990). Este simbolismo que rodeia a pessoa liminar e que tem sido associado a ela é estranho e complicado, pois boa parte dele foi modelado em semelhança aos processos biológicos humanos, considerados "isomorfos" com os processos culturais e estruturais, dando assim formato exterior e visível a este processo visto como interior e conceitual por Turner (1990).

Contudo, o conhecimento ou a *gnosis* adquirido durante o período liminar muda a natureza mais íntima do neófito, imprimindo no indivíduo, as características de seu novo estado, estando presente uma mudança ontológica, onde a simplicidade estrutural da situação liminar, em muitas iniciações, será compensada por sua complexidade cultural (Turner, 1990). É durante o período liminar que os neófitos seriam alternativamente forçados a pensar sobre a sua sociedade, seu universo e os poderes que o geram e sustentam a ambos (Turner, 1990), ou seja, um ser passa por um processo de análise do seu contexto social de coexistência.

Para Rutherford e Pickup (2015), o espaço liminar seria afetivo, porém, não somente no sentido de emoção e nem pode ser reduzido à afetividade/simpatia ou à percepção de um sujeito individual (Thrift, 2008), pois ele contempla intensidades, sensações e energias que estariam além do mundo interior ou interioridade do sujeito humano (Zembylas, 2007). A abordagem que Turner (1974) deu ao ritual é vista como um modelo, em que os sujeitos rituais seriam

peessoas isoladas da vida quotidiana, recebendo novos nomes para descrever seu status de 'não completamente', despidos de posição, status e propriedade, pois eles passam por uma transição de um estado para outro, estando entre os estados (Parker et al., 2012), a composição verdadeira “*between and betwix*”.

Em adendo, o indivíduo pode usar o consumo de bens para ajudar nas transições durante os períodos de liminaridade e, desta forma, o consumo simbólico (Belk, 1988) teria o papel de moldar os significados de si mesmo e de sua nova identidade (Voice Group, 2008). Logo, o consumo simbólico facilitaria esta passagem (Noble & Walker, 1997), estreitando a lacuna entre o eu real e o eu ideal (Patrick, Macinnis & Folkes, 2002) onde uma nova posse poderá então contribuir para o desenvolvimento de nova identidade (Noble & Walker, 1997).

2.1.3. Temporalidade da Liminaridade

Quanto à temporalidade, a liminaridade pode ser experimentada ao longo de semanas, meses ou mesmo anos (Ibarra, 2007; Ebaugh, 1988). Mas se for considerado o período liminar como uma fase Inter estrutural da dinâmica social, ou seja, que faz parte da estrutura interna da sociedade, uma das características negativas dos seres transicionais é que eles não têm nada, eles não têm nem status, propriedade, insígnias, vestidos normais, posição social ou situação de parentesco, nada que os diferencie estruturalmente de seus companheiros (Turner, 1990). Turner intenta demonstrar poeticamente que, o indivíduo liminar é separado dos demais, no sentido em que está na fase de transição, não pertencendo ainda ao status do grupo social, sendo assim, negativo, pois suas representações e expressões sociais não são atentadas pelo grupo, não são vistos e compreendidos pelos demais como parte do grupo social.

Entretanto, para Myerhoff, Camino e Turner (2005), até mesmo períodos históricos poderiam ser liminares, tempos de transição, quando o passado perdeu a sua aderência e o futuro ainda não tomou forma definitiva. Nesses momentos, o humor "subjuntivo" da cultura prevaleceria, e o ato de jogar, a imaginação, e o paradoxo seria incentivado, tudo como parte de uma busca autoconsciente das verdades básicas da condição humana.

Para uma compreensão facilitada da liminaridade, foi criado um resumo descritivo do contexto dos estudos da liminaridade e as suas características, vislumbrando melhor entendimento desta fase e de seu processo (Apêndice C).

Finalmente, adentrando no campo para a compreensão do neófito, cabe aqui salientar o rito de passagem, margem principal de designação do iniciante ou neófito. Para isso, serão

delineadas contextualizações referentes à designação de rito, sua relação com o neófito e com o consumo na religião, pontuando as formas com que eles são tratados.

2.2. Ritos de passagem

As raízes dos rituais estão na religião, mas os rituais estão presentes na sociedade ocidental secular contemporânea (Cody, 2014; Arnould & Thompson, 2005; Moore & Myerhoff, 1977). O ritual proporciona identidade e solidariedade, é uma das mais antigas atividades humanas (Cody, 2014), e pode ser tão importante quanto comer, sexo e refúgio (Grimes, 1996). Os rituais são legitimados dentro das comunidades, refletem as normas sociais e podem ser realizados para dramatizar transições de status (Bradford & Sherry, 2013; Rook, 1985; Turner, 1969), sendo ordenados, tendo início, meio e fim (Moore & Myerhoff, 1977). Como exemplo, posso citar o ritual do batismo, que é iniciado com o discurso e pergunta – “Você gostaria de receber o Senhor como único e suficiente salvador?” - proferida pelo pastor ou líder, seguida pela resposta de aceite pelo iniciado e finalizando com o processo de mergulhar o batizando na água.

Também, os rituais podem ser vistos como objeto, tópico de estudo, abordagem, ferramenta, tipo de comportamento e inclusive uma abordagem teórica, são entendidos como tipos especiais de eventos, estereotipados e formalizados, estáveis e susceptíveis à análise etnográficas, possuem certa ordem e um sentido de acontecimentos com propósito coletivo, eficaz e com percepção de diferença, sendo assim uma escola para treino de aprendizado analítico, os rituais pertencem à esfera da ação social, revelam visões de mundo dominantes ou até conflitantes em determinados estudos (Peirano, 2006). Demonstrando seu direcionamento para uma forma ritual não isolada, específica ou um único fenômeno, mas que pode ser composto de vários domínios ou facetas, pois Peirano (2006, p. 14) entende que os:

Rituais e “performances” privilegiam o fazer e o agir, reforça o contexto, admitem o imponderável e a mudança, veem a linguagem em ação, a sociedade em ato e prometem alcançar cosmo visões – tudo isto podendo levar a um acordo de objetivos teórico-intelectuais com políticos-pragmáticos (Peirano, 2006, p. 14).

Os ritos continuam sendo a pedra angular da sociedade e muitos produtos e, mesmo setores inteiros, são significativamente afetados pelo envolvimento em ritos de passagem, como por exemplo, os fabricantes de sutiãs de treinamento e navalhas de barbear, empresas que dependem da significação e gravação da transição, como fornecedores e fabricantes de vestuários para eventos formais e informais (casamentos, festas de 15 anos no Brasil,

formaturas, comemoração do 1º ano dos bebês, etc.), fotógrafos comerciais, fabricantes de artefatos para formaturas, oficiais de tribunal, agentes funerários, etc. (Solomon & Anand, 1985). Assim, ao estudar o ritual, o comportamento da sociedade, muitas vezes, torna-se mais compreensível e explicável (Wilson, 1954).

Com a intenção de agrupar todas as sequências cerimoniais que acompanham a passagem de uma situação para a outra, de um mundo (cósmico e social) para outro e pela importância destas transições é necessário distinguir uma categoria especial de ritos de passagem, os quais se decompõem em ritos de separação, ritos de margem e ritos de agregação, mas estas três categorias secundárias não são igualmente desenvolvidas em uma mesma população e nem num mesmo conjunto cerimonial (Gennep, 1969; 1960).

Os esquemas completos dos ritos de passagem incluem em teoria ritos preliminares (separação), liminares (margem) e pós-liminares (agregação), na prática está longe de existir uma equivalência dos três grupos por sua importância e por seu grau de elaboração. Gennep (1969, p. 38, tradução livre) propõe assim chamá-los de "ritos preliminares aos ritos de separação do mundo anterior, ritos liminares são os ritos executados durante o estágio de margem e ritos pós-liminares os ritos de agregação ao mundo novo". De qualquer forma, Gennep (1969) não pretende fingir que todos os ritos de nascimento, iniciação, casamento, etc. sejam meramente ritos de passagem, mas sua finalidade geral é assegurar uma mudança de estado ou a passagem de uma sociedade mágico-religiosa ou secular para outra, cada uma destas cerimônias tem seu próprio objeto.

Os ritos de separação são mais desenvolvidos nas cerimônias fúnebres; os ritos de agregação em casamento; enquanto os ritos margem pode constituir uma parte importante, por exemplo, durante a gravidez, o noivado, a iniciação, ou minimizado na adoção, no segundo parto, no novo casamento, a passagem para a segunda e a terceira classe de idade, etc.

Esta sequência ritual ou esquema de ritos de passagem foram cunhados por Gennep (1909), agregados e direcionados pela teoria da liminaridade em Turner (1974) e adaptados pela pesquisa relacionada ao consumo por Noble e Walker (1997). E essas fases de transição são a perfeita junção de ideias de estudos temporais que abrangem os diversos rituais de passagem, as quais podem ser agregadas em uma ideia que remonta à transição conforme idealizado na figura 1.

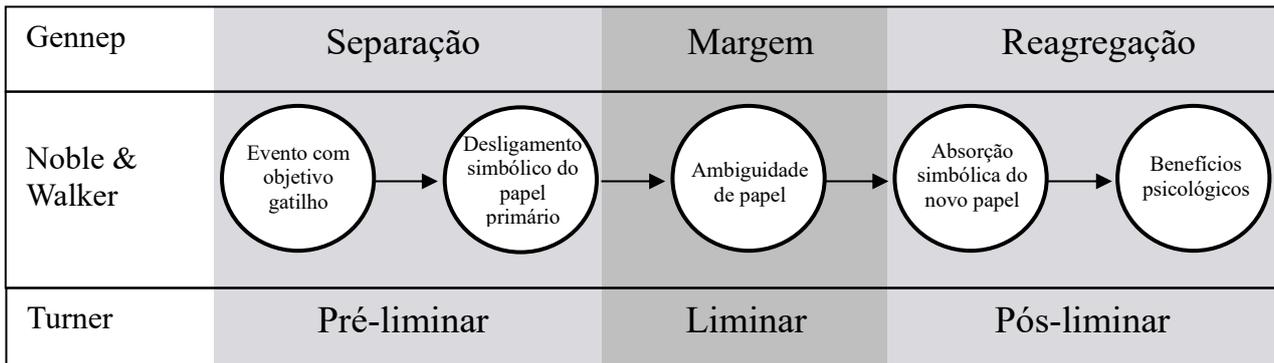


Figura 1. Fases de transição nos ritos de passagem.

Fonte: adaptado de Noble e Walker (1997), Gennep (1909) e Turner (1974).

Os ritos de passagem, foram continuamente interpretados e adaptados a partir dos anos 60, principalmente por Turner, que trouxe como tendências interpretativas (1) discutir os "ritos de passagem como uma resposta adaptativa obrigatória, quando os indivíduos são obrigados a mudar de posição dentro de um sistema" (Da Matta, 2000, p. 11) e discutir o (2) "modo pelo qual a liminaridade é caracterizada" (Da Matta, 2000, p. 14). A primeira forma de interpretação versa sobre os tipos de elaborações sociais secundárias para "aparar os conflitos gerados pela transição". O autor cita como exemplo desta transição a "da adolescência à maturidade, uma passagem postulada inevitável, difícil, problemática e conflituosa em qualquer sociedade humana", focando sempre os jovens e a sua transição conflituosa na sociedade (Da Matta, 2000, p. 11).

Os ritos de passagem advêm de uma releitura crítica das interpretações da liminaridade apresentadas em ensaios seminais de Victor Turner (1964), estudando neófitos, Mary Douglas (1957; 1966) estudando o culto do *pangolin*, Edmund Leach (1964) o animal doméstico (Da Matta, 2000). Para eles, a leitura da liminaridade seria ambígua, paradoxal, no limite, perigosa e inclusive negativa, sendo um estado ou processo que desafiaria um sistema de classificação concebido legalmente como fixado, uma anti-estrutura, negação da sociedade, indiscutível, construído por categorias isoladas, não admitindo o "mais ou menos, a indecisão, o adiamento e, acima de tudo, o hibridismo, ou seja, a ausência de compartimentalização e de indivisibilidade", onde o ambíguo seria "todo objeto, ser ou instituição situado simultaneamente em dois campos semânticos mutuamente excludentes", contemplando seres que estão "*betwixt and between*" (Da Matta, 2000, p.13). A segunda forma de interpretação referente à característica da liminaridade, apontada na obra de Turner, leva o contexto a transformá-lo em um instrumento de entendimento de várias situações sociais usando o conceito de *communitas*

e de conceitos variantes como 'liminóide', pois, ele entende que dever-se-ia inicialmente questionar, o 'liminar' que é "fruto de tanto mistério, ambiguidade e perigo" (Da Matta, 2000, p.14).

Nos ritos de passagem, é "ligada à ambiguidade gerada pelo isolamento e pela individualização dos noviços", como a "experiência de estar fora do mundo", que produz e delimita os estados liminares, e não o processo oposto, não tendo poder em si mesmo (Da Matta, 2000, p.23). É a sua aproximação a estados individuais que faz com que os noviços ou neófitos se tornem seres marginais, e assim, esta individualidade marginal produziria a liminaridade, pois, os ritos de passagem buscariam "transformar individualidade em complementaridade, isolamento em interdependência, e autonomia em imersão na rede de relações que os ordálios, pelo contraste, estabelecem como um modelo de plenitude para a vida social" (Da Matta, 2000, p.23).

Foi a liminaridade, que surge nas pesquisas sobre os ritos de passagem de Van Gennep, que inspirou Turner ao estudo da noção do processo social (Carter, 2003). Isso o levou a cunhar a expressão *communitas* como designação da forma social de liminaridade, o que contextualiza como estado entre "*betwixt and between*", referindo-se aos períodos quando as estruturas sociais normais, como as hierarquias, as divisões, limites e heterogeneidade se dissolvem, permitindo impulsos e sentimentos igualitários de unidade e liberdade predominantes (Carter, 2003).

2.2.1. Classificação de rituais

A classificação de rituais de Levy (1978) é em termos de suas origens comportamentais, fontes de comportamento e significado: biologia humana, objetivos e emoções individuais, aprendizagem em grupo, valores culturais e crenças cosmológicas. A intenção de demonstrar a ampla qualificação e classificação dos ritos diante dos diferentes campos de pesquisa, conforme cada área do conhecimento levou Tetreault e Kleine III (1990) a associá-las às tradições de pesquisa correspondentes, sendo elas: sociobiologia, psicologia, sociologia e antropologia cultural.

A distinção entre as classes de ritos é dada por Gennep (1969) como: 1) ritos simpáticos e 2) ritos de contágio. Os ritos simpáticos são aqueles fundamentados na crença e na ação do semelhante sobre o semelhante, do contrário sobre o contrário, do continente sobre o conteúdo e inversamente, o simulacro em um objeto ou ser real e inversamente a palavra sobre o ato, definem sua ação mágico-religiosa a partir de indivíduos evocáveis pela ação cerimonial. Os

ritos de contágio são aqueles nos quais os objetos ocasionam efeito mágico-religioso quando operados ritualmente. A teoria dos ritos animista é elucidada como uma teoria de base personalista, a qual categoriza os rituais de acordo com as qualidades humanas atribuídas a seres não humanos como os animais ou vegetais. De outra forma vê-se a classificação de ritos dinamista (impessoal), que foca a expressão ritual na ausência de forças personalistas extrínsecas (Gennep, 1969).

Segundo Gennep (1969), um mesmo rito pode introduzir quatro categorias ao mesmo tempo, tendo assim, dezesseis possibilidades de classificação para um dado rito, ao eliminar quatro ritos contrários, conforme a figura a seguir:

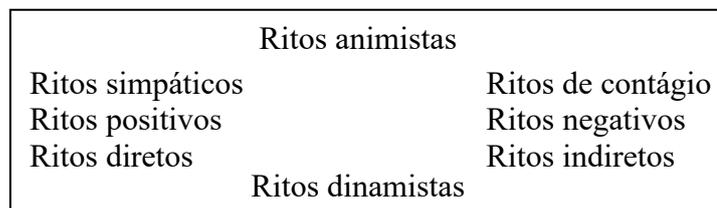


Figura 2 - Categorias de ritos

Fonte: adaptado de Gennep (1969)

Gennep (1969) explica que junto a ritos simpáticos e ritos com base animista existem grupos de ritos de base dinamista (impessoal) e ritos de contágio, fundando-se estes últimos na materialidade e na transmissividade, por contato ou a distância, das qualidades naturais ou adquiridas. Os ritos simpáticos não são necessariamente animistas, nem os rituais de contágio necessariamente dinamistas; se trata de quatro categorias separadas entre si, mas que foram agrupadas em pares por duas escolas que estudam fenômenos mágico-religiosos de um ponto de vista diferente.

Por fim, deve ainda considerar ritos positivos, que são volições traduzidas em ação, e ritos negativos. Estes geralmente são chamados tabus. O tabu é proibição uma, uma ordem de "não fazer" de "não agir". Psicologicamente, ele responde a '*noIuntad*' (não querer), como o rito positivo a '*voluntad*' (vontade), ou seja, reflete também uma forma de querer: é um ato e não a negação de um ato (Gennep, 1969).

Um rito pode atuar direta ou indiretamente, o rito direto é aquele que possui uma virtude eficiente imediata, sem intervenção de um agente autônomo como a maldição, o feitiço, tendo seu efeito de forma automática. Já o rito indireto não é necessariamente animista, é uma espécie de choque inicial, "tem como efeito a reação, que coloca em movimento uma potência autônoma ou personificada ou toda uma série desta ordem, como por exemplo, um demônio ou uma classe de espíritos, ou uma divindade, os quais intervêm em benefício daquele que realizou

o rito: voto, oração, cultos em sentido habitual da palavra, etc." (Gennep, 1969, p. 21, tradução livre).

Assim, Gennep (1969) propõe a expressão figurativa da representação da teoria e técnica ritual, demonstrada na Figura 3:

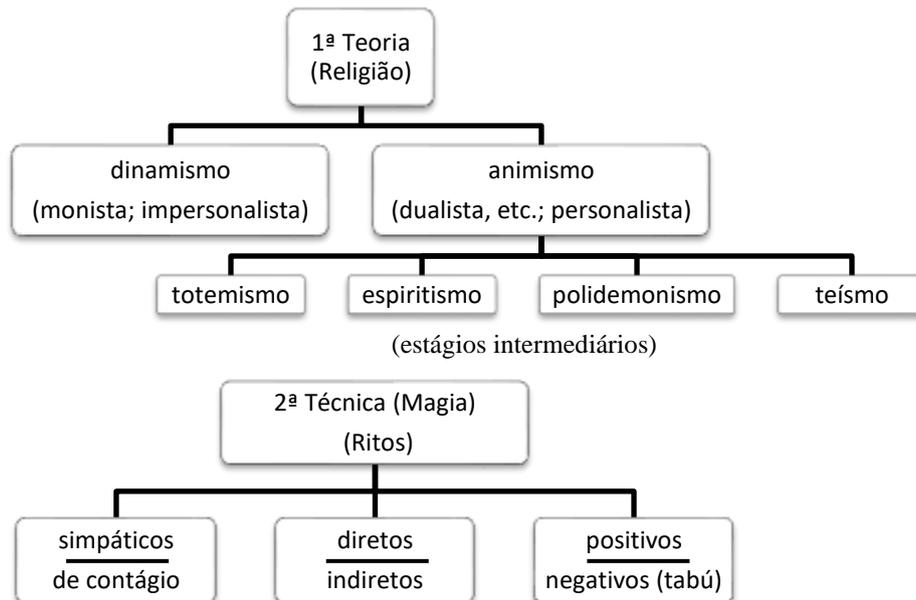


Figura 3 - Teoria e técnica ritual

Fonte: adaptado de Gennep (1969).

A teoria e a representação técnica do ritual são expressas por Van Gennep como, religião que se divide em duas características, a visão do dinamismo e do animismo. A ideia de dinamismo, onde a religião é relegada ao único do todo, ou seja, o todo como única realidade a existir. O animismo representa a existência de duas ou mais qualidades deístas, por exemplo, levar em consideração a representação totemista com crença em parentesco místico a totens de hierarquias espirituais, espiritista com aceite da existência de espíritos, poli demonismo com vários demônios e teísmo a expressão de um Deus em conjunto com um conjunto de outras existências espirituais. Assim dividindo por características de existência deísta.

Já a técnica ritual estaria relacionada aos tipos de ritos existentes, relacionadas à ideia de ritos como magia, conforme expressam simpáticos ou de contágio, diretos ou indiretos e positivos ou negativos.

Estas formas de expressão visual facilitam a visualização da estrutura da teoria da religião e da técnica, explicando a diferenciação de religião e ritos. Esta é apenas uma representação imagética do ritual e religião, buscando distingui-los.

Da Matta (1986) chama os carnavais de “ritos de inversão” e os festivais da ordem social

de “ritos de reforço”, salienta ainda que, as propriedades estruturais de um e outro momento solene podem, no caso do carnaval, promover a igualdade e a supressão de fronteiras (inversão), e as festas cívicas e religiosas promovem a sua glorificação e manutenção (reforço).

Partindo das igrejas e locais sagrados, os rituais ordenam o mundo conforme os valores que são articulados como com os mais básicos, apresentando o mundo de Deus, que é representado pela Igreja Católica Romana e pelas formas de religiosidade que se referem a ela, como um universo onde as coisas se ordenam de modo vertical (Da Matta, 1986). Quanto ao espaço religioso, ele demarca área onde é possível encontrar as dicotomias, o rico e o pobre, o poderoso e o fraco, o sadio e o aleijado, o homem e a mulher, o adulto e a criança, o santo e o pecador, o crente fervoroso e o frequentador esporádico e distante.

Os rituais da ordem em geral e, especificamente nos rituais religiosos, "o comportamento é marcado pela contrição e pela solenidade que se concretizam nas contenções corporais e verbais", porém o corpo, tanto na igreja como nas solenidades da ordem é "marcado pela rigidez dos gestos e por formas obrigatórias de gesticulação" (Da Matta, 1986, p. 71). O autor complementa que são maneiras de "marcar a contenção e de promover a uniformidade e a tranquila obediência dos fiéis ou servidores, já que tudo isso conduz a uma visão ordenada da própria ocasião formal" (Da Matta, 1986, p. 71).

Os ritos de ordem, sejam cívicos ou religiosos, podem apresentar a ideia de sacrificar o corpo (centro de prazer pela experiência humana) pela pátria, por Deus ou por um partido político acaba "se exprimindo pela noção de *dever*, de *devoção* e de *ordem*", contrastam com os rituais carnavalescos, pois nestes últimos o prazer se dá pelo corpo e a desordem obtida através dele produz uma transformação radical, temporária e intensa da estrutura social (Da Matta, 1986, p.72). Os ritos de ordem dão ênfase sempre à ordem, na regularidade, repetição, marcha ordeira, cântico cadenciado, controle do corpo remetendo a ideia de sacrifício e disciplina onde o mundo é "englobado e apresentado pelas posições sociais que a sociedade considera importantes", tendo foco nas autoridades de Deus, da pátria, saúde, educação e até a instrução (Da Matta, 1969, p. 73). Os papéis sociais hierárquicos mantêm-se os mesmos (presidente, governador, senador, deputado, secretário, juiz, professor), reproduzindo a mesma ordem social já reconhecida com divisão clara, incluindo a oposição desses papéis (povo, pobre, sem título, assalariado, sem autoridade), pois, "os ritos da ordem não admitem a confusão de papéis ou posições" (Da Matta, 1969, p. 73). Haja vista as grandes procissões católicas onde uma corda "separa o santo (ou santa) e as autoridades eclesiásticas, civis e militares que estão em sua volta, geralmente carregando juntas o andor, do povo em geral, que está ao redor e que forma um

oceano generalizado de devotos que se misturam." (Da Matta, 1969, p. 73).

Comparando os ritos de ordem e de desordem, os primeiros marcam distintivamente que é o ator e quem é o expectador, já no segundo, o rito de inversão promove desconstrução e rearrumação temporária (Da Matta, 1969).

O ritual reveste o poder, conferindo forma exterior (não interior) solene e legítima, associando-os a formas básicas de desfile, procissão ou parada militar, "formas de apresentação social desinibida e exuberante, onde as corporações que passam e se apresentam revelam-se em todo o seu esplendor ou miséria" (Da Matta, 1969, p. 74).

Da Matta (1969) ressalta que os rituais da ordem não são encontrados apenas em festas grandiosas que reafirmam o mundo social englobado pelo Estado e pela Igreja, mas estão presentes em situações familiares como em festas de formatura e tomada de posse em cargos públicos, onde ritualmente existe uma mesa que separa as pessoas que são o foco do cerimonial e os seus convidados, bem como, em 'crises de vida' e 'ritos de passagem em geral', como nascimentos, batizados, crismas, casamentos e funerais (Da Matta, 1969). Os aspectos materiais e existenciais aparentes nesses rituais familiares solenes são a troca de discurso, uso de roupas específicas (toga, capelo, vestido social), a existência de representantes duplos, o idioma ou retórica especial (simbólica), os gestos típicos e objetos indispensáveis como o canudo, o anel de grau, a aliança nos casamentos, o bolo de aniversário permitem referenciar os "mesmos elementos que exageram a ordem social constituída e aparente e, também, a contenção dos gestos e do comportamento em geral" (Da Matta, 1969, p. 76).

Mary Douglas (1966) acredita que os ritos são carregados de carga simbólica, ela trata dos ritos trabalhando com a ideia de que eles são caracterizados por ordem e desordem (destrói o arranjo dos elementos, mas é também símbolo de poder e de perigo), pureza (seguindo valores morais) e impureza ou poluição⁹ (ex.: contágio perigoso como o toque de uma pessoa adúltera que pode levar a doença), profano e sagrado (ambos podem ser categorias relativas) e com o ritual para estabelecer estas distinções, papéis e respeito pelas convenções para separar e evitar a contaminação com a sujeira, exprimindo "ideia genérica da ordem social" (Douglas, 1966; 1991, p. 8). São experiências díspares que adquirem sentido na ordem das estruturas sociais estudadas, e mesmo em suas expressões negativas ou impuras representam ordem a atos essencialmente religiosos (Douglas, 1966; 1991).

⁹ Neste sentido pode-se depreender a existência do neófito tido como impuro, não incluído na premissa de ordem social, mas é retirado da mesma, assim, "O impuro, o poluente, é aquilo que não pode ser incluído se quiser manter esta ou aquela ordem." (Douglas, 1966, p. 33).

2.2.2. *Experiência ritual*

Rook (1985) especifica ainda quatro componentes tangíveis para experiências rituais: artefatos rituais (sinais e símbolos), roteiro ritual, papéis de desempenho ritual e público ritual, essenciais para uma experiência ritual (Tinson & Peter Nuttall, 2010). E como os significados do ritual são transmitidos através do uso de artefatos simbólicos ou metafóricos como objetos, linguagem, atores e comportamentos, que são orquestrados em um complexo dramático estruturado (episódio ou roteiro), e repetido com frequência ao longo do tempo, o ritual é decretado no tempo e no lugar social entre 'aspas', onde o tempo e o lugar têm seu próprio significado (Tetreault & Kleine III, 1990).

Estas observações de ritual de Tetreault e Kleine III (1990) levam ao entendimento da existência de dimensões distintas da apropriação de Rook (1985), e serviriam para reformular o ritual como categoria analítica distinta, onde, por meio delas, os autores dispõem os pontos críticos quando visto como categoria analítica (Quadro 3).

Pontos críticos do ritual como categoria analítica
Ritual é uma categoria analítica;
Ritual é um comportamento intencional, cumpre seus objetivos de transição e manutenção de ordem social e moral;
O ritual é socialmente padronizado. Seu engajamento requer a cooperação organizada de indivíduos para cumprir todos os papéis necessários. O ritual também é socialmente padronizado na medida em que o roteiro prescreve papéis e regras associadas de conduta para o comportamento do ator;
O Ritual evoca e comunica mais de um significado específico, evoca uma rede de significados cognitivos e afetivos. Assim, não evoca respostas comportamentais imediatas e idênticas de todos os atores. No entanto, a coerência seria esperada entre atores que cumprem papéis semelhantes.
O ritual ocorre no tempo e ou lugar social entre 'colchetes'. Isso não implica necessariamente que o ritual abrange apenas a experiência humana "extraordinária", que abrange a experiência humana que celebra eventos significativos de transição social ou natural.
As regras socialmente padronizadas para o desempenho ritual consistem de exigências convencionais explícitas e implícitas. Regras implícitas, como parte da "cultura oculta", exercem uma influência extremamente poderosa sobre o comportamento. O desvio dessas regras pode provocar desprezo, alienação ou hostilidade absoluta.

Quadro 3. Pontos críticos do ritual como categoria analítica de Tetreault e Kleine III

Fonte: adaptado de Tetreault e Kleine III (1990)

Quanto à performance dos rituais expresso pela pesquisa de Turner (1974), três componentes entrelaçam-se ao seu modelo de liminaridade: (1) a comunicação dos sacra (a exibição de símbolos que transmitem significado), ações (as coisas feitas) e instruções (as coisas a serem feitas) que podem conter significados culturais complexos; (2) A desconstrução lúdica e recombinação de configurações culturais familiares para levar os liminares a pensar profundamente; e (3) a simplificação das relações de estrutura social - a autoridade dos

instrutores rituais sobre o submisso é removida, criando igualdade (Parker et al., 2012), demarcando o espaço e ação do ser liminar.

2.2.3. Comportamento ritualizado

Um ritual é um sistema de comportamento formal usado para expressar empenho por status social, identidade sexual, e assim por diante (Solomon & Anand, 1985), pertencendo a uma categoria de mecanismos sociais denominados "meios simbólicos generalizados de interação social" (Parsons, 1963). Embora o ritual seja frequentemente associado às observações com relação à religião antiga, é importante notar que ele não é exclusivo das culturas primitivas, mas é expresso em uma variedade de atividades sociais seculares (Solomon & Anand, 1985).

O termo Ritual, que aborda comportamentos religiosos e não religiosos, é um tipo de atividade expressiva e simbólica, construída por múltiplos comportamentos que ocorrem em uma sequência fixa, episódica, e que tendem a ser repetidos ao longo do tempo. É dramaticamente roteirizado, atuando de forma exógena e é executado com formalidade, seriedade e intensidade endógena (Rook, 1985). Em sua definição de ritual, Rook (1985, p.225) agrega explicitamente as construções rituais e o "comportamento ritualizado". Esta abordagem é atribuível à perspectiva sociopsicológica do autor, que se baseia nas teorias de Erikson (1951, 1977, 1982) sobre o desenvolvimento intrapsíquico do indivíduo (Escalas, 1993; Tetreault & Kleine III, 1990). De acordo com essa perspectiva teórica, "o comportamento ritualizado cotidiano e rituais públicos maiores" (Rook 1985, p. 257) estão "energizados" pela natureza dos conflitos entre forças intrapsíquicas e sociais unicamente associadas a cada um dos oito estágios universais de desenvolvimento humano ¹⁰ de Erikson (Tetreault & Kleine III, 1990).

Já a teoria de ritual de Driver (1996) é mais funcionalmente baseada que a definição de Rook e sugere que os rituais fornecem três "presentes" à sociedade: a ordem, a experiência de comunidade e a transformação individual (Cody, 2014). Pois ordena os papéis, promove a experiência compartilhada em comunidade e a internalização, resultando na transformação individual.

As atividades diárias ritualizadas são vistas como um reforço (por meio da repetição) de mudanças de status que são publicamente "anunciadas" por meio de atividades rituais

¹⁰ Teoria psicossocial do desenvolvimento social de Erikson (1951) que contempla oito estágios universais do desenvolvimento humano: oral-sensorial; muscular-anal; locomotor-fálico; latência; puberdade-adolescência; jovem adulto; adulto médio e maturidade.

simbólicas públicas (Rook 1985, p.257), advindo então a classificação dos tipos de ritos. Mesmo existindo diversas experiências rituais, é necessário o estabelecimento de classificação mais clara e Rook (2007) afirma que seria possível classificar os rituais em termos de origens comportamentais de elementos comuns presentes nos rituais. Para isso, o autor indica os pressupostos de tipos de ritos estabelecidos por Levy (1978), que estabeleceu cinco fontes primárias de comportamentos e significados rituais, constituindo assim uma tipologia do comportamento ritual, sendo elas: as crenças cosmológicas, os valores culturais, o aprendizado em grupo; as metas e emoções individuais e a biologia humana. Os comportamentos podem ser advindos de muitas fontes e moldados ou estimulados por fatores ambientais e conjunturais, e os tipos de rituais mesmo que distintos tendem a se agrupar em torno de fonte específica (Rook, 2007), ou seja, estar existindo em relação aos fins que foi criado. E ao associar a fonte primária de comportamento e tipos de experiências rituais que decorrem delas, Rook (2007) apresenta sua tipologia, classificação e exemplificação adaptada de Levi, conforme demonstrado no Quadro 4:

FONTE PRIMÁRIA DE COMPORTAMENTO	TIPO DE RITUAL	EXEMPLOS
Cosmologia	Religioso Mágico Estético	Batismo, meditação, missa "Cura", jogo de azar Artes cênicas
Valores Culturais	Ritos de Passagem Cultural	Formatura, casamento Festivais, Dia dos Namorados, Dia da Marmota, Super Bowl
Aprendizado grupal	Cívico Grupal, pequeno Familiar	Parada do Memorial Day, eleições, julgamentos Dia da Panqueca, iniciação fraterna, negociações empresariais, almoços de trabalho Refeições, hora de dormir, celebrações de aniversários e feriados
Metas e emoções individuais	Pessoal	Cuidados pessoais, rituais domésticos
Biologia	Animal	Saudação, acasalamento

Quadro 4. Tipologia da experiência ritual

Fonte: adaptado de Rook (2007).

Esta tipologia demonstra que as experiências rituais são encontradas em fontes distintas de comportamento humano, entendendo que é um traço característico de seres vivos e racionais. Esta descrição e classificação de ritos na base de uma característica ou função particular podem servir para reforçar uma orientação teórica específica, pois, alguns ritos de passagem podem envolver processos de liminares, porém, vendo a liminaridade como o coração de todos os ritos de passagem, seria o mesmo que associá-la assim de perto com ritos de inversão, levando a uma tipologia distendida de ritos, e concedendo implicitamente maior valor

moral e inclusive religioso aos ritos, enfatizando liminaridade e anti-estrutura, ao invés de sistema de status e estrutura (Stephenson, 2005), como o processo de transição.

O comportamento ritualizado pode servir para reforçar, através da repetição mundana, as transições de papel ou status em torno das quais muitos rituais são focalizados. Tetreault e Kleine III (1990) sugerem que os "comportamentos ritualizados" e "rituais" não são subconjuntos do domínio construtivo idêntico, por isso, descrevem as distinções entre eles (Quadro 5).

COMPORTAMENTO RITUALIZADO	RITUAL
Amarra negócios inacabados do ritual	Realiza os objetivos de transição e manutenção
Engajamento privado (eu e espelho do eu)	Engajamento público (\geq díade)
Elementos intra psiquicamente determinados	Elementos socialmente prescritos
Repetição mundana através do tempo e lugar	Fragmentado no tempo e no espaço; repetição ao longo de um ciclo de tempo
Assimilação de papéis	Transição de status "instantânea"
Sequência de mudança de 'comportamento que afeta a percepção'	Sequência de mudança de 'cognição que afeta o comportamento'
Enfatiza a representação idiossincrática	Enfatiza a representação coletiva
Ocorre em tempo próprio	Ocorre no tempo social
Manutenção ou mudança da auto concepção	Mantém ou muda o status dentro de um sistema social, de conhecimento ou natural
Restringido pela tradição idiossincrática	Restringido por costumes sociais
Confluência de ator e indivíduo	Distinção entre atos e indivíduos

Quadro 5. Características do comportamento ritualizado versus características do ritual

Fonte: adaptado de Tetreault e Kleine III (1990).

O principal raciocínio para distinguir entre o ritual e o comportamento ritualizado diz respeito à noção de que o ritual "instantaneamente" cumpre seus supostos objetivos de transição de status e manutenção social (Tetreault & Kleine III, 1990; Radcliffe, 1952; Vizedom, 1976; Turner, 1985; La Fontaine, 1985). Concordando com La Fontaine (1985), o ritual é então propositivo, e os participantes acreditam que estariam cumprindo seu objetivo ou propósito no que fazem, onde o dia na vida social muda perpetuamente, e o que é relativamente constante é o papel desempenhado por ideias e crenças, por meio das quais os indivíduos percebem os eventos e avaliam o seu próprio comportamento e o dos outros, detendo a ordem moral.

Mesmo sendo tautológico afirmar que o ritual afeta os objetivos expressados ou mesmo propostos no ritual, como por exemplo, a manutenção e/ou a mudança do status do indivíduo dentro da ordem social, é isso que o processo ritual é projetado para fazer, sendo entendido como um 'salto de fé' (crer para ver) pelos participantes dos rituais, pois os participantes dos rituais defendem o que fazem (Tetreault & Kleine III, 1990), diferente do que Rook (1985) e

Erikson (1977) pontuam ao sugerir que os comportamentos ritualizados mundanos seriam necessários para preencher o ritual, ou seja, que a preexistência do ritual mundano é necessária para o processo .

Tetreault e Kleine III (1990) pontuam que as transições "instantâneas" do Ritual seriam mais evidentes mesmo em atividades públicas, fazendo ou celebrando uma mudança no status do indivíduo ou grupo, como, por exemplo, o batismo, a iniciação a uma fraternidade, casamento, a naturalização, o Dia da Bastilha, o Dia da Independência, uma transição através de ciclos naturais e/ou "sobrenaturais", ciclos estéticos, como os vestígios "primitivos" e as versões religiosas existentes do Natal ou Páscoa.

Tetreault e Kleine III (1990) afirmam ainda que os comportamentos ritualizados podem estar mais profundamente associados às condições nas quais papéis ou padrões de interação são gradualmente assimilados, como o divórcio e outras separações de relacionamento (Baxter, 1984; Lee, 1984), o primeiro emprego após MBA (Solomon & Anand, 1985) ou o novo professor assistente na faculdade. Para os autores, é óbvia a ligação íntima do ritual com a manutenção ou mudança dentro dos sistemas da sociedade, do conhecimento e até mesmo da natureza (Van Gennep, 1960; Durkheim 1974), porém, os comportamentos ritualizados são mais bem associados com a manutenção e/ou mudança na própria autopercepção.

Tetreault e Kleine III (1990) enfatizam que o engajamento público do ritual requer a participação de pelo menos dois atores em uma sequência de eventos socialmente prescrita e padronizada (Turner, 1985), e os efeitos transformadores e simbólicos do ritual ocorreriam no tempo social (Warner, 1959), que está 'entre parênteses' na vida mundana (Turner 1985).

O suporte do ritual como é um pré-requisito essencial para que mudanças afetivas e cognitivas ocorram "instantaneamente", permite a transição de um indivíduo para um novo status no sistema social (Tetreault & Kleine III, 1990; Turner, 1985). Mas o comportamento ritualizado requer apenas um engajamento privado de um script, cujos elementos são orquestrados intra psicologicamente, logo, a sequência de eventos e artefatos empregados podem assim ser guiados pela tradição idiossincrática, bem como pelas normas sociais (Tetreault & Kleine III, 1990). Portanto, a repetição mundana do comportamento ritualizado ocorre no tempo do 'eu' (Tetreault & Kleine III, 1990; Warner, 1959).

2.2.4. Perspectivas interdisciplinares

Tetreault e Kleine III (1990) conferem uma interpretação refinada e interdisciplinar da

construção ritual. Para eles, o Ritual é definido como uma classe analítica de propósito, socialmente padronizada, sendo concebido para manter e transmitir a ordem social e "moral": reafirmar a interdependência social, evocando e comunicando uma rede de significados cognitivos e afetivos ambíguos, condensados e multivocais aos quais os membros da coletividade podem subscrever em conjunto.

Os autores afirmam que cada área do conhecimento contribui para o ritual, podendo o pesquisador iniciar seus estudos em qualquer uma dessas perspectivas e, inclusive, o estudo do comportamento ritualizado pode ser representado como uma investigação da "fatia" do ciclo ritual, representada no ciclo do poder do ritual (Figura 3), idealizada pelos autores, onde a sociobiologia diz respeito às tendências humanas mais fundamentais, evolutivamente refinadas, que predisõem os seres humanos não apenas ao ritual, mas também a certos tipos de rituais. A psicologia inclui os significados (idiossincráticos) dos indivíduos atribuídos a artefatos rituais, desenvolvimento do ego e mudanças no sistema de crenças que podem incluir mudanças na percepção do indivíduo sobre o seu ambiente (social ou natural) e sobre o eu, junto ao conteúdo e elaboração de roteiros rituais individuais. A investigação sociológica do ritual não enfatiza os indivíduos, mas os papéis designados pelo roteiro deste e a estrutura social, dentro da qual esses papéis estão inseridos, os efeitos do ritual sobre a coesão e status do grupo (isto é, papel), transições de atores rituais também são salientes, e a ênfase que é colocada sobre o papel ritual serve para reafirmar a ordem social existente e construir a solidariedade através da ação conjunta de participantes rituais. A complexa textura do simbolismo dos artefatos rituais é de vital interesse na análise antropológica do ritual, e também são enfatizados o uso de propriedades simbólicas de artefatos rituais para fixar o ritual no tempo e no espaço e para indicar 'inclusividade'/exclusividade social entre atores rituais (Tetreault & Kleine III, 1990).

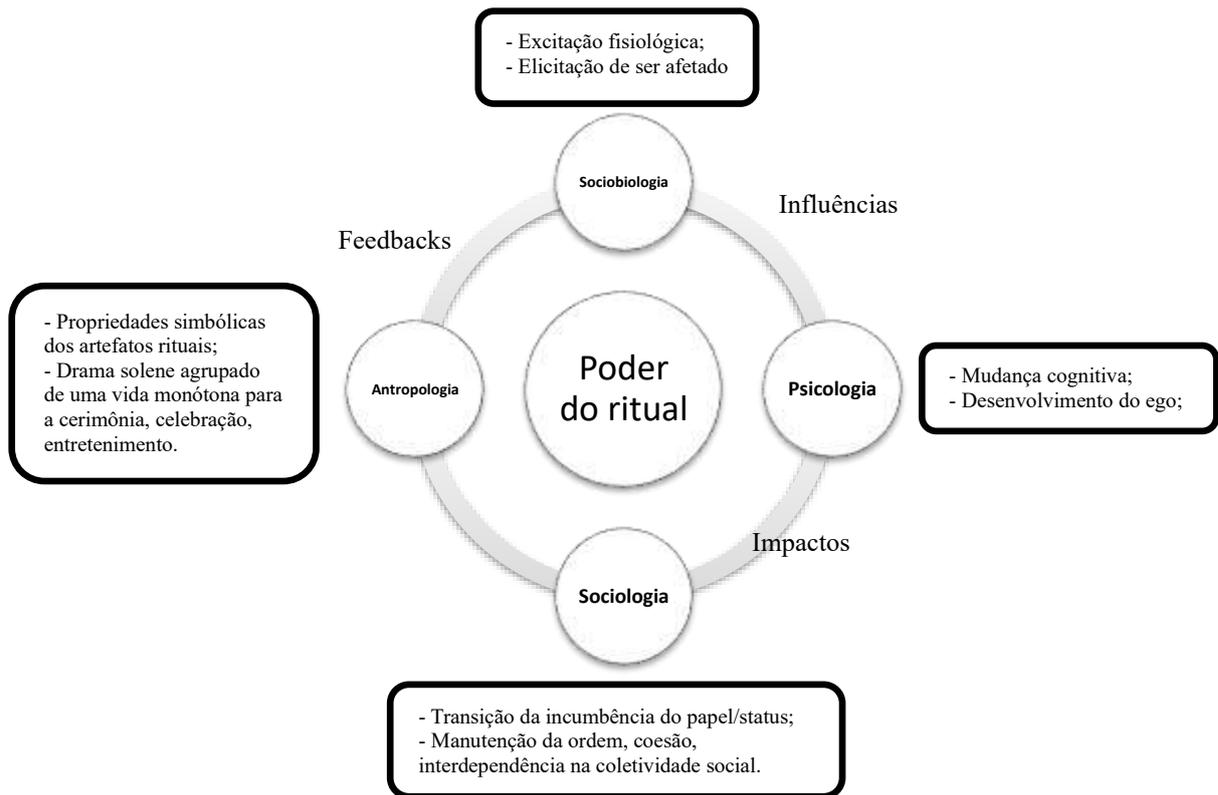


Figura 4 - O poder cíclico do ritual: perspectiva interdisciplinar

Fonte: adaptado de Tetreault e Kleine III (1990).

Contudo, o poder do ritual de acordo com Tetreault e Kleine III (1990) emerge do fato de que as fronteiras disciplinares tradicionais se dissolvem, resultando numa interação contínua das respostas emocionais, cognitivas e afetivas dos indivíduos, às suas interpretações idiossincráticas do engajamento de papéis socialmente definidos, que são demarcados uns dos outros por artefatos culturais que se tornam símbolos condensados para facilitar o engajamento ritual. Sendo o ritual um veículo através do qual o comportamento de consumo, com todas as suas qualidades multissensoriais, hedônicas, afetivas, cognitivas, sociais e culturais são plenamente reconhecidos (Tetreault & Kleine III, 1990).

2.2.5. Ritual e consumo

Muitos pesquisadores do comportamento do consumidor têm exortado que a construção ritual oferece um grande potencial para conceituação e interpretação de muitos aspectos dos fenômenos de consumo (Tetreault & Kleine III, 1990; Belk, 1979; Kehret, Ward, Johnson & Louie, 1985; McCracken, 1986, 1988; Rook & Levy, 1983; Solomon & Anand, 1985; Sherry, 1983), já que atividades ritualizadas e eventos que simbolizam experiências de vida importantes e significativas são regularmente praticados pelos consumidores (Ruth, 1995). Todavia, na

medida em que esses rituais estão sendo adaptados e adotados, são menos documentados e precisam de mais exploração (Tinson & Peter Nuttall, 2010).

A construção ritual oferece grande potencial para a interpretação de muitos aspectos dos fenômenos de consumo (Tetreault & Kleine III, 1990), logo, mais refinamentos na definição de Ritual são necessários para cristalizar a construção e distinção do ritual, embora essas construções possam de fato "representar conjuntos sobrepostos" (Rook 1985, p.252). Uma maior discriminação entre elas pode ser "útil" ou "apropriada" para fins de análise/pesquisa (Tetreault & Kleine III, 1990).

Embora os rituais permeiem a vida diária, eles passaram em grande parte despercebidos pelos profissionais de marketing (Solomon & Anand, 1985; Rook, 1984), pela falta de observação dos artefatos rituais consumidos (Rook, 1984), operacionalizados em sua capacidade simbólica para operacionalizar o ritual (Solomon & Anand, 1985; Parsons 1963).

2.2.6. Rito de passagem e o neófito

Os Ritos de passagem, ou ritos de iniciação, são uma forma significativa de ritual em nossa sociedade, eventos que marcam a transição do status social de um indivíduo (Solomon & Anand, 1985), e são estruturados para socializar o noviço, ou neófito, com os caminhos do grupo (Campbell, 1972). Sendo, portanto, o estado da liminaridade pertencente aos ritos de passagem, cabe aqui elucubrar as definições deste processo e salientar a interposição em relação ao estágio em que se pode encontrar o neófito.

Para a teoria de rito de passagem, é importante a noção de liminaridade ou transformação. Stephenson (2005) clarifica que a sociedade sendo composta e reconhecida por status de posições, promove o trabalho dos ritos de passagem para mover os indivíduos pelas posições sociais, transformando-os de um estado para o outro, como por exemplo, do estado de adolescente para adulto, de estar solteiro para o estado de casado. O autor complementa que a ênfase no processo de transformação na teoria significa ênfase na liminaridade, pois, esta fase liminar ou transitória de um rito de passagem é o que faz o trabalho de transformação do indivíduo, inclusive nos estágios onde são incluídas as passagens religiosas.

Na linguagem de Eliade (Stephenson, 2005), nos ritos de passagem, um indivíduo ritualmente morre para o estado antigo, entrando no útero de renovação e transformação, e retorna para o mundo renascido e refeito; implicitamente, liminaridade é o lugar onde o sagrado é encontrado, e por isso é mais importante do que a separação ou incorporação.

Os ritos de iniciação seriam entendidos então como meios fundamentais nos quais pessoas se transformam em humanos e o cosmo o faz sagrado, acreditando que a iniciação seria um fenômeno metacultural e trans-histórico (Eliade, 1958). Assim, a tendência de implicitamente ou explicitamente equacionar a liminaridade com o sagrado e o poder transformativo é para privilegiar o acesso e controle do homem ao sagrado (Stephenson, 2005).

Os trabalhos de Turner e Van Gennep geraram ricas teorias para o estudo do processo ritual, tendo o conceito de liminaridade como gerador e de longo alcance, ou seja, que abrange diversas áreas (Myerhoff, Camino & Turner, 2005). E os neófitos são os indivíduos que dão sentido ao estado das fronteiras e códigos sociais, que seriam representados como seres liminares ou pessoas que são vistas por liminares pela sociedade, os palhaços, poetas, *xamãs*, bobos da corte, trapaceiros, monges, curandeiros, etc.¹¹, e também podem se incluir movimentos sociais como cultos milenares e princípios sociais como os sistemas matriarcais e patriarcais (Stephenson, 2005; Myerhoff, Camino & Turner, 2005). São os "seres liminares" em posicionamentos ocupados tradicionalmente por homens (Stephenson, 2005) e não animais.

Como os neófitos rituais, não estão aqui e nem lá, ameaçando sua própria conceituação, estando, portanto, fora do lugar, eles seriam poderosos e misteriosos, os seres ou fases lineares fontes de renovação, inovação e criatividade (Myerhoff, Camino & Turner, 2005). Turner aponta que estes seres lineares viventes fora das normas e categorias fixas dos ditos sistemas sociais, possuem sentimento de similaridade e unidade emergente, e este sentido de unicidade ou até *communitas*, também possui estrutura, mesmo que seu propósito seja antiestrutural (Myerhoff, Camino & Turner, 2005).

Myerhoff, Camino e Turner (2005) complementam que os iniciados ou neófitos, seriam quase sempre separados da sociedade, e seus hábitos anteriores de agir, pensar e sentir acabam por serem arrancados, sendo, portanto, cortados de suas formas usuais de apreender o mundo, suas rotinas e suas formas habituais de se comunicar, sendo, portanto colocados em um estado altamente sugestionável para o processo de aprendizagem.

Mas o que encarrega de similaridade dos princípios e pessoas com neófitos na fase linear de um ritual de transição seriam os símbolos usados por eles sendo: similares, enfatizando inocência, renascimento, vulnerabilidade, fertilidades, mudança, emoção, paradoxo, desordem, anormalidade, oposição entre outros (Myerhoff, Camino & Turner, 2005). Pessoas que habitam sobre e entre as fronteiras que seriam, inclusive, designados tabus ou poluídos porque se

¹¹ Estes seres liminares, assim como os neófitos, são vistos pela sociedade como seres liminares, diferenciados das outras pessoas pelo papel social destacado que representam.

encontrariam fora do lugar socialmente estabelecido (Douglas, 1966).

São nos momentos de ansiedade ou crises de vida que ocorreriam estes ritos de passagem, com atenção voltada aos paradoxos humanos insolúveis, que produzem uma atmosfera mais suscetível para a aprendizagem do neófito (Myerhoff, Camino & Turner, 2005). De acordo com Eliade (1958), o neófito pode até se tornar a encarnação da totalidade, podendo alcançar a perfeição e pode transcender a irreduzível complementaridade quotidiana (Myerhoff, Camino & Turner, 2005).

A aprendizagem e a experiência através de ritual acontecem entendendo que qualquer atividade ritual ou ritos de passagem necessários para a existência humana são discutíveis. Contudo, deve-se compreender sua tarefa crucial de incutir as regras e os valores de uma sociedade para aqueles que estariam prestes a se tornarem seus membros de direito pleno (Myerhoff, Camino & Turner, 2005).

O fato dos ritos de passagem serem realizados, ou seja, carregados fisicamente e mentalmente, experienciados afetiva, subjetiva e cognitivamente, permite que eles representem o ponto crucial do ritual (Myerhoff, Camino & Turner, 2005); assim, em outros níveis mais profundos, menos verbais, menos cognitivos, as pessoas são movidas para entender algo sobre suas vidas e seus lugares dentro do cosmos quando promulgam o ritual.

Contudo, Myerhoff, Camino e Turner (2005) comentam que, na maioria das vezes, os antropólogos acabam falhando em lidar com as experiências dos participantes rituais, pois são experiências privadas (individuais), subjetivas, psicológicas, conscientes e até inconscientes, inclusive em seus esforços para explicar o ritual, e isso acaba representando uma enorme barreira para a compreensão do assunto, pois são muitas variáveis a serem contempladas, sendo necessária a abordagem interdisciplinar.

Complementando e ratificando esta importância, cabe aqui pontuar que existem autores que trabalharam, com emoção e aprendizagem em ritual na religião como Anthony Wallace (1966) em seu livro "*Religion: an Anthropological View*", no qual apresentou o conceito de "processo de aprendizagem ritual", trabalhando com o que ele chamou de "lei da dissociação", que compõe a ideia do por que o neófito foi colocado num estágio em que ele ou ela é então radicalmente dissociado do conhecimento passado antes de ser apresentado com mais informação, local novo onde a reestruturação cognitiva e afetiva seriam então facilitadas (Myerhoff, Camino & Turner, 2005). Existem, assim, várias fases deste tipo de aprendizagem:

pré-aprendizagem ou antecipação; separação (por meio de privação sensorial, os estímulos monótonos, estresse físico extremo, e similares); sugestão (alta sugestibilidade associada com transe e dissociação, às vezes tida como a conversão

ou a posse); execução (realização de uma nova estrutura cognitiva); e manutenção (através da repetição ou reforço), ocasionalmente envolvendo uma ressíntese. (Myerhoff, Camino & Turner, 2005).

Com a argumentação aqui postulada à lógica do ritual e o neófito como ponto principal, cabe então salientar os pormenores que direcionam a estrutura de pensamento relacionado ao contexto ritual que envolve o consumo e a religião.

2.2.7. Ritos e a religião

A noção do sagrado para Van Gennep (1969) é vista como uma rotação de bivalência da noção do sagrado, esta representação e os ritos que a correspondem, se caracterizam pelo fato de que é uma alternativa pois, pode mudar de acordo com a necessidade, uma hora se apresenta como sagrado e noutra contexto como profano, depende da aplicação de quem a utiliza. E sendo uma alternativa, o sagrado não é um valor absoluto, mas um valor que indica respectivas situações, pois, "um homem que vive em casa, em seu clã, vive no profano; vive no sagrado desde o momento em que parte de viagem e é, como um estrangeiro, nas proximidades de um campo de estranhos." (Gennep, 1969, p. 27, tradução livre).

No tocante às religiões, encontram-se *ritos de inversão* (de papéis), pelo menos nos estágios iniciais, em religiões de âmbito mais vasto do que o tribal (grupos maiores onde num contexto geral são um com o todo), principalmente durante os períodos de rápida e inédita mudança social, as quais por si mesmas têm atributos liminares, pode se encontrar a liminaridade da elevação de status, composto pelas seguintes características: encarecem a humildade, a paciência e a falta de importância das distinções de situação, propriedade, idade, sexo entre outras diferenças naturais e culturais, acentuam a união mística, numinosidade e a "communitas" indiferenciada (Turner, 1974). Esta relação se dá "porque muitas delas consideram que esta vida representa uma fase liminar", principalmente no tocante a "ritos funerários a preparação para o reagrupamento dos iniciantes a um nível mais alto, ou a um plano mais elevado de existência, como o céu ou o nirvana." (Turner, 1974, p. 228). Ainda, outros movimentos religiosos, complementa Turner (1974, p.228), revelam muitos dos atributos dos rituais rústicos e tribais de reversão de status, onde a "liminaridade da reversão não tem tanto por efeito eliminar quanto sublinhar as distinções estruturais, chegando até ao ponto (em geral inconsciente) de caricaturar", e "essas religiões distinguem-se pela acentuação dada à diferenciação funcional na esfera religiosa, e a reversão religiosa do "status" secular".

Diante deste panorama teórico/empírico do ritual de passagem, convém mencionar aspectos ligados aos rituais de consumo na religião, pois é na experiência ritual humana que se encontraria uma das mais ricas fontes dos sistemas de crenças cosmológicas de uma cultura (Rook, 2007). Tendo como premissa as discussões primárias do comportamento ritual humano que enfatizavam a relação com a religião formal, conforme demonstrado nos estudos de Tylor (1871), que descreveu o ritual como uma linguagem gestual da teologia, com Smith (1989) que teria sugerido a representação ritual sendo simbolicamente mais importante do que a crença de uma determinada teologia, ou Eliade (1965), que pontuou a dimensão cosmológica do ritual, onde os rituais seriam encenações de protótipos sagrados, e até mesmo Geertz (1968) que teria explicado como as práticas rituais solidificariam as doutrinas religiosas (Rook, 2007), tais autores possibilitaram a interligação entre os rituais e a religião em seus estudos.

Ainda, Clifford Geertz (1968, p. 669) teria descrito que é no ritual que, de alguma forma, "se gera (sic.) a convicção de que as concepções religiosas são verdadeiras e as diretrizes religiosas são sólidas. É em alguma forma de cerimonial (...) que os humores e motivações que os símbolos sagrados induzem nos homens (...) encontram-se e reforçam-se mutuamente."

Enfim, essa associação entre o ritual e o propósito religioso tem forte expressão ao ponto que a análise dessas áreas se intercorre continuamente (Rook, 2007; Moore & Myerhoff, 1977). Mas mesmo que os rituais religiosos sejam documentados extensivamente, os intérpretes restringem a expressão ritual de maneira excessivamente insuficiente, limitando-a aos ambientes religiosos (Rook, 2007) e não aos indivíduos. Assim, a expressão que envolve o ritual, pode se expandir adiante de contexto específico, como o estudo do neófito religioso e sua passagem pela liminaridade.

Um resumo descritivo foi elaborado com vistas facilitar a visualização dos ritos, conforme Apêndice D. E para uma plena compreensão do cerne do objeto ou artefato a ser compreendido nesta pesquisa, é necessário enquadrar à área de pesquisa que engloba esta tese. Assim, em seguida será descrita a cultura de consumo e os pressupostos que envolvem seu histórico para pontuar a ideia deste diante da sociedade pós-moderna e pós-industrial com vistas a esclarecer o ponto de coesão entre o consumo e liminaridade, pois, o consumo é a representação apropriada da cultura e sua evolução nas sociedades contemporâneas.

2.3. Cultura de consumo

Para o entendimento dos pressupostos que serão pesquisados, será abordada a questão da natureza da cultura do consumidor, recuperando a visão da sociedade do consumo e antropologia do consumo. Em seguida, será situada a Cultura do Consumidor. Essa literatura servirá como auxiliar ao entendimento do fenômeno investigado e aonde situá-la nas pesquisas de cultura de consumo, bem como, diante da complexidade do tema, serão pontuadas discussões sobre o consumidor transicional ou liminar na religião.

Em relação à sugestão de direcionamentos de pesquisas, Livia Barbosa já postulava no ano de 2004, no livro *Sociedade de Consumo*, que as pesquisas sobre consumo e sociedade de consumo eram incipientes e que se baseavam em literatura estrangeira, com o uso de Adorno, Horkheimer, Marcuse, Jameson, Bauman e Baudrillard, nos quais, inclusive, não se cogitava que as implicações tanto filosóficas como as características das sociedades de consumo pudessem receber outras interpretações lateralizadas pela cultura específica de cada país e em alguns casos vistos como cultura de uma sociedade pós-moderna. Visões que de outra forma foram asseguradas por estudos de Mary Douglas, Daniele Miller, Slater, McCracken, Campbell, Bourdieu onde partem da prerrogativa de que o consumo se conecta com outras esferas da experiência humana, sendo, portanto uma "'janela' para o entendimento de múltiplos processos sociais e culturais" (Barbosa, 2004, p. 11).

No caso específico do Brasil, existiam, até então, poucas pesquisas que detinham informações sobre assuntos relacionados ao consumo de modo geral, como por exemplo, "a moda como um fenômeno social típico das sociedades modernas, consumo cultural, religioso, alimentar ou mesmo a relação importante da atualidade entre consumo e cidadania e as fontes de autoridade do consumidor", com pesquisas voltadas ao estudo de grupos específicos como trabalhadores, índios, camponeses, etc. (Barbosa, 2004, p. 61).

2.3.1. Consumo, Sociedade do Consumo e Cultura de Consumo

A sociedade desenvolveu-se a partir do consumo mais acentuado de produtos que traziam demarcação de distinção nos últimos quatro séculos, porém, muitos autores não conseguem delimitar especificamente quando se atentou para o processo da era do consumo comum. Todavia, entende-se que o consumo, como sempre existiu, leva ao que se chama 'sociedade de consumo' e desencadeou o entendimento da 'cultura de consumo', nomenclaturas

estas cunhadas para subscrever o caminho pontuado pelos autores da escola do pensamento de marketing, conforme delimitado a seguir.

O consumo surge como tema importante para aqueles que desejam entender a sociedade, precisamente porque apresenta um aspecto do cotidiano inquestionável, e é esse aspecto inquestionável que sugere que o indivíduo está em uma cultura de consumo, pois enquanto o consumo é um ato, a cultura do consumidor é um modo de vida (Goodman & Cohen, 2004). Inclusive, os autores afirmam poder falar de uma cultura sempre que se falar sobre uma comunidade como um agente ou uma intenção, porém, esta mesma noção de cultura é mais do que uma generalização conveniente, é um termo indicativo de valores e práticas que os indivíduos podem rejeitar, mas geralmente com um preço a pagar por uma reação negativa da sociedade, advinda de uma espécie de controle social.

O consumo sempre ocorreu, mas nas sociedades anteriores era principalmente um reflexo de outros valores, como sistemas de parentesco ou formas de hierarquia diferente da sociedade moderna, na qual se aprende simplesmente a consumir, como um valor central, que faz da corrente de pensamento atual uma cultura de consumo, sendo, portanto, um valor cultural (Goodman & Cohen, 2004). Logo, dizer que se é uma cultura de consumo significa que nossos valores compartilhados centrais têm a ver com o mesmo, mas isso não quer dizer que a religião e a alta cultura¹² tenham desaparecido de nossa sociedade, mas se tornaram instâncias da cultura de consumo (Goodman & Cohen, 2004).

O termo cultura busca descrever um tipo de vida particular, que expressa certos significados e valores não somente em arte e aprendizado, mas também em instituições e comportamentos ordinários (Williams, 1965). Portanto, no consumo pela visão antropológica, homens e objetos passam a adquirir sentido e produzem significações que podem levar a aproximações e/ou distinções sociais, sendo, portanto os objetos que externalizam a presença e/ou ausência de suas identidades, de visão de mundo ou até mesmo do estilo de vida, seja pelo uso de artefatos de vestuário, alimentos e bebidas entre outros (Rocha, 1995; Pinto & Lara, 2011). Estes produtos não são consumidos de forma neutra, mas sim foram antropomorfizados e levaram seus próprios atributos aos consumidores (Rocha, 1995; Douglas & Isherwood, 2006).

Para Jean Baudrillard, o consumo seria uma atividade sistemática de manipulação dos significados, que enfatiza a expressividade e não os aspectos funcionais, ou seja, neste caso, a

¹² Alta cultura ou *high brow* é a denominação dada ao conjunto de produtos de valores culturais superiores; Baixa cultura ou *low brow* é a denominação dada ao conjunto de produtos de valores culturais populares, de massa.

mercadoria seria o próprio significado (reificação ou coisificação), conferindo inclusive sentido de elemento de discriminação e diferenciação social (Baudrillard, 2005). Assim, a compra, a venda, a circulação e a apropriação de bens e de objetos ou signos diferenciados, constituem atualmente tanto a linguagem quanto o código social, por onde a sociedade se comunica, estrutura o consumo e a tem como sua língua, para a qual as necessidades e os prazeres individuais não passariam de efeitos de palavras (Baudrillard, 2005). Entende-se então que os objetos foram assimilados como códigos comunicantes de significados sociais (riqueza, pobreza, distinções gerais), sendo o consumo o tradutor da linguagem dos prazeres individuais.

Bourdieu (1979) ressalva que o consumo pode representar uma forma de construir uma identificação, seja por um indivíduo isoladamente, seja por um grupo de indivíduos, que busca exprimir-se por meio de sua capacidade de consumo. Desse modo, o consumo pode representar uma forma de distinção social a partir dos hábitos de compra dos consumidores, logo, a dimensão cultural do consumo se mostra na construção e na afirmação de identidades, assim como na diferenciação que liga as relações e práticas sociais (Barbosa, 2004). Assim, o consumo passa a possuir:

(...) importância tanto ideológica quanto prática no mundo em que vivemos. O consumo é algo ativo e constante em nosso cotidiano e ele desempenha um papel central como estruturador de valores que constroem identidades, regulam relações sociais, definem mapas culturais. (...) O consumo de produtos e serviços (...) é público e, portanto, reitera sua significação, elabora sua ideologia e realiza seu destino na esfera coletiva, existindo como tal por ser algo culturalmente compartilhado. (Rocha, 2006, p.8)

Seguindo a noção histórica de consumo, a segunda onda de posicionamento foi o reconhecimento da sociedade enquanto 'sociedade de consumo'. Não se tem a definição de quando exatamente no tempo foi identificada, mas se sabe que variou entre os sécs. XVI e XVIII, quando foram identificadas e consideradas algumas mudanças sociais (ex. vestimenta, arquitetura, literatura, etc.) que ocorreram neste tempo (Barbosa, 2004). A autora afirma que uma das mudanças foi a cultura material, que afetou tanto a quantidade quanto a modalidade dos itens disponíveis, aparecendo "novas mercadorias no cotidiano de diversos segmentos sociais, fruto da expansão ocidental para o oriente", dentre elas, botões, alfinetes, fitas, rendas, brinquedos, veludos, louça, cadarço para calçados, jogos, plantas ornamentais, bebidas, produtos de beleza, etc. (Barbosa, 2004, p. 19).

Outra mudança que Barbosa (2004) pontua, seria referente à dimensão cultural de forma particularizada, com o aparecimento de vários direcionamentos relativos à individualização nas ações afloradas com o aumento na literalidade da população, a prática da leitura silenciosa e individual (diferente da leitura pública), a preocupação com as novas formas de lazer, o

aparecimento do romance ficcional moderno e a construção do amor romântico, construção de uma nova subjetividade e a expansão da ideologia individualista. E a mudança final a qual ela se refere, encontra-se no desenvolvimento de novos processos e modalidades de consumo junto aos sistemas e práticas de comercialização que visavam atingir novos mercados de consumidores (Barbosa, 2004), como os novos ricos.

Levando à classificação das principais distinções e discussões entre a cultura de consumo e a sociedade de consumo, demarcando a propensão identitária individualista do consumo moderno (Quadro 6).

SOCIEDADE DE CONSUMO	CULTURA DE CONSUMO
Sociedade capitalista e de mercado	Ideologia individualista
Acumulação de cultura material sob a forma de mercadorias e serviços	Valorização da noção de liberdade e escolha individual
Compra como a principal forma de aquisição de bens e serviços	Insaciabilidade
Consumo de massas e para as massas	Consumo como a principal forma de reprodução de comunicação social
Altas taxas de consumo individual	Cidadania expressa na linguagem de consumo
Taxa de descarte das mercadorias quase tão grande quanto à de aquisição	Fim da distinção entre alta e baixa cultura
Consumo de moda (novidade)	Signo como mercadoria
Consumidor como um agente social e legalmente reconhecido nas transações econômicas	Estetização e comoditização da realidade

Quadro 6 - Características da Sociedade de consumo e da Cultura de Consumo

Fonte: adaptado de Barbosa (2004).

As teorias da sociedade de consumo somente dizem respeito à natureza da realidade social, mapeando e analisando a característica atribuída como específica a ela, cogitando, inclusive, sobre o consumo desempenhar um papel importante na sociedade contemporânea ocidental, porém, as teorias que pautam o consumo inquiram sobre outras dimensões da vida social, representando níveis analíticos distintos desta realidade (Barbosa, 2004).

Portanto, as teorias sobre o consumo, delineadas pela autora, buscam responder quais seriam,

Os processos sociais e subjetivos que estão na raiz da escolha de bens e serviços; quais são os valores, as práticas, os mecanismos de fruição e os processos de mediação social a que se presta o consumo; qual o impacto da cultura material na vida das pessoas e, ainda, como o consumo se conecta a outros aspectos da vida social, etc. (Barbosa, 2004, p. 29).

Neste entendimento, é pautada a teoria do consumo, tendo como precursor Thorstein Veblen, mas Don Slater é quem relaciona a sociedade e a cultura do consumidor com a modernidade, e presume que a cultura do consumidor (*consumer culture*) é, portanto, uma

cultura de consumo (*culture of consumption*) e o modo dominante de reprodução social desenvolvido no ocidente ao longo da modernidade, e mesmo que não tenha sido o único, relaciona-se com valores, práticas e instituições tais como o processo de escolha, o individualismo e as relações de mercado (Barbosa, 2004).

Barbosa (2004, p.31) indica que Don Slater volta-se para os arranjos sociais, nos quais "as relações, estruturas, sistemas e instituições no interior dos quais nossos desejos e necessidades e a organização social dos recursos disponíveis se definem mutuamente" e se concentra em definir a cultura do consumidor por 'indicadores sociológicos' da história dos tempos modernos, sendo estes (Quadro 7):

INDICADORES SOCIOLÓGICOS
A cultura do consumidor é uma cultura de consumo de uma sociedade de mercado, com o foco do mundo moderno da vida social no consumo.
A cultura do consumidor é a cultura de uma sociedade de mercado, onde os produtos foram produzidos especificamente para serem vendidos no mercado.
A cultura do consumidor é universal e impessoal, pois as mercadorias são produzidas para um mercado de massa.
A cultura do consumidor identifica liberdade com escolha e vida íntima, pois ser um consumidor é mais fazer escolhas do que comprar.
As necessidades dos consumidores são ilimitadas e insaciáveis como consequência da personalização dos desejos e da exigência do sistema capitalista para a sua própria sobrevivência.
A cultura do consumidor é a forma privilegiada para negociar a identidade e status em uma sociedade pós-tradicional, pois a identidade social é agora construída pelos indivíduos a partir de suas escolhas individuais e não pelas leis suntuárias.
A cultura de consumo representa a importância crescente da cultura no exercício do poder de escolha do indivíduo.

Quadro 7 - Indicadores Sociológicos da Cultura do Consumidor

Fonte: adaptado de Barbosa (2004).

Associando o contexto da vida íntima individual do sujeito à sociedade de mercado do mundo moderno pontuado pelo consumo, é necessário compreender esta mudança e direcionamento do pensamento de marketing e consumo e, logo, convém determinar e pontuar estes estudos e seus direcionamentos teóricos e práticos, assim, vários autores e instituições (Arnould & Thompson, 2005) clamaram pelo direito de definição do surgimento dos estudos de cultura de consumo, ao que a academia refere como premissa estabelecer teses do possível surgimento desses estudos.

O direcionamento central da cultura do consumo seria a forma pela qual a teoria articula aspectos explicando como as pessoas devem e querem viver de acordo com a forma de organização da sociedade no cotidiano, como por exemplo, a identificação da estrutura material e simbólica dos lugares onde as pessoas vivem e o modo de se viver nesses lugares, o que ingerem, as roupas que utilizam, as desigualdades e os tipos de escassez que sofrem (Slater,

2002). Uma vez que o consumo é moldado em todos os sentidos por considerações culturais, os consumidores passam a utilizar o próprio significado dos bens de consumo com vistas a expressar as categorias e os princípios culturais, e também cultivar ideias, criar e manter estilos de vida, (re)construir noções de si mesmos e sobreviver às mudanças sociais (McCracken, 2003).

Portanto, a indicação histórica prévia da teoria de consumo, indica assim, que o consumo faz parte do cotidiano social do aspecto que existe porque existe o indivíduo que consome, criando ou sendo criado por sua formação social cultural.

2.3.2. Consumo simbólico e consumo transicional (threshold).

Este tópico existe para explicar o consumo simbólico e o consumo transicional. O texto é iniciado com a explicação do símbolo ritual, ou seja, da explicação ritual, seguida pela explanação das pesquisas sobre consumo e religião. Que trarão representação teórica para o que se estudam em termos de consumo, ritos e religião.

2.3.2.1. Símbolo ritual

O ritual é um contexto sociocultural e situacional característico, é impregnado de crenças e valores, onde os símbolos exercem "eficácia plena como articuladores de percepções e de classificações, tornando-se fatores capazes de impelir e organizar a ação e a experiência humanas e de revelar os temas culturais subjacentes" (Cavalcanti, 2012, p. 119).

O símbolo ritual é a unidade mínima do comportamento ritual, o símbolo é, em si mesmo, polifônico e multivocal, assim, "o símbolo ritual efetua um intercâmbio de qualidades entre os seus polos de significação – normas e valores de um lado se saturam de qualidade emocional e emoções básicas e grosseiras se enobrecem em contato com os valores sociais" (Turner, 2005, p.61). Para Turner os símbolos sempre serão objetos concretos que são situados entre outros símbolos e funcionam plenamente ao contexto ritual, pois:

- 1) os símbolos têm múltiplos referentes; 2) o símbolo promove a unificação desses sentidos diversos através de analogias, deslocamentos e cadeias associativas; 3) os símbolos condensam diferentes ações, objetos e representações; 4) os diferentes

significados do símbolo tendem a se organizar em torno da polaridade orético *versus* ideológico¹³. (Cavalcanti, 2012, p. 121).

Os "níveis de exegese tão importantes na metodologia da análise simbólica proposta por Turner" (Cavalcanti, 2012) que abrangem:

- 1) a descrição da forma externa e concreta do símbolo, de sua materialidade;
- 2) a exegese nativa;
- 3) os contextos de uso observados pelo antropólogo, onde se situam a dimensão operacional – a maneira como se usa o símbolo no curso da ação; e aquela posicional – a relação de um símbolo com outros símbolos rituais. (Cavalcanti, 2012, p. 118)

O consumo transicional ou na fase de transição do indivíduo é o ponto teórico em que culmina a relação da passagem do estado de liminaridade, ou seja, que interligaria a noção de transição e consumo, tema procurando estudar o contexto do consumo nas fases de transição. Desta maneira, este ato durante a liminaridade é complexo, visando tanto incitar quanto aliviar a ambivalência durante a transição de papel (Ogle, Tyner & Schofield-Tomschin, 2013).

Para o Voice Group (2008), o *consumo em transição* remonta à noção de liminaridade, assim, ao que se chama de consumidores em transição é contribuição à junção da pesquisa de consumo simbólico e construção de identidade (Hogg, Maclaren & Curasi, 2003). Dentre as pesquisas que tratam do consumo em transição estariam a identidade de novas mães (Fischer & Gainer, 1993; Jennings & O'Malley, 2003; Prothero, 2002; Carrigan & Sczmigin, 2004; Thomsen & Sørensen, 2006; Banister & Hogg, 2006), as mães ninho vazio (Hogg, Maclaren & Curasi, 2003; Hogg et al., 2004; Curasi, Hogg & Maclaren, 2001; Olsen, 1999), estados de divórcio (Bates & Gentry, 1994; Burroughs & Rindfleisch, 1997), funerais de membros da família (Bonsu & Belk, 2003), o consumo em transições específicas como o de cirurgias plásticas como novo papel de vida (Schouten, 1991), os usos do corpo e as diferentes formas de sociabilidade no tocante à estética corporal nas camadas populares (Novaes, 2010), o discurso de uma educação reguladora dos corpos e licenciada pelo coletivo (Novaes, 2006), a aquisição de um novo bem contribuindo ao desenvolvimento de novas identidades (Noble & Walker 1997; Solomon & Anand, 1985; Thomsen & Sørensen, 2006), alienação de bens como símbolo do findar de etapas da vida (Young 1991; Adelman, 1992; Price, Arnould & Curasi, 2000), e alívio aos desconfortos relacionados com perturbações de função (Solomon, 1983).

Para Noble e Walker (1997, p.32) as transições liminares seriam como:

uma mudança em um papel de vida significativo marcado por um período de transição ou liminar durante o qual as (a) identidades pessoais estão suspensas, produzindo consequências psicológicas significativas, e o (b) consumo simbólico pode ser usado

¹³ O polo orético ou sensorial do símbolo possui as qualidades dos símbolos de condensação, sendo saturados de emoção e cheios de associações inconscientes; Já o polo ideológico ou normativo, agrega o "simbolismo referencial, alusivo às normas e aos valores sociais e ideológicos conhecidos, como a harmonia e coesão idealizados pelas normas" (Cavalcanti, 2012, p. 118).

para facilitar a transição para o novo papel. (Noble & Walker, 1997, p.32)

Os autores ainda referem que tais consequências psicológicas seriam o papel da incerteza e da discrepância entre o eu real e o ideal, trazendo desconforto psicológico limitado em seu rastro ou caminho, levando ao entendimento de que quanto mais significativa for a transição, mais provável é que o consumo será utilizado para facilitar a transição para o novo papel ao reduzir a incerteza ou diminuir a lacuna existente entre o eu real e o ideal (Solomon, 1983; Voice Group, 2008).

2.3.3. Consumo e religião

O universo simbólico possibilita a ordenação das diferentes fases da biografia individual, e é nas sociedades primitivas que os ritos de passagem representam a função nômica em forma prístina ou primária (Berger & Luckmann, 1966).

O universo simbólico é concebido como a matriz de todos os significados com objetivação social e é visto como ação da vida real ao nível subjetivo, "portanto toda a sociedade histórica e toda a biografia do indivíduo são vistas como acontecimentos que se passam dentro deste universo." (Berger & Luckmann, 1966, p. 105). Inclusive as situações marginais da vida do indivíduo, não estão incluídas na realidade da existência quotidiana da sociedade, mas são abrangidas pelo universo simbólico, logo, o universo simbólico vai sendo construído através de objetivações sociais que extrapolam o domínio da vida social, pois a sua capacidade de atribuição de significações pode fazer o indivíduo situar-se nele, mesmo nas experiências mais solitárias (Berger & Luckmann, 1966) como o processo de transição liminar do neófito. A religião é a representação mais veemente do universo simbólico do indivíduo, seja no contexto social, como no contexto individual.

O conceito de religião na pesquisa do consumidor atuaria necessariamente em dois componentes gerais de religiosidade: filiação religiosa e compromisso religioso (Swimberghe, Sharma & Flurry, 2009). Caberia salientar que a medição original do compromisso religioso envolveria um componente cognitivo e um comportamental (Swimberghe, Sharma & Flurry, 2009), sendo parte saliente em pesquisas da cultura de consumo.

Outro ponto abordado pelos estudos do consumo em religião remonta ao sagrado e o profano no comportamento do consumidor. Dentre as pesquisas, tem-se o consumo como um veículo para experimentar o sagrado (Belk, Wallendorf & Sherry, 1989). Neste sentido, Belk, Wallendorf e Sherry (1989) trataram da experiência do sagrado ou sacralização (ritual, peregrinação, herança, etc.), perpetuação do sagrado (rituais, legados, etc.) e dessacralização

(racionalização, não separação do sagrado e profano, rituais de investimentos intencionais, perda do objeto sagrado, etc.); venda de bens sagrados (Belk, Sherry & Wallendorf, 1988), sacralização de parque com a temática religiosa (O'Guinn & Belk, 1989), filiação religiosa que afetam critérios usados para tomada de decisão de compra (Hirschman, 1985), significados sagrados do dinheiro (Belk & Wallendorf, 1990; Hirschman, 1988), distinção do sagrado "envolvendo a experiência de um indivíduo com a religião, espiritualidade, adoração, e Deus" (Iacobucci, 2001; Rinallo, Scott & Maclaran, 2012). Acrescentando, Rinallo, Scott e Maclaran (2012) identificaram em sua pesquisa a ideia da noção de 'culto à marca' e identificaram os mitos de sustentação que fundamentam o aspecto religioso do consumo de produtos Macintosh (Belk & Tumbat, 2005), outros estudos trazem sugestões de como criar cultos à marca e transformar clientes em "verdadeiros crentes" (Atkin, 2004; Ragas & Bueno, 2002), estudos teológicos sobre a cultura popular (Ostwalt, 2003), experiências transcendentais pela prática de consumo sagrado (Rinallo, 2009), e também ilustração de como a necessidade humana por espiritualidade e transcendência pode ser encontrada em atividades culturais e de consumo popular (Belk, Wallendorf & Sherry, 1989).

Para alguns pesquisadores, as crenças religiosas e espirituais seriam reificadas na cultura material (Mcdannell, 1995; Morgan, 1999; Moore, 1995) por meio de "imagens sagradas, objetos devocionais e litúrgicos, edifícios e outros lugares de culto, obras de arte, bens de consumo produzidos em massa e de entretenimento, produtos e as práticas em torno desses objetos materiais (rituais, cerimônias, oração, mediação, display, peregrinação, adoração, mágica, estudo, etc.)" (Rinallo, Scott & Maclaran, 2012, p.6). Ou seja, os objetos materiais transformam a religião e a espiritualidade, objetos abstratos ou ideias em realidade concreta pela coisificação.

Os autores acrescentam ainda visões negativas dos estudos de religião como, por exemplo, de mau gosto e materialismo espiritual no movimento New Age (Rindfleish, 2005; Trungpa, 1973), superstição como excesso de crença (Kramer & Block, 2008; Mowen & Carlson, 2003) e pensamento mágico no comportamento do consumidor (Arnould et AL., 1999; Fernandez & Lastovicka, 2011; St. James et al., 2011).

Diante deste panorama, para Belk, Wallendorf e Sherry (1989), os aspectos sagrados do comportamento do consumidor podem ser descritos e interpretados para aumentar a compreensão do campo do comportamento do consumidor, e esta construção ajuda na legitimação de metáforas e construção com base na religião, espiritualidade e na pesquisa de consumo posterior (Rinallo, Scott & Maclaran, 2012).

3. Procedimentos metodológicos

Este trabalho buscou compreender o âmbito da cultura de consumo de neófitos protestantes pertencentes à igreja Comunidade Alcance. Os trabalhos que compreendem esta estrutura de pensamento são carregados de aspectos envolvendo antropologia e sociologia e carecem de direcionamentos específicos qualitativos e exploratórios. Esta pesquisa teve como premissa o pensamento paradigmático filosófico interpretativo, como requisito preponderante às pesquisas com tal estrutura. A pesquisa utilizou como método a modalidade etnográfica, incorporando multi método de coleta de dados, característica das perspectivas de pesquisas em Teoria da Cultura do Consumidor (CCT).

3.1. Delineamento da Pesquisa e modelo conceitual

A pesquisa de natureza qualitativa é o espaço metodológico ou postura epistemológica na qual caminha esta pesquisa, ela deve ser desenvolvida dentro de um campo histórico complexo, é uma “atividade situada que localiza o observador no mundo” (Denzin & Lincoln, 2005, p.3). A pesquisa qualitativa é aquela que facilita a compreensão de um fenômeno social, Richardson (1989) articula que estes estudos podem descrever a complexidade de determinado problema ou situação, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, podendo contribuir para o processo de mudança de determinado grupo e possibilitar mais profundidade no entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. Além disso, a pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificada, trabalhando com o universo de significados tais como motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (Minayo & Sanches, 1993), inerentes ao universo dos indivíduos.

O caminho descritivo, enquanto objetivo de pesquisa é a estratégia que melhor se adapta à necessidade de conhecer um novo contexto, ou contextos que envolvam a etnografia. Uma vez que esta pesquisa se propõe a descrever o saber científico em forma a pormenorizá-lo sem que se perca seu contexto, busca então, descrever as características de determinado fenômeno (ou população), e estabelecer relações entre variáveis e categorias de análise (Gil, 1999). Os fins descritivos enquanto pesquisa visam à descrição de características de determinada população ou fenômeno, ou mesmo a classificação da relação entre as variáveis com a intenção de descobrir características específicas do fenômeno estudado (Richardson et al., 1989). As

pesquisas descritivas são marcadas pela formulação antecedente de hipóteses específicas, descrevendo as características ou mesmo funções organizacionais e envolvendo um estudo pré-planejado e estruturado (Malhotra, 2001).

Desta forma, se pode estabelecer uma estrutura de pesquisa que emane a realidade do fazer científico descritivo. O Apêndice I demonstra o processo em que a descrição enquanto caminho de pesquisa pode andar.

A afiliação paradigmática, utilizada nas pesquisas da cultura de consumo é, eminentemente, mas não geralmente, interpretativa. O paradigma interpretativista é baseado na visão de que a realidade social não existe em qualquer sentido concreto, mas é um produto da experiência subjetiva e intersubjetiva dos indivíduos (Burrell & Morgan, 1979), pelo qual a realidade é vista como socialmente construída, sob o ponto de vista daqueles que vivenciam o mundo. O interpretacionismo é um processo investigativo de compreensão da realidade baseado em distintas tradições metodológicas que exploram problemas sociais ou humanos (Creswell, 1998), com o qual "o pesquisador elabora uma imagem holística e complexa, analisa textos, coleta visões detalhadas dos sujeitos de pesquisa e conduz um estudo com "atitude natural"" (Rocha-pinto, Freitas & Maisonnave, 2010, p.3), explorando a experiência interativa humana, visualizando os padrões emergentes do mundo dos indivíduos pesquisados à medida que eles surgem (Remenyi et al., 1998).

Assim sendo, o objetivo do interpretativismo é compreender a produção real (como é produzido em sua ação em ocorrência) dos significados e conceitos usados por atores sociais no local onde eles interagem (Gephart, 2004). O pesquisador então interpreta o mundo explicado por quem o vivenciou e, por isso a interpretação tem caráter preponderante para construir uma leitura adequada dos significados, sendo a oferta da construção do pesquisador a partir da construção dos atores que estão sendo estudados (Schwandt, 1994). São as interpretações dadas que recebem maior valor, logo, no mundo social estão os significados atribuídos pelas pessoas, tanto para objetos quanto para as situações relevantes que recebem importância (Hatch & Yanow, 2003). Ademais, a realidade não é dada *a priori*, mas sim construída a partir das interações dos indivíduos que entendem a realidade com base nas interpretações feitas das situações vividas por eles mesmos (Hatch & Yanow, 2003).

Neste sentido, entende-se então que esta pesquisa está direcionada de acordo com a antropologia interpretativa da realidade do indivíduo sendo interpretativa, ela resiste a articulação conceitual, tecendo suas próprias argumentações autovalidante em sua essência,

O pecado obstruidor das abordagens interpretativistas de qualquer coisa - literatura, sonhos, sintomas, culturas - é que elas tendem a resistir, ou lhes é permitido resistir, à

articulação conceitual e, assim, escapar a modos de avaliação sistemáticos. Tendo você apreendido uma interpretação ou não, vê o ponto fundamental dela ou não, aceita-a ou não. Aprisionando na imediação de seu próprio detalhe, ela é apresentada como auto validante ou, o que é pior, com a validade pelas sensibilidades supostamente desenvolvidas da pessoa que a apresenta; qualquer tentativa de ver o que ela é em termos diferentes do seu próprio é vista como um travesti - como etnocêntrico, o termo mais severo do antropólogo para o abuso moral. (Geertz 1989, p.17).

Logo, o papel do pesquisador é centrado em responder a intenção de pesquisa, não de responder questões profundas de interpretações, mas, "colocar à nossa disposição as respostas que outros deram - apascentando outros carneiros em outros vales - e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que o homem falou" (Geertz, 1989, p.41).

Portanto, a afiliação paradigmática remete a realidade contada pelos indivíduos mais claramente em conforme as estruturas metodológicas da etnografia.

3.1.1 Etnografia

A etnografia surgiu a partir dos estudos efetuados na área de antropologia. Os Antropólogos do final do século XIX começaram a integrar expedições científicas, com oportunidade para observar, fotografar e registrar o contato com populações indígenas. E foi em 1914 que o antropólogo polonês Bronislaw Malinowski deu início à aplicação do método. Malinowski chegou na Melanésia e ficou nas ilhas Trobriand vivendo entre o trobrianeses por 3 anos. Durante este tempo, teve que aprender o idioma nativo e vivenciou situações cotidianas do grupo fazendo registros fotográficos, coletou notas de campo em seu diário que em 1922, que se tornaram a essência de seu livro mais reconhecido o "Argonautas do Pacífico Ocidental". Assim fora criada a primeira roupagem teórico metodológica do método etnográfico.

Erroneamente considerado como a própria antropologia, o método etnográfico foi anexado a estrutura da antropologia social, de maneira a confundir alguns desconhecidos do campo da antropologia por ser a representação mais clara da pesquisa da cultura dos povos (Ingold, 2011). Com interesse especial em cultura, a própria palavra etnografia significa a "escrita da cultura" de um povo (Pettigrew, 2000), é o Registro ou estudo descritivo da cultura material de um povo (Peirano, 1995), estuda os processos de interação social e a importância para a prática etnográfica está centrada na experiência direta e prolongada do pesquisador, na observação detalhada e na precisão e sensibilidade na realização da pesquisa (Ingold, 2008).

Além de ser reconhecida como nomenclatura de método Etnográfico por Malinowski e Geertz, é vista como Prática descritiva por Ingold e Teoria vivida por Peirano. Sua essência está

centralizada em “apreender o ponto de vista dos nativos, seu relacionamento com a vida, sua visão do seu mundo. É nossa tarefa estudar o homem e devemos, portanto, estudar tudo aquilo que mais intimamente lhe diz respeito, ou seja, o domínio que a vida exerce sobre ele” (Malinowski, 1978; 1976; 1922).

É um modo específico de investigação idiográfica, diferida da pesquisa da área de história e da arqueologia no que diz respeito à observação direta de povos atuais, pois, ao invés de registros escritos ou do achado de restos materiais atestando as atividades de povos no passado (Ingold, 2011; 2008), ela descreve a cultura a partir da participação do observador no cotidiano do indivíduo pesquisado. Tendo como premissa descrever a vida do outro, de maneira acurada e sensível, guiada por um processo de observação detalhada e da ‘experienciação’ da realidade do outro (Ingold, 2011; 2008).

Pode ser percebida também como a “descrição densa” (*thick description*) da experiência cultural (Geertz, 1978), ou seja, uma investigação efetuada “por dentro” da realidade do grupo, detendo assim, um conhecimento científico gerado a partir do ponto de vista do nativo (Rocha & Rocha, 2007), e do pesquisador como nativo. Dentre os recursos de coleta pertencentes ao método etnográfico, existe a "perspectiva microscópica, a entrevista em profundidade, a observação participante, a investigação em detalhe, a captação da informação cultural em fonte primária, o relato das práticas sociais, a análise do discurso e a interpretação das representações de informantes" (Rocha & Rocha, 2007, p. 74).

Vários autores após a sua idealização a aplicaram e adaptaram segundo as necessidades evolutivas das pesquisas, pesquisadores e sociedade inclusive, em sua relação com a ideia da pós-modernidade. Um desses autores e antropólogos praticantes do método é Clifford Geertz, para ele, o pesquisador procura construir uma descrição em profundidade (*thick description*) das culturas que devem ser apreendidas como “teias de significado”, composto por descrição que vai além de um relato detalhado daquilo observado, procura chegar até os significados simbólicos e culturais por trás das ações humanas. Pois tudo o que é observado, precisa ser entendido dentro de um sistema que faça sentido e que explique as razões culturais dos comportamentos observados (Geertz, 1978).

Do ponto de vista metodológico, a etnografia consiste no processo de observar, participar e entrevistar o “nativo” em suas condições reais de existência, tentando entender e mapear a completude de sua vida, os diferentes princípios, as “lógicas” e os significados por meio dos quais as pessoas atribuem sentido e organizam a “realidade” em que vivem (Barbosa, 2003). Onde se efetua um levantamento de todos os dados possíveis de uma determinada

comunidade ou grupo com a finalidade de conhecer seu estilo de vida ou a cultura específica (Cavedon, 2003, p. 143), sendo o ato de aprender a partir das pessoas, apresentando realidades alternativas e descrevendo-as em seus próprios termos (Spradley, 1979).

A própria teoria vivida, pois, no fazer etnográfico, a teoria está em ação, emaranhada nas evidências empíricas e nos dados (Peirano, 2008). E também é o estudo das experiências humanas a partir de uma experiência pessoal (Goldman, 2006), estudo de uma sociedade “por dentro” de seu universo de significações que dá sentido a todos os seus comportamentos, promove a visão do mundo pelos olhos dos membros da cultura que se está pesquisando, além de explicar as atividades onde estes se engajam por períodos de tempo significativos (Pettigrew, 2000).

Assim, pesquisadores em número crescente recorreram à entrevista etnográfica a partir do reconhecimento da complexidade da experiência humana, detendo um desejo de ouvir diretamente as pessoas e como elas interpretam suas experiências, com interesse, algumas vezes, em ter os resultados de suas pesquisas para que seus esforços sejam relevantes e úteis para os estudados, logo, as características "próximas e pessoais" da entrevista etnográfica a tornam um apelo atraente neste aspecto (Heyl, 2001).

Porém, tão importante quanto conhecer e descrever o método é saber aplicá-lo, por isso, é imprescindível compreender a função do etnógrafo, pois ele deve descrever como um grupo de pessoas, localizado num determinado espaço e tempo, percebe o mundo e como age sobre ele (Ingold, 2008), por isso seu preparo é importante e necessário. Ele é, sobretudo, seu próprio cronista e historiador (Malinowski, 1961), é ao mesmo tempo, um *insider* e *outsider* em virtude do seu treino acadêmico (Madan 1982, 1994), trabalha com pessoas, dialogando pacientemente com elas (Uriarte, 2012).

O que o etnógrafo enfrenta realmente é uma multiplicidade de estruturas conceituais, a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) ele está seguindo rotinas de coletar dados automatizados (Uriarte, 2012), as enfrenta como múltiplas estruturas conceituais complexas, sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares, inexplícitas onde ele tem que primeiro apreender e depois apresentar (Geertz, 2008). Assim a demonstração da sua capacidade está em ir a campo munido de teorias e voltar retroalimentando-as e transformando-as (Peirano, 2008).

Por isso, tanto o antropólogo quanto o etnógrafo devem ter a formação para “ser afetado” por outras experiências (Peirano, 2008). E a solidão, embora boa companheira nas descobertas da alteridade (do que é o outro), não é o caminho virtuoso e mágico que, por si só,

produz boa antropologia (Peirano, 1995), mas para descrever propriamente a realidade cotidiana do grupo pesquisado, o pesquisador deve aprender o idioma nativo e transferir-se para a aldeia, afastando-se do convívio com outros homens brancos, assim, o pesquisador deixa de representar um elemento perturbador na vida do grupo, e passa a ter uma visão integral e exaustiva do cotidiano nativo (Malinowski, 1978). O que Viveiro de Castro (2002) relata como o nativo relativo.

E assim, diante desta necessidade de imersão no grupo social pesquisado, envolve também a necessidade do desligamento de si, das concepções pessoais prévias, das assunções de mundo apreendida, o desligamento do eu, do ego e do superego. O estranhamento é então o ato de livre pensar, é problematizar e estranhar categorias de pensamento, práticas, representações, e relações (Tornquist, 2007), o pesquisador deve prender o idioma nativo e transferir-se para a aldeia ou comunidade (Malinowski, 1978), e a distância necessária para produzir o estranhamento pode ser *geográfica, de classe, de etnia* ou outra, mas será *sempre psíquica* (Peirano, 1995). Portanto, acaba sendo significativo o esforço do pesquisador no processo de estranhamento do que já é familiar, na assunção de uma perspectiva estritamente analítica, processo esse que é difícil e doloroso, uma vez que implica um descentramento do olhar que traz mudanças irreversíveis à forma de ver do pesquisador (Velho, 2003).

Os conceitos nativos requerem, necessariamente, a outra ponta da corrente, a corrente que liga o antropólogo aos próprios conceitos da disciplina que estuda e à *tradição teórico-etnográfica acumulada* (Peirano, 1995). Seguindo estas noções de estranhamento, o pesquisador deixa de representar um elemento perturbador na vida do grupo, e passa a ter uma visão integral e exaustiva do cotidiano nativo (Malinowski, 1978). Assim, faz mais sentido a pesquisadora ser uma nova nativa junto ao grupo de nativos. Pois, o ato de fazer etnografia:

é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (Geertz, 2008, p. 7).

Contudo, para que o método seja desenvolvido de maneira objetiva e contundente Malinowski (1961) estabeleceu os princípios do método, primeiramente deve-se: seguir os objetivos científicos usando as normas e critérios da etnografia moderna; viver entre os nativos longe dos homens brancos; e recorrer a certo número de métodos de coleta de dados, manipulando e registrando as suas provas. Explicação esta que ajuda a compreender os caminhos da etnografia moderna.

Sendo também descrito como um “modo de acercamento” (Magnani, 2002) ou “mergulho” (Uriarte, 2012), a antropóloga Urpi Uriarte descreve as fases do método etnográfico

como: mergulho na teoria, informações e interpretações já feitas sobre a temática e a população específica que queremos estudar; longo tempo vivendo entre os “nativos” (rurais, urbanos, modernos ou tradicionais) esta fase se conhece como “trabalho de campo” e; escrita, que se faz quando se volta para casa. E se a pesquisa precisa do olhar do nativo, melhor seria ser o nativo para contá-lo de maneira adequada, sendo o nativo liminar durante a pesquisa.

Mesmo diante da interação com o grupo social e construindo uma correlação de 'distanciamento próximo', a fonte de informações, ou seja, os nativos apresentam alguns cuidados a serem relevados, conforme Malisnowski (1961) existem perigos da fonte: as fontes facilmente acessíveis são também dúbias e complexas devendo, o pesquisador, compreendê-las acuradamente; as Informações não materializadas em documentos fixos e concretos estão na realidade no comportamento e na memória dos homens vivos e; a distância entre a informação bruta e a apresentação final confirmada dos resultados é grande (no mínimo um a dois anos), logo, o Etnógrafo tem que salvaguardar essa distância de anos, entre o primeiro contato e o texto final (Uriarte, 2012). Garantindo veracidade e validade mesmo no passar do tempo por meio dos registros.

Algumas considerações importantes são apontadas por Peirano sobre o fazer etnográfico, ao falar do antropólogo e as observações de Evans-Pritchard (1972) sobre as pesquisas antropológicas, Peirano (2008) resume em cinco constatações principais, o processo de descoberta antropológica resulta de um diálogo comparativo, não entre pesquisador e nativo como indivíduos, mas entre a *teoria acumulada da disciplina* e a *observação etnográfica* que traz novos desafios para ser entendida e interpretada; não há cânones no sentido tradicional possíveis na pesquisa de campo, embora haja, certamente, algumas rotinas comuns, além do modelo ideal. Na antropologia a pesquisa depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas da disciplina em determinado momento, do contexto histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram no dia-a-dia local da pesquisa; na medida em que se renova por intermédio da pesquisa de campo a antropologia repele e resiste aos modelos rígidos. Seu perfil não se adéqua a um modelo ‘positivista’, mas isso não a impede, de se constituir em um conhecimento disciplinar, coletivo, socialmente reconhecido e teoricamente em transformação; consciente ou não, cada etnografia é um experimento; e o impacto dos dados sobre o pesquisador acaba gerando totalidades, sejam elas cosmológicas, sociológicas, ideológicas etc. Logo, o pesquisador deveria trabalhar sozinho no campo porque o objeto etnográfico é indivisível.

Outro ponto importante salientado por Peirano (2008) é o pensamento de Rivers (1912)

e a sua consideração sobre as “categorias civilizadas” na pesquisa de campo. Estas categorias são assunções criadas pelo pesquisador para descrever as ocorrências observadas nas pesquisas, fazendo um processo de higienização científica nas expressões coloquiais dos pesquisados. Rivers (1912) descreve que as noções abstratas deveriam sempre ser atingidas por intermédio do concreto, do que se capta diretamente na fonte; a necessidade do domínio da língua nativa para facilitar a classificação dos dados, observação e coleta; e a importância da empatia e do tato na pesquisa e relatos nativos mais observação etnográfica podem resultar em mais insights que ‘um mês de perguntas’ pois, o investigador de campo deveria reconhecer que o nativo também tem um ponto de vista (provavelmente bem mais interessante que o do pesquisador) (Peirano, 1995).

Na antropologia, o “campo” antropológico supõe não apenas observar ou pegar amostras, mas algo mais complexo como uma corresidência extensa, com observação sistemática e interlocução efetiva (língua nativa), e até uma mistura de aliança, cumplicidade, amizade, respeito, coerção e tolerância irônica (Clifford, 1999, p. 94). Assim se tornaria possível a compreensão do ponto de vista e da visão de mundo dos pesquisados (Malinowski, 1978), pois o trabalho de campo antropológico é estabelecer relações com pessoas (Clifford, 1999). Outra justificativa importante para garantir o conhecimento e participação junto aos nativos.

Para aplicação do método etnográfico, as técnicas de coleta utilizadas são: a observação participante, a observação direta, filmagens, captações fotográficas, entrevistas semiestruturadas, entrevistas biográficas ou narrativas sobre a história de vida, levantamento de registros históricos (documentos), etc. No campo devem-se anotar discursos, comportamentos, vivências, acontecimentos, expressões variadas sobre a realidade em que está participando, e esses registros são efetuados em “caderno de campo”, que auxiliam o etnógrafo na etapa posterior, a da escrita de um *Diário de campo* (Clifford, 1999).

Na etnografia, conhecer a história de vida é ponto essencial para compreender a realidade cotidiana do indivíduo estudado, Heyl (2001, p.369), explica que a entrevista de história de vida se enquadra confortavelmente dentro do que se têm como tradição etnográfica, "uma vez que geralmente é conduzida ao longo do tempo, dentro de relacionamentos caracterizados por altos níveis de *rapport* e com particular atenção aos significados que os entrevistados colocam em suas experiências e circunstâncias de vida, expressas em sua própria língua." (Spradley, 1979, p. 24). Portanto, a entrevista etnográfica é distinguida da entrevista de pesquisa, incluindo entrevistas com perguntas abertas, porque não há tempo para desenvolver

relacionamentos respeitosos e contínuos (Heyl, 2001).

As notas de campo são as primeiras anotações (escrita, esboço, desenhos) dos encontros, percepções e interpretações (Clifford, 1990) do etnógrafo. Estas, segundo Clifford (1990), são divididas em três momentos de constituição: Momento da inscrição onde a anotação de palavra mnemonica ou frase é usada para fixar a observação; Momento da transcrição onde se deve anotar perguntas, anotando ou gravando informação relacionada a algum objeto, é o momento crucial nas notas de campo; e o Momento da descrição, onde o pesquisador deve ter um local exclusivo e sem distrações para a anotação e junção a ideia da teoria, descrição densa.

O diário de campo deve ser concebido em alguns passos, conforme estabelece Clifford (1999), primeiro inicia-se com o *mapeamento* das *leis e costumes* que regem a vida do grupo, processo no qual se observa o maior número possível de manifestações concretas que definem a constituição social; em seguida é feita a *observação* e o *registro* dos *comportamentos cotidianos* do grupo, tanto aqueles habituais quanto os considerados novos; e por fim o *registro das opiniões, comentários, palavras* dos nativos. Justificando a importância da participação dos eventos e atividades da igreja e fora dela.

No Diário de campo devem ser redigidos todos os registros dos dados coletados, relatados todos os acontecimentos presenciados durante o período, não apenas manifestações concretas da cultura, mas também os comportamentos cotidianos e as expressões próprias do grupo, assim como os sentimentos do pesquisador, para melhor compreensão da realidade estudada (Caliman & Costa, 2008).

As críticas ao método estão centradas em observações tradicionais ao método e críticas com ideologia pós-moderna. De acordo com Brewer (2004), a primeira está centrada na questão da teoria, pois se entende enquanto antropologia que teoria e prática seriam inseparáveis, devendo ambas sustentar-se. A segunda é sobre a ciência natural, pois, deve-se levar em conta de que o pesquisador é uma variável e inevitavelmente vai influenciar o campo pesquisado; os seguintes são os métodos de coleta de dados não são estruturados e são assistemáticos, muitos flexíveis e conseqüentemente abertos para variações; por fim a natureza dos dados é outro inconveniente pois não são números do fenômeno e sim observações pequenas do todo. Já as Críticas pós-modernas, de acordo com Brewer (2004), dizem respeito a etnografia estar numa crise de representação, apontando um realismo ingênuo ao captar conhecimento universalmente válido; possui crise de legitimação, pois as descrições podem ser parciais e seletivas, também um tanto autobiográficas pois são ligadas ao etnógrafo e às contingências nas quais o dado foi coletado, com validade, confiabilidade e generalização sem autoridade para

legitimar os dados; e também a própria descrição densa que não representa a realidade como é, pois estas descrições são selecionadas de várias versões da realidade, podendo ser produzidas representando uma figura parcial.

Outra questão importante a ser pontuada é que, enquanto pesquisadora, tornei-me durante o tempo de pesquisa mais do que já era. Era considerada irmã, que é uma nomenclatura comum entre os pares da religião evangélica, assim, com este nível de relacionamento, e entendendo que poderiam se abrir, pois, sendo irmã eu me incluiria sob a face do sigilo, ou seja, o que Marcus (1998) descreve como "ativista circunstancial", com altos níveis de *rapport*, o "papel no qual a relação canônica de "*rapport*" ou "relacionamento" entre o etnógrafo e o informante pode ser transmutado em algo muito mais parecido com 'cumplicidade'" (Faubion, 2001, p.51).

3.2. Coleta de dados

O modelo consumado para a pesquisa compreende a intercessão de teorias que envolvem três campos distintos do conhecimento, rituais de passagem, liminaridade e cultura de consumo. O mapa que apresenta a lacuna de pesquisa foi idealizado a partir do levantamento secundário de dados estabelecidos em artigos e livros. A busca pela temática demonstrou a inexistência de estudos que contemplassem os aspectos da liminaridade dentro da religião protestante junto à cultura de consumo. A busca pela temática foi efetuada em sites indexadores de periódicos da área de Marketing e Consumo, como: *ebsco*, *Wiley*, *emerald insight*, *Taylor & Francis*, *Sage*, *Google Scholar*, *Scopus* e *Web of Science*, especificamente nos seguintes periódicos: *Journal of Consumer Culture*, *Consumption, Markets & Culture*, *Journal of Consumer Affairs*, *Journal of Consumer Behavior*, *Marketing Theory*, *Consumer Culture Theory (Research in Consumer Behavior)* e *Journal of Marketing Management*, sob os léxicos *liminality*, *consumption*, *consumer*, *consume*, *religion* e *neophyte*.

Como previamente apontado pela revisão teórica, a cultura de consumo, já tratou a temática antropológica da liminaridade conjuntamente, porém, no que se trata de consumo em fase de transição ou *threshold* e sob a teoria do consumo simbólico abordando temáticas sobre maternidade, casamento e jovens adolescentes, a liminaridade é abordada na religião apenas no contexto de transição religiosa. Quanto a Teoria da Cultura de Consumo (CCT), o consumo da religião em si e de produtos religiosos foram às temáticas das pesquisas encontradas.

Diante dessa lacuna, esforços foram lançados para idealizar quais seriam as teorias que

mais se enquadrariam nesta tese. Assim, a lacuna de pesquisa está na falta de estudos dentro da Cultura de consumo sobre esta prática na fase de liminaridade. Para tanto, como objeto de estudo, escolheu-se o neófito na religião protestante pentecostal. O que levanta a necessidade da identificação da resposta à seguinte pergunta de pesquisa: Qual o papel do artefato de consumo e da expressão da prática do consumo do neófito na fase de liminaridade da religião protestante pentecostal?

Direcionando-me ao entendimento do GAP teórico, abordagem teórica do consumo na fase da liminaridade, compreender os diferentes significados deste consumo que possam contribuir para expansão do campo de cultura de consumo. Pois não se conhece ainda os significados de consumo na religião durante a transição religiosa, mais especificamente, durante a fase inicial de conversão na religião protestante. É importante conhecer os artefatos para compreender usos, costumes, comportamentos e práticas da religião que estão mescladas às práticas sociais mundanas, ou seja, hoje, as práticas religiosas se tornam híbridas há algumas práticas mundanas ou do cotidiano, como por exemplo, significados da religião no ato de almoçar, ou ato de se alimentar ou adquirir produtos e serviços, bem como, no processo de escolha do conhecimento e da aprendizagem no processo de passagem, tendo o indivíduo como neófito protestante.

3.2.1. Mapa conceitual da tese

Com vistas a descrever os artefatos consumidos pelo indivíduo pentecostal, foi adaptado o mapa da transição dos ritos de passagem de Noble e Walker (1997) ao processo que cabe à transição do indivíduo dentro da religião protestante pentecostal e os produtos que passam a ser consumidos pelo indivíduo. A intenção é levar à compreensão tanto o processo de transição quanto os produtos e serviços associados à cultura de consumo protestante. Os dados foram levantados e analisados a partir de coleta de informação junto a líderes religiosos. A coesão teórica entre as teorias de ritos de passagem de Genep (1909), de liminaridade de Turner (1974) e ritos de passagem no consumo de Noble e Walker (1997), é o ponto que culmina a ideia de pesquisa desta tese. A Figura 5 representa os possíveis achados das práticas de consumo do neófito durante o processo de transição. Junto às teorias, as formas de salientar a passagem junto ao consumo seria a forma mais adequada de enquadrar a antropologia a sociedade de consumo ou cultura de consumo em determinada passagem no tempo.

Genep (1909)	Separação		Margem	Reagregação	
Turner (1974)	Pré-Liminar		Liminar	Pós-Liminar	
Noble & Walker (1997)	Evento com objetivo gatilho	Desligamento simbólico do papel	Ambiguidade de papel	Absorção simbólica do novo papel	Benefícios psicológicos

Quadro 8 - Fases de transição nos ritos de passagem.

Fonte: adaptado de Genep (1909), Turner (1974) e Noble e Walker (1997).

Este mapa conceitual serve apenas para indicar a descrição, papel, caminho, tempo e ação do ser liminar, ou neófito, no trajeto de transição liminar. Sugere-se como interpolação desta ideia teórica a ideia teórica atrelada a cultura de consumo como um todo, seja como apelos do significado de consumo.

3.3. Sujeitos da investigação

Após, foram identificados e escolhidos os sujeitos a serem pesquisados por meio de seleção intencional por conveniência (Hair *et al.*, 2005), com os quais foi realizada entrevista semiestruturada para identificar a percepção dos indivíduos sobre o processo de transição e ritos de passagem. Ritchie, Lewis e Elam (2003, p. 78) explicam que a incorporação de uma estratégia de seleção intencional implica como "as unidades de amostragem são escolhidas porque possuem características ou características particulares as quais permitirão a exploração detalhada e compreensão dos temas centrais e enigmas que o pesquisador deseja estudar" (Cody, 2014). Ou simplesmente índia a acessibilidade facilitada a amostra.

Contudo, alguns critérios para seleção da amostra forem determinados para o direcionamento deste estudo, como a população, o sexo, e a idade. Mesmo detendo em mente a possibilidade da variação potencial nas experiências vividas de liminaridade para homens e mulheres, jovens, adultos, idosos e até mesmo crianças, decidiu-se focar a experiência de neófito homem ou mulher, com idade entre 16 e 59 anos, que começaram a frequentar a igreja no tempo que decorre entre seis meses e dois anos. Esta definição contempla o tempo necessário para o indivíduo já ter passado por alguns dos ritos de passagem dentro da igreja, tendo possivelmente adaptado melhor seu consumo e se torna mais constante nas atividades da igreja¹⁴. O local da pesquisa foi uma igreja protestante da segunda onda no estado do Paraná, na cidade de Irati.

¹⁴ Informação coletada por meio de entrevista prévia com líderes religiosos da igreja.

Assim, ao explorar experiências liminares, deve-se selecionar um corte no tempo para capturar a experiência vivida do "*betwixt e between*" durante o seu estado mais lúcido (Tonner, 2016; Cody, 2012). Isto posto, e reconhecendo a importância do estabelecimento temporal no que tange à liminaridade, o estudo deterá a abordagem longitudinal com acompanhamento de alguns neófitos (os que aceitaram serem acompanhados) por um período de um ano. É necessário entrevistar o neófito por, pelo menos, duas vezes, com o intuito de construir os limites temporais da liminaridade (Tonner, 2016; Carrigan & Szmigin, 2004). Logo, o indivíduo será interpolado em vários momentos de maneira transversal, pois um processo de multimétodos dentro do domínio interpretativista serve para a "cristalização" do conhecimento (Richardson, 1994).

3.4. Diretrizes para Procedimentos de Coleta

3.4.1. Preparação para a coleta

A coleta de dados foi realizada em etapas, vide Quadro 9 e Fluxograma de pesquisa no Apêndice I. A primeira etapa foi identificar/levantar o processo ritual pelo qual o neófito passa diante da organização religiosa estudada. Para isso, foram entrevistados pastores da mesma denominação protestante pentecostal com vistas a estabelecer os passos que o neófito ou novo convertido dá durante o processo de transição e compreender as possíveis ligações com o consumo. A partir desta informação, os passos foram identificados e descritos.

Período de tempo	Processo
1ª Etapa Meses -1 e -2	<ul style="list-style-type: none"> - Entrevista em profundidade com pastores e líderes - Identificação e seleção de neófitos - Elaboração de roteiros de coleta de dados na observação participante - Elaboração dos diários pessoais de consumo
2ª Etapa a) Meses 1-5	<ul style="list-style-type: none"> - Entrevista em profundidade - Entrega dos diários pessoais de consumo - Participação de eventos relacionados ao protestantismo - Observação participante - Coleta de dados: fotos, notas de campo, monitoramento de conteúdo.
b) Meses 6-10	<ul style="list-style-type: none"> - Acompanhamento a eventos religiosos junto a neófitos - Participação de eventos relacionados ao protestantismo - Observação participante - Coleta de dados: fotos, notas de campo, monitoramento de conteúdo.
3ª Etapa	<ul style="list-style-type: none"> - Participação de eventos relacionados ao protestantismo - Coleta de dados: fotos, monitoramento de conteúdo. - Análise dos dados

Quadro 9 - Trajetória metodológica

Fonte: adaptado de Cody & Lawlor (2011).

Sendo que o que se observa deve depender do ângulo que repousa a pesquisa (Richardson, 1994), foram utilizados os seguintes métodos de coleta de dados: entrevistas semiestruturadas (realizadas em intervalos de acordo com a conveniência e observação da pesquisadora, junto aos neófitos e líderes religiosos), abordagem conversacional, observação participante, notas de campo, fotografias das atividades e artefatos e serviços consumidos, e diários de consumo. Tais formas foram escolhidas para cumprir um propósito específico e refletir um ângulo específico sobre a experiência vivida, bem como as práticas de consumo do neófito.

3.4.2 Diário de consumo

Os diários pessoais (chamo de Diário de Consumo) foram criados com a intenção de serem usados para coletar dados e experiências pessoais dos consumidores, contendo seu relato do que consumiram (redigido pelo próprio pesquisado), o que deixaram de consumir e suas observações particulares do processo de transição durante determinado tempo. Nesta pesquisa, os diários pessoais seriam aplicados para coletar as experiências semanais dos pesquisados a partir da observação pessoal individual dos ritos e objetos de consumo, formas de consumir, observações pessoais comparativas do consumo anterior à transição na igreja e durante o processo de transição.

A princípio a seleção dos indivíduos para a pesquisa com o 'diário de consumo' aconteceria a partir da seleção intencional, contudo, pela quantidade de indivíduos, optei por entregar o diário a todos os entrevistados, dos quais, nenhum conseguiu cumprir o lançamento de informações. Contudo, está de acordo com o que Atkinson e Hammersely (1994) dizem, que a investigação etnográfica é voltada para um pequeno número de casos, ou apenas um caso. Assim, esta amostra permitiria observar o observado com mais clareza e entendimento das suas relações com a igreja.

Contudo, mesmo diante dos esforços de entrega do diário físico e por formulário online, os neófitos não preencheram e negaram-se a continuar. Consegui o retorno de apenas um casal de neófito, que preencheram sobre uma única semana de consumo, por isso, optei por descartar as informações do diário. Acredito que o processo de nova conversão desperta uma nova forma de ver o mundo e por ser um processo de mudança o indivíduo não se firma numa nova

obrigação.

Os diários de consumo (Apêndice F) foram desenvolvidos com vistas a facilitar o processo de coleta de informação junto ao pesquisado. Foi um caderno no qual o pesquisado deverá preencher seus hábitos de consumo e sentimentos em relação aos artefatos consumidos.

3.4.3. Notas de campo

O Diário de campo com as notas de campo (Apêndice E) e as transcrições das observações vem representar as experiências contextualizadas do consumidor (Tonner, 2016; Arnold & Fischer, 1994). O campo investigado foi o local onde o neófito teve acesso e está relacionado ao processo de passagem religioso como: igreja, eventos, lojas religiosas, reuniões bíblicas, residência do neófito, etc.

Para a coleta das notas de campo a pesquisadora utilizou o caderno ou aplicativo digital específico para a coleta chamado MAXQDA. Foram coletadas anotações das observações participantes como: artefato, fotografia, comportamento junto aos pares, participação em eventos, etc. Foram observadas e anotadas informações sobre comportamento verbal e não verbal dos participantes e seu meio ambiente, as observações do campo em si, fotografias, áudio e vídeo entre outros. Pois "Uma análise inicial das notas de campo pode gerar protocolos de observação apropriados ao contexto e, assim, seguir com uma observação mais dirigida." (Ferreira, Torrecilha & Machado, 2012, p. 5; Zanelli, 2002).

3.4.4. Observação participante

Quanto a Observação participante, o observador pode estar revelado ou encoberto, desempenhando um papel formal ou informal e ser parte principal ou periférica da estrutura social observada (Gosling & Gonçalves, 2004). Conforme Yin (2005, p. 120), é ainda através da observação que serão encontradas "a disposição para observação de alguns comportamentos ou condições ambientais relevantes".

O processo de observação conta com cinco componentes: o objeto de observação, o sujeito de observação, as condições de observação, os meios de observação e o sistema de conhecimentos a partir do qual se formula o objetivo da observação (Reyna, 1996). Neste caso o objeto de observação são os artefatos consumidos; o sujeito é o neófito; as condições são o estado onde ele se encontra (liminaridade), "as condições de observação se constituem nas

circunstâncias através das quais esta se realiza; quer dizer, o contexto natural ou artificial no qual o fenômeno social se manifesta ou se reproduz" (Reyna, 1996, p. 260); os meios são o local onde pode encontrá-lo e o sistema de conhecimento é a teoria na qual se enquadra esta pesquisa, ou seja, "o sistema de conhecimentos, onde se demarca o processo de observação, é o corpo de conceitos, categorias e fundamentos teóricos da antropologia" (Reyna, 1996, p. 260). Podem ser observados no Apêndice G.

Quanto aos meios para observação utilizados, a observação pode ocorrer como observação estruturada, não estruturada ou semiestruturada, nesta última, "o observador define algumas categorias de observação, porém mantém-se aberto à formação de novas categorias" (Ferreira, Torrecilha & Machado, 2012, p. 4). Assim, esta pesquisa pode ser qualificada como observação semiestruturada, pois além de ser estabelecido um roteiro de observações (Apêndice H), foram utilizadas as próprias observações participantes para criação de novas categorias.

Para ser um instrumento fidedigno a observação precisa ser controlada e sistemática, contando com planejamento cuidadoso e preparação rigorosa do observador (Lüdke & André, 1986), para minimizar a interferência no grupo reduzindo a subjetividade da pesquisa. Os critérios de observações foram: objetos carregados para os eventos, a forma com que são utilizados ou compartilhados, como os neófitos se dirigem a outras pessoas e como são dirigidos a outras pessoas. Neste sentido, meu preparo foi pautado pela leitura informativa sobre a teoria do método, pesquisas com o uso da etnografia, reuniões com minha orientadora e a professora Dra. Eliane Rapchan (coorientadora informal), onde elas puderam me aconselhar e orientar sobre vários aspectos a serem levados em conta.

Contudo, vieses de pesquisa devem ser mencionados. Haguette (2000) evidencia possíveis vieses do observador, na verdade, inerentes à observação participante, que a autora chama de fatores externos: "viés sociocultural, viés profissional/ideológico, viés interpessoal, viés emocional e o viés normativo.

3.4.5. Entrevista

A entrevista, de forma generalizada, para Beuren (2003), ocorre basicamente entre uma conversa, um diálogo pessoal entre o entrevistador (na busca de dados) e o entrevistado (fonte de dados). A vantagem da entrevista, além da coleta de dados em si, é também a compreensão dos sentimentos do entrevistado. Já na entrevista com roteiro semiestruturado, está focalizada em um objetivo sobre o qual se confecciona "um roteiro com perguntas principais,

complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas às entrevistas." (Manzini, 1990;1991, p. 154). As entrevistas foram gravadas e transcritas e a identidade dos participantes será protegida por pseudônimos (Tonner, 2016; Hill, 1995).

As entrevistas foram desenvolvidas previamente ao início da pesquisa junto a pastores e líderes religiosos da denominação estudada. Após o levantamento prévio do sujeito a ser pesquisado, eles foram selecionados conforme conveniência e a convocação para entrevista foi enviada pelo aplicativo *whatsapp*, conforme se pode ver no Apêndice G.

Durante a pesquisa e nas entrevistas também foi utilizada a abordagem conversacional para identificar o histórico de vida, junto ao fiel que se enquadra a amostra intencionada em estudar para identificar sua percepção da transição e seu processo de consumo. A abordagem conversacional traz benefícios ao trabalhar com consumidores vulneráveis (Tonner, 2016; Pavia & Mason, 2004).

3.4.5.1. Roteiro de entrevista com pastores

A entrevista com os pastores serviu para delinear os passos que denotam a transição do neófito dentro da organização religiosa. Contemplando responder aos três primeiros objetivos específicos de pesquisa, pastores e líderes da igreja foram entrevistados para caracterizar o neófito e interpretar o seu papel no estágio de liminaridade. O roteiro de entrevista contempla questões que envolvem a identificação de ritos de passagem na igreja, o reconhecimento dos neófitos na igreja e a indicação no consumo de produtos e serviços (Apêndice A).

3.4.5.2. Roteiro de entrevista com neófitos

A entrevista com os neófitos serviu para compreender os passos, o consumo e a identidade que definem e os classificam durante a transição do neófito dentro da organização religiosa. Para responder ao objetivo geral da pesquisa (Compreender o papel do objeto e expressão da prática de consumo do neófito na fase de liminaridade na religião protestante pentecostal), e os objetivos específicos de identificar e analisar como o neófito consome, os significados atribuídos à experiência vivida durante e após o consumo no processo de transição. O roteiro de entrevista contempla questões, adaptadas de Barros (2007), sobre o perfil e a história de vida do neófito, informações relacionadas ao consumo como a identificação de

orçamento e hierarquia de escolha, ritos de consumo envolvendo a nova religião, marcas e/ou lojas consumidas e aspiracionais, lazer e mídia, relações com a igreja e visão de futuro numa fase de convertido (Apêndice B).

3.4.6. Ética de pesquisa

É importante estabelecer a questão ética do pesquisador no tocante a aproximação e o distanciamento do pesquisador diante do estudo. Alguns aspectos são de necessária observação e atenção para o desenvolvimento adequado da pesquisa. Como aspectos que poderão causar desconforto junto aos pesquisados ou a organização a ser pesquisada, bem como, junto ao pesquisador. Sendo a análise e a interpretação dos dados complexa, o aumento do nível de participação ou frequência de observação poderá levar a perda da objetividade, pois poderá a presença do observador influenciar a situação causando a perda da espontaneidade e do rigor científico (Ferreira, Torrecilha & Machado, 2012).

Contudo, minha participação como nativo auxiliou no processo de comunicação com neófitos e pares durante o estudo, pois estes aparentavam conforto em minha presença e abertura para a exposição pessoal.

É importante considerar o pesquisador como nativo como uma variável importante para confiabilidade deste estudo, porém, enquanto nativo deste lugar, pude me considerar um "nativo relativo" (Viveiros de Castro, 2002) e assim diminuir a implicação deste viés, pois, por estar residindo em outra cidade durante este doutorado, estive afastada das atividades da igreja onde os neófitos congregam, podendo me considerar uma outsider deste grupo, mesmo porque alguns eventos e processos organizacionais foram modificados durante este tempo de afastamento, sendo, portanto o mecanismo adequado para dirimir o viés ético.

Ademais, ao participar de diversos eventos, encontros e uma feira pude ampliar meu acesso aos grupos religiosos de outras denominações e outros ensejos para que eu pudesse me colocar como outsider dentro da igreja dos neófitos.

3.5. Análise dos Dados

No tocante à análise dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo com a aplicação do círculo hermenêutico. Análise de conteúdo é o método mais comumente adotado no tratamento de dados de pesquisas qualitativas (Minayo, 2000). Bardin (1979) propõe que a análise de

conteúdo envolve as iniciativas de explicitação, sistematização e expressão do conteúdo de mensagens com o intento de se “efetuarem deduções lógicas e justificadas a respeito da origem dessas mensagens (quem as emitiu, em que contexto e/ou quais efeitos se pretende causar por meio delas)”. Assim, especificamente, a análise de conteúdo é um:

conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens. (Bardin, 1979, p.42).

Os dados coletados foram triangulados para fornecer um relato sistemático e crítico da experiência dos participantes em sua comunidade (Barros, 2007). A partir do conteúdo coletado das entrevistas, a análise de dados foi baseada no círculo hermenêutico, que busca interpretar o sentido da palavra, representando a ideia de que o significado do texto como um todo é determinado a partir de elementos individuais, enquanto, ao mesmo tempo, um elemento individual é entendido pela referenciação de um todo do qual faz parte (Bernstein, 1983), ou seja, é uma interpretação das partes para o todo, e entende-se o todo para compreender as partes (Klein & Myers, 1999). Busca-se atingir o entendimento do mundo do outro ao invés da visão de mundo do pesquisador (Thompson, 1991).

Assim, cheguei aos tópicos representativos da expressão individual dos entrevistados. Os resultados referentes a esta análise estão expressos nos Quadros 13 e 14, sintetizados pelos resultados da Figura 43.

As informações referentes à operacionalização de pesquisa, indivíduos pesquisados, entrevistas efetuadas, atividades em que houve coleta de dados, e demais especificações, estão apresentadas no tópico "4 O campo".

4 O campo

Mesmo sendo nativa entre os pares protestantes, por conveniência, optei por levantar dados junto à igreja que congrego, pois, uma vez que conhecia superficialmente alguns ritos, contextos e movimentos, me conferiu mais conforto no momento de seleção, uma vez que previamente entrei em contato com pastores e membros de outras denominações religiosas, porém, pela dissonância de ideias (espiritismo, budismo, protestantes tradicionais, etc.), e com o intuito de estabelecer um parâmetro de convivência comum com a amostra, o ideal foi efetuar a observação participante junto à igreja que a maioria dos entrevistados (doze dos quatorze) congregam.

Por ser um nativo pesquisador, tive que lidar com mecanismos pré-concebidos de ideias para me tornar um nativo relativo (Viveiros de Castro, 2002), pois o discurso do observador deve estabelecer relação com o observado. Assim, para diminuir o viés do nativo que também é pesquisador, invoco a teoria do nativo relativo de Eduardo Viveiros de Castro. Ademais, pode-se contar que durante os dois primeiros anos de doutorado me detive frequentando outras igrejas em outras cidades e estando afastada desta igreja principal, me vi num novo contexto de pessoas, de cursos e encontros, os quais não fiz parte. Provocando o deslocamento necessário do ambiente de observação e da amostra, uma vez que os indivíduos entraram para a Alcance e conseqüentemente para o protestantismo nesses dois anos em que estive afastada, congregando em outras igrejas. O que me garantiu a observação necessária básica para entendimento do protestantismo pentecostal praticado em outras igrejas.

E a necessidade de corresponsabilidade extensa apontada por Clifford (1999). Por formalidade é imprescindível esclarecer que sendo nativa ao grupo me permitiu compreender aspectos relevantes da cultura cristã protestante pentecostal. Os usos e costumes são condições compreendidas somente para aquele que faz parte do grupo e já teve experiência enquanto pesquisadora e enquanto fiel. Pois todo arcabouço de experiência nos eventos previamente me permitiu entender o evento sob o olhar científico. No caso da religião, é imprescindível que o nativo conheça os critérios de identificação do cristão, da bíblia, dos gestos, expressões corpóreas, noção do natural e sobrenatural. No caso do sobrenatural é necessário abrir um parêntese para tal explicação, assim, em algumas partes do texto procurei escrever a versão da interpretação enquanto cristã nativa.

Neste sentido, posso confirmar pela experiência como este ser nativo, que verdadeiramente, o nativo ele não é relativo, ele é ocasional, temporário, mas acima de tudo ele

é o nativo liminar, o nativo que compactua com o espaço e tempo que garantem o trânsito no grupo. O nativo liminar entra de uma forma e sai com a bagagem de conhecimento e experiências que o modificam no entendimento do contexto de estudo específico, sendo, portanto, o ser liminar.

Desta feita, tal experiência compactua com os apontamentos previamente mencionados, sobre a ideia de Evans-Pritchard (1972) e Peirano (2008).

4.1 Igreja Comunidade Alcance

A Comunidade Alcance foi criada pelo encontro de pessoas interessadas em levar a palavra de Deus às pessoas. Ocorreu pela ida em 2002 do hoje pastor Luciano Subirá para ir a Irati-Paraná (Comunidade Alcance, 2019).

No início juntaram pessoas em uma casa para fazer reuniões de oração e com o passar do tempo o grupo foi crescendo e houve a necessidade de buscar novos e maiores lugares, culminando na aquisição e construção de templo em lugar específico.

A Comunidade Alcance é uma igreja Neopentecostal, com congregação em células e uso do discipulado um a um (Comunidade Alcance, 2019) e têm hoje igrejas nos estados do Paraná, Santa Catarina, Bahia, Goiás, e no exterior, na cidade de Orlando nos Estados Unidos.

4.2 A entrada no campo

Por fazer parte deste grupo, tive facilidade de acesso a algumas atividades, apenas contando com a minha predisposição em ajudar e fazer parte. O ciclo de confiança estabelecido previamente não havia sido quebrado, me permitindo o fácil acesso às pessoas e eventos. Cabe aqui salientar, que segundo o discurso, qualquer pessoa membro da igreja pode acessar eventos, cultos, sendo necessário algum conhecimento para cursos específicos e encontros secretos e ministérios, porém, para observação todos podem participar. A forma de entrada no grupo a ser estudado influencia na confiança que o grupo depositará no pesquisador (Fetterman, 2010), sendo, neste caso, o acesso prévio ao grupo grande facilitador, pois foi garantido o vínculo e relação de confiança, sendo, conforme o que diz Barros (2007), fundamental para o sucesso da pesquisa.

Durante o tempo no campo convivi com os membros neófitos e não neófitos durante alguns dos eventos registrados e anotados, e, na medida em que as pessoas tomavam

conhecimento da minha pesquisa, quando me encontravam, relatavam experiências ou indicavam pessoas para a pesquisa, me aproximando mais das pessoas. O que me remota a um momento específico como a Mariza (Nota de campo 10), quando relatou seu processo de saída do estágio de nova convertida, dizendo que tinha inquisições diferentes, e isso foi a identificação do processo de saída de nova convertida para convertida.

Minha identidade situacional (Angrosino & Pérez, 2000) foi modificada durante a pesquisa, era considerada como membro e conseqüentemente "ovelha da igreja", mas também vista por algumas pessoas como pesquisadora, uma vez que houve a disposição e predisposição em participar das atividades, portanto o estranhamento do grupo não causou distanciamento entre os pares e eu, uma vez que os laços de amizade e irmandade já estavam estabelecidos e ratificados mesmo depois de ser vista (por alguns) como pesquisadora, tornando o processo de interação normal enquanto participante do coletivo.

4.3 A coleta de Dados

A princípio, a intenção de ter esta pesquisa enquanto de inspiração etnográfica (Barros & Rocha, 2007) foi tentadora, uma vez que se enquadrava melhor nas perspectivas das pesquisas no campo da administração, porém, quase que inconcebível por alguns antropólogos "raiz". Contudo, por indicação de minhas orientadoras foi entendido que a etnografia clássica poderia ser replicada junto ao grupo e então foi a que utilizei.

O trabalho de campo incluiu entrevistas e observação participante, ocorreu entre agosto de 2017 e julho de 2018, com participação de outros eventos até novembro de 2018 na Comunidade Alcance de Irati. Foi um ano de participação de imersão junto ao grupo estudado, ou seja, frequentei mais intensamente nas atividades da igreja e junto aos neófitos. Dentre o tempo passado junto ao grupo, no Quadro 7 (Atividades de campo), está elencado o tempo aproximado de permanência no campo em cada atividade, o tipo de coleta de dados utilizada e finalidade da coleta.

Previamente a seleção e coleta de entrevistas, entrei em contato com líderes de células, pastores, membros para me inteirar dos conhecimentos a respeito do neófito, identificação do possível grupo, com vistas a cumprir os objetivos determinados para esta pesquisa. E uma vez esclarecida esta necessidade, estes membros começaram a indicar pessoas e algumas conversas

informais me levaram a conhecer mais indivíduos. Foi durante um dos cursos (EMA¹⁵) que pude compartilhar com os participantes a necessidade de indivíduos para compor o *quórum* da tese. Neste dia coletei nome de oito pessoas para entrevista, as quais, no contato posterior não consegui acesso a todas, somente seis possibilitaram a entrevista.

A princípio a seleção dos indivíduos para a pesquisa com o 'diário de consumo' aconteceria a partir da seleção intencional, contudo, pela quantidade de indivíduos, optei por entregar o diário a todos os entrevistados, dos quais, nenhum conseguiu cumprir o lançamento de informações. Contudo, está de acordo com o que Atkinson e Hammersely (1994) dizem, que a investigação etnográfica é voltada para um pequeno número de casos, ou apenas um caso. Assim, a amostra permite observar o observado com mais clareza e entendimento das suas relações com a igreja.

O estranhamento ou o problematizar surgiram espontaneamente, pois, me via observando diferentemente do que somente o reconhecimento social comum, mas observava vestimenta, trejeitos, objetos de posse, uso destes objetos, maneira de se portar quando me observavam e quando não percebiam minha presença. Os questionamentos quanto à validade destas participações surgiram, sobre as respostas aos questionamentos, se estas eram acertadas, se estavam falando a verdade, mas, as feições e expressões diziam que as respostas condiziam com a realidade pois. Isso atrelado a confiança e disposição pela verdade, pois, o cristão não deve cometer o ato de mentir (parte integrante dos mandamentos bíblicos), assim, consideramos estes como indivíduos não errantes e sinceros.

Observei nas entrevistas, junto aos neófitos a facilidade de acesso e compreensão, não no sentido de adestramento sobre as respostas, mas sim, entendimento claro no que se falava quanto às observações de práticas, mas não quanto a objetos e outros artefatos, ação me levou a indicar possíveis artefatos materiais e imateriais.

Foi interessante observar que o dois dos indivíduos casados, mas respondentes individuais demonstraram certo desconforto em responder, creio que isso ocorreu devido a não participação do cônjuge ou desconforto.

Quando entrei no campo não imaginei que encontraria esta infinidade de dados relacionados aos produtos materiais e imateriais. A entrada no campo não pareceu difícil, mas foi trabalhosa.

A princípio, a coleta pela participação em atividades relacionadas a igreja foi fácil,

¹⁵ EMA é a sigla do curso Escola Ministerial Alcance, é um curso semanal direcionado para membros da igreja, principalmente neófitos, é ministrado pelos pastores.

contudo, foi difícil conseguir a aceitação de novos convertidos para participar da pesquisa. Creio que isto ocorre devido a alguns fatores como: desconhecimento da religião, incerteza de continuidade da participação no grupo (célula ou indivíduo que convidou) e na igreja, problemas de saúde (doenças autoimunes), problemas psicológicos, insegurança quanto às respostas, incompatibilidade de horários, etc. Entrei em contato com um número maior de pessoas para a pesquisa, contudo, não obtive retorno de algumas e outras simplesmente não quiseram participar. Para compreender estas dificuldades cabe aqui uma nova pesquisa, que neste momento não foi possível.

Além, das dificuldades com neófitos, tive dificuldade de acesso a um dos casais de pastores por estes estarem afastados nos meses da pesquisa, contudo, como já havia considerado a entrevista com três casais de pastores e a efetuado uma pesquisa piloto com um outro pastor (da mesma igreja), que posteriormente requereu afastamento da igreja, considerei suas respostas apenas como direcionadoras para elaboração do questionário direcionado aos pastores e neófitos.

Um dos grandes problemas foi receber as respostas do diário de consumo, penso que a dificuldade se encontrava no limite da relação incipiente com o contexto da religião, pois o indivíduo não consegue enxergar a implicação de suas decisões pelo viés religioso, sem estarmos lhe apontando. Ademais, o processo de conversão religiosa protestante, para muitos é um processo emocionalmente instável e esta instabilidade perpassa as esferas que podem retratar a incidência do pensamento religioso na tomada de decisão.

Durante a redação do projeto e durante a banca de qualificação fui inquirida sobre a opção de pesquisar junto a outras denominações religiosas. Busquei informações com padres, pastores, praticantes budistas, etc. o que me levou a decisão de que um único grupo era suficiente para observação e coleta de dados, ainda mais por que este grupo contava com várias atividades representativas da sua fé e identidade. Caso tivesse optado por pesquisar em outras igrejas e seitas demandariam inúmeras idas e vindas em eventos e para outras cidades, o que por si só traria muito desconforto, morosidade e custos altos e falta de foco na estrutura de uma única organização e religião.

Ademais, se fosse coletar dados em outras igrejas não seria possível mergulhar as atividades e dados da igreja e dos indivíduos analisados, pois, teria que distribuir o tempo de coleta entre duas ou mais congregações religiosas e que poderia comprometer uma análise mais aprofundada da igreja em estudo. E ainda fugiria do caráter principal da etnografia, a de se transformar um nativo junto aos nativos.

Portanto as fases da pesquisa puderam ser desenvolvidas de maneira a compreender a instituição religiosa, os líderes e neófitos, bem como suas histórias de vida e conversão religiosa, seu cotidiano na igreja e junto aos familiares, seu cotidiano de participação nas atividades, ações identitárias de fé, formas de aquisição e consumo e replicação da ideologia religiosa. Para facilitar a compreensão dos passos da pesquisa, elaborei um gráfico representativo das fases da pesquisa, que se encontra no Apêndice I.

4.3.1 As Atividades de participação da pesquisadora

Uma vez que a descrição do campo é parte essencial desta etnografia, descrevo a seguir as atividades às quais participei, tanto para auxiliar a composição teórica, como para compreender o grupo ou mesmo para acompanhar o neófito.

Continua...

ATIVIDADE	DIAS	HORAS	ANO	DATA	REGISTRO
EVENTOS DO CALENDÁRIO NORMAL DA IGREJA					
Cultos (dados aproximados de média de frequência anual) - não contabilizados para campo	24	48:00:00	2017/2018	domingos ou sábados	sem fotos
Curso de Membresia	1	2:00:00	2017	03/10/2017	fotos
TADEL: Treinamento de líderes	2	5:00:00	2017	19/09/2017; 14/11/2017	fotos
Festa das células	1	4:00:00	2017	09/12/2017	fotos
Batismo	1	2:00:00	2017	22/10/2017	fotos
Mulher 100%	2	3:00:00	2017	11/07/2017	fotos
Encontro de casais	3	20:00:00	2018	31/08; 01/09 e 02/09	fotos
Chá Amada do senhor (auxílio na organização do dia anterior)	2	4:00:00	2018	05/04 e 06/04	fotos
EMA - Escola Ministerial Alcance	2	2:00:00	2018	06/03; 13/03; 27/03	fotos
Culto quarta-feira	3	6:00:00	2017/2018	11/10/17; 31/10/18; 21/11/2018	fotos
Cultos especiais	4	8:00:00	2017/2018	14/11/2017; 11/10/2017; 16/01/2018; 04/04/18; 30/06/18	fotos
Encontro com Deus (não permitido uso do celular durante o encontro)	3	20:00:00	2018	18/05; 19/05 e 20/05	sem fotos
Encontro com Deus: reunião pós-encontro	1	1:00:00	2018	29/05/2018	fotos

Continua...

Ministério boas novas - asilo (horas média)	7	16:00:00	2017/2018	28/08/2017; 26/03/2018; 02/04/2018; 17/04/2018; 04/06/2018; 18/06/2018; 25/06/2018;	fotos
Culto da virada	1	2:30:00	2017/2018	31/12 e 01/01	fotos
Culto de casais	1	2:30:00	2017	04/08/2017	fotos
Pharol Universitário	2	5:00:00	2018	12/05 e 18/08	fotos
ATIVIDADE FORA DO CALENDÁRIO					
EVENTOS ESPORÁDICOS					
Celulão (4ª f. juntou as células na igreja)	1	2:30:00	2017	11/10/2017	fotos
Louvor (Italiano)	1	3:00:00	2017	15/11/2017	fotos
Natal na praça	1	2:00:00	2017	19/12/2017	fotos
Show do cantor Fernandinho	1	4:30:00	2018	04/10/2019	fotos
CURSOS					
GPS - Global Prophetic school	3	7:30:00	2017	28/08 e 29/08	fotos
Conferencia do Espírito Santo	2	7:30:00	2017	26 e 27/11	fotos
ATIVIDADE DE GRUPOS ESPECÍFICOS					
Reunião confraternização intercessão	1	2:00:00	2017	18/12/2017	fotos
Formatura do curso "Pais para a vida toda"	1	2:00:00	2017	19/11/2017	fotos
Células (festivas de célula)	2	4:00:00	2018	02/03 e 18/04	fotos
Futebol	1	1:00:00	2018	19/01/2018	fotos
ATIVIDADES PARA ANGARIAR DINHEIRO					
Almoço Japonês (decoração e ajuda no dia)	2	12:00:00	2017	02/12 (decoração); 03/12	fotos
Venda sorvete	1	1:00:00	2018	03/03/2018	fotos
Rodízio de pizza	1	1:30:00	2018	24/03/2018	fotos
TOTAL EM CAMPO INTERNO	54	153:30:00			
Colóquio 500 anos de reforma protestante: dimensões sociais, políticas e culturais - UFPR	1	6:00:00	2017	04/10/2017	fotos
Troca de liderança da Comunidade Alcance em Curitiba	1	4:00:00	2018	08/12/2018	fotos
Expocristã (são 3 dias)	1	2:00:00	2018	28/09/2018	fotos
Alianças Curitiba	3	12:00:00	2018	15/03; 16/03; 17/03	fotos
The Global Leadership Summit - Brasil - Curitiba	3	20:00:00	2018	01/03; 02/03 e 03/03	fotos
TOTAL EM CAMPO EXTERNO	9	44:00:00			
TOTAL EM CAMPO	63	197:30:00			

Conclui

Entrevistas pastores (três casais de pastores)*	2	2:22:41	
Entrevista casais neófitos (três casais)*	3	3:55:00	
Entrevista neófitos (sete indivíduos)	8	4:09:00	
TOTAL ENTREVISTAS	13	10:26:41	
Atividades extras (ir na igreja observar, escrever gospelprime, criação de questionário)**		12:00:00	
Conversa com membros**		4:00:00	
Busca e leitura de material sobre o tema (18 semanas desde agosto)**		12:00:00	
TOTAL BUSCAS INFORMAIS		28:00:00	
TOTAL GERAL DA PESQUISA	67	235:56:41	

Quadro 10 - Atividades no campo

Fonte: dados de pesquisa

*entrevistas gravadas e transcritas

**sem mensuração de dias

4.3.2. Tempo de coleta

As rotinas semanais de participação enquanto pesquisadora e membro do protestantismo se interpolaram, contudo, o olhar da pesquisadora sempre buscou compreender os meandros de cada situação e colocá-las sob o "eu relativo". E para facilitar a visualização dos locais visitados optei por criar uma tabela com a descrição de cada evento participado durante o tempo de pesquisa. Ao que no princípio foi elencado um ano para a coleta junto aos neófitos, aproveitei algumas observações após este prazo, com vistas a identificar o ambiente de consumo cristão no geral.

4.4 Artefatos de Consumo

4.4.1. Os Produtos: Bens Materiais

Diante dos vários itens descritos abaixo, os artefatos materiais são expressivos do consumo inicial e contínuo do cristão. Com vistas a compreender e visualizar os itens de consumo do cluster cristão, enquanto pesquisadora, participei de feira cristã em outubro de 2018 em São Paulo - SP, chamada Expo Cristã. Nesta feira conheci vários produtos materiais e imateriais, destes materiais de consumo, encontrei tanto produtos para entretenimento quanto para estudo.

Participar da Expocristã 2018 me permitiu o acesso a diversos bens de consumo e entretenimento que junto a convivência com os neófitos localmente não me permitiu o conhecimento do que existe de produtos disponíveis no mercado nacional. A informação levantada previamente, durante a participação de eventos na igreja e fora, o contato com os pastores e neófitos durante as entrevistas demonstrou que nem mesmo eles conhecem todos os tipos de produtos relacionados de alguma forma a cultura evangélica protestante.

Os artefatos materiais e imateriais podiam ser comprados e consumidos, porém, junto ao evento pode-se perceber o acesso a artistas e pessoas conhecidos no meio gospel nacional, levando ao entendimento de que o acesso do fã a estes artistas, políticos e pastores são produtos com acesso.

Dentre os produtos materiais, destaco: produtos para estudo como bíblias e livros; produtos para entretenimento infantil como jogos; produtos para decoração como quadros e memorabilia, conforme demonstram as imagens abaixo.



Figura 5 - Imagens Livros cristãos, bíblias diversas, CDs e DVDs

Fonte: a autora.



Figura6 - Vestimentas: camisetas, blusas, ternos, vestidos para casamento, bonés, etc.
 Fonte: a autora.

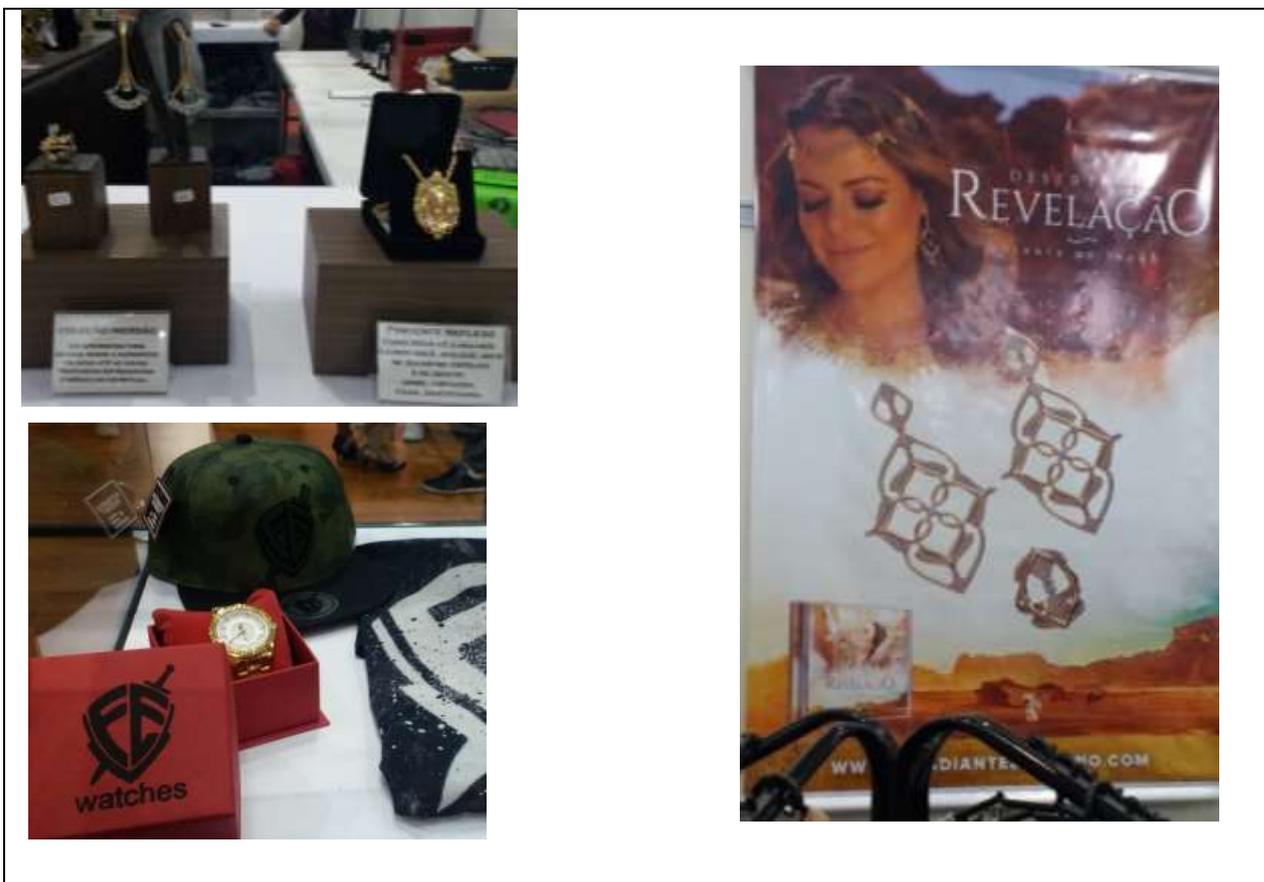


Figura 7 - Joias e bijuterias, relógios, etc.

Fonte: a autora.

* Joia associada a lançamento de cd de artista gospel



Figura 8 - Miscelâneas: bolsas, travesseiros, produtos infantis, Produtos de representatividade cultura internacional, móveis para igrejas, etc.

Fonte: a autora.



Figura 9 - Produtos variados: canecas, garrafas térmicas, óleo para unção, capas para celular etc.
Fonte: a autora.

4.4.2 Os Produtos: Bens imateriais



Figura 10 - Serviços de locação para eventos, streaming de músicas, consórcios cristãos, viagens religiosas, etc.

Fonte: a autora.



Figura 11 - Entretenimento de experiência: arca de Noé, Pragas do Egito, Coliseu e Abertura do mar morto.

Fonte: a autora.



Figura 12 - Entretenimento: acesso a programas de entrevistas, ser filmado ao cantar.
 Fonte: a autora.

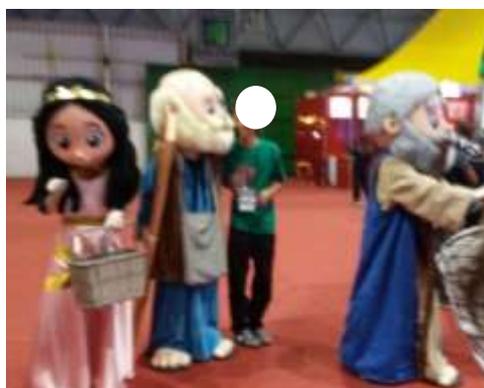


Figura 13 - Entretenimento infantil: acesso a personagens do universo gospel
 Fonte: a autora.

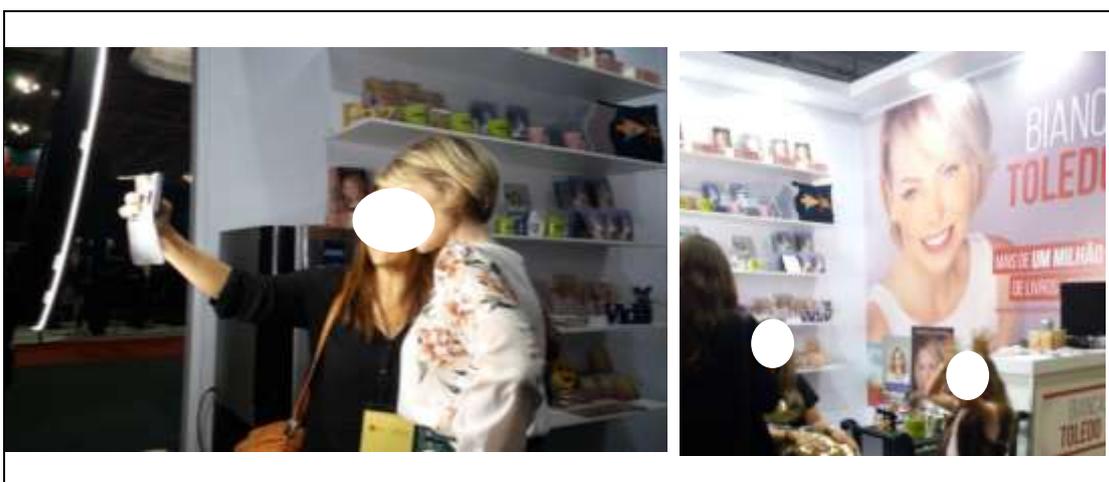


Figura 14 - Entretenimento: acesso a pessoas famosas
 Fonte: a autora.

4.5 Atividades da prática cristã

4.5.1 *Campo Interno*

Descrito pelos entrevistados, os eventos que ocorrem em uma igreja protestante podem ter uma estrutura fixa no cronograma anual da igreja ou ocorrem de maneira esporádica, a partir da oportunidade de acesso a palestrantes ou ministradores, artistas ou oportunidades correntes identificadas pelos pastores da igreja.

Optei por participar de variadas atividades junto a igreja. Inicialmente a intenção foi de identificar a participação dos neófitos na igreja, porém, entendi que precisava compreender os processos da igreja, os eventos, cursos e reuniões para compreender os gatilhos ou indicações de consumo indicadas ou não pelos neófitos e pastores entrevistados.

Assim, participei de 198 horas de atividades de campo internamente a igreja e externamente, perfazendo um total de aproximadamente 236 horas de pesquisa em um ano e meio de frequência em eventos eleitos por mim. Falo de eventos eleitos por mim, pois, ocorreram outros em que não consegui comparecer por incompatibilidade de agenda ou outros que considerei não relevante participar, como aqueles direcionados a crianças, adolescentes e jovens. Mas também, houve eventos que soube de sua ocorrência após não possibilitando a participação. E eventos que participei e não considerei como campo, para contagem de tempo de participação, como os cultos, pois, é hábito comum de participação uma vez que pertenço a religião protestante e a igreja. Contudo, reconheço que em várias participações de cultos consegui notas de campo e observações relevantes para a pesquisa.

4.5.1.1 *reuniões ou cultos*

As reuniões indicadas pelos participantes são as reuniões semanais, as quais são dadas o nome de culto. O culto religioso ocorre semanalmente. No caso desta igreja, há ocorrência de cinco cultos semanais direcionados para públicos específicos.

Nas quartas-feiras, o culto que ocorre no período da tarde, chamado de "Tarde com Jesus" é direcionado para todas as pessoas interessadas, porém, o que pude observar é a composição de um público adulto feminino, inclusive, há participação de novos convertidos e convertidos há mais tempo.

Nas quintas-feiras, o culto é direcionado para pré-adolescentes e adolescentes e no

sábado para jovens e jovens, ambos para todos os estágios de conversão. Quanto à reunião para adolescentes e jovens, não participei durante o processo de pesquisa.

No domingo, há duas reuniões, uma pela manhã e outra a noite, direcionada ao público como um todo. Desde crianças acompanhadas ou não dos pais, digo isto, pois, as crianças contam com serviço direcionado a elas em local específico, enquanto os pais e demais jovens e adultos ficam no culto geral. Igualmente, sem distinção ou restrição de não convertidos, novos convertidos ou convertidos há mais tempo.

Ocorrem também cultos, que chamei de especiais, pois ocorrem em datas não padronizadas e não estabelecidas em cronograma público. Ocorrem devido a oportunidade da pregação de alguns pastores de outra cidade ou país, ou por demandas de mudança de agendas desses convidados. Podem também ocorrer por direcionamento de temas específicos voltados às necessidades dos fiéis, como por exemplo, culto de casais, culto de homens, de mulheres, culto da virada do ano, etc.

O culto é iniciado com uma oração de um dos líderes ou pastores, rememorando a presença de Jesus, seguida por aproximadamente quarenta minutos de louvores cantados e tocados pelo ministério de louvor da igreja. Após o louvor faz-se geralmente a convocação para o ato de dizimar que é seguida pelo início da ministração/palestra/pregação proferida por um dos pastores da igreja, ou convidado, sobre temas variados. Durante o louvor os fiéis cantam geralmente em pé e podem acompanhar a letra da música no telão e após o louvor existem práticas distintas de ação. Geralmente estas práticas iniciais variam, existem dias em que é solicitado que pessoas que visitam a igreja pela primeira vez se levantem para serem recebidas pelos membros da igreja, dias em que é deixado um momento para entrega de dizimo e/ou ofertas, mesmo ofertas para ocasiões específicas, como ofertas a serem destinadas a compras específicas para a igreja ou oferta para missionários em outros países, também pode ocorrer a apresentação de recém-nascidos¹⁶, a ceia¹⁷ ou oração em grupo. Após a pregação geralmente há a apresentação de mais um louvor, seguida pelas finalizações ministeriais da igreja, como avisos ou divulgação de eventos e oração de benção aos fiéis.

¹⁶ Igrejas protestantes diferentemente a católica romana, praticam a apresentação do recém-nascido e não o batismo.

¹⁷ A ceia é uma prática das igrejas protestantes, feita mediante a ingestão de pão e suco de uva, representação simbólica do corpo e sangue de Jesus.

4.5.1.2 células

A reunião chamada célula, é entendida por estudo bíblico em casa e é praticada por igrejas protestantes tradicionais e as igrejas mais modernas como as denominadas igrejas neopentecostais. Pela descrição encontrada no site da igreja:

Células são grupos pequenos, sugerimos um número aproximado de até 10 pessoas, reunindo semanalmente para compartilhar a palavra de Deus e praticar a comunhão intensa. Ali compartilhamos os nossos desafios, agregamos novas amizades e aprendemos a cuidar uns dos outros com amor. Desenvolvemos também a prática da oração, intercessão e apoio as necessidades, espirituais, materiais e emocionais. Os grupos estão divididos em: Crianças, pré-adolescentes, adolescentes, jovens e adultos; assim ministramos melhor sobre necessidades específicas em cada fase da vida. (<https://alcanceirati.com.br/célula/>, 2019)

Estas reuniões realizadas nas residências ou locais direcionados são ferramentas para consolidação dos conhecimentos adquiridos na reunião precedente, bem como, para promover a comunhão entre os fiéis e manter o vínculo de relacionamento estreito com a igreja e os líderes. É geralmente atrelado ao discipulado individual, uma espécie de aconselhamento espiritual, que visa atender e acompanhar o processo evolutivo do fiel nos conhecimentos bíblicos, bem como, busca responder a necessidades de aconselhamentos individuais e matrimoniais. Chamado Modelo de Discipulado Apostólico ou MDA,

O Modelo de Discipulado Apostólico (MDA) é uma iniciativa da Associação MDA que propõe auxílio a igrejas protestantes, independentemente de suas denominações, no sentido de agregar multidões de fiéis e ensiná-los a perspectiva da cultura que a comunidade associada admite através de dois elementos que o alicerçam: células e discipulado um a um. (Moura & Ordonez, 2018, p. 311-312)

Geralmente, durante a realização das células há o cuidado com o discurso, para que ele seja adequado ao indivíduo que está frequentando, não convertido, novo convertido ou convertido há mais tempo. Há o controle de frequência dos participantes pelos líderes de célula e estes devem lançar tais dados no sistema de controle informatizado da igreja.

Estas células em grupos menores, mesmo que sejam acompanhadas por pastores específicos (cada grupo de células tem a liderança e acompanhamento de pastores específicos), tem autonomia para gerenciar dias e comemorações festivas individuais. Contudo, ao líder de célula é demandada a participação em número mínimo de atividades junto a igreja, inclusive cultos, eventos eletivos e o TADEL - Treinamento avançado de líderes.

4.5.1.3 Batismo

Evento principal da transição cristã. O batismo por imersão é praticado por igrejas cristã

católicas ou protestantes, contudo, no caso desta última, o batismo ocorre mediante a escolha pessoal, geralmente ocorre a partir dos oito anos de idade. Para esta pesquisa, acompanhei o batismo por imersão, que ocorre entre uma a duas vezes no ano.

Geralmente o rito é acompanhado pelos familiares, amigos e líderes do indivíduo a ser batizado, bem como por demais fieis congregantes da igreja. Consiste da declaração e aceite dos preceitos bíblicos. Fisicamente, nesta igreja o batismo ocorre numa piscina de plástico montada para a ocasião e direcionada por pastores e/ou líderes. O indivíduo veste uma túnica e entra na piscina, na qual é submerso após a aceitação pública e verbal de seguir os preceitos cristãos.

Há por este momento uma criação de expectativa e emoção, para contextualizar este espaço de transição. Previamente a este momento há uma palestra para aqueles que serão direcionados para o batismo.

A experiência ritual do batismo pode ser expressa pela especificação dos componentes tangíveis cunhados por Rook (1985) foram atrelados ao rito de batismo: artefatos rituais (sinais e símbolos) são a identidade conformadas pela vestimenta; o roteiro ritual, como o processo de espera na fila, depois é chamado, retira-se o calçado, se adentra na 'piscina' aquecida, se ajoelha ou senta e espera o próximo passo a ser falado pelo batizante (pastor ou líder), se repete a frase de aceite de Jesus como único e suficiente salvador, antecedida pela explicação do contexto da morte para o mundo e nova vida ou renascimento enquanto cristão, seguido pelo processo de banho direcionado pelos batizantes, levantamento e saída da 'piscina'; papéis de desempenho ritual, o papel principal é do batizado, indivíduo que aceitou passar pelo processo de batismo, o papel coadjuvante é do batizante (líder ou pastor) que precisa adentrar na 'piscina' e segurar o batizado direcionando para imersão de costas; e o público ritual, que são os indivíduos pertencente à hierarquia da igreja, geralmente são pessoas na posição de diáconos, que auxiliar na delimitação do local, montagem da piscina e aquecimento, entrega da vestimenta aos batizando, organização dos batizando em fila, designação na entrada e saída da piscina, também, existem outros pastores e líderes e, familiares e convidados dos batizando enquanto plateia.



Figura 15 - Batismo na Comunidade Alcance em 2018

Fonte: a autora.

*Casal de neófito após batismo (C4H e C4M)

4.5.1.4 Eventos do calendário anual para públicos específicos

São eventos da programação corrente na igreja, conta com programação pré-estabelecida de datas, organização ministerial com recrutamento de fieis para organização, decoração, preparo de ornamentos ou alimentação.

Cabe salientar que nenhum evento, sejam eles previamente planejados ou não, direcionados para o sexo feminino ou masculino ou para casais, são destinados ou sob a nomenclatura direcionadora para neófitos. Entende-se que, alguns eventos e cursos são planejados para quem é iniciante na fé ou na denominação Alcance, porém, não foi apresentada distinção aparente ou segmentária. Compreende-se então que dentre todos os eventos pesquisados, todos podem ser consumidos por neófitos.

a) Mulher 100%

Evento direcionado para mulheres sejam elas convertidas ou não, busca levar palavras motivacionais com base bíblica, ensinamento bíblico para mulheres a partir dos 12 anos. Geralmente ocorre em dois dias, nas instalações da igreja, possui identidade de marca de evento, decoração e vestimenta (camiseta) específica.

É um evento não monetizado para sua participação, porém, existe a venda de lanches e camiseta com a identidade do evento, tal camiseta tem um valor aproximado de R\$ 50,00.



Figura 16 - Evento 'Mulher 100%' na Comunidade Alcance
Fonte: a autora.

b) *Chá Amada do Senhor*

Evento direcionado para mulheres de qualquer religião, convertidas ou não, a partir dos 12 anos. Semelhante ao evento anterior traz ministrações direcionadas às necessidades das mulheres, com base bíblica, finalizada por *coffe break* e sorteio de brindes. Ocorre em um dia, possui identidade de marca de evento, decoração e vestimenta (camiseta) específica.

É um evento com entrada monetizada no valor de R\$ 30,00, para cobrir as despesas de transporte e acomodação da preletora e custear a alimentação servida no chá, contudo, muitos dos alimentos são geralmente doados pelos fiéis membros da igreja.



Figura 17 - Evento 'Chá Amada do Senhor' na Comunidade Alcance

Fonte: a autora.

c) *Encontro de Casais*

Sua frequência é anual, é realizado em um hotel fazenda. Sua duração é de três dias, é organizado por pastores da igreja e é composto por palestras, atividades em grupo, em casal e individual por sexo. Além das palestras, existem eventos de entretenimentos como festas.

O evento é monetizado, tendo um valor entre R\$ 500,00 e R\$ 800,00 reais para a participação do casal. Tal valor pode ser pago de forma parcelada, pois geralmente é incitada a sua participação meses antes, ou mediante o pagamento a vista diretamente na igreja. Não possui identidade de marca como camisetas, comuns em outros eventos. Contudo, todo casal

ganha uma foto do evento e um brinde, além dos sorteios de brindes durante as refeições.



Figura 18 - Evento 'Encontro de Casais' da Comunidade Alcance

Fonte: a autora.

d) Encontro secreto: Encontro com Deus¹⁸

Chamo de evento secreto, existe em duas modalidades, para homens e mulheres separadamente e em datas distintas. É igualmente ao batismo, o evento principal de trânsito para a conversão. Participei deste encontro, contudo, não me foi permitido fotografar e nem relatar as atividades que ocorrem durante os três dias. Ocorre em local específico, alugado para as atividades, é organizado por pastores e líderes da igreja. Basicamente é a imersão ao universo cristão pelo aprendizado intelectual e espiritual.

O encontro inicia com a inscrição das encontristas na igreja, onde são direcionadas para um ônibus contratado para levá-las ao lugar do encontro.

É um evento monetizado, onde a/o participante pega um valor entre R\$ 100,00 a R\$ 200,00 para participar. Este valor serve para pagar a locação das instalações, alimentação e material de expediente utilizado durante o evento.

Para sua consolidação, é necessário que o/a participante frequente reuniões pré e pós-evento. As reuniões pré-evento são necessárias para explicar ao participante sobre o encontro e as reuniões pós-encontro servem para consolidação dos conhecimentos adquiridos e compartilhamento de experiências pessoais. Geralmente ocorre o processo de cura de doenças, entendimento de comportamentos pecaminosos, etc.

¹⁸ É importante descrever aqui o aspecto espiritual do evento. Para o protestante, os dias do encontro promove o contato espiritual com Deus. O encontro é secreto no sentido de que quem participou não pode contar para pessoas que ainda não participaram o que acontece durante os dias no evento. Os líderes comentam que isso ocorre para gerar expectativa e surpresa sobre o que acontece, sendo algo diferente do que é vivenciado junto a igreja nas reuniões e demais eventos. Durante a minha participação a pastora principal se dirigiu a mim e solicitou que eu não ficasse lá para efetuar a pesquisa e sim, ficaria somente se eu quisesse ficar. Eu acabei optando por permanecer no encontro, porque gostaria de compreender melhor o evento, uma vez que eu já o tinha feito há muitos anos e não me recordava sobre o que era e quais atividades aconteciam durante sua realização.

O rito termina com a chegada dos encontristas no culto do domingo à noite. Tanto na modalidade feminina quanto para modalidade masculina, que ocorrem em datas diferentes ou até mesmo lugares diferentes. Já na igreja, os/as encontristas são alinhados em fila e adentram no templo gritando ou cantando e se dirigem a frente do púlpito, onde alguns dos acontecimentos principais, relacionados à cura e mudança de atitude são relatados por alguns participantes. Para recepção das/dos encontristas é recomendado que sejam convidados familiares e amigos para participar do culto de recepção. Dos anos em que faço parte desta cultura, percebo que o marco de conversão se concentra neste encontro e no batismo.



Figura 19 - Evento 'Encontro com Deus' da Comunidade Alcance

1) Identificação de participante; 2) No ônibus a caminho do local do encontro; 3) Material de recepção entregue durante o encontro; 4) Reunião pós encontro.

Fonte: a autora.

e) Projeto Pharol Universitário

Evento destinado à participação de jovens e adultos universitários e pré-universitários. Ocorre nos moldes da reunião culto, porém com palestras e atividades direcionadas para o universitário. É um evento monetizado, sua frequência é trimestral e quando monetizado ocorre *coffee break* feito pelos membros da igreja. Neste evento, há a participação de um dos neófitos pesquisados.

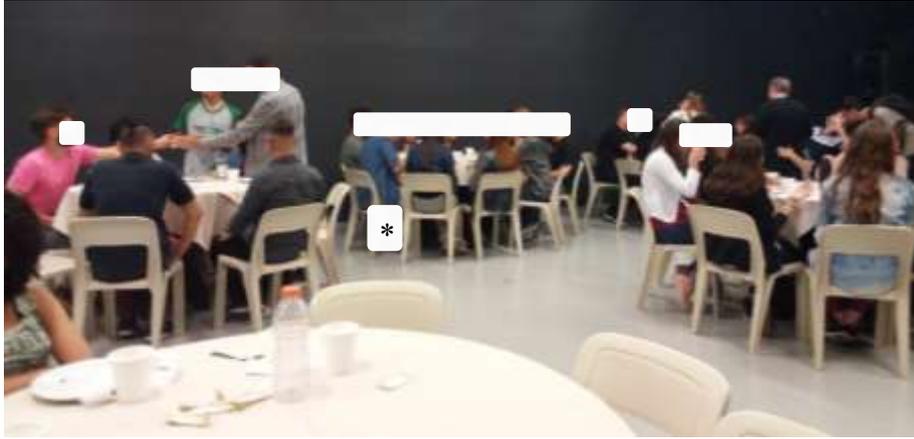


Figura 20 - Evento 'Projeto Pharol Universitário' na Comunidade Alcance
 *participação de neófito E5H
 Fonte: a autora.

f) Festa das células

É um evento que faz parte do cronograma da igreja, ocorre ao final de cada ano e busca a consolidação da comunhão dos grupos de célula. É um evento onde os grupos se apresentam enquanto grupos celulares e fiel veste a camiseta que é identidade de cada liderança. Pois cada liderança tem um "grito de guerra" ou uma expressão identitária baseada em trecho da bíblia e cada célula possui um nome ou frase como identidade. Busca a comunhão dos fiéis e suas famílias e pares, bem como apresentação social das células para o grupo como um todo, bem como, busca apresentar a proficuidade da igreja.

Além da vestimenta identitária (camiseta), os membros usam adereços de cabelos, pompons, bandeiras, maquiagens, bandanas, spray de som, etc. Porém é um evento não monetizado. Inclusive é incentivado o uso de adereços pelos líderes de célula.

Há uma entrada ritualística no salão do evento por cada célula, culminando no louvor ou apresentações culturais como danças, teatro, apresentações artísticas musicais de grupos específicos de membros da igreja.



Figura 21 - Evento 'Festa das células' na Comunidade Alcance

Fonte: a autora.

4.5.1.5 Eventos sem calendário definido

Os eventos sem calendários específicos são aqueles que ocorreram sem estar na programação prévia das atividades do ano.

a) Celulão (4ª f. juntou as células na igreja)

Dentre eventos que acontecem sem cronograma prévio, durante este tempo de pesquisa ocorreu um culto que foi chamado de "célulão". Este evento foi chamado desta forma por ocorrer no dia em que geralmente as células são feitas, quarta-feira. Foi um evento com um tempo maior para louvor e contou com a participação de vários fieis inclusive novos convertidos.

Quando a reunião é noturna, nota-se que no momento do louvor, as luzes são apagadas, para que as pessoas fiquem mais a vontade de cantar e dançar. Muitas choram, sendo um

momento para liberdade espiritual e manifestações de dom do orar em línguas¹⁹.



Figura 22 - Evento fora do calendário: 'Celulão'

Fonte: a autora.

b) Louvor no Centro de eventos Italiano

Neste ano teve um evento cristão em Irati em que o louvor da igreja Comunidade Alcance foi convidado a participar. Assim como nos moldes das reuniões, ocorreu no início de oração e louvor, apresentação de cantora gospel e seguida de ministração de pastor convidado. Este evento não foi organizado pela igreja, mas sim um grupo de interesse que o faz em várias partes do país.



Figura 23 - Evento fora do calendário: Louvor no centro de eventos Italiano

Fonte: a autora.

c) Natal na praça

Dependendo do governante local, a igreja é convidada a se apresentar em palco

¹⁹ Prática comum para cristão como um todo, orar em línguas foi um dos dons que Jesus deixou para os fieis. O fiel ora em línguas estranhas, muitas vezes indecifrável, outras vezes, como no culto católico romano é nomeado de língua dos anjos. Mas observando sob o olhar e experiência protestante, é uma prática quase parecida a uma catarse emocional, porém racional, ou seja, sem escândalos como gritos ou giros como vista em igrejas neopentecostais.

disponibilizado para apresentações e shows natalinos. Neste ano de 2017 pude participar de evento junto aos membros. Cabe salientar foi um evento público em espaço público.

Neste evento foram executadas algumas manifestações artísticas, as quais existem na igreja, sob a nomenclatura de ministérios. Houve louvor, dança e teatro executado por membros da igreja. O evento foi gratuito, público, contudo, aos membros foi sugerido que fosse com as camisetas referentes as duas células.



Figura 24 - Evento fora do calendário: Natal na praça

*Registro de participação de neófito E6H

Fonte: a autora.

d) Show do cantor gospel Fernandinho

Outro produto de manifestação e envolvimento não só da igreja foi o show do cantor gospel Fernandinho. Mesmo que pareça que o grupo cristão seja, um grupo onde se prega somente a reunião adoradora é também um grupo que cultiva ídolos de expressão religiosa protestante, como cantores e pastores expoentes na mídia. Optei por registrar este momento pois, pude perceber que vieram muitas pessoas que não eram da igreja em questão. Os ingressos para este show foram esgotados, e pessoas chegaram com 45 minutos de antecedência para conseguir lugar à frente do show. Nesta atividade não foi possível distinguir pessoas neófitas de não neófitas, porém, algumas das pessoas entrevistadas estavam presentes.

Já é algo que venho observando há alguns anos, a presença de pessoas fiéis da mesma igreja, de outras igrejas e denominações nos eventos com artistas gospel nacionais e

internacionais. Para este tipo de evento, a presença de pessoas é massiva, enquanto, em eventos convencionais, sem apelo a artistas ou pastores de reconhecimento nacional e internacional de frequência normalizada, ou seja, há frequência das pessoas que participam de todas as atividades da igreja.

4.5.1.6 Atividade de grupos específicos

a) Reunião de confraternização do Ministério de Intercessão

A participação nos chamados Ministérios da igreja é incentivada para algumas pessoas que estão no processo avançado de conversão. Para a pesquisa tive acesso como participante no "Ministério Boas Novas". É um grupo de membros da igreja que fazem uma reunião curta no asilo da cidade. Os membros deste ministério (composição feminina geralmente) se reúnem uma hora antes na igreja para oração em conjunto com o ministério de intercessão e após se direcionam para o asilo. No asilo, a reunião é composta por oração, louvor e palavra direcionada para os idosos internados no Asilo Santa Rita, e termina com a distribuição de doces ou salgados para os internos.

Procurei participar primeiro pela pesquisa, mas também pelo direcionamento ao voluntariado que possuo. Mas fazer parte deste ministério durante o tempo de pesquisa me permitiu acesso aos membros da igreja, conhecer a estrutura da igreja e buscar informações pertinentes para pesquisa.

Geralmente outros ministérios como de louvor e intercessão não permitem a participação de novos convertidos, mas neste, o acesso é liberado para qualquer nível de conversão. Contudo, a indicação de nível de conversão não é mencionada em nenhum momento de convite para novos participantes, porém, observei nos dias de participação no asilo e na oração prévia na igreja.

Este ministério é encarregado a participar de momentos de oração de intercessão semanal na igreja. Os membros devem participar de processos de oração de intercessão pela igreja, necessidades específicas dos fiéis, do culto, dos pedidos de oração em caderno específico. Ademais, esta pessoa deve participar da oração as segundas-feiras das 13:00h às 15:00h, as 6:00h da manhã nas quartas-feiras e uma vez por mês nas últimas sextas-feiras deve fazer parte da vigília de oração, assim, fazendo parte do grupo, a intercessora é escalada em dias específicos para orar (interceder) durante os cultos de domingo de manhã e a noite.

Geralmente novos convertidos não podem fazer parte deste ministério devido ao processo que chamam de batalha espiritual advinda da oração de intercessão. Existe uma sala nas instalações da igreja destinada a oração.

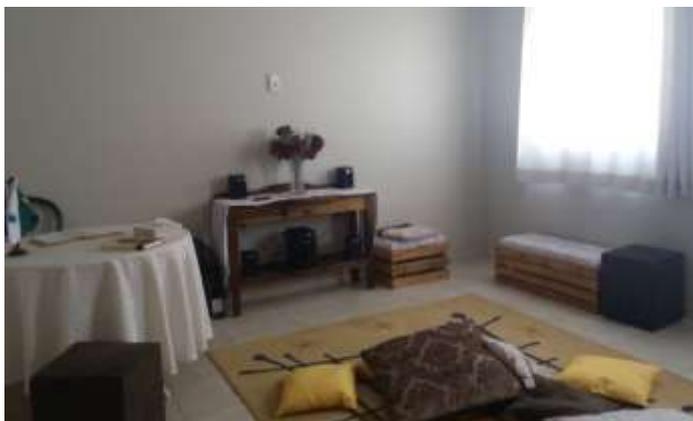


Figura 25 - Sala de oração na Comunidade Alcance

Fonte: a autora.

Fazendo parte do ministério do asilo fui convidada a participar de uma confraternização do grupo do final de ano. As participantes do ministério da intercessão se reuniram em uma das áreas da igreja, onde cada uma levou um prato doce ou salgado e bebida para comerem em conjunto.

Percebi que sempre há de alguma forma alguma festiva nos grupos, seja, para comemorar aniversário, encerramento das atividades no final do ano, ou até mesmo planejada como modelo de confraternização bimestral ou trimestral. É um comportamento que se repete nos grupos celulares, nos grupos de líderes e pastores.



Figura 26 - Reunião de confraternização do Ministério de Intercessão

Fonte: a autora.

b) Formatura do curso "Pais para a vida toda"

Em um dos momentos fui convidada para auxiliar a servir o almoço e limpar a cozinha e restaurante que na igreja. Geralmente há um rito de passagem de comemoração da conclusão dos cursos oferecidos pela igreja. E neste caso, o almoço é feito por membros da igreja que se predispõe voluntariamente para cozinhar e limpar. Ademais, especificamente para este evento fui convocada para buscar em empresas da cidade, brindes a serem sorteados para os participantes.

Este curso é promovido pela igreja, porém, para participar não é necessário ser membro, sendo uma forma de fazer com que as pessoas conheçam a igreja, membros e atividades. Durante dez semanas são compartilhados princípios bíblicos capacitando os pais para educar os filhos de acordo com o plano e direção de Deus, e, "Ao final do curso realiza-se uma Noite de Testemunhos, que serve tanto de Noite de Formatura para os pais, como de informação para os convidados." (Alcance Irati, 2019).

c) Atividade esportiva: Futebol

Outra forma de atividade de entretenimento é o jogo de futebol promovido por membros da igreja e ocorre duas vezes na semana. Neste dia, pude acompanhar uma das neófitas entrevistada assistir ao jogo. O jogo ocorre em salão alugado para esta atividade, tanto no grupo feminino como no grupo masculino. Promove a atividade física²⁰ dos membros e também promove a participação de não membros, sendo uma forma de fazê-las conhecer quem faz parte da igreja.

²⁰ Há a preocupação do fiel quanto a saúde e por isso, buscam fazer atividades físicas para tal intento.



Figura 27 - Participação de neófito em atividade desportiva organizada pelos membros da igreja
 Fonte: a autora. *Neófito E2M fotografada durante participação em jogo.

d) Atividades para angariar dinheiro

A maioria das organizações sociais religiosas busca captar recursos financeiros para investir em construções, produtos de expediente, salários e conservação territorial. No caso específico da igreja que os neófitos fazem parte, passou por um processo de construção de novo templo e isso levou a alguns grupos se juntarem para angariar recursos financeiros para quitar com as despesas do investimento.

Particpei de três dessas atividades, a primeira, Almoço japonês fui responsável pela decoração do restaurante e organização no dia do evento, a venda de sorvetes e o rodízio de pizza participei como cliente apenas. Diante do discurso dos neófitos, houve a descrição do investimento futuro ou presente na participação destes eventos.

d.1) Almoço Japonês (decoração e ajuda no dia)

O almoço japonês foi promovido por proprietários de um restaurante japonês da cidade e que são membros da igreja. Predispos-me a fazer parte deste evento pela proximidade e a finalidade com os promotores deste almoço. Foi um rodízio de comida japonesa monetizado, no valor de R\$ 75,00, mesmo para aqueles que ajudaram na organização.



Figura 28 - Almoço Japonês

Fonte: a autora.

d.2) Venda de sorvete e Rodízio de pizza

São atividades, dentre várias, de promoção para angariar dinheiro para o pagamento da construção do novo templo. Ambos eventos alguns neófitos foram fotografados participando. O rodízio de pizza foi no valor de R\$20,00.

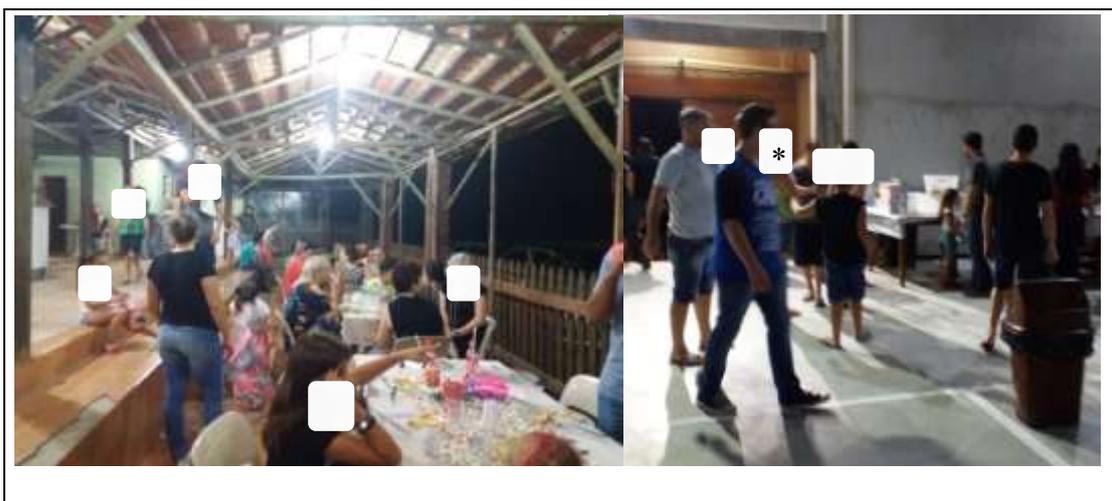


Figura 29 - Participação de neófito na venda sorvete e rodízio de pizza

*Neófito E5H fotografado durante participação do evento

Fonte: a autora.

4.5.1.7 Cursos do calendário anual da igreja

a) *Membresia*: Curso específico para explicação do funcionamento da fé cristã protestante, funcionamento da estrutura da igreja.



Figura 30 - Participantes no curso de membresia.

Fonte: a autora

b) *EMA - Escola ministerial Alcance*: Escola bíblica especialmente direcionada a novos convertidos e convertidos que buscam compreender e interpretar a bíblia.

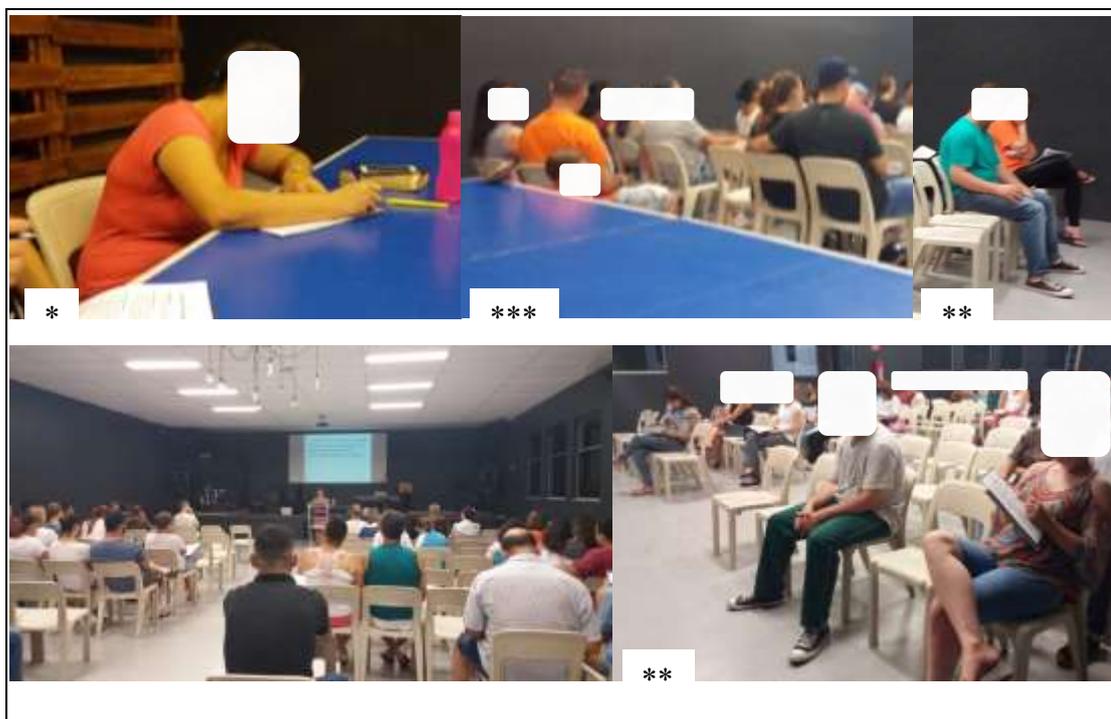


Figura 31 - Neófitos participando do EMA

*Neófito E2M; ** Neófito E5H e; ***Neófito E6H

Fonte: dados de pesquisa.

c) *TADEL - Treinamento Avançado de Líderes*: Treinamento semanal para líderes de célula da igreja. Basicamente é uma palestra (chamamos de pregação), com conhecimentos mais

aprofundados e direcionados para entendimento da palavra.



Figura 32 - Membros da igreja participando do Tadel

Fonte: dados de pesquisa

4.5.1.8 Cursos fora do calendário anual da igreja

a) *GPS - Global Prophetic school (Escola Global de Profetas)*: O evento ocorreu nos dias 28 e 29 de agosto de 2018. Evento de cunho educacional teológico aplicado pelos pastores de igrejas nos Estados Unidos, Daniel Bonilla e sua esposa Giselle. O curso foi oferecido por um valor de R\$75,00 por pessoa, com acesso ao evento e a apostila. A escola global de profetas ocorreu em dois dias pela aplicação de estudo bíblico teológico avançado. Aos neófitos não era indicada sua participação, pois, o conhecimento era aprofundado e poderia gerar interpretação incorreta.



Figura 33 - Participantes do GPS

Fonte: dados de pesquisa

b) *Conferência do Espírito Santo*: este evento ocorreu durante três dias, foi monetizado para cobrir os custos da apostila e foi proferido por pastor convidado. Foi um evento aberto para toda a população. As imagens exemplificam a participação dos fieis durante o curso e ratificam o uso de material para estudo e anotações.



Figura 34 - Conferência do Espírito Santo

Fonte: dados de pesquisa

4.5.2. Campo Externo

4.5.2.1. Colóquio 500 anos de reforma protestante: dimensões sociais, políticas e culturais - UFPR

Com vistas a compreender o produto e o consumidor cristão, tive acesso a este evento que debatia a reforma protestante no mundo e no país. Contudo, o evento serviu como aporte teórico para o entendimento do contexto histórico da reforma e as implicações do grupo protestante no Brasil.

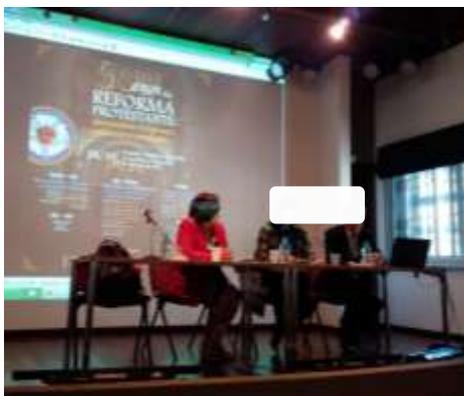


Figura 35 - Colóquio 500 anos da Reforma Protestante em Curitiba

Fonte: a autora

4.5.2.2 Troca de liderança da comunidade alcance em pinhais

Com vistas a efetuar o processo de desligamento enquanto pastor sênior de todas as igrejas associadas a "Comunidade Alcance", ocorreu em Pinhais-PR o rito de passagem de liderança de pastoreamento. Estiveram presentes todos os pastores das igrejas associadas a Comunidade Alcance e membros. Foi um evento monetizado, mas que contava com um livro como brinde. O pastor sênior Luciano Subirá estava se desligando desta atividade, porém não da igreja, para ter disponibilidade para efetuar pregações em todo o mundo, ao invés de gerenciar as igrejas. Participei com o intuito curioso de compreender a necessidade deste tipo de evento, mas, assim, como todo o protestantismo está envolto em ritos, este foi mais um. Iniciou com oração e louvor, pregação e explicação sobre o desligamento, homenagens de familiares do pastor, homenagens e orações dos demais pastores filiados a Comunidade Alcance. Este evento não teve identidade de marca, mas contou com *stand* para venda de livros.



Figura 36 - Troca de liderança da Comunidade Alcance - Pinhais

Fonte: a autora

4.5.2.3. Alianças

Evento anual criado pela igreja Comunidade Alcance direcionado para mulheres²¹. Fui participar deste evento para compreender o ambiente do consumo do evento. Nenhuma das neófitas entrevistadas participaram, porém, vários membros da igreja de Irati foram até a cidade de Pinhais para participar. É um evento que promove a participação de pessoas em nível nacional, onde ocorrem palestras/pregações com pastoras de reconhecimento nacional e show

²¹ "O Congresso Alianças é o evento anual da Comunidade Alcance de Curitiba para as mulheres do corpo de Cristo e àquelas que desejam conhecê-lo. Temos o propósito de edificar e fortalecer as mulheres em suas diferentes estações da vida. As ministrações são voltadas para um tempo de adoração ao Senhor, ensino da Palavra, comunhão e crescimento em diversas áreas como mulher, no seu espírito, alma e corpo." (<https://www.e-inscricao.com/alcancecuritiba/aliancadas2018>)

gospel com artistas conhecidos nacionalmente, é monetizado e conta com itens de identidade de marca do evento. Neste caso o investimento conferiu direito a ganhar, um bernal, um bloco de anotações, caneta e abanador. O evento ocorreu entre 15 e 17 de março de 2018, na Comunidade Alcance de Pinhais-PR.

No local do evento, havia *stands* com vendas de produtos e serviços direcionados para mulheres, como design de sobrancelha, camisetas com imagens e escritos cristãos, livros, CDs, joias e bijuterias, calçados adultos e infantis, adornos infantis, bolsas, doces e pães, etc.



Figura 37 - Evento Alianças em Pinhais

Fonte: a autora

Acho importante perceber que os produtos são de cunho a expressão feminina do caminho cristão (angariar dinheiro para seus ministérios), como artesanato, artigos de feitiço próprio, produtos de 'interesse' femininos e foco em promover atividades e grupos sociais.



Figura 38 - Produtos e serviços comercializados no evento para mulheres Aliançadas em Pinhais
 Fonte: dados de pesquisa

4.5.2.4 *The Global Leadership Summit*²² - Brasil - Curitiba

Por dois anos participei deste evento, que busca reunir informações do âmbito de liderança na igreja e nas organizações seculares. É um evento que permite associar a cultura cristã a aspectos vivenciados no dia a dia das organizações, neste caso o evento foi retransmitido na PIB - Primeira Igreja Batista de Curitiba. No Brasil não há a cultura de associar conteúdo

²² "O *Summit* é uma experiência de nível mundial para líderes sérios que desejam se aprimorar. Ele é intelectualmente rigoroso e criativamente inspirador, além de ser centrado em Jesus sem ser apologético. A conferência tem sido realizada desde 1995 pela *Willow Creek Community Church* e posteriormente, transmitido em vídeo para mais de 135 países, servindo às igrejas e impactando as comunidades. O *Summit* acontece de forma presencial em Chicago/EUA, todo mês de agosto, e no Brasil a transmissão acontece em vídeo nos parceiros locais, em 18 estados, começando sempre em Outubro e se estendendo até Março do ano seguinte." (<https://summitbrasil.org/>, 2019)

cristão com as organizações, diferente dos Estados Unidos onde ocorre a confissão de religião por alguns empresários e a existência de empresas e serviços como a *Barna Group*²³ que promove estudos junto ao público cristão ou a empresa de pesquisa junto a consumidores cristãos *Faith Driven Consumer*²⁴.



Figura 39 - The Global Leadership Summit - Brasil em Curitiba

Fonte: dados de pesquisa

4.5.2.5 *Expocristã*

As informações referentes a esta Feira e suas respectivas fotos são encontradas no tópico produtos cristãos.

²³ *Barna Group*: Em seus 30 anos de história realizou mais de um milhão de entrevistas ao longo de centenas de estudos e se tornou uma fonte de informações sobre fé e cultura, liderança e vocação e gerações. Acompanhando de maneira cuidadosa e estratégica o papel da fé nos Estados Unidos, desenvolvendo um dos bancos de dados mais abrangentes de indicadores espirituais do país. Trabalhou com milhares de organizações empresariais e sem fins lucrativos e igrejas nos EUA e em todo o mundo, incluindo muitas denominações protestantes, paróquias católicas e líderes religiosos (<https://www.barna.com/about/>, 2019).

²⁴ Consumidores movidos pela fé: é uma empresa que pesquisa junto a consumidores cristãos para responder necessidades de produtos direcionados a eles. Cristãos são aqueles que trazem glória a Deus ao viver proativamente a fé em todos os aspectos de suas vidas, incluindo onde trabalham, onde fazem compras, o que compram e as escolhas de entretenimento que fazem (http://www.faithdrivenconsumer.com/about_us, 2019).

5 Análise dos Dados

5.1. Domínio dos dados

A análise dos dados foi efetuada com o auxílio do programa MaxQDA devidamente pago para acesso de estudante durante seis meses e renovado para mais seis meses, num valor total aproximado de R\$ 390,00 por doze meses. A opção pelo uso deste programa ocorreu pelo conhecimento que detive a partir da participação de um curso ministrado no evento oficial do Programa de Pós-Graduação em Administração da UEM (SIMPPA) em 2017. Isso facilitou o trabalho posterior de reunir extratos de entrevistas relacionados a um mesmo tema.

As transcrições das entrevistas foram feitas pela contratação de serviço especializado. Foram contratadas as transcrições em dois momentos distintos, no primeiro momento a empresa foi contratada para transcrever o áudio referente a 393 minutos no valor de R\$1.350,00 e no segundo momento para 357 minutos no valor de R\$ 863,55. A empresa entregou as transcrições em documento em formato 'PDF' e em formato '.doc'.

5.1.1. Codificação

Iniciei a análise no final do ano de 2018, pela leitura de todas as entrevistas com o uso do programa de análises MaxQDA. Dentro do programa criei códigos que representassem os pontos importantes que procurava identificar e após chegar a esta ampla variedade de temas, foi necessário identificar quais seriam mais importantes e relacionados aos objetivos de pesquisa (Ryan & Bernard, 2003), então, a codificação foi condicionada à relação com os objetivos específicos, e ao ler todas as entrevistas fui lançando as codificações referentes às frases. Criei inicialmente vinte e seis códigos (Quadro 10) e só então fui fazendo a associação dos códigos aos objetivos específicos da pesquisa. Assim, cheguei a doze códigos, dispondo os principais temas a serem tratados pela pesquisa (Gaskell, 2002). Este processo de codificação é o ponto principal da análise de conteúdo, e é a partir deste processo que o pesquisador fica familiarizado com os dados (Moisander & Valtonen, 2006).

Códigos de pesquisa MaxQDA			
01	Autogerenciamento melhorado	14	Indicação de consumo pelos pastores (e líderes)
02	Como neófito é visto por pares e pastores	15	Indicação de Neófito
03	Comportamentos característicos do neófito	16	Maior autocontrole após conversão
04	Consumindo o que o pastor consome	17	Maior autocontrole após conhecer a religião
05	Consumo anterior	18	Maior racionalização do consumo (autogerenciamento)
06	Consumo após a conversão	19	Mudança de atitude
07	Consumo de experiência religiosa	20	Mudança no consumo depois da conversão
08	Consumo de produtos relacionados à religião	21	Nova forma de consumo
09	Consumo do neófito	22	Papel do neófito no grupo
10	Experiência do consumo	23	Quem é o novo convertido
11	Formas de primeiro contato com a religião	24	Ritos de passagem
12	Indicação da fase de liminaridade	25	Tempo de conversão
13	Indicação de auto melhoramento após conversão	26	Valor gasto

Quadro 11 - Codificação inicial no MaxQDA

Fonte: dados de pesquisa.

*em negrito estão as 12 variáveis selecionadas para análise

E a partir desta codificação inicial, associei todo o conteúdo das entrevistas aos códigos. Criando assim a associação das variáveis ao discurso dos entrevistados neófitos e pastores. Após deliberação com minha orientadora, chegamos à codificação condizente com os objetivos de pesquisa. Assim, pude iniciar o processo de análise de acordo com as respostas que caberiam aos objetivos de pesquisa, chegando então ao Quadro 11 com apresentação de relacionamentos dos objetivos específicos e variáveis identificadas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	VARIÁVEIS IDENTIFICADAS									
1) Caracterizar o neófito da religião protestante pentecostal.		23	03	02		09	07		16	
2) Interpretar o papel do neófito no estágio de liminaridade na religião protestante pentecostal.		23	03		22		07			
3) Identificar e analisar o que e como o neófito consome no estágio de liminaridade na religião.			03			09	07	08	18	
4) Identificar e analisar a percepção dos outros agentes religiosos (líderes religiosos e outros adeptos) sobre o que e como o neófito consome no estágio de liminaridade na religião.			03	02		09	07	08	01	13
5) Identificar significados atribuídos pelos consumidores neófitos à experiência vivida, durante e após o consumo no processo de transição religiosa.							07			
6) Definição implícita e explícita do tempo para conversão	25	23		02						

Quadro 12 - Relação entre objetivos e variáveis identificadas

Fonte: dados de pesquisa

5.1.2. Bricolagem teórico-empírica

Neste tópico procuro descrever os contextos de respostas de maneira a compor o quadro de identificação proposto pelos objetivos. Primeiramente, a intenção da análise dos dados foi colocar o novo convertido como um ser pertencente a liminaridade, busquei desta forma, elencar a descrição destes elementos por parte de pastores e depois pela descrição de entendimento na visão dos neófitos, fazendo assim a interpolação com a teoria. Identificando similaridades ou dissimilaridades. Em seguida, busquei identificar os produtos que fazem parte do cotidiano cristão, ou seja, neste contexto, produtos (materiais ou imateriais) que começaram a fazer parte do cotidiano do novo convertido. Só então, descrevo os pontos de modificações e ressignificações do novo convertido e sua relação com o consumo, ou seja, como o consumo cristão reflete no seu cotidiano e o contato com o coletivo cristão com as atividades do cotidiano.

5.1.3. Construindo o cenário do campo: personagens e rotinas

No total foram entrevistados formalmente vinte pessoas, dentre elas, seis pastores e quatorze neófitos, sendo estes, pastores da mesma igreja (Tabela 2), os seis entrevistados (Tabela 4) e três casais (Tabela 3) da Comunidade Alcance e um casal da igreja Quadrangular²⁵ (Tabela 3). Apenas um dos indivíduos entrevistados reside no município de Imbituva (E3M), os demais são residentes no município de Irati.

As entrevistas iniciaram novembro de 2017 e foram finalizadas em fevereiro de 2018, e os meses prévios, durante e após as entrevistas, foram preenchidos pela observação participante. Esta atuação foi necessária devido a alguns motivos: caráter metodológico e empírico. Em termos metodológicos, entendi que era necessário reduzir o estranhamento dos membros com relação a minha condição de pesquisadora bem como, me fazer compreender dos aspectos práticos e ritualísticos das atividades da igreja e isso me fez reconectar aos usos e costumes da Comunidade Alcance em Irati. O motivo de caráter empírico ou prático foi o reconhecimento do campo, compreender onde eram encontrados os neófitos, entender quais atividades lhes era permitido participar, compreender quais eram as atividades da igreja como um todo, negações

²⁵ A igreja do Evangelho Quadrangular é uma denominação evangélica pentecostal fundada nos Estados Unidos em 1923 e sendo fundada no Brasil em 1951. (IEQ. A Igreja do Evangelho Quadrangular. Disponível em: <<http://www.quadrangular.org/a-igreja-do-evangelho-quadrangular/>>. Acesso em abril de 2019.). Por ser uma igreja pentecostal, manteve a resposta dos entrevistados, pois esta denominação tem representação de nomenclatura igual a dos demais entrevistados.

de alguns contatados para a participação na pesquisa ou mesmo incompatibilidade de datas e lugares para a entrevista.

Acredito que a dificuldade de aceitação de alguns neófitos é devida a sensibilidade, pois muitos entram para igreja mediante necessidade de sanar problemas e dificuldades que os sensibiliza para a realidade. Trazendo assim, dificuldades ou mesmo sentimento de inferioridade ou culpa. Em contra partida, enquanto ao ânimo daqueles entrevistados foi algo que me chamou a atenção. A maioria se dispôs a responder com alegria e satisfação ao contar o que havia acontecido em suas vidas após se tornarem protestantes na igreja em questão. Muitos foram os relatos de mudança interior, melhora de ânimo, alegria com a vida, esperança em Jesus, relatos de milagres em relação à experiência da conversão. E principalmente demonstração de satisfação com o grupo religioso protestante em detrimento a outros grupos religiosos que frequentavam.

A maioria dos membros foi direcionada mediante indicação dos pares da mesma igreja e um de outra congregação. Os indivíduos entrevistados foram contatados para agendamento das entrevistas por conversa durante as atividades comum da igreja e por meio de *WhatsApp*. Quanto aos casais, um deles foi contatado durante o levantamento de nomes para pesquisa no EMA, um foi contatado por pertencer a mesma célula que eu frequentava, um foi indicação de membro e um dos casais foi indicação de pessoas conhecidas pertencente à Primeira Igreja Quadrangular de Irati.

Tabela 2 - Dados demográficos pastores

entrevistado	idade	sexo	formação	ocupação	Tempo de conversão*	Tempo de entrevista
P1H	05/01/60	H	EM incompleto	Pastor principal	28 anos	0:55:18
P1M	03/09/66	M	EM completo; teologia	Pastora principal		
P2H	26/09/75	H	Direito; teologia	Advogado e pastor	Sem tempo determinado	0:50:00
P2M	19/01/78	M	Direito; teologia	Pastora	A partir da Alcance	
P3H	04/05/84	H	EM completo	Pastor	13 anos	0:37:23
P3M	21/09/84	M	EM completo	Pastora		

Fonte: dados de pesquisa

*Tempo de conversão total dos pastores

Tabela 3 - Dados demográfico casais de neófitos

entrevistado	idade	sexo	formação	ocupação	renda	residência	Tempo de igreja	Gastos após conversão	Tempo de entrevista
C1H	45	H	Ensino Médio	empregado	2800	própria	9 meses	R\$ 200	1:05:50
C1M	44	M	Ensino Médio	empregado	1530	própria	9 meses		
C2H	31	H	Ensino Médio	empregado	2100	própria	2 anos	R\$ 500	1:15:50
C2M	28	M	Graduação	empregado	1500	própria	2 anos		
C3H	32	H	Ensino fundamental	empregado	Não informado	família	1 ano e 6 meses	R\$ 500	1:33:20
C3M	36	M	Técnico	autônomo	Sem estimativa	família	1 ano e 6 meses		
C4H	30	H	Especialização /Técnico	empregado	Não informado	própria	6 meses	Aprox. R\$ 800	2:01:40
C4M	30	M	Graduação	empregado	Não informado	própria	6 meses		

Fonte: dados de pesquisa

Tabela 4 - Dados demográficos neófitos

entrevistado	idade	sexo	formação	ocupação	renda	residência	Tempo de igreja	Gastos após conversão	Tempo de entrevista
E1M	21	M	Técnico	desempregada	0	família	8 m	R\$ 200	0:38:54
E2M	24	M	Técnico	empregado	1200	alugada	1 ano	Sem estimativa	0:51:40
E3M	*	M	Técnico	gerente	2400	alugada	1 ano	R\$ 2000	0:38:03
E4M	18	M	EM	desempregada	0	família	1 ano	Sem estimativa	0:34:10
E5H	16	H	Cursando EM	estudante	0	família	1 ano 3 meses.	R\$ 600	0:55:07
E6H	39	H	Técnico	empregado	1500	própria	1 ano e 6 meses.	R\$ 50/mês	0:31:40

Fonte: dados de pesquisa

*não informado

O cenário religioso cristão tem estado em voga nos meios de comunicação nos últimos anos envolvendo cunhos políticos que abarcam vários países. Em nosso país este cenário é anunciado de maneira incorreta pelos meios de comunicação. Pois os mesmos desconhecem a cultura e forma de ser do cristão protestante moderno.

Os personagens que envolvem esta pesquisa são: a pesquisadora, um grupo de seis pastores, os casais neófitos e os demais indivíduos neófitos. Optei por entrevistar casais de neófitos por entender que o processo de conversão envolve a família como um todo, assim, pude compreender as rotinas de casais, suas visões da conversão, seu entendimento da aplicação da cultura cristã no cotidiano familiar, compreender como os demais familiares não convertidos viam os convertidos, ou seja, se os neófitos conseguem perceber a diferenciação que os outros são a eles. Optei por entrevistar individualmente algumas pessoas para compreender a visão individual da conversão e compreender seu processo de transição e percepção individual.

As rotinas deste grupo num sentido amplo ocorrem diuturnamente e caso o fiel, novo, ou mais antigo busque, terá uma composição diária de atividades e eventos para preencher seu

novo modelo de fé na nova igreja.

Durante este tempo de pesquisa, me fiz presente no máximo de eventos locais, regionais e nacionais que pude participar. Fazendo registro fotográfico dos eventos no momento da possibilidade e liberdade. Pois, alguns eventos não puderam ser fotografados por se tratar de evento secreto.

5.1.4. O processo de conversão

Nas entrevistas procurei entender alguns caminhos percorridos pelos informantes até chegarem ao protestantismo. Assim, parti da descrição de suas histórias de vida e de conversão, passando por aspectos relacionados aos dados demográficos, como idade, trabalho, escolaridade, moradia e só então segui com questões com vistas a compreender o consumo e suas modificações antes e após a entrada na nova religião.

Igualmente, procurei compreender a história de conversão dos pastores para entender a visão e descrição deles nos primeiros momentos da sua própria conversão, pois poderiam surgir insights para direcionamento nas entrevistas com os novos convertidos. E foi o que aconteceu. Eles me contaram dos produtos consumidos por eles, indicaram os produtos que os fiéis mais consomem ou mesmo interpolações solidificando a posição desta pesquisa quanto à importância de investigar este público.

Ao solicitar que contassem sobre a história da sua conversão tanto para os pastores como para os novos convertidos, para compreender o primeiro contato com o protestantismo, compreender sua motivação e história com outras religiões. Facilitando assim a compreensão do processo anterior a conversão. E ao versarem sobre as suas histórias compreendi uma busca, mesmo que inconsciente, à religião que ao chegarem à igreja, afirmam terem se encontrado no 'lugar correto', em vista do acolhimento, em vista dos conhecimentos bíblicos repassados e acompanhamento de líderes. Além do mais, a conversão pareceu ter sido algo significativo e impactante para a vida e forma de agir e consumir dos entrevistados. Ideias estas que serviram de motivação para esta pesquisa, haja vista que eu já tive contato com esta religião previamente.

5.2. Liminaridade e o neófito: caracterizando o novo convertido

Compreender o contexto onde o neófito existe no imaginário social tem sido uma tarefa difícil, pois sua denominação é modificada de acordo com a estrutura do grupo social, do

esforço de compreensão social e teórica. O maior desafio desta pesquisa esteve em identificar uma definição adequada que contemplasse a nomenclatura adequada para o novo convertido.

Inicialmente, convém esclarecer as nomenclaturas e definições encontradas: neófito²⁶, recém-plantado (*New Catholic Encyclopedia*, 2019), recém-nascido (Subirá, 2018), prosélito, novo convertido, recém-convertido, novo cristão, novo na fé, noviços, crente fresco, bebê na fé, novos entrantes, etc. Utilizarei o termo neófitos, para fins desta pesquisa. Expressões estas que são modificadas de acordo com a cultura da igreja ou tipo de religião cristã.

O novo convertido são seres liminares na religião protestante, mas até então, não havia sido classificado de maneira descritiva na teoria associativa entre protestantismo e liminaridade. Assim, busquei por meio do discurso dos pastores e dos próprios neófitos descrevê-los e compará-los. O próximo tópico descreverá a forma como são relatados os indivíduos liminares, antes, durante e após a conversão. Por parte dos pastores e pelo relato do próprio neófito, de como ele se vê enquanto novo convertido, quais são as considerações de consumo da nova fé, etc. Chegando ao fim do tópico fazer a correlação entre a Teoria da Liminaridade e posicionamentos sociais de Turner e as indicações do novo convertido liminar.

5.2.1. Como os neófitos são vistos pelos pastores

Podemos indicar a posição de um indivíduo dentro de um grupo social, mas será que chegamos a considerar como o próprio indivíduo se considera junto ao grupo? Posso dizer que o 'indivíduo A' é novo convertido, mas, dentro dele há esta mesma consideração? Digo isto, pois, ao selecionar os entrevistados por conveniência a partir da indicação de líderes de igreja protestante, solicitei pessoas que estivessem na igreja há no mínimo seis meses e no máximo dois anos. Tempo que estabeleci em conjunto com minha orientadora, delimitação temporal que nas leituras teóricas e cristãs sobre o assunto²⁷ não foi encontrada.

A definição de neófito existe de forma a ser levada em consideração pelos pares e até mesmo por alguns dos entrevistados, contudo, por ser uma identidade inicial que para alguns

²⁶ 1ª Timóteo, capítulo 3, versículo 6: não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo.

²⁷ Além das leituras teóricas, encontrar um referencial temporal de conversão não foi possível. A passagem bíblica que descreve o neófito também não estabelece tempo. Na literatura cristã também não foi encontrado. Contudo, no final do ano de 2018, o pastor Luciano Subirá (pastor fundador da Comunidade Alcance) publicou um livro, com a descrição do neófito e dos vários graus de maturidade do cristão. Ele descreve o neófito como parte inicial das fases de crescimento do cristão: recém-nascido, menino, jovem e adulto. O neófito é representado como o recém-nascido (Subirá, 2018, p. 127). Subirá, Luciano. (2018) Maturidade: o acesso à herança plena. Rio de Janeiro: Central Gospel.

remete a ignorância e desconhecimento o termo não é utilizado como modo de divisão de pares, conforme aponta o *Pastor IH*:

Apesar da Bíblia falar sobre isso, a gente não faz isso. Porque eu entendo que se você classificar isso, por exemplo, vamos fazer uma classe de neófitos. Você ofende as pessoas. Então, a gente não tem essa denominação, 'vamos ensinar uma classe de neófitos', não. (P1H).

Alguns pontos são caracterizados, como a incerteza de definição do estágio de passagem característico do novo convertido, perpetuidade do estágio de liminaridade, a classificação do neófito dentro da igreja ocorre, porém, não de maneira clara, conforme a fala do pastor P1H

No fundo a gente classifica, todo mundo classifica. Não tem como não classificar. Porque você identifica ele no meio da multidão. Se você conversar com uma pessoa que não tem entendimento bíblico, logo identifica. Mas classificar eu acho que está muito íntimo, não é uma coisa pública. Você reconhece dentro da igreja os neófitos, mas você não vai: “agora eu vou falar para você, neófito”, não. (P1H)

Nas entrevistas, alguns respondentes foram contundentes em dizer que não seriam novos convertidos, mas sim convertidos, apesar do pouco tempo como protestante. Porém outros se consideraram na fase de novo convertido. Colocações ambíguas referentes justamente à não determinação específica do tempo de liminaridade e do ser liminar, ou mesmo a indicação de desconhecimento das características de neófito.

Pelas observações de pesquisa e experiência enquanto protestante há oito anos, na igreja, o ser liminar não pode assumir responsabilidades de coordenação de grupos de célula, diaconato, pertencimento há alguns ministérios, como por exemplo, do ministério de intercessão. Por ser considerado pertencente a um nível espiritual em evolução primária e não ter preparo espiritual.

As entrevistas apontaram propostas confluentes com os apontamentos das características do estágio de liminaridade de Turner (1974), ao que faço a associação paralela com os discursos dos pastores e as observações descritivas do neófito por parte dos demais entrevistados.

5.2.1.1 Fase de separação ou fase pré-liminar

Com vistas a tecer a noção de liminaridade e pertencimento do novo convertido a esta classe, convém pontuar a noção prévia, chamada por Van Genneep de separação. O indivíduo, antes de aceitar dar prosseguimento a seu processo de conversão, tem contato com o protestantismo como visitante durante as reuniões. Pois antes de ser o ser iniciado, este é o 'visitante', que só frequenta culto, mas enquanto caráter de visitante e não membro. Já o iniciado

solicita visitas em sua residência para oração, porém não se envolve com liderança da igreja.

O visitante vem na igreja, mas está na dele. Ele não vai se envolver com a visão da igreja. Ele gosta de ouvir a palavra, mas não quer ninguém falando com ele. Já tem um que é num nível maior, ele já quer você o visitando na casa dele. Ele só não se envolve com liderança, é bem claro. (P1H)

E tem o membro que vem na igreja e nunca vai querer nada com a igreja. Ele só vem nos cultos, nas reuniões, mas não te pergunta nada, não quer saber de nada. (P1H)

É importante salientar que a fase de visitante pode ser vista como pré-liminar, ou seja, ocorre antes do processo de frequentar a religião. Mas também pode ser vista como uma fase anterior à fase pré-liminar, pois, por exemplo, há o indivíduo que visita a igreja, porém, não volta, ou passa a visitar várias igrejas buscando a que se enquadra em seu perfil.

5.2.1.2 Fase de margem ou liminaridade

Esta fase é a principal representação da temporalidade do ser liminar. É o ponto na transição religiosa que busco encontrar e salientar seus indivíduos e seu consumo. Procuo salientar os aspectos encontrados nos discursos dos pastores e neófitos, pontos relacionados a existência ou não de temporalidade, ideias da prática cristã, identificação do comportamento deste ser liminar e como o indivíduo passa a ser cristão a partir do conhecimento adquirido.

a) Temporalidade

A temporalidade enquanto forma de passagem, não pode ser identificada na teoria, mas somente no discurso dos cristãos pela observação da prática e vivência junto ao grupo. Pude investigar com pastores²⁸, acadêmicos e membros de igrejas protestantes no país e fora sobre esta noção do tempo da conversão e não houve um consenso quanto ao tempo do indivíduo enquanto novo convertido.

Início esta parte da análise com o argumento apontado por um dos pastores entrevistados, para ele, o estágio de neófito é contínuo e comum a todo cristão, pois, todos passaram e ainda vão passar por este estágio, "Na verdade todos nós fomos neófitos. Então, é difícil falar que o neófito é aquele que se converteu agora, porque tem gente que se converte e

²⁸ Ao iniciar a intenção de pesquisar sobre este tema, busquei intensivamente em bases de periódicos nacionais e internacionais, conversei com pastores e membros de igrejas protestantes no Brasil e fora do país (tive oportunidade de conversar com pastora de igreja em Cali-Colômbia), com pessoas de interesse em pesquisa do consumidor cristão. E muitos deles não souberam me dizer o tempo da conversão, ou até mesmo nunca pensaram em considerar compreender o neófito. Não criei notas de campo por tais conversas terem ocorrido previamente ao início do campo.

sabe mais da Bíblia que nós", mas o indivíduo, segundo ele, só não teria o entendimento espiritual (P1H).

O estágio de neófito é trânsito comum de quaisquer convertidos, contudo, o espaço de tempo é ambíguo, conforme diz o pastor:

"Na verdade, todos nós fomos neófitos. Então, é difícil falar que o neófito é aquele que se converteu agora, porque tem gente que se converte e sabe mais da Bíblia que nós." (P1H)

Portanto, tem-se a ambiguidade de tempo como o ponto característico principal, conforme expõe a pastora P3M,

Não tem um tempo, vamos dizer... a partir de três meses, não é mais um neófito, a partir de um ano, não é... não tem um tempo determinado. Eu acho que vai de cada pessoa, a partir de ela entender o que a palavra de Deus pede dela, e ela praticar aquilo ali... então, ela deixa de ser um neófito ou não. Tem pessoas que, em quatro ou cinco meses, de convertidas, já não são mais neófitas na fé. E tem pessoas com cinco anos de convertidas, que ainda não tomaram as atitudes, baseada na palavra... não pratica, ainda, o que a palavra pede... então, elas são neófitas na fé, ainda. (P3M)

Não obstante, a atemporalidade é especificada pelo conhecimento sobre o conteúdo bíblico e seu entendimento ainda são representações deste estágio, conforme aponta pastora P3M,

"Não tem um tempo, vamos dizer... a partir de três meses, não é mais um neófito, a partir de um ano, não é... não tem um tempo determinado. Eu acho que vai de cada pessoa, a partir de ela entender o que a palavra de Deus pede dela, e ela praticar aquilo ali... então, ela deixa de ser um neófito ou não. Tem pessoas que, em quatro ou cinco meses, de convertidas, já não são mais neófitas na fé. E tem pessoas com cinco anos de convertidas, que ainda não tomaram as atitudes, baseada na palavra... não pratica, ainda, o que a palavra pede... então, elas são neófitas na fé, ainda." (P3M)

O entendimento do estado de pertencimento temporal é outra característica imputada ao ser liminar, contudo, o ser convertido endossa o tempo de acordo com o próprio esforço, não sendo definido, portanto, pelos pastores ou pelo tempo de participação junto ao grupo, mas sim, é indeterminado. Portanto, um entendimento atemporal e direcionado, confere o estado de neófito a todo aquele que desconhece algo, conforme aponta o pastor:

Todo mundo é suspeito até que se prove o contrário. Todos nós, de certa forma, em alguma coisa a gente é neófito. Então, se fosse para dar uma resposta direta, de modo geral o neófito é aquele que não tem discernimento espiritual daquilo que a Bíblia diz. Não é só o entendimento intelectual. Você pode ter o entendimento teológico, histórico da Bíblia, mas você não tem um entendimento espiritual. (P1H)

Contudo, cabe salientar que o processo de indicação do neófito diante dos pares é algo ofensivo e segregador, ferindo a premissa de que todos devem pertencer. Conforme aponta P1H

Apesar da Bíblia falar sobre isso, a gente não faz isso. Porque eu entendo que se você classificar isso, por exemplo, vamos fazer uma classe de neófitos. Você ofende as

peças. Então, a gente não tem essa denominação, “vamos ensinar uma classe de neófitos”, não. (P1H)

Portanto, as características em comum deste indivíduo, se concentram na ideia de que: o estágio de neófito é contínuo; o estágio de neófito é comum a todo cristão; tempo ambíguo ou atemporalidade; estado de pertencimento temporal; indicação é ofensiva e segregadora.

b) Conhecimento

Para compreender o caminho a percorrer enquanto cristão, ele recorre à bíblia, logo, todo conhecimento²⁹ cristão advém da bíblia e sua interpretação. Assim, este conhecimento é importante para o cristão no intuito de conhecer os preceitos que começará a seguir. É associado o conhecimento à busca do individual pela informação sobre o cristianismo e sua interpretação, sendo, esta busca o fator determinante para a conversão.

Dependerá da busca pelo conhecimento "da palavra", a busca individual é que irá determinar o tempo do transito na fase de liminaridade, e não conforme pontuado nos estudos sobre liminaridade de que o trânsito na liminaridade é determinado pelo social³⁰, pelo outro, neste caso, o tempo de trânsito é determinado pelo indivíduo liminar, é o ser liminar que determina sua posição no espaço do tempo liminar pela sua escolha na continuidade na religião e nos estudos de aprofundamento bíblico. Contudo, este estágio liminar somente ratificado pelos líderes e pastores, conforme aponta o pastor P1H:

"A gente (crê) que uma pessoa para mudar esse estágio, um ano é suficiente. O que a pessoa não desenvolver em um ano é porque ela não quis. Porque em um ano dá para você desenvolver muito e se converter de fato. Mas isso não está baseado, porque qual a sua frequência na igreja? O quanto você lê a Bíblia? Quando você ora? Tudo isso trabalha para sua conversão. O quanto você é disciplinado – especialmente isso. Então, isso coopera para conversão. O neófito pensa assim. A pessoa que tem um entendimento bíblico pensa que se ele roubar, quem mais saiu perdendo foi ele." (P1H)

O conhecimento é um dos contextos prementes de definição de conversão, ao que se chama de conhecimento bíblico ou conhecimento 'da palavra', seria um dos principais indicadores de experiência da conversão.

A aplicação dos conhecimentos da bíblia adquirido pelo estudo do que chamam "da

²⁹ Além disso, as igrejas protestantes costumam oferecer cursos bíblicos que levam ao aprofundamento do entendimento dos escritos da bíblia, no sentido de interpretar de acordo com o tempo e o espaço de ocorrência dos acontecimentos descritos na bíblia, além de proceder interpretando as metáforas e indicações de correção no contexto social atual. As igrejas oferecem cursos esporádicos, treinamento para líderes, e eventos em geral visando ensinar o fiel a interpretar e compreender os escritos bíblicos.

³⁰ Nos estudos de Turner é o líder da tribo que imputa a posição de ser liminar.

palavra de Deus" (P3H), portanto, o define um novo convertido não seria o tempo, mas o processo que permitiu o conhecimento e aplicação do aprendido com a leitura da bíblia e dos estudos. O indicativo da conversão seria então a "aplicação da palavra" (P3H).

Assim como, seu oposto, a falta de conhecimento da 'palavra' é indicativo de temporalidade de passagem lenta pelo processo de conversão. Portanto, aponto ao que os entrevistados relatam o entendimento de que a falta de conhecimento é a variável determinante do estágio de liminaridade é salientada pelo pastor P1H, "Ele não tem entendimento nenhum da palavra de Deus", "não tem o entendimento espiritual", "Não tem conhecimento, porque não é comum para ele isso. Não faz parte da vida dele." (P1H).

Entretanto, o conhecimento ou a falta dele é uma forma de classificação do neófito, é um apoio qualificativo do fiel, conforme pastor descreve:

"No fundo a gente classifica, todo mundo classifica. Não tem como não classificar. Porque você identifica ele no meio da multidão. Se você conversar com uma pessoa que não tem entendimento bíblico, logo identifica. Mas classificar eu acho que está muito íntimo, não é uma coisa pública. Você reconhece dentro da igreja os neófitos, mas você não vai: "agora eu vou falar para você, neófito", não." (P1H).

Logo, os descritores do conhecimento que deram sentido ao discurso dos pastores foram: busca do conhecimento da palavra; o conhecimento determina o trânsito; a aplicação dos conhecimentos; falta de conhecimento da palavra; e, o conhecimento é o meio de classificação e qualificação do fiel; e o comprometimento é fator preponderante para evolução.

c) Comportamento

O comportamento do fiel no dia a dia da igreja também é visto como forma de classificação do novo convertido. Seja por meio de ações comportamentais junto aos pares e no seu dia a dia ou mesmo pela vestimenta deste junto aos pares e a família.

Os pastores conseguem ter noção de classificação de um indivíduo que é neófito na igreja por meio da prudência na vestimenta³¹ que está usando em reuniões e demais eventos. Ao serem questionados se conseguem observar fisicamente se o indivíduo é neófito ou não, os pastores respondem que sim,

Dá para ter uma noção. Mas tem vezes que não. Tem vezes que a pessoa está superbem vestida, e é um novo convertido. Não é uma regra: "sempre vai ser assim". (P3M)

³¹ Um dos ensinamentos bíblicos seria de que a mulher deve se guardar para seu marido bem como, não fazer com que ela seja cobiçada por outros homens. Assim, recomenda-se prudência na vestimenta, ou seja, não vestir roupas curtas, justas e/ou decotadas.

É mais a questão da prudência. A gente classifica no sentido... se a pessoa é, realmente, convertida, independente do tempo que ela congrega, da quantidade de cursos que ela participou... se ela é convertida, ela vai se vestir de uma maneira que não causa escândalo a ninguém. Às vezes, como é um não convertido, ele nunca foi orientado a mudar aquele hábito. Ele nunca foi orientado a usar certos trajes, que vão causar escândalo. Então, a gente pode concluir, que, às vezes, uma pessoa, por ser nova convertida, usa um tipo de roupa, e uma pessoa que já é mais madura na fé, já tem um cuidado mais especial. (P3H)

Apesar de ser tratada num contexto direcionado ao sexo feminino, a vestimenta quanto ao sexo masculino não é abordada de maneira clara. O sentido que posso exprimir é que a vestimenta masculina envolve a questão de higiene.

Porém, como classificar visualmente o ser, senão pela vestimenta e seu comportamento e participação ativa na igreja. Ao que se refere a mudança característica do indivíduo, sob o olhar de pastores, o processo de mudança interior poderá ser visto no exterior, pois "É um viver que ele vai expressar no exterior, com certeza, mas não é o exterior que vai trazer essa convicção para você desse convertido ou não convertido." (P2M).

Nos apontamentos de definição do indivíduo liminar é utilizado o termo classificativo de "maturidade", o estágio de maturidade é contextualizado, pelo apontamento de que o ser neófito seria aquele que "Que não cresceu, espiritualmente".

A experiência de vida e experiência junto aos moldes de experiências espirituais da religião, que garantem maturidade ao novo convertido são outros pontos salientados, como outra forma de classificar o novo convertido, aponta a pastora P1M. Aqui, entendo experiência como vivência, mas também, ela afirma sobre a experiência espiritual cristã protestante "a experiência com o Espírito Santo mesmo, aquele que convence." (P1M).

Assim como detém um comportamento composto por cautela na tomada de suas decisões, "Após a conversão, ou iniciar o processo para conversão plena, há mais cautelas no comportamento do fiel" (P2M). O entendimento de cautela envolve todo o contexto de comportamentos reacionários do dia a dia do fiel, seja nas ações quanto nas emoções. Aqui diz respeito à contenção de despesas, a racionalização nas decisões individuais e familiares, ao tempo gasto para estudo bíblico, dedicação de atitude melhorada no trabalho e/ou estudo, etc.

Na visão dos pastores a classificação de comportamento do neófito envolve: classificação visual pela vestimenta; ações de maturidade espiritual; comportamento cauteloso (acautelamento).

d) Prática

A prática do novo convertido, remonta à atuação entre os fiéis e diante da igreja, irá classificá-los. A participação da pletora de eventos, a convivência junto aos pares, a vida em comum com a igreja é um dos indicativos de conversão segundo os pastores.

A vivência nas atividades desenvolvidas na igreja e pela igreja é uma das variáveis de classificação, conforme expõem o pastor P1H "É a vida comum com a igreja", "O convertido efetivo é o envolvimento dele com o Reino de Deus. Ele quer mistérios, quer trabalhar para o Reino, investe no Reino...".

A relação com a ação prática advinda do conhecimento adquirido após entrada da nova fé é um descritor, "Enquanto a pessoa não consegue praticar, aquilo que ela aprendeu, ela é um neófito. E, a partir do momento que ela é uma praticante, então ela é uma cristã madura." (P3H).

Quando explicam a diferença entre ouvir os estudos bíblicos e praticá-los, a prática dos ensinamentos bíblicos é valor indicativo de que o indivíduo já não seria neófito, mas sim um cristão maduro, conforme aponta a pastora:

Em alguns momentos, fala assim: "que dão ouvidos à palavra de Deus", eles poderiam interpretar que não: "ela ouviu a palavra de Deus, então ela já é uma crente", mas dar ouvidos é praticar aquilo que ela ouviu. A palavra fala, que nós não devemos ser ouvintes, mas praticantes. Enquanto a pessoa não consegue praticar, aquilo que ela aprendeu, ela é um neófito. E, a partir do momento que ela é uma praticante, então ela é uma cristã madura. (P3M)

Inclusive, associando ao contexto bíblico, a pastora P2M em uma das reuniões de treinamento (TADEL), se referenciou a mim em público sobre a entrevista que fiz com ela minutos antes, disse que, um dos indicativos de conversão seriam o conhecimento e aplicação do que na bíblia se chama 'Frutos do espírito'³² (Anexo 1). Portanto, a ação praticada deve ser advinda dos conhecimentos bíblicos que descrevem as ações indicadas aos cristãos.

A prática de investimento na igreja, investimento financeiro e de tempo de participação das atividades desenvolvidas pela igreja,

Outra coisa que muda é a questão administrativa que eu estava falando. Ele passa a investir na igreja, nos díizimos, ofertas, projetos sociais da igreja... começa a administrar isso com essa visão de Reino de Deus. (...) E comungante. (P1H)

Assim como a ação empírica do indivíduo seguindo os preceitos bíblicos é indicativo de conversão, a falta da prática dos valores cristãos é um indicador da não conversão, ou seja,

³² Frutos do espírito: é encontrado na bíblia em Gálatas 5: 22, "Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança."

é indicativo de que o indivíduo pode estar no estágio pré-liminar ou liminar, conforme aponta o pastor P3H

Eu acredito que é justamente pela forma que ele se conduz... Às vezes, pela dificuldade, ainda, de resolver problema de caráter, pelas decisões... às vezes, a pessoa tomou uma decisão que não é coerente com o cristianismo... ele fala coisas que não deve, pratica coisas que não deve... a imaturidade, de certa forma. (P3H)

Outra atitude comum a igrejas protestantes modernas é o acompanhamento da evolução do fiel, a evolução no seu nível de maturidade. Acompanha-se mediante a apreciação de relatórios ou mesmo conversas de discipulado sobre participação do mesmo junto aos grupos de célula e demais eventos, mudança de comportamento e caráter, etc. Ao acompanhar a evolução do indivíduo, os líderes e pastores assumem o controle para identificar o nível de desenvolvimento, transição ou evolução do novo convertido, conforme aponta o pastor:

Por exemplo, a gente como pastor, quando quer incluir uma pessoa no ministério, o sistema, o cadastro, ali, não podem me ajudar. Eu vou entrar em contato com a pessoa que acompanha ela, e eu vou perguntar para ela como está indo. Como que ela está, na questão do crescimento na fé. E o discipulador dela, a pessoa que acompanha ela que vai me dizer, se ela está bem ou não... através do convívio, na verdade. (P3H)

A descrição da prática como qualificador é entendida como: ação prática advinda do conhecimento bíblico; vivência nas atividades desenvolvidas pela igreja; prática de investimento na igreja; falta da prática dos valores cristãos; acompanhar o nível de maturidade.

Todos estes indicadores foram caracterizados pelos pastores, como processo de conversão ratificado pelo próprio título de pastor, porém, para confirmar estes pressupostos, foi conveniente identificar a visão do indivíduo neófito, pelo próprio neófito. Para empreender as características e se eles mesmos se enquadrariam em tal condição.

5.2.2. O neófito pelo neófito

Com vistas compreender sob o olhar do próprio neófito a classificação do novo convertido, optei por identificar junto a estes como eles veem o novo convertido, o que eles entendem pelo indivíduo, quais seriam suas características e comportamentos. Assim, cheguei a três posicionamentos gerais que os neófitos utilizam para classificar os novos convertidos: Conhecimento, Comportamento e Participação. Estas classificações são indicadas mediante ao discurso dos neófitos entrevistados, conforme segue abaixo.

O uso de metáforas representativas de passagem é também uma forma de representação da transição, conforme indica a resposta da neófito C3M, "Eu entendo como novo convertido a pessoa que está caminhando por um deserto. Eu acho que nós já passamos desse estágio.",

complementa ainda que "No começo era como se a gente tivesse se arrastando, aquilo não evoluía. O novo convertido é isso. Ele está no deserto, não sai e precisa de uma ajuda. Eu acho que a gente já saiu de lá.". Assim, o neófito é o indivíduo que está em trânsito, caminhando, movendo-se ainda.

Ao identificar o indivíduo novo na fé, existe a dificuldade de observação, conforme descreve E4M, "E nova convertida, ainda não consegui. Eu só sei quem é nova convertida, mesmo, porque conversam comigo, e falam... eu vejo quem vai lá na frente da igreja.". O que podemos chamar como ambiguidade da identificação do neófito, o neófito que não consegue perceber o neófito.

Em contrapartida, ao explicar o contexto que envolve o papel do novo convertido, em alguns momentos houve a auto identificação de pertencimento ao grupo de neófitos. A auto-observação, parte do pressuposto da sensatez e humildade de discurso, observado pela neófita C2M, "Particularmente, eu me vejo como nova convertida."

a) Conhecimento

Da mesma forma que foi encontrada no discurso dos pastores a noção de deter conhecimento é indicada nas respostas dos neófitos.

Sendo o ser iniciado, ele detém pouco conhecimento. E pela observação da neófita C4M "Acho que novo convertido, tipo, é a pessoa que está iniciando, que ainda não consegue ainda seguir, não consegue seguir não, quero dizer assim, não sabe tudo.". Complementando afirma ser aquele que "Ainda não tem muito conhecimento do que é o certo, o que é errado, tipo, está aprendendo, está na busca de acertar, de conhecer mais Deus. Acho que nós somos novos".

O caminho da busca do conhecimento é um senso comum entre alguns neófitos que se veem como novo convertidos, conforme relata C2H, "Também me vejo como um novo convertido. Nós pensamos na mesma linha, sempre conversamos sobre isso. Eu e ela [Esposa] sempre queremos buscar mais."

Ser convertido tem relação com conhecimento, "Para mim, eu sou convertido. Mas aquela questão só de diferença de conhecimento." (C4H), e de graus de acesso "De escala." (C4M).

O novo convertido é aquele que está descobrindo/aprendendo o conhecimento, "Acho

que novo convertido, tipo, é a pessoa que está iniciando, que ainda não consegue ainda seguir, não consegue seguir não, quero dizer assim, não sabe tudo." (C4M), "Ainda não tem muito conhecimento do que é o certo, o que é errado, tipo, está aprendendo, está na busca de acertar, de conhecer mais Deus."

A identificação e identidade do neófito são reconhecidas pelos neófitos como ganho de conhecimento, ou seja, quanto mais se tem conhecimento da bíblia e pela prática de participação das atividades da igreja, entender-se-ão como convertidos e não mais novos convertidos. Conforme expressa a entrevistada E1M:

Acho que vou ser definitivamente uma convertida mesmo, uma evangélica quando eu puder ter um conhecimento inteiro da Bíblia – que eu ainda não li inteira. E não só uma vez, porque não é uma coisa assim que lendo a primeira vez você já... é muito difícil de entender. (E1M).

E quando alguém me perguntar alguma coisa eu saber responder bem. Até porque, quando a gente tiver a nossa célula, vai servir como se fosse um pai espiritual. Então, vamos ter que dar o suporte para pessoa e saber responder as dúvidas dela. (E1M).

As metáforas fazem parte do discurso de explicação do processo de identificação pessoal do indivíduo, não convertido, novo convertido e convertido. E5H em sua descrição salienta esta diferença de interesse e entrega pessoal ao conhecimento da palavra e aceitação de Jesus, ou seja, o novo convertido é aquele que teve a decisão do interesse em Jesus:

O não convertido pode ser aquele que está se convertendo ou que não tem relação nenhuma, então é aquela pessoa que está, onde a gente chama, no mundo. Então, é uma pessoa que não tem relação nenhuma com a igreja, ou uma pessoa que está começando a se relacionar. Mas eu acho que o novo convertido, ele se dá a partir do momento que a pessoa fala assim: “eu quero Jesus” e ela começa a ter alguma coisa com isso. Então, você fala assim, “essa pessoa se converteu, essa pessoa está começando a ser crente”. Daí a pessoa, no que ela fala “daqui eu não saio, daqui ninguém me tira”, ela tem uma base. Que nem já ouvi muito, você é como uma planta, uma semente que fala, daí você é plantado, daí o espírito santo rega e aí essa semente, que nem eu pensei esses tempos, ela vai primeiramente só se enraizando para baixo, aí quando ela já tem uma raiz muito forte que ela começa a crescer, porque daí começa a ter as coisas que a gente chama de dons, começa a ter ministério, que ela começa a crescer a parte de cima, mas ela está fixada faz tempo. Isso que eu creio. (E5H)

O aspecto e apelo às dúvidas relacionadas ao entendimento da bíblia é um indicador de novo na fé, segundo a descrição de C2M:

"Particularmente, eu me vejo como nova convertida. Porque eu ainda me vejo com muitas dúvidas, ao mesmo tempo que estou supersegura na religião e na fé, as vezes vem alguma coisa tentando me deixar com dúvidas. Aí fica meio que uma montanha russa assim. Mas eu tento pensar que talvez seja processo mesmo..."(C2M)

A ambiguidade do papel é direcionador da falta de entendimento do "eu convertido", conforme é relatado por E1M:

Eu acho que o novo convertido... talvez eu esteja na transição do novo convertido para

um convertido. Porque eu já estou dentro da igreja há oito meses. Só que no começo eu ainda relutava muito, sabe? Eu não acreditava nas coisas que eu acredito hoje. Então, acredito que ainda estou nessa transição de novo convertido para convertido. (E1M)

A autopercepção de ter avançado no conhecimento é rememorada pela observação dos pares em relação ao neófito, conforme expõe E2M, "E até mesmo eu percebo que as pessoas também não me veem como antes". Sendo vista como ser diferente do anterior.

O conhecimento ou a falta dele irá direcionar o caminho do neófito, logo, as definições por parte dos neófitos são: indivíduo que detém pouco conhecimento; indivíduo que está a caminho na busca do conhecimento; indivíduo que está em determinado grau/escala de acesso; diferença de conhecimento; descobrindo/aprendendo; momento de ganho de conhecimento; decisão pelo interesse em Jesus; começando a ser crente; tem dúvidas relacionadas ao entendimento da bíblia; não entende o "eu convertido"; é um ser diferente do anterior.

b) Comportamento

A dúvida entre ser e não convertido paira sobre alguns entrevistados, justamente pelo fato de que não haveria um entendimento mais completo sobre ser novo convertido. O ato de deixar de atuar segundo preceitos anteriores a conversão, para E2M são indicadores, "Na verdade o novo convertido não faz mais do que ele fazia antes. Então, eu não sei se sou uma nova convertida ou... porque coisas que eu fazia antes eu não faço mais. É uma nova vida, uma nova pessoa. Eu vejo que parece que não sou eu.". A incerteza na identificação da mudança de comportamento impede a qualificação do neófito enquanto neófito.

A autoconsideração de convertido, vêm junto com a auto identificação de mudança de comportamento pela aplicação dos preceitos depreendidos pelo estudo da "palavra", conforme aponta C1H

Eu me considero, por causa do conhecimento que eu tive da palavra, por causa das coisas que aconteceram na minha vida, de como eu estou conduzindo a minha família, minha esposa e meus filhos. Como eu estou tratando as pessoas, como as pessoas estão vendo à minha maneira de pensar. Tem uns que não acreditavam, não acreditam que eu mudei. Eu me considero convertido. (C1H)

E esta condição de nova convertida é observada pela neófita na medida da mudança de seu comportamento, "Por que você que aquilo não faz mais parte de você. É daquela velha pessoa. Eu já me considero uma pessoa convertida, pelo fato do que eu fazia antigamente... uma nova vida, eu não faço mais." (E2M).

O neófito possui comportamentos característicos da transição, autocondenação,

autocontrole, conforme expõe C1H ao informar que consegue 'bloquear' seus pensamentos, "de bloquear. Deus, por favor, me tira esse pensamento. Eu falei para C1M, muda até a maneira de olhar as mulheres na rua. Você vê na rua a mulherada tudo de calção curto, minissaia, antes se olhasse diria 'pô que.'".

Também, sua representação é a consideração de um indivíduo instável, ao que representa pela fala do neófito E5H,

"Eu acho que um novo convertido ele tem muito mais chance de cair na fé, mais do que um convertido e eu creio que essa fixação, esse momento que você fala "não, daqui eu não saio, daqui ninguém me tira" é o momento que você já está convertido. Mas se for para ver por tempo, então eu sou um novo convertido ainda." (E5H)

Pela interpretação do mesmo,

O não convertido pode ser aquele que está se convertendo ou que não tem relação nenhuma, então é aquela pessoa que está, onde a gente chama, no mundo. Então, é uma pessoa que não tem relação nenhuma com a igreja, ou uma pessoa que está começando a se relacionar. Mas eu acho que o novo convertido, ele se dá a partir do momento que a pessoa fala assim: "eu quero Jesus" e ela começa a ter alguma coisa com isso. Então, você fala assim, "essa pessoa se converteu, essa pessoa está começando a ser crente". Daí a pessoa, no que ela fala "daqui eu não saio, daqui ninguém me tira", ela tem uma base. Que nem já ouvi muito, você é como uma planta, uma semente que fala, daí você é plantado, daí o espírito santo rega e aí essa semente, que nem eu pensei esses tempos, ela vai primeiramente só se enraizando para baixo, aí quando ela já tem uma raiz muito forte que ela começa a crescer, porque daí começa a ter as coisas que a gente chama de dons, começa a ter ministério, que ela começa a crescer a parte de cima, mas ela está fixada faz tempo. Isso que eu creio. (E5H)

O processo de conversão incipiente leva o fiel, a cometer erros ou pecados, diferente do fiel convertido, onde o conhecimento e o processo de domínio próprio fazem com que as ações do indivíduo sejam firmes, a confirmação da plena conversão praticada pelo autoconvencimento e fuga do pecado, conforme aponta E5H,

Bom, eu acho que a base da qual você está fixada. Eu acho que um novo convertido ele tem muito mais chance de cair na fé, mais do que um convertido e eu creio que essa fixação, esse momento que você fala "não, daqui eu não saio, daqui ninguém me tira" é o momento que você já está convertido. Mas se for para ver por tempo, então eu sou um novo convertido ainda. (E5H)

O aspecto de renovação pela criação ou consecução do novo eu, é observada no discurso da neófito E2M,

"Na verdade, o novo convertido não faz mais do que ele fazia antes. Então, eu não sei se sou uma nova convertida ou... porque coisas que eu fazia antes eu não faço mais. É uma nova vida, uma nova pessoa. Eu vejo que parece que não sou eu."(E2M)

A noção de perfeição vem permeada pelo ser identificado como 'falho', ao continuar com os comportamentos anteriores, "A gente não pode ser falho, mas tem que querer, você tem

que ir buscar. E eu vejo como eu era e já estou em um nível (acima). Não estou naquele chãozinho; já está um pouquinho elevado." (E2M).

A mudança de caráter individual enquanto novo convertido é percebido por alguns neófitos, seja pela explicação dos próprios comportamentos ou aprendizagem verbal do comportamento acertado, levando ao entendimento da transformação que se dá pelo processo de passagem e papel de neófito junto ao grupo,

Porque o que Deus fez na nossa vida é transformação. Quem viu a gente antes e vê hoje sabe. (C3M)

Eu fico impactado, porque é impressionante a mudança. (C3H)

Não, é para tudo. Por exemplo, vamos dizer assim que se eu não tivesse ido na Alcance, não tivesse ido no encontro com Deus, hoje eu poderia estar do mesmo jeito. Mais estourado, mais grosseiro. Então partiu também de mim e do que os outros comentavam: “não, vai ser melhor para você, um crescimento para você, a questão do comportamento”, essas coisas. Então o intuito era melhorar para mim, melhorar para a C4M [esposa], para o casal e, conseqüentemente, para a Isadora [filha], porque a gente quer o melhor para ela. (C4H)

Só sei que quando muda tua cabeça... mudou minha cabeça, o modo de ver minha família, de eu tratar minha esposa, meus filhos, tratar minha mãe, meus filhos. Claro, eu fui ignorado no trabalho, me isolaram, ficavam criticando, falando por trás. (C1H)

Com certeza. Acho que melhor para você mesmo. Assim, teus erros, você vê bastante com os cursos. E para a família, dão ênfase para a família inteira, não só para a pessoa maior, e sim da criança até...(E6H)

Então me impactou totalmente. Tenho certeza que a mãe que eu era antes de entrar naquela igreja aquele dia não era mais depois que saí de lá. Eu mudei completamente a minha forma de ver a maternidade, a maneira de educar. (C2M)

No aspecto comportamental, o neófito relata a sua mudança entre o eu não convertido e o eu novo convertido³³. Os léxicos que descrevem são: incerteza na auto-identificação da mudança de comportamento; identificação da mudança de comportamento; mudança de caráter individual; mudança de pensamento; mudar completamente; transformação; comportamentos da transição: autocondenação, autocontrole, instabilidade, fuga do pecado, não ser 'falho', renovação do eu, melhorar para si mesmo.

c) Prática/participação

O sentimento de pertencer ao grupo de conhecimento só é freado pela autoavaliação de que não se tem conhecimento pleno para aplicar em direção a explicação à outra pessoa. O

³³ Cabe lembrar que os pastores e líderes que os indicaram por tempo de conversão, e neste sentido como base de pesquisa os enquadram como novos convertidos, por base temporal de participação.

neófito C2H, ao explicar o porquê se sente neófito, rememora o receio da falta de conhecimento para expressar o que tem aprendido para outras pessoas, ou seja, a prática do levar a palavra não é efetuada pela identificação da falta de conhecimento da bíblia. Assim como a esposa C2M ele afirma sentir-se novo convertido pela falta de conhecimento mais aprofundado:

Também me vejo como um novo convertido. Nós pensamos na mesma linha, sempre conversamos sobre isso. Eu e ela sempre queremos buscar mais. Igual ela fala: a gente tem um pouco de receio de dar um conselho praquela pessoa e talvez dar errado. As vezes tocar no assunto de Deus para alguém que talvez seja da igreja, ou seja evangélico de qualquer outra, ou não seja. Para pessoa defrontar com a gente e depois não souber responder...(C2M)

A participação junto aos pares é um indicativo de nova conversão, conforme apontado pelos pastores, mas também pelos neófitos. O trânsito da passagem do novo convertido para o convertido, é comemorado pela frequência de participação e entendimento e aceitação dos novos conhecimentos, conforme aponta a neófito E1M, ao descrever sua condição:

Eu acho que o novo convertido... talvez eu esteja na transição do novo convertido para um convertido. Porque eu já estou dentro da igreja há oito meses. Só que no começo eu ainda relutava muito, sabe? Eu não acreditava nas coisas que eu acredito hoje. Então, acredito que ainda estou nessa transição de novo convertido para convertido. (E1M)

A atuação junto aos eventos ofertados pela igreja, a participação dos eventos provê conhecimento e experiência enquanto prática cristã, pois, o processo de conversão é entendido como um processo de evolução diário, e nesse contexto, participar do Encontro com Deus e a busca diária pelo conhecimento traz entendimento que promove a evolução ao novo convertido, relata que "Na verdade é diariamente, não só no batismo. Nesse processo o que fez bastante diferença foi eu ter ido para o Encontro com Deus." (E2M).

A prática das atividades do dia a dia foi direcionada para a nova crença, no caso do neófito E5H, que passou a tocar guitarra para Deus³⁴, passou a ter mais amigos e conhecer novas pessoas, ou seja, participação junto ao coletivo,

É mais puxado para isso mesmo, eu passei a ter mais amigos, conheci novas pessoas, e eu comecei a fazer mais coisas que eu já fazia, só que com mais intensidade. Então, por exemplo, antes eu tocava guitarra por minha conta, mas agora eu toco para Deus, então eu treino para ser melhor para Deus. E eu toco para Deus também. E mais, o que eu vejo, eu peguei mais dedicação em tudo o que eu faço, por causa que eu aprendi, porque por ele e para ele são todas as coisas, então faça o que você for fazer como se fosse para Deus. (E5H)

O aspecto de prática dos neófitos é também compreendido por participação, aponta

³⁴ Aprende-se mediante aos estudos e ensinamentos apreendidos que todas as atividades devam ser efetuadas para Deus. Conforme descreve a passagem de Romanos, capítulo 11, versículo 36: "Pois todas as coisas foram criadas por ele, e tudo existe por meio dele e para ele. Glória a Deus para sempre! Amém!" (Nova Tradução na Linguagem de Hoje).

ideias de: receio da falta de conhecimento para levar a palavra; frequência de participação das atividades; participação dos eventos; prática das atividades cotidianas é para Deus; participação junto ao coletivo.

5.2.3 O resultado da passagem pela liminaridade: o eu melhorado

Geralmente o processo de passagem e mudança de comportamento é visto pelos pares e líderes, mas, o processo de transição visto pelo olhar de quem está passando pelo seu próprio processo é algo que deve ser relevado pelas pesquisas. A própria identificação da passagem da transição *não convertido - novo convertido - convertido*, é aqui apreendida sob o olhar também do indivíduo em trânsito e se auto identificar no processo de passagem foi uma das percepções que procurei levantar junto aos entrevistados. Assim, a percepção de passagem, do trânsito pode ser indicada também pela autopercepção de mudança de comportamento, seja por meio de nova forma de agir no cotidiano junto aos familiares, colegas de trabalho ou "irmãos" na igreja.

Assim, foi necessário trazer estes discursos para demonstrar que ao serem questionados sobre sua condição de novo convertido, alguns dos respondentes se colocam nesta posição e outros já se consideram convertidos. Mas o advento premente da identificação da identidade do novo convertido, é a mudança pessoal e inclusive a sua nova forma de ter autocontrole.

a) Auto identificando a mudança: o autocontrole

Talvez o aspecto que mais identifique a mudança, o trânsito na religião seja a mudança de comportamento, ao que chamei de "*autogerenciamento melhorado*". Nos discursos dos neófitos é claro o aspecto do auto melhoramento que a entrada na religião e o consumo dos artefatos materiais e imateriais trouxeram. O discurso da mudança de vida, de atitude e comportamento é compartilhado pela neófita E2M,

Eu vejo, na verdade, tudo perfeitamente para mim. A minha vida mudou completamente. [...] Meu comportamento, minhas atitudes, minhas amizades... não vou deixar de amar as pessoas, só que não é aquele convívio, aquela rotina com os amigos. Até a questão de festa, balada e essas coisas. O Espírito Santo toca. Constrange a gente, na verdade. Até a relação com a minha família, com os meus pais: mais diálogo, mais afeto. As vezes a gente pensa que está tudo bem, mas não. Só que depois que você conhece Deus de uma

maneira diferente, você começa a enxergar tudo diferente. Tudo com amor. Até mesmo no trabalho minha vida mudou. (E2M)

O autogerenciamento melhorado nas atividades cotidianas, como por exemplo, no estudo, é descrito como o novo comportamento ético junto às atividades do dia a dia, ou também, pela consecução adequada das tarefas, conforme relata o neófito C4H,

O sistema. O Leandro entrou no (AVA) [sistema de controle de atividades do SENAI] e viu que ninguém tinha feito. Ele podia ter falado assim: “C4H, calma, ninguém fez, só você fez”, ou: “só você está preocupado em fazer”. E ele deixou. Como quem diz: está empolgado? Deixa que faça. Eu peguei e fiz e mandei. No dia seguinte: “alguém fez a atividade?”, eu fiz. Só eu tinha feito, ninguém tinha feito. Então eu estou empolgado. (C4H)

Igualmente, o reconhecimento da necessidade de mudança de comportamento a partir da participação da religião ou do conteúdo apreendido pela participação na nova religião é relatado pela neófita C1M:

Não pode parecer mais (ininteligível), que não dá muito certo. Mas no que dá para gente ir, estamos indo. O importante é que o pouco que vamos, aprendemos muito. Um entendimento que nunca tivemos da igreja católica. Eu sempre fui da igreja católica. Minha mãe, sempre. Já não tenho mais nem minha mãe, nem meu pai. O C1H ainda tem os pais vivos. Então nós sempre fomos da igreja católica. Fiz meus meninos fazerem primeira comunhão, eucaristia, a crisma, tudo certo. Mas eles nunca gostavam de ir à igreja, eles foram obrigados. Sempre foram obrigados, porque eu incentivava que eles tivessem um Deus no coração. E as pessoas que vão à igreja, tem que rezar em casa, pedir proteção para Deus. Isso eu sempre ensinei. Só que eu ia sozinha. Sempre sozinha. Porque ele não ia comigo. No começo ele até ia, mas depois que os meninos terminaram de fazer catequese ele não foi mais comigo. Eu ia sozinha e sempre me sentia mal. Então quando apareceu uma coisa dessas, que a mulher do trabalho falou para mim, que era o encontro de casais, a gente tinha passado por uma dificuldade, como ele tinha falado. Quando ela falou em encontro de casais, eu falei: “é isso que a gente precisa, alguém que eduque o nosso casamento”, porque faltava educação no nosso casamento. A gente queria viver bem. Não queria se separar. Eu não queria, ele também não queria. Mas do jeito que estava, não daria certo. Não daria porque estávamos praticamente se matando. Vivendo uma vida ruim, e passávamos isso para nossos filhos. Porque eles viam a gente brigando. Meu filho mais velho dizia: “mãe, o que você está falando para o pai?”. Eu dizia: “estou falando normal”. “Você não está falando normal, mãe”. Eu falei: “filho, mas eu mudei”. “Você mudou muito pouco mãe, precisa mudar muito mais”. (C1M)

Os hábitos mundanos³⁵ relacionados a práticas cristãs são vistos como melhoramento ou mudança de atitude pelo que se aprende como "domínio próprio". É o movimento que promove a autotransformação e mudança de atitude, conforme denota a fala da neófita E2M:

antes era uma correria. Uma coisa que eu não fazia era orar de manhã, ter um momento

³⁵ Hábitos mundanos ou mesmo atos de consumo mundanos (Grønhoj & O' Lander, 2007) são os atos do cotidiano, são configurações da vida diária, atividades rotineiras e de consumo principalmente no tocante a vida familiar, como por exemplo, café da manhã, escovar dentes, almoçar, etc. (Grønhoj, Alice and O' Lander, Folke. (2007). A gender perspective on environmentally related family consumption. *Journal of Consumer Behaviour*, 6: 218–235, July–August. DOI: 10.1002/cb.). Para este sentido, considereí hábito mundano até as escolhas diárias e não somente relacionadas ao consumo do indivíduo.

de (inint.) ... nunca que eu fazia antes, jamais. Até em questão de celular, antes era muito tempo no celular – muito tempo perdido. Hoje não. Questão de orar antes das refeições: eu não fazia isso, hoje tenho o hábito de agradecer a Deus pelo alimento. Até mesmo à noite ... a gente pensava que estava fazendo o certo, entre aspas, mas não. Aquele momento de intimidade com Deus. (E2M).

Há a ocorrência do discurso de modificação da forma de agir no tocante aos hábitos mundanos, onde modificam sua forma de ser e agir em todos os momentos do dia, mas, indicam que a mudança foi paulatina nas práticas cotidianas,

Foi aos poucos. Fui lendo a bíblia, fui vendo as coisas. A gente vai vendo que aquilo não é aquilo. Assistindo. Eu sempre assisto. Eu levanto de manhã, eu tenho que assistir alguma coisa de algum pastor, ler a bíblia, depois eu vou fazer outra coisa. (C1H)

Foi tudo graças aos instrumentos da igreja. (C1M)

Outro contexto salientado foi a mudança de atitude junto aos pares do cotidiano. Houve indicação de mudança de atitude ética, e esta é revisitada pelo comportamento disciplinar melhorado, conforme se pode observar no relato do neófito E5H,

Bom, é um estudo no qual eu tenho prazer em fazer, é algo assim como o que eu vejo que deve ser o aprendizado, por causa que, por exemplo, na escola eu muitas vezes me desanimo na escola porque eu vejo o desânimo dos outros. Então, eu vejo o pessoal todo para baixo, “estou na escola, que chato”. Mas aí penso: “mas a escola é um lugar que a gente vem para aprender”. E é legal aprender coisas novas. Então, eu vejo que muitas vezes na escola eu não tenho esse prazer por várias coisas, mas em casa, quando eu tenho essas leituras, são coisas que eu gosto de fazer e faço pelo conhecimento também. (E5H)

Portanto, a modificação no comportamento é relatada como fato de percepção do auto melhoramento, ratificando a mudança no sentido de: mudança de vida, de atitude e comportamento; autogerenciamento melhorado nas atividades cotidianas; reconhecimento da necessidade de mudança de comportamento; modificação dos hábitos mundanos: nova forma de agir e nova prática cristã acrescentada aos usos e costumes mundanos e; comportamento disciplinar melhorado.

b) Melhoria no cotidiano de convivência familiar

A indicação de auto melhoria transcorre os patamares da convivência familiar e leva a indicação de melhoramento por parte da família, ou mesmo, a visão pessoal de melhoria do comportamento junto a família por agregar valores cristãos apreendidos aos hábitos diuturnos durante os passos iniciais da transição para a nova religião.

A noite chego em casa seis e meia. Só que agora, agora também, por ter essa ideia diferente, ser cabeça diferente, eu já chego, e depois acho que com os cursos que venho

fazendo, acho que você acaba dando muito mais valor para a família. E cada minuto que você está, você tem que dar valor e estar com eles. (E6H)

Decisão de compra, decisão de acerto, comprar ou não comprar, pode ou não pode, tem dinheiro ou não tem. Acho que até o próprio diálogo em si ficou melhor. Cada um entendendo o outro. (E6H)

Esta indicação é revisitada quando passam a falar dos hábitos de comportamento e da convivência com o cônjuge,

É, o C4H, ele é assim. Para ele é normal falar algumas coisas, mas para as outras pessoas não é, acham que ele que é grosso, não é? Às vezes ele tem o gênio dele, mas melhorou bastante. Mas a impressão às vezes, como ele responde, não é porque ele está sendo estúpido para a pessoa, que é a forma como ele... (C4M)

Então, esse pensamento dele mudou muito, é até engraçado quando ele diz agora: “Pode deixar que eu compro. Pode deixar que eu pago”. Porque antes, eu dizia: “C1H, você compra um remédio lá”, às vezes era cinco reais, ele dizia: “Eu não tenho”, porque ele já tinha gasto o dinheiro adiantado. Cartão de crédito. (C1M)

Gastava mais do que ganhava. Cartão de crédito você vai passando em internet, quando você vê, gasta uma coisa de cinco, dez, 20, (ininteligível). (C1H)

Inclusive, a mudança no comportamento no relacionamento entre o casal de neófito é lembrada, pois ela consegue observar a mudança de comportamento para um estado de congruência positiva na relação do casal após a conversão,

Para mim seria como se fosse a católica, tipo, onde eu estava. Teve bastante problema, assim, entre nós em casal, então depois que a gente foi para a igreja, tipo, fortaleceu muito, mudou certas coisas na relação. (C4M)

A identificação do melhoramento do cotidiano familiar é exposta pela: observação de melhoramento por parte da família; auto identificação de melhoria no comportamento familiar; mudança nos hábitos de comportamento e da convivência com o cônjuge; mudança no comportamento no relacionamento entre o casal.

5.3. Panorama do consumo no ambiente do novo protestante: o que e como o neófito consome no estágio de liminaridade

O consumo holístico do neófito envolve várias formas de abordagens, como: o consumo de artefatos relacionados à fé, o consumo de artefatos educacionais, consumo de eventos e cultos/reuniões, consumo de entretenimento cristão, o aspecto da racionalização do consumo, economia no consumo, educação econômica, o consumo virtual, reeducação alimentar, consumo mimético (mimetizar o comportamento de alguém), etc.

Neste contexto o panorama que pretendo passar é de que o consumo do novo convertido engloba uma série de contextos relacionados ao acesso à religião, e esta nova religião seria

expressa mediante ao consumo de determinados artefatos com representatividade cristã para o novo convertido. Assim, descrevo os objetos de maneira separada representando o discurso de cada neófito.

5.3.1. O que consomem: bens tangíveis

Esta tese busca compreender qual é o papel do artefato tangível e intangível consumido pelo neófito durante a transição liminar na religião protestante. Até aqui falei sobre quem são os neófitos pela definição dos pastores e pela própria observação do novo convertido, bem como, sobre a incorporação do entendimento classificatório do neófito e os aspectos referentes ao consumo cristão, bem como, no tocante à teoria da liminaridade.

Nesta seção falo dos objetos ou artefatos relacionados ao consumo relatados pelos cristãos entrevistados. Aqui escrevo o consumo como processo de apropriação ou obtenção, uso e descarte de bens e serviços, ou seja, mesmo o ato de comprar e consumir, algo que é material e imaterial e como estes são relatados pelos entrevistados, uma vez que é necessário compreender os itens adquiridos como identidade após início do processo de passagem ou transição.

O processo de aquisição parte do princípio da indicação, identificação de necessidade, desejo, busca ou escolha, aquisição e conformação do conteúdo e reificação do pensamento cristão.

Não busco questionar o consumo, mas sim relatar o que se consome e quais seriam os significados deste consumo para o indivíduo. Como esta aquisição e posterior consumo operam no indivíduo durante o processo de conversão ou aprendizagem para conversão. Identificar o objeto facilitador do trânsito de não convertido para convertido. Ou seja, qual é o objeto da expressão religiosa do novo convertido e como os aspectos relacionados ao consumo são tratados junto aos pares e pastores. Se há modificação na estrutura pessoal de consumo e identidade de consumo pela entrada na nova religião e qual é a mudança que o produto exerce no novo convertido. Se as diretrizes advindas pelo conhecimento adquirido interferem no processo de escolha do novo convertido para consumo de produtos materiais ou imateriais e se ele consome por desejo individual ou por indicação. Qual também é a responsabilidade do novo convertido quanto a busca dos produtos e serviços compostos da ideologia cristã.

5.3.1.1 *Objetos para aprendizado*

A compra de livros é explorada por todos os entrevistados, sejam pela indicação por pares, líderes e pastores, pela oportunidade de compra em algum evento especial, onde ministradores de outras igrejas e países, trazem suas produções, promovem durante a ministração e vendem para os fiéis interessados. Geralmente a compra de livro precede a compra da bíblia. Para eles é um meio adequado de aprendizagem.

O primeiro artefato comprado ou mesmo rememorado diante dos produtos consumidos foi inicialmente a bíblia, entretanto, vários seriam os objetos de expressão da fé, conforme expressa o pastor P2H,

Aquisição de literatura, de bíblias de estudo, consumo também de artigos que expressem a fé, como por exemplo, adesivos, por exemplo, a roupa, a própria vestimenta que comunique a mensagem que ele tem ouvido e lido, pela qual ele está sendo transformado, CDs, principalmente isso eu ia colocar, começa a haver uma mudança na questão musical, começa a escutar músicas que envolvem a adoração a Deus, então, muitas vezes começa a adquirir mais produtos, CDs, DVDs de pessoas que professam a mesma fé, então, eu acho que realmente há uma grande alteração no consumo mesmo. (P2H)

Elemento citado pelos entrevistados, a bíblia seria então o objeto rememorado pelos entrevistados como principal objeto de desejo de compra, conforme descrevem pastores e neófitos. A pastora P3M explica sua lembrança, "Eu lembro que, no meu caso, foi a bíblia de estudos. A gente queria, estava sem dinheiro... e conseguiu comprar para a gente, com desconto... eu penso que foi o principal objeto, de representação do nosso... o novo convertido, é ter uma bíblia de estudos.". E os neófitos descrevem efetuarem:

"Compra um livro ou outro em algum evento ali da (...) A bíblia, (eu) não tinha a bíblia." (C4H)

Eu comprei já alguns livros, eu comprei uma bíblia de estudo. Eu passei a vir nas palestras, nos congressos, nas conferências que tem aqui, a igreja sempre está participando. Passei a ir também nos encontros, nos retiros que estão tendo. Passei a consumir essas coisas. (E5H)

"Aprendi a fazer jejum. Acho que isso daí, comida não mudou muita coisa. (...) Eu aprendi a ler a Bíblia e ouvir o louvor." (E6H)

Os locais da compra para consumo são os eventos que trazem produtos para comercialização, facilitando o acesso ao produto, sendo uma forma comum de comércio quando a igreja recebe ministradores externos. O processo de escolha para o neófito é facilitado porque se limita aos produtos ofertados, contudo, refere-se a uma ação de indicação de compra por parte dos pastores, uma vez que são eles que permitem a comercialização de artigos nos eventos.

Como podemos observar no relato da neófita E1M, "Acho que essas coisas nem tanto, mas no domingo – ou na segunda – que teve o pastor de fora, ele ministrou sobre o Espírito Santo aí ele tinha o livro sobre isso. Eu fiquei muito interessada e comprei. Aí vou ler até para aprender mais."

Outra motivação para aquisição é o apelo estético do produto o que leva ao consumo remetendo a distinção pelo gênero³⁶, ou seja, o apelo estético do produto bíblia é aspecto motivador para aquisição por ser um produto diferenciado:

uma coisa também sobre Bíblia, eu vi até um amigo da mãe do meu namorado... eu até perguntei para ela. Ela comprou acho que não faz nem um mês a Bíblia da Mulher. Eu já tinha visto, mas essa eu não sei se é nova ou o que: ela é rosa e nas páginas quando ela está fechada tem um monte de florzinha. Achei muito linda. Então, isso me estimulou muito porque eu quero comprar uma Bíblia daquela. [...] É bem bonita. Claro que o que importa é o conteúdo, mas eu também gosto muito tipo de caderno, essas coisas, caneta... eu amo caneta colorida. Essas coisas, querendo ou não, me influenciam. (E1M)

Algo intrigante foi compreender que a entrada na religião nova trouxe mudança de hábito de leitura e no hábito de aquisição de livros. Alguns pastores e neófitos relataram que previamente não tinham este hábito, mas que adquiriram após entrar na igreja, pelo incentivo a leitura da bíblia e de livros sobre o contexto cristão, conforme indicam pastores e neófitos. A pastora P3M afirma "Com certeza, livros. Nós não tínhamos nenhum livro, antes de nos convertermos", o pastor P3H "Acho que o material literário, que edifica na fé" e o neófito E6H "Livros, músicas, o próprio, algumas camisetas que tem na igreja, algum curso, isso aí."

Um aspecto representativo desta nova cultura cristã é a dedicação a educação e entendimento da palavra, portanto, os produtos para auto educação, cadernos para anotação nos cultos e demais eventos são representativos materiais do processo da conversão, como o discurso do neófito E5H, "Tiveram cadernos que eu comprei para anotar as coisas [...] comprei só para eu anotar, para eu trazer, para eu fazer anotações."

5.3.1.2 *Vestimenta*

A mudança no vestuário é uma característica de consumo do neófito, é o processo inicial do entendimento básico da conversão, conforme se pode perceber na resposta da neófita E1M, "Na verdade eu nunca fui muito de usar roupa decotada, mas eu sempre gostei de short curto. Assim, agora eu estou me comportando um pouco mais.". Este relato da neófita está de acordo

³⁶ Nesta cultura cristã, entende-se que assim como existem mensagens para ambos os sexos, existem momentos e percepções relegadas ao ambiente feminino, logo, livros e bíblias são direcionados para a aprendizagem deste grupo. Esta bíblia da mulher é um produto que contém observações de passagens e interpretações para o cotidiano de existência da mulher.

com o posicionamento do pastor P3H, no tocante ao consumo, eles modificaram a roupa que vestiam antes da conversão e passaram a se vestir conforme o costume³⁷.

Os neófitos modificam o tipo de roupa que usam (E1M), "Questão do consumo de vestuário assim, roupas: antes até tinha alguma coisa com outros símbolos que agora eu já não tenho e não compro mais".

A vestimenta acaba compondo um dos objetos da expressão religiosa, é como característica de distinção do cristão protestante é objeto de observação da neófita E4M, "A questão da roupa, ninguém falou. Eu vinha na igreja e as pessoas não estavam com roupa tão curta, e eu falei: 'é isso, não vou me vestir diferente'". Seu discurso indica que a neófita escolheu a forma de vestir-se ao observar a roupa de outros membros durante os eventos que participou.

Eu acho que as questões de roupa, a questão da bíblia, está tendo um maior significado. Porque, antes, pelas roupas que eu vestia... hoje em dia, eu vejo que eu me vestia: "como eu podia vestir essa roupa", "como o Espírito Santo está batendo, como ele está me ensinando". A questão de bíblia, também, eu fico vendo como eu não tinha tempo, quando eu era católica, para conversar com Deus. Como eu não tinha tempo para ler a bíblia. Hoje, por mais que eu esteja atarefada, eu consigo deixar um tempo, falar assim: "não. Eu não vou fazer isso, porque eu vou fazer isso, hoje". (E4M)

O vestuário como identidade do cristão ou mesmo identidade de participação de eventos é fomentado junto às participantes, por exemplo, do Chá das Amadas e Mulher 100%. Para a neófita E4M, é o item de expressão da identidade cristã do novo convertido com as pessoas que não fazem parte da cultura cristã, ou conforme o coletivo diz, pessoas do mundo³⁸,

É mais para mim. Mas eu acho que também, por questão de... porque toca bastantes pessoas, você sair com uma camiseta diferente. Que nem a camiseta do Mulher 100%, as pessoas vão ver, elas vão perguntar: "nossa, onde você comprou?". (E4M)

Eventualmente nos eventos da igreja a gente compra uma camiseta. (E1M)

A mudança na vestimenta é vista como uma representação do eu convertido, conforme expõe a neófita:

Eu acho que as questões de roupa, a questão da bíblia, está tendo um maior significado. Porque, antes, pelas roupas que eu vestia... hoje em dia, eu vejo que eu me vestia: "como eu podia vestir essa roupa", "como o Espírito Santo está batendo, como ele está me ensinando". (E4M)

Além de entender a vestimenta como item representativo da mudança, o hábito de levar em conta a representação simbólica dos desenhos e escrita no processo de aquisição é um hábito do consumo do cristão novo convertido, conforme expõe C2M, "Se eu ver uma roupa que tenha

³⁷ O costume do cristão é usar vestimenta que não seja curta e com decotes para não expor o corpo. Mas é um hábito opcional, não houve imposição. O indivíduo sente-se constrangido a ponto de ele mesmo não usar.

³⁸ "Pessoas do mundo" não é uma expressão discriminadora, mas é representação bíblica para as pessoas que não seguem o cristianismo.

qualquer figura muito sexual assim, figuras (...) não compro...". Algo semelhante foi apontado pelo neófito E5H ao afirmar que não compra mais camisetas de banda e procura vestir-se com camisetas sem desenhos.

Mas também o cuidado com a vestimenta representa o cuidado com a aparência estética do novo convertido, conforme explica C2H, "Eu vejo que depois que nos tornamos evangélicos a parte de roupa a gente muda, anda um pouco mais social... a parte de vestimenta. A gente tenta ser mais apresentável, não andar um pouco mais largado, vamos dizer assim".

5.3.2 O que consomem: bens intangíveis

5.3.2.1 Busca e incorporação de conhecimento

Esta seção busca reunir dois dos componentes referentes às aquisições intangíveis, como os conhecimentos (teoria e interpretação teológica, regras, preceitos, instruções, ferramentas, técnicas), e hábitos e rotinas incorporadas (que englobam habilidades adquiridas e rotinas de fazeres cristãos).

É importante salientar que as referências de comportamento citados fazem referências ao comportamento cotidiano junto aos familiares e pares. Os relatos rememoram hábitos e rotinas prévias ou incorporadas posteriormente a entrada na nova religião e pode-se compreender que os produtos estão relacionados à aquisição de conhecimento adquirido, assim, os transformando em comportamento mundano ou rotineiro.

Em diferentes momentos da pesquisa, entrevistas, conversas informais e, durante a participação nos encontros e cursos junto à igreja, foi possível perceber a importância da busca por conhecimento cristão. Isso me levou a busca do que acontece no ambiente cristão como um todo, pela participação em cursos, palestras e feiras relacionadas ao cristianismo que ocorreram no país.

A história de vida dos entrevistados me permitiu conhecer a identidade prévia e fazê-los rememorar o possível ganho de conhecimento ou identificação da mudança pessoal. A busca pelo conhecimento e interpretação da bíblia tem relação íntima com o processo de transição e pelo relato de alguns neófitos, seria o ponto que define a transição. A incorporação do conhecimento pode definir o processo de transição religiosa, reforça a identidade e a "comunhão" junto aos pares cristãos, e garante a perpetuidade na ligação com a igreja, pela participação intensiva das atividades, garantindo a identificação dos pares dentro da igreja.

Diante do que é a expressão principal de devoção e conversão está associada com o estudo da palavra. O discurso de neófitos e pastores remete a momentos de aprimoramento nos conhecimentos pela leitura da palavra, participação de reuniões, eventos e cursos ou treinamentos que direcionam para melhor compreensão da bíblia.

Os entrevistados apresentam dar importância para a busca de conhecimento que propiciará o trânsito para o papel de convertido. Porém, não basta estudar, devem participar dos eventos e cursos ministrados pelos líderes e pastores da igreja e de outras igrejas que são convidados para ministrar localmente. Obter conhecimentos teóricos, acumulando com os conhecimentos práticos que advém da comunhão com outros 'irmãos', auxiliará no processo de reconhecimento do agregar de informação, porém, o conhecimento prático aparenta não ter tanta representação quanto o conhecimento teórico. O que podemos defender como conhecimento prático é o olhar sobre o outro, sua aparência de vestimenta, higiene, conforme relatado por alguns neófitos (ex. E4M). Entretanto, o conhecimento prático e o teórico nem sempre irá mudar o comportamento do novo convertido, por isso a necessidade do tempo como fator de experiência relevante na religião. O conhecimento teórico também não irá modificar o comportamento prático em si, se não houver o entendimento ratificado pelos líderes, ou seja, mediante ao acesso do discipulado, será visualizado a constante de evolução do neófito. Ao que depois é relatado pelos pastores.

Mas em se falar de conhecimento empírico, não posso deixar de explicar que durante as ministrações ou palestras há a exemplificação do conteúdo teórico da bíblia pela explicação das experiências de vida dos palestrantes ou pregadores. Neste sentido, esta aprendizagem da prática vivenciada pelo outro, não considero como experiência prática. Aqui a experiência prática ou vivida é apenas a experiência da prática do próprio neófito junto aos pares, familiares e colegas após o processo em que é transformado em novo convertido.

A participação nas palestras (ministrações em cultos ou eventos eletivos), estudos bíblicos (células), leitura de livros ou material de apoio do curso são o embasamento teórico sobre a informação interpretativa da bíblia e explicativo da cultura e comportamento cristão. Servem então para consolidar a cultura cristã como um todo, no comportamento diário do neófito, ou seja, servem para consolidar aquilo que aprenderam enquanto cristão novo. Conforme afirma o neófito C1H, o conhecimento busca:

melhorar as coisas. Foi além da nossa expectativa, as coisas melhoraram e estão cada vez melhores. A gente se aprofundando mais, e é uma coisa inebriante, contagiante. Quanto mais você conhece, mais quer conhecer. Mais quer estudar. (C1H)

A aquisição e consumo da bíblia também são relatados como componente direcionador

da mudança de comportamento diante da família, ou seja, o estudo da bíblia e a percepção do que é melhor para ela e para a família é representado pela racionalidade da fé. Logo, a bíblia é um item de conhecimento, assim como livros, apostilas, cadernos, etc. e, faz com que o neófito mude seu comportamento e prática cristã:

A questão de bíblia, também, eu fico vendo como eu não tinha tempo, quando eu era católica, para conversar com Deus. Como eu não tinha tempo para ler a bíblia. Hoje, por mais que eu esteja atarefada, eu consigo deixar um tempo, falar assim: “não. Eu não vou fazer isso, porque eu vou fazer isso, hoje”. (E4M)

A explicação para o consumo de itens como livros e cadernos se dá pelo processo de educação contínuo que se sugere ao novo na fé. Assim, o investimento familiar é direcionado para o aprimoramento e educação cristã:

Cursos, também. Cursos, congressos... a gente acaba dando prioridade, para investir nisso. A gente deixa de comprar, por exemplo, roupa... vamos dizer, uma calça, uma blusa nova, para investir num congresso, num curso, um retiro... porque você sabe que ali, você vai aprender mais daquilo que você está buscando, que é o teu foco, que é conhecer mais de Deus. Isso muda. Nós, até hoje, muitas vezes, fazemos isso, deixamos de consumir alguma coisa que dá para ficar bem, que é um sapato, uma blusa, uma calça... e investe isso. (P3M)

Há também a ideia de investir no processo de conhecimento no trânsito da conversão. Demonstrando que a mudança de pensamento do neófito passa pela decisão e entendimento de que está se investindo em algo que frutificará de alguma maneira, diferentemente de outras religiões,

Alguns eventos a gente não participou, foram bem poucos. [Questão de trabalho e outros pontos] mas não foi muita coisa. Mas tem aquela questão que a gente sempre vê: as vezes é um dinheiro que lá na igreja católica a gente não dava, se fosse para comprar um livro ou até mesmo a Bíblia. Pensava: “por que vou gastar com isso se posso gastar no (apartamento). Hoje a gente pensa assim que é um investimento. É um dinheiro que estamos aplicando. (C2H)

5.3.2.2 *Consumo de mídias: vídeos online, tv e música gospel*

Antes da conversão, o ato de ouvir 'louvores' ou mesmo 'pregações' não eram comportamentos comuns, eram inclusive, rejeitados, conforme explica o neófito C1H, "(Não, eu achava chato). Louvor. Eu tinha pavor, escutar louvor, meu Deus.", ao que é ratificado pela esposa C1M "ele não gostava.". Denotando assim, a mudança no comportamento de consumo e aceitação de produtos relacionados a nova fé.

Para algumas igrejas protestantes, deixar de ouvir músicas do mundo é prática comum indicada, mas não imposta. O consumo de louvores cristãos é um marco da caminhada cristã,

mesmo porque os ritos são iniciados com louvores e executam o papel da prática dedicada a Deus. É também parte saliente da nova identidade, a escolha racional ocorre na busca por música gospel, "até nas atitudes a gente pensa melhor, na questão das músicas a gente está ouvindo mais é... não ouve música do mundo só ouve música da igreja" (C4M).

Nos momentos iniciais como novo convertido e pelo contato incipiente com os ensinamentos e a cultura, o neófito inicia o processo de atenção seletiva de informação, passando a escolher por produtos direcionados para o público cristão protestante ou evangélico num senso global. Relatos de início de conversão do casal de pastores demonstram isso:

A gente passou a procurar, também. Para ouvir uma ministração, procura na internet, no YouTube. (P3M)

Você fica mais seletivo. Você deixa de ver e ouvir algumas coisas, que estão disponíveis na internet, procura ver e ouvir outras coisas. (P3H)

Este processo de atenção seletiva engloba os meios digitais, seja internet ou tv. Os entrevistados alegam acessarem canais cristãos no *youtube* para assistir pregações ou ouvir música, assistir eventos e cultos em streaming ou passam a assistir canais de TV religiosos. Logo, assistir as pregações na TV influencia e auxilia na aprendizagem do neófito:

Eu tenho uma antena, tenho uma coisa parabólica que eu vejo sempre, antes não. [vejo os canais cristãos] Sim, não todos. Sempre aqueles que me falam. (E6H)

Realmente, não é uma coisa que prejudique, (que te traga mal), me ajudou muito no pensamento. Às vezes você assiste uma coisa no pastor, na TV. Poxa, que bom ouvir isso. Ou ouvir alguma sobre a graça de Deus. Achei impressionante as que ele viu. Interessante. (C1H)

O consumo diário familiar é modificado pelo novo hábito do neófito. Deixar de assistir programas não edificantes da TV (por não apresentarem contextos moralmente relevantes e de acordo com a ideologia cristã, por ex. novelas) faz parte deste novo comportamento. Dentre as mudanças relatadas C2M relata que desliga a TV durante as refeições, "A mudança acho que é mais de comer todo mundo junto né amor. Juntar todo mundo à mesa, desligar a TV e só sai da mesa quando todo mundo terminar." (C2M).

A proibição do consumo televisivo ou de programas que tem ideologia não cristã faz parte do processo de conversão, como desenhos, novelas, filmes e *talk shows*:

Então, desenhos, certas coisas a gente... já conseguimos proibir séries. Outras coisas a gente ainda tem muita dúvida, porque é difícil a gente passar horas ali assistindo, porque muita coisa parece uma coisa e de repente não é. Mas se a gente notar que tem um olho vermelho, alguma coisa, a gente tenta... (C2M)

A questão da televisão a gente mudou bastante. (...) Novela não assistimos mais. (C2H)
Nunca fui de filme, mas o pouco que eu assisto é relacionado a Deus mesmo. Antes eu já era crítica com novela, agora piorou. Aquela Globo para mim, meu Deus, não me

deve nada. É um desperdício total. E até fico muito revoltada, até dentro da família. Minha sobrinha pequena vendo aquelas novelas... aquilo me dói. Mas o que eu posso fazer é orar. Não tem o que fazer. (E2M)

O consumo de vídeos e pregações evangélicas. Os neófitos se utilizam de meios como internet e filmes alugados ou emprestados para compor seu momento de lazer. Para os neófitos é um meio de aprendizagem, "Eu assisto muito" (C1H), sobre o *youtube* "eu vejo muitos vídeos. Acho que isso também é uma ferramenta muito legal que acho que se não tivesse... tem coisa que a gente vê que eu acho muito interessante. A gente não ia ver, não ia aprender. Acho que faz diferença." (E1M).

Além de aprendizagem por meio de ministração, o consumo de produtos digitais serve para estudo aprofundado e entretenimento pela apreciação de louvores. O ato de acompanhar ministrações digitais auxilia no processo de aprendizado e inclusive de autocontrole do novo convertido. Até que ele possa estar no controle de seu domínio próprio, materiais e atividades exercem um tipo de controle auxiliar sobre o indivíduo novo convertido. Ao serem questionados sobre se estes produtos auxiliam no processo de conversão, respondem:

Sim, principalmente Youtube. Você está com tempo livre e coloca uma ministração lá... varia muito. Coloca aqueles DVD's que ficam tocando se não quiser ficar (acompanhando) uma pessoa só – André Valadão, Aline Barros e fica tocando o tempo que você quer. E até mesmo por pesquisar. Coloca no Youtube, por exemplo, quem era Ester. É por conhecimento mesmo. Mudou bastante. (E2M)

tipo, quando que antes eu ia colocar no Google uma ministração? Coisa que eu não fazia. Isso vai acrescentando para você ir aprendendo mais e ir buscar. Isso que eu quero. Quero mais e mais. A gente não pode ser falho, mas tem que querer, você tem que ir buscar. E eu vejo como eu era e já estou em um nível (acima). Não estou naquele chãozinho; já está um pouquinho elevado. (E2M)

Com certeza. Tem muitas coisas que eu vi na internet, que eu passei a ver testemunhos de pessoas. Que nem o cara lá falou, que uma vez ele viu o testemunho da menina, o... que veio aí ministrar. (E5H)

5.3.2.3 *Eventos*

Outra área de consumo que o neófito passa a adquirir é o consumo participativo em reuniões semanais (cultos), cursos, eventos do coletivo (celulão, encontro de células, etc.), encontro secreto (Encontro com Deus), encontro de casais, etc. O início da vida cristã protestante dá o entendimento de que o novo fiel precisa conhecer a cultura cristã protestante e os escritos da bíblia. Portanto, participar de eventos cristãos começa a preencher o cotidiano do protestante e o faz pertencer ao grupo, o faz consumir a identidade cristã, conhecer mais sobre

os escritos da bíblia e ter contato melhor com os pares e líderes.

Descrevo o contexto do consumo de eventos conforme a participação descrita pelos neófitos nas entrevistas e a representação deste consumo. Porém, observa-se que os eventos são locais, temporariamente estabelecidos, e servem para aquisição de conhecimento relacionado ao cristianismo bíblico.

No tocante aos tipos de eventos que são relatados pelos neófitos, estão explicados no tópico campo empírico, contudo, neste tópico me concentro em entender quais foram os eventos que os neófitos passaram a participar, antes e durante o processo de novo convertido.

Durante o relato dos neófitos, houve a descrição das atividades que começaram a participar, como cursos, congressos e ministrações especiais. Palestras especiais, conferências, encontros, culto para homens, chá das amadas, Mulher 100%, encontro com Deus (encontro secreto), curso de membresia, curso de casais, encontro de casais, EMA, cultos, MMI, células, ACAMP³⁹ e festa das células. Atividades que passam a fazer parte do hábito de consumo,

Eu passei a vir nas palestras, nos congressos, nas conferências que tem aqui, a igreja sempre está participando. Passei a ir também nos encontros, nos retiros que estão tendo. Passei a consumir essas coisas. (E5H)

Não, não consumia. Encontro das mulheres⁴⁰, o Chá das Amadas, tem o culto para os homens, em todos a gente estava participando. (E3M)

Fiz o membresia, não sei se conta, Encontro com Deus. Encontro com Deus, do encontro de casais, curso de casais, agora, acho que um mês atrás, fomos para um retiro de casais em Dorizon, com minha mulher. E acho é isso. Festa das células, não sei se conta isso. Acho que isso aí. (E6H)

Eu participei no começo do curso de membresia e agora tem o EMA – Escola Ministerial Alcance. A gente começou fazer acho que quase dois meses mais ou menos e tem duração de dois anos. (E1M)

Nas questões do (começo) (...) que nem a conferência, que eu vim, em início de janeiro, foi mais porque a minha amiga me puxou. Ao ACAMP, eu gostei muito da ideia, daí eu resolvi vir. Ao Chá das Amadas, também. Eu fui convidada e foi um dos motivos pelos quais eu trouxe minha mãe. O Encontro com Deus foi algo que meus pais já tinham falado para mim. Eles falaram para mim: “você vai virar crente, você vai no Encontro com Deus, você vai aprender lá um monte de coisa. Se você sair de lá, você me diz se é isso que você quer, ou não.” Foi mais porque eles me (exigiram) isso. (E4M)

Eu venho aos sábados, e aí eu vou na célula, na casa da Melissa... aí, eu venho do culto dos jovens, à noite, e no culto de domingo. Quando tem algo especial, no meio da semana, eu também venho. (E4M)

Eu vim na conferência que teve em janeiro, que teve com o pastor Ricardo Vasconcelos, eu fui ao ACAMP, fui no Encontro com Deus, teve o Chá das Amadas, eu vim no Mulher

³⁹ Acampamento do grupo de jovens da igreja.

⁴⁰ A entrevistada se remeteu ao Encontro com Deus, pois é separado para homens e mulheres.

100% e, agora, eu estou nessa conferência [conferência do espírito santo]. (E4M)

Os eventos fazem parte do eu coletivo e do processo de conversão, e despertam maior interesse na contínua participação, conforme expressam E2M e C2M, ao serem questionadas sobre o papel do evento na conversão:

No meu caso... acredito que meio a meio, digamos assim. Não consigo me ver sem os eventos, porque acho que ajudou bastante. Como os chás, o Mulher 100%... me chamou a atenção. Fez pegar mais gosto, vamos dizer assim, para ir mais e mais. (E2M)

Porque eu acho que seria muito mais fácil de não ter interesse. Acho que esses eventos despertam mais interesse. (C2M)

Participar dos eventos faz o neófito sentir-se prazeroso ao agradecer a si e a Deus "me sinto prazeroso, está agradando a mim mesmo e a Deus." (E6H), além de trazer mais informação e ser, portanto, agradável estar dentro do que falam na igreja, "Acho que mais por estímulo, por você estar dentro do contexto em si, algum evento que tem." (E6H).

Ademais, a participação nestes eventos, propiciam o acesso ao conhecimento que não teriam antes da conversão, seja ele por meio das ministrações ou pela oportunidade de comprar livros do ministrante. Assim, o aprendizado advindo das palestras permite o acesso à informação para aprofundamento e continuidade na religião, "fortificando a fé" (E5H), e uma vez que permitem o acesso ao aprendizado que irá garantir a manutenção na nova religião,

É porque, eles falaram para mim, assim: "você vai no Encontro com Deus, aí você vai aprender um monte de coisa... você vai aprender algo, e daí você vai vir e vai contar para nós, se você quer isso, ou não. Se você achou que é o certo (ou) não.". E no Mulher 100%, também, eu gostei muito do tema, que foi Além do Véu. Eu achei um tema tão interessante, porque foi algo que eu não tinha conhecimento. E nessa conferência, também. Eu não tinha muito conhecimento sobre o Espírito Santo, daí [eu aprendi]. (E4M)

Penso que é uma coisa que fortifica a fé da gente, acaba dando muito mais conhecimento para a gente, como teve agora o seminário no Espírito Santo, que o pastor Hernani veio aqui e estava vendo um *pen drive* e dois livros, aí eu comprei um dos dois livros para ter o conhecimento do que ele está falando e acaba que também esse conhecimento vai ajudando bastante a gente. (E5H)

Ao ser questionado sobre se não houvesse os objetos ou eventos, o neófito estaria buscando aprender sobre a nova religião, ou estaria se dispondo a chegar à conversão. O neófito E5H relata que:

Se fosse para tirar os livros, eu até creio que alguns detalhes, algumas "sobremesas", digamos assim, não ia ter, mas a "refeição principal" ia. Agora, se tirasse a bíblia e principalmente os eventos, aí o buraco era mais embaixo já. Talvez eu ainda estivesse com o pé atrás, porque muitas coisas que eu provei que me fizeram querer continuar foi ir em eventos. E muito do conhecimento que eu tive, muitos aprendizados, foram lendo a bíblia. (E5H)

a) Demais atividades da igreja

Considero as atividades cotidianas e específicas na igreja como eventos, pois, mantém característica de agrupamento de pessoas em local específico, para um fim específico. Como é comum nas organizações religiosas solicitar a participação de fiéis na organização de eventos, mutirão de limpeza, preparo de refeições, construção de templo, etc. O neófito C1H relembra sua participação:

Eu fui a um mutirão. Eu sempre comento com minha mãe, convidei ela, até. Fui em um mutirão e foi um pastor para limpar lá para trás aquela [área nos fundos da igreja]. [Eu] Disse assim: “nunca vi tanto homem junto sem falar um palavrão, sem falar besteira, sem maliciar alguma coisa sobre mulher, e sair tanta risada, tanta brincadeira”. (C1H)
Portanto, entendo que o processo de conversão também está atrelado a participação intensiva junto às atividades na igreja, e ao serem questionados se estariam mais participativos nas atividades religiosas do que antes, a neófito E1M respondeu "Com certeza. Até porque antes, quando eu era católica, de vez em quando eu ia na missa no domingo. Fora isso, nada."

5.3.2.4 Entretenimento

a) Lazer

Assim como a estrutura voltada para a aprendizagem da nova religião é esboçada pela participação de eventos, o contexto religioso é trazido para a realidade do cotidiano pessoal, diante dos comportamentos mundanos associados a refeição, vestimenta e hábitos de lazer. Após a conversão, estando no estágio de novo convertido, o indivíduo começa a aplicar os valores apreendidos, e extrapola às atividades valorativas como mais tempo despendido com a participação das atividades familiares,

Com lazer, depois que estamos mais na igreja, convertido mesmo, comecei a dar valor mais a família, a sair, ainda mais agora com meu filho de um ano e oito meses. Então, antigamente era mais, eu gosto de jogar bola, daí eu meio que deixava eles de lado e jogava bola. E agora dou mais valor à família em si do que com os amigos, bola, esse negócio. (E6H)

Junto ao consumo de novos produtos, os produtos de lazer são escolhidos sob o parecer cristão. Muitos fiéis deixam de assistir filmes e séries de terror ou com temas contrários a ética

e moral cristã, passando a consumir num primeiro momento⁴¹ produtos como filmes e séries cristãos ou com apelo ao entretenimento moralmente aceitáveis, ou seja, sem violência, sensualização, etc. Quanto aos filmes, a neófito C3M diz que busca "Só cristãos. Parece que a gente está encaminhado para aquilo. A gente procura na pesquisa e aparece filme cristão.". Num momento prévio seu esposo informa que antes consumiam filmes pornográficos, mas que após a conversão deixaram de assistir.

b) Lugares das más escolhas

Ao mesmo tempo em que a escolha por produtos cristãos permeia a decisão do neófito, a presença em locais que propiciem ao hábito das más escolhas é evitada pelos novos convertidos. O novo eu convertido evita o acesso a locais que poderão servir como gatilhos do comportamento do passado, como consumo de bebida alcoólica, cigarro ou músicas do mundo, conforme apontam os neófitos E5H e E3M:

Eu parei de tomar uma cervejinha de vez quando, que vez a vez era em casa; uma vez por mesmo assim. E eu parei de consumir, entrar em ambientes como bares, ou andar em lugares meio inapropriados. (E5H)

A gente saía. Nossa, agora, a gente não se vê mais nessa vida. Uma que você sai, você brigava às vezes por ciúme, porque você já vai em um lugar onde não tem pessoas... sempre acontecia. Até a gente estava comentando com esse casal de amigos nossos que a gente levou para a igreja, para a célula, quanto a diferença. A gente saía, só se estressava, brigava, voltava brigado, não tinha aquele ensinamento para não dormir brigado. Você aprende no MMI, você não pode dormir de bunda virada, já digo. Tem que pedir perdão, senão o inimigo deita no meio. A gente não tinha esse ensinamento. Hoje a gente sai, vai comer uma pizza, a gente faz alguma coisa com eles lá da célula, é gostoso. (E3M)

5.3.3. Saúde e restrições

Aparentemente, entende-se que só haveria mudanças no consumo de artefatos para estudo como bíblia, livros e cursos, porém, uma das práticas mais prementes do cristão protestante contemporâneo é o controle alimentar, tanto no sentido de restrição pela prática cristã dos vários tipos de jejuns, como a restrição da ingestão alimentar por medida de trazer benefícios para saúde, tudo respaldado pela ideia do cuidado com o corpo pela alimentação e

⁴¹ Falo num primeiro momento pois, na medida que o cristão começa a compreender os ensinamentos, ele passa a modular mentalmente o que assiste. Podendo assistir filmes com cenas violentas, mas prima por produtos sem nudez explícita.

estética, corpo este que é o "templo do espírito santo"⁴².

Também represento o abandono de consumo de itens que representam a não conversão como produtos piratas ou programas de TV, bem como, deixar de consumir medicamentos⁴³ como ato de fé.

5.3.3.1. *Reeducação alimentar*

A reeducação alimentar advém do discurso de que se deve cuidar do corpo, para que o indivíduo possa viver bem, sem doenças e com disposição. Assim, em alguns eventos pode existir a ocorrência da indicação alimentar. Diferentemente das igrejas adventistas, onde tem em seu dogma o abandono do consumo de produtos suínos, optando por uma alimentação vegetariana. Ao questioná-los sobre as mudanças de consumo, eles relatam a condição de reeducação alimentar, sendo entendida como um dos traços principais do comportamento dos novos convertidos.

Alguns significados para o ato de restrições alimentares são vistos diante da resposta, como ato de autocontrole, o consumo racional como ideia de auto melhoramento, etc. A ideia de restrição alimentar é pautada pelo novo comportamento com domínio próprio, conforme diz o neófito E5H, que afirma "Eu pensava: 'vou comer até me encher e o que vir até eu não passar mal é lucro'. Mas agora é: comi, estou bem, não vou mais comer."

O entendimento da melhoria do hábito de consumo é indicado como o novo consumo do neófito, ideia de auto melhoramento pelo consumo racional dos alimentos é relatado pela neófita E3M, "Então, a gente mudou bastante o hábito da alimentação, refrigerante a gente consumia muito, nossa, eu me lembro que um litro de refrigerante, dois litros davam para um dia. A gente cortou totalmente. Final de semana e ainda depende. A gente leva em consideração as coisas que fazem mal para o corpo."

⁴² Prática das igrejas protestantes contemporâneas o cuidado com o corpo, no sentido de ingestão e cuidado estético é visualizado na prática protestante em vários países. Entende-se que a bíblia informa que se deve cuidar do corpo, pois este seria o templo onde o espírito santo agirá, logo, o cuidado do corpo para que este não fique adoentado ou mesmo para que o cristão possa gozar de disposição é imprescindível. E isso em algumas igrejas é uma corrente da expressão da fé religiosa junto às mulheres. Além disso, o cuidado com o corpo externamente, como o uso de maquiagem, cuidado com pele e cabelo são expressões do cuidado higiênico, inclusive, com o corpo. Esta ideia é difundida em eventos e conversas informais ou até mesmo em reuniões.

⁴³ Algo relevante a ser destacado é o abandono do consumo de remédios de uso contínuo para tratamento de algumas doenças. O indivíduo protestante, como ato de fé, passa a descontinuar o uso de medicamentos crendo no processo de milagre da cura, como por exemplo, remédios para depressão.

A mudança do hábito é lembrada pela neófito E2M, ao descrever que passou a consumir produtos que antes da conversão não comia, "Sim. Tem a questão da minha alimentação. Eu não era de comer salada menina. Não comia. Na verdade, nem gosto muito. (...) E isso mudou bastante." (E2M)

Além disso, o comportamento em transformação é pautado pelo consumo do produto digital, que está relacionado com o comportamento de autoeducação e reeducação alimentar relacionando o tempo anterior e o atual da conversão,

E o que me chamou bastante atenção ultimamente, eu ouvi uma ministração sobre cuidado com o nosso corpo. Nosso corpo é o templo de Deus, do Espírito Santo, e isso me chamou muita atenção. Então, eu tenho cuidado na minha questão alimentar, com a comida e exercício físico porque Deus quer que a gente cuide do nosso corpo. E isso me motivou bastante também, porque antes eu não estava nem aí. Comia de tudo, porcaria. Chocolate, fritura... porque eu não me importava com meu corpo. E hoje eu já tenho outra visão até comigo mesma em questão de saúde. Tem que cuidar. (E2M)

Ou mesmo a educação alimentar advinda da indicação de nutricionista na igreja, conforme expõem E4M:

E a questão da alimentação, foi uma questão própria. Eu conversei muito com a [líder de célula], conversei muito com essas pessoas, e elas falaram para mim: "tente ser mais saudável. Tente comer menos. Que nem, no café, você come isso... tente comer menos e fazer tipo um jejum", aí eu optei por essa escolha. (E4M)

A reeducação é um comportamento que ultrapassa a esfera do indivíduo e passa a fazer parte do consumo mundano familiar. Tanto no sentido de restrição alimentar quanto à prática cristã de orar antes de se alimentar ou mesmo sendo um novo espaço para a melhoria do relacionamento familiar.

Pensamos. Para almoçar, a gente sempre almoçou junto. Eu acho que às vezes a gente não tinha hábito de, quando estar, agradecer pelo alimento, alguns hábitos assim que não tinha antes. O carinho pela família, essa parte, como você comentou de família, mudou muito em relação ao perdão. (E3M)

O vício é um elemento relatado por neófitos, a mudança no hábito de consumo após a conversão conferiu possibilidade de autocontrole, conforme apontam E2M e E4M,

Tem a questão do refrigerante, eu era muito viciada, hoje já tomo mais água com gás, vamos dizer assim. (E2M)

Sabe que eu não deixei? Eu só diminuí, as questões. Que nem, a questão de refrigerante. Eu diminuí muito, a questão de refrigerante da Coca Cola... a questão do leite, também. Eu diminuí bastante a questão de tomar..., mas mudar de marca, não. (E4M)

5.3.3.2. *Jejum*

O jejum⁴⁴ é uma prática comum e reconhecida como necessária enquanto prática cristã confere demarcação principal do consumo alimentar, possui maior aceitação na sua aplicação do que a reeducação alimentar. O jejum é relatado como importante ato cristão que para o neófito é desconhecido, mas com intenção de prática pelo conhecimento, conforme aponta E6H:

Aprendi a fazer jejum. Acho que isso daí, comida não mudou muita coisa. [...]. Acho que o próprio jejum, nós não tínhamos muito conhecimento do que podia comer e o que não podia ser comido. Ele [líder] veio e falou, algumas dúvidas que nós tínhamos, sempre tirávamos com ele. (E6H)

A mudança alimentar, ou seja, o ato de consumir menos alimentos é vista como um tipo de jejum, segundo a neófito E4M, "Eu levanto, daí eu oro... aí eu consumo menos alimentos, porque... é um modo de um jejum, só que meio quebrado."

5.3.3.3. *Cuidado com o corpo e estética*

Falando em modificações comportamentais, além do cuidado com a alimentação, houve relatos do cuidado maior com a aparência, sendo uma representação do cuidado com o "templo do espírito". Os novos convertidos passam a cuidar mais da aparência, da vestimenta, maquiagem, etc., conforme aponta a neófito C2M, "A gente cuida mais da aparência né".

5.3.3.4. *Abandono do consumo e descontinuação do consumo*

Durante o tempo de conversão inicial ao qual se encontra o neófito, vários produtos são deixados de comprar e consumir ou têm apenas a diminuição na quantidade consumida. Como por exemplo, houve indícios da diminuição ou interrupção do consumo de remédios e produtos "piratas", como o abandono do consumo de bebidas alcoólicas, esta última tem peso de expressão maior diante o novo convertido. De acordo com o que o pastor P3H relata,

⁴⁴ A bíblia relata exemplos do porquê fazer o jejum. É importante porque este ato sacrificial do cristão, espiritualmente, tem algumas representações: Deus age sobre o indivíduo quando este está fraco fisicamente, o tempo de jejum serve para demonstrar a Deus nosso amor por ele, o jejum é usado quando se tem demandas solicitadas a Deus, jejua-se para receber bênçãos da parte de Deus, etc. É um ato sacrificial, porém, enquanto incorporado como prática protestante pode envolver o abandono do consumo de coisas que trazem satisfação, não sendo só alimento, por exemplo: o indivíduo deixa de fazer algo que gosta durante o tempo em que está em jejum, como deixar de assistir a filmes, ou deixa de consumir açúcar, ou no meu caso eu deixei de consumir café por um mês.

Ela vai deixar de consumir algumas coisas... que ela entendeu que aquilo não faz bem para a saúde dela, ela vai deixar de consumir algumas coisas, que ela entendeu que Deus não aprova o consumo daquelas coisas... e ela vai passar a viver buscando sempre o melhor para ela, o melhor para a família dela, o melhor para a comunidade dela. Então, altera. Altera nesse sentido, o consumo da pessoa. (P3H)

Por escolha própria, a partir do conhecimento adquirido já nos primeiros meses de participação na religião, o neófito pode deixar de adquirir e usar 'produtos piratas'⁴⁵ ou de procedência duvidosa. E ao ser questionado sobre este hábito, alguns responderam que detém como pensamento iniciado após a conversão, "A gente tem esse pensamento, antes não tinha." (C1H)

Outro aspecto apontado foi o descontínuo do uso de medicamentos⁴⁶ sem indicação de médico. Uma das neófitas informou que deixou de consumir medicamento de uso temporário e prescrito por médico para depressão, a partir do controle emocional, conforme relata:

Eu só descobri que muitas coisas a gente consegue controlar emocionalmente, não necessariamente com medicamento. (...) [o consumo de remédio] diminuiu bastante. Drasticamente. (C2M)

Claro que no começo eu tinha todos os medicamentos, mas hoje eu vejo que se eu tivesse mudado meu comportamento antes, eu com certeza não precisaria de tantos medicamentos. Aí eu lembro que no ano passado eu coloquei como meta: até o final do ano de 2017 eu não vou estar tomando nenhum medicamento mais. Em nome de Jesus, eu parei. Não tomo mais nada. Quando eu comecei a mudar o meu comportamento por causa de Jesus mesmo. Você sabe que aquilo não é um problemão, que você vai superar e vai passar e vai dar tudo certo. Eu voltei para o médico e ele começou a diminuir os medicamentos, porque já não era mais necessário. Até que no final eu passei a ficar só com medicamento que não era controlado (Propranolol), medicamento muito simples. Mas deu certo. Eu fui para uma viagem a trabalho lá em Foz e meu medicamento acabou, não deu tempo de eu comprar, porque foi muito corrido - acabei esquecendo e fiquei sem o medicamento. Desde então nunca mais eu tomei. (C2M)

Talvez o produto mais representativo do não consumo ou abandono do consumo referente ao novo convertido é a bebida alcoólica. Incentiva-se esta prática por medida de autocontrole e para não direcionar pessoas para o vício. Na visão do pastor P3H, além de outros produtos, o entendimento é de que:

Ela vai deixar de consumir algumas coisas... que ela entendeu que aquilo não faz bem para a saúde dela, ela vai deixar de consumir algumas coisas, que ela entendeu que Deus não aprova o consumo daquelas coisas... e ela vai passar a viver buscando sempre o

⁴⁵ O entendimento do cristão é de que, se ele usar o produto pirata, ele estará roubando os direitos autorais do autor, e isso, é pecado segundo a passagem bíblica referenciada em Êxodo 20:15 - "Não furtarás".

⁴⁶ Há relato de várias pessoas que deixaram de usar remédios após a conversão, ou porque sentiram que não precisavam mais, ou porque acharam que receberiam a cura por meio de orações. Cabe salientar que esta não é uma prerrogativa incentivada pelos líderes da igreja como um todo, mas sim, opção do indivíduo. Eu mesma, no início da minha conversão optei por parar de usar remédio controlado e não tive efeitos colaterais pelo abandono de consumo, mas, foi uma opção de fé de minha parte e não indicação de líderes.

melhor para ela, o melhor para a família dela, o melhor para a comunidade dela. Então, altera. Altera nesse sentido, o consumo da pessoa. [...] a gente não é alcoólatra, não vai se consumir bebida alcoólica. (P3H)

Os relatos centram-se no abandono do consumo de "Qualquer coisa relacionada a álcool." (E5H), "Deixei [de consumir bebida alcoólica]" (E1M). São centrados no hábito da compra da bebida alcoólica: "às vezes antes da conversão nós comprávamos cerveja, colocava na geladeira. Hoje já não existe bebida alcoólica não, nem nada." (E6H). Ao ser questionados sobre o que deixaram de consumir após entrar no protestantismo, há o relato da neófito C1M, "Só a bebida que a gente não compra. A gente comprava, deixava na geladeira para alguma coisa, tomar de vez em quando, e isso nós mudamos. Isso não temos mais o hábito de fazer. Passar no mercado e pensar: "vamos fazer uma batidinha, alguma coisa". Isso já cortamos.". Ou mesmo a mudança de comportamento de convívio com pares que não são da religião, "Mudei, eu bebia antigamente, não bebo mais. Ia em bar, já não vou. O meio das pessoas, o convívio com pessoas já mudou bastante, já não ando mais." (E6H). Entende-se então que o abandono do uso do álcool advém da mudança de comportamento.

A descrição por parte da esposa de um dos neófitos aponta o relato de um não convertido entregue aos vícios e que mudou após a conversão, contudo, o abandono do uso foi efetuado por acompanhamento médico, relata C3M:

O [esposo] era do tipo de pessoa que tirava sarro de crente. Ele bebia, ele fumava. Mas veja como Deus já estava preparando ele antes, a gente foi em junho ou comezinho de julho para a igreja. Em fevereiro ele falou: "eu vou parar de fumar". Eu falei: eu vou te ajudar. A gente foi em médico, procuramos ajuda, ele entrou em crise de abstinência, porque ele comia cigarro. Eu vejo que desde antes da gente ir para a Igreja, Deus já estava fazendo isso. Mês que vem faz dois anos que ele está sem cigarro. Parou de beber. (C3M)

Deixar de assistir programas de TV faz parte do abandono, conforme relato da conversão do pastor P3H:

até mesmo a questão de informação, da televisão, a gente assistia alguns programas que, hoje, a gente não recomenda, não faz, porque entende que não traz benefício, para a nossa família. É mais isso, assim. A nossa não foi uma mudança muito radical. A gente tinha, já, vamos dizer assim... uns hábitos bons, que permaneceram. Foram poucas coisas. (P3H)

5.3.4 Expressões da fé no consumo

Os aspectos do consumo tangível trazem as ideias de consumo representadas pelo discurso dos entrevistados. Expressão o posicionamento do cristão, os hábitos de consumo

extrapolados para cultura cristã, bem como representam apontam a expressão da fé na forma de presentear.

5.3.4.1. Consumo antes e após a conversão

Várias mudanças no comportamento de consumo e de decisão do novo convertido são identificadas perante o discurso dos neófitos e pastores. Há mudança no ato de compra, na ação e no pensamento,

A prudência é o ato classificador do indivíduo convertido, conforme classificação explicativa indicada do pastor P3H,

É mais a questão da prudência. A gente classifica no sentido... se a pessoa é, realmente, convertida, independente do tempo que ela congrega, da quantidade de cursos que ela participou... se ela é convertida, ela vai se vestir de uma maneira que não causa escândalo a ninguém. Às vezes, como é um não convertido, ele nunca foi orientado a mudar aquele hábito. Ele nunca foi orientado a usar certos trajes, que vão causar escândalo. Então, a gente pode concluir, que, às vezes, uma pessoa, por ser nova convertida, usa um tipo de roupa, e uma pessoa que já é mais madura na fé, já tem um cuidado mais especial. (P3H)

São muitos [mudanças] ... até porque a pessoa muda as coisas. Seu comportamento desde a vestimenta. (P1H)

O processo de compra acompanhado da autoavaliação por pertencimento a nova religião, conforme expõe o neófito E5H, "Hoje eu penso bem mais; eu vou comprar alguma coisa, eu penso "o que é isso que eu estou comprando?", "o que isso tem a ver comigo com a minha fé ou com o meu jeito de ser?". "Penso bastante nisso."

Enquanto descrição de mudança de hábitos de compra, passa pelo ornamento usado, mudança no orçamento para consumo cotidiano, pastor P1H descreve alguns aspectos desta mudança,

Ela muda até seus ornamentos... muitas coisas mudam. Literatura... para começar, o primeiro investimento dela é uma Bíblia. Deixa, as vezes, de comer lanche, frequentar certos lugares para poder comprar uma Bíblia de estudo, para investir em livros, seminários... o investimento de uma pessoa convertida é radicalmente mudado. A forma de administrar suas finanças é radical quanto ao modelo anterior (P1H).

As atividades da prática cristã envolvem o dia a dia do novo convertido. Ela passa a executar as práticas da oração, mas também passa a controlar seu comportamento, inclusive quanto ao uso do celular:

Antes era uma correria. Uma coisa que eu não fazia era orar de manhã, ter um momento de (...) nunca que eu fazia antes, jamais. Até em questão de celular, antes era muito

tempo no celular – muito tempo perdido. Hoje não. Questão de orar antes das refeições: eu não fazia isso, hoje tenho o hábito de agradecer a Deus pelo alimento. Até mesmo à noite (...) a gente pensava que estava fazendo o certo, entre aspas, mas não. Aquele momento de intimidade com Deus. (E2M)

Ao ser questionada sobre o significado do que se consome, a resposta refere-se a um significado de cunho interior para o indivíduo que o faça melhorar. E2M afirma que sim, complementando que "Porque é algo que vai te fazer bem. Que antes não fazia sentido." (E2M)

5.3.4.2. *Influência de consumo pelos pares*

Indicação de compra é vivenciada de diversas maneiras, e no ambiente cristão alguns pastores são observados como modelos de comportamento, levando aos fiéis a adquirirem o produto ou serviço nos locais que eles frequentam. Pode existir a indicação de formalizada e ao acaso, quando sem querer durante as reuniões são indicados produtos e marcas para compra, há a influência até do modo de comportamento. Ao ser questionado sobre indicação de consumo por parte de pastores houve confirmação:

Sim. Porque se indica muito. É muita comunhão junto e é fácil de disseminar uma marca, uma ideia. Então, é fácil. E o poder que uma pessoa que está no altar tem de comunicar. Se hoje eu falar num culto: “gente, comprei tal produto e foi ótimo”, no outro dia você pode ir lá na loja que vai arrebentar. Porque a comunicação é muito intensa. São muitos dias por semana comunicando para uma massa grande. Aí é célula, discipulando um a um, aconselhamento... você está muito tempo com as mesmas pessoas e influenciando-as sem dar ordens. Só influenciando pelo seu estilo. (P1H)

Eu sempre li. Eu sempre gostei de ler livro. Até hoje tem um livro que preciso encontrar, que foi o Eduardo - que é novo, tem uma (célula) agora - que postou, sobre quem tem filhos adolescentes e coisa. Quero ver se adquiro. Sempre li, mas a Bíblia eu não... tem uma Bíblia católica ainda em casa, umas duas. Eu não adquiri a Bíblia ainda. Até falei com o Rodrigo, quero passar e comprar uma Bíblia. Estou lendo, estou acho que na metade quase. Estou lendo no celular mesmo. Porque no celular estou no trabalho, dá uma paradinha, estou lendo. Estou em casa sem fazer nada, sento e leio. (C1H)

Dentre vários produtos, dentre livros e bíblia, há indicação de produtos para consumo da aplicação da fé como o óleo de unção, conforme indica o neófito E5H "Bom, meu líder me falou sobre ungi as coisas, o ensinamento que ele está me passando, aí eu estou vendo para comprar um".

Mas também, o grupo cristão como um todo é a nova utilização referencial de busca de informação de produtos, conforme explica o neófito E5H [ao falar da compra de um pedal para sua guitarra], "Aí de vez em quando eu tomo essa decisão de perguntar para ele [líder de célula] para ver, aí ele me indicou um grupo no Facebook chamado *Pedalboard* Cristão, daí lá o pessoal

é cristão, lá a gente interage."

5.3.4.3. *Objetos como identidade cristã*

A matriz da identidade cristã está transferida para o produto que escolhem adquirir. Objetos com simbolismo adverso a ideia cristã é relegada no processo de escolha, conforme pode-se notar pela descrição do neófito E5H.

Eu parei de consumir qualquer tipo de camiseta que eu não sei o que aquilo significa. Não vou falar que é a que tenha muita coisa, porque aí é gosto pessoal. Mas coisas que eu não sei o que significa ou coisas que não condizem com a minha fé. Tipo camiseta que tenha uma imagem, que tem camiseta que sangue, aí eu parei de consumir. Eu até gosto muito, para não falar, você não venha (inint.) por causa da minha camiseta, eu uso esse tipo de camiseta assim, de uma cor só, daí é bem mais fácil e não dá nada. (E5H)

A racionalização do consumo se dá por várias medidas de readequação do eu individual ao eu coletivo cristão. Processos de melhoramento educacional, corporal e espiritual, conforme expressa C2H:

Eu vejo que depois que nos tornamos evangélicos a parte de roupa a gente muda, anda um pouco mais social... a parte de vestimenta. A gente tenta ser mais apresentável, não andar um pouco mais largado, vamos dizer assim. Não que a gente... (C2H)

5.3.4.4. *Produtos de identidade do coletivo*

O consumo de produtos relacionados à igreja, representativo do pertencimento ao grupo ou do coletivo, é apresentado pela aquisição de artefato da participação ou pertencimento no grupo, por exemplo, um objeto de vestimenta:

Relacionado à, aqui na igreja, eu comprei a camiseta do Chá das Mulheres, comprei a camiseta da Rede Vertical, e comprei a do Mulher 100%. (E4M)

Na verdade, antes eu não me importava. Se eles faziam camiseta eu não fazia questão de ter. Agora eu quero, não é porque todo mundo vai comprar. É porque eu quero. Uma que eu vou estar ajudando a igreja também. Como o almoço que vai ter domingo... acho que é isso. (E2M)

Estes produtos representativos da identidade de pertencimento ao coletivo, podem também ser visualizados como consumo do próprio significado cristão

Eu acho que as questões de roupa, a questão da bíblia, está tendo um maior significado. Porque, antes, pelas roupas que eu vestia... hoje em dia, eu vejo que eu me vestia: "como eu podia vestir essa roupa", "como o Espírito Santo está batendo, como ele está me ensinando". A questão de bíblia, também, eu fico vendo como eu não tinha tempo, quando eu era católica, para conversar com Deus. Como eu não tinha tempo para ler a

bíblia. Hoje, por mais que eu esteja atarefada, eu consigo deixar um tempo, falar assim: “não. Eu não vou fazer isso, porque eu vou fazer isso, hoje”. (E4M)

5.3.4.5. *Consumo com o grupo*

O consumo com o grupo é uma etapa da identidade do neófito, fator motivador do processo de participante no novo grupo social, trazendo a identidade de pertencimento social mesmo no processo de consumo de entretenimento. Haja vista que alguns neófitos relatam que não saíam anteriormente e que após a conversão tiveram seu núcleo de contato ampliado, permitindo novo tipo de consumo de entretenimento, incluindo cinema, restaurantes, churrasco, festas de aniversário e festas comemorativas de célula. Ao relatar seu consumo de entretenimento antes de entrar na religião protestante, E5H explica que consome, mas que fica mais feliz porque pode assistir junto com o grupo da igreja "Bom, filme, eu assistia vez a vez. Tipo vai lançar o filme do Thor, eu quero assistir, aí eu já ficava feliz da vida. Agora, é mais ainda, porque agora o pessoal chama para ir assistir juntos."

5.3.4.6. *Colecionismo*

Outra conotação envolvendo o consumo do neófito é o desejo pelo colecionismo envolvendo livros (ter mais livros que os outros - não foi pesquisado), bíblia (possuir vários modelos e tipos de bíblias para contextos específicos) e camisetas referentes aos eventos femininos (chá de mulheres, mulher 100%)⁴⁷.

Quanto ao consumo de diferentes tipos e estilos de bíblia está determinado no discurso de colecionismo para aprendizagem, é correspondido no discurso das neófitas E4M e E1M,

O item que eu mais compro – eu estou fazendo coleção, hoje em dia – é de bíblia. Era um negócio que, quando eu era católica, eu não comprava. Agora que eu sou crente, a gente passa: “saiu essa versão nova de bíblia”, eu já: “mãe, eu quero”. (E4M)

Bíblia, por exemplo, eu não tinha nenhuma. Eu ganhei uma de dia dos namorados do Eduardo e agora eu quero comprar várias assim, sabe? Eu queria comprar Bíblia de ordem cronológica... eu quero muito assim. Porque parece que a gente quer ler tudo na ordem que aconteceu. Isso é uma coisa que eu quero muito. Acho que é isso. (E1M)

⁴⁷ Há alguns anos participei de um evento direcionado para mulheres nesta mesma igreja e houve um desfile com as camisetas confeccionadas para os eventos anteriores. Percebo que há uma indicação de compra para que as mulheres obtenham este objeto de pertencimento ou imagem de marca para participar do evento referente a camiseta. Ou seja, há indicação para consumo destes itens. O que, para algumas mulheres é fator primordial de representação da participação no coletivo.

5.3.4.7. *Gift given*

Outra expressão do novo convertido é a mudança racional da escolha ao presentear, seja uma decisão acompanhada da nova identidade cristã pela escolha de produtos cristãos, como, por exemplo, a bíblia ou pela escolha de produtos cuja intenção é trazer benefícios para a vida dos presenteados, como por exemplo, deixar de presentear bebidas alcoólicas, conforme expressa a neófito E2M,

Até os meus presentes mudaram. (...) Esses tempos atrás tinha um aniversário de 15 anos e eu (senti) de dar uma Bíblia para aniversariante. Coisa que antes eu ia achar... não que fosse significativa, mas não ia ter esse sentimento que eu tive, de comprar uma Bíblia e tal. (E2M)

E agora é aniversário da mãe dele, a gente está pensando em dar uma bíblia nova para ela. (C1M, esposa de C1H).

Por exemplo, se eu fosse dar um presente de aniversário para o meu pai, eu ia dar um litrão de uísque, de vodca. Agora eu dei um relógio para ele. (C1H)

A racionalização da escolha do presente com ideologia cristã é relatada, ao atrelar o presente a crença religiosa. E2M comenta que antes não o fazia, mas que após a conversão leva em consideração, "Se fosse antes eu não iria... eu analiso hoje." (E2M).

A escolha por produtos de identidade cristã para presentear derrubam a barreira de valor monetário, parte-se para compra de produto com maior valor monetário, desde que seja para "edificação" humana no contexto cristão,

É como o exemplo da Bíblia que eu dei. Era um produto mais caro, mas eu sei que no fundo a pessoa ia ser tocada. Não que não fosse no momento, a gente não sabe o que passa no coração de cada pessoa. Mas eu sei que futuramente vai mexer. (E2M)

5.4. **Comportamento de Consumo: Racionalização do Consumo**

O processo de entrada na nova fé, ou aceitação da nova fé, ou estar no papel de novo convertido confere o novo status social e implica em mudanças individuais regidas pelo acompanhamento dos pares na igreja. E uma das condições de novo é a mudança do comportamento individual. O auto melhoramento ou o autogerenciamento melhorado são aspectos salientes no discurso de mudança, seja de pastores quanto de fieis novos convertidos.

A materialidade do consumo representada acima pelo consumo de itens materiais e imateriais não é somente expressada assim. O principal contexto que irá representar a condição do não convertido para novo convertido e posterior convertido é o que estes produtos irão propiciar para a mudança no comportamento destas pessoas.

Assim, são vistas mudanças de comportamento interior, como comportamento mais ético, comportamento de autoprivação, comportamento empático, comportamento coletivo, busca do coletivo para tomada de decisões, etc.

O eu melhorado representa o aspecto do significado interior da mudança, e estará aqui expressado separadamente pela auto identificação de mudanças comportamentais, ou visualização do autocontrole individual diante de ações pecaminosas ou comportamento melhorado; cautela nos pensamentos e ações; comportamento familiar; crescimento espiritual e mudança de atitude ética.

Racionalização é o ato de pensar logicamente, raciocinar uma escolha, sendo, portanto, "O processo decisório, (...) um componente fundamental do comportamento humano" (Luppe & de Angelo, 2010, p.83). Logo, do ponto de vista do consumidor a racionalidade "implica a ideia de que os indivíduos baseiam suas escolhas considerando os preços relativos dos bens e serviços colocados à disposição, a renda e as preferências representadas pelas denominadas funções utilidade." (Luppe & de Angelo, 2010, p.84).

Tradicionalmente, toma-se decisões sob condições de incerteza e sem completude de informação, logo, as decisões de consumo podem ser pautadas em racionalidade pela teoria normativa - ou escolha utilitária ou a melhor combinação, ou pela racionalidade limitada ou *bounded rationality* de Simon (1957), ou, inclusive pela utilização de três heurísticas de representatividade, da disponibilidade e da ancoragem de Tversky & Kahneman (1974; Luppe & de Angelo, 2010). A heurística da ancoragem remete ao processo de escolha de consumo, ancorado em algum preço ou contexto, neste caso, considero a religião como a ancoragem principal da escolha de compra e consumo.

Ademais, a racionalidade que chamo aqui, seria o ato de escolha de consumo tendo como ancoragem a religião protestante e não necessariamente o preço; a racionalidade pelo autocontrole econômico e financeiro, racionalidade pela escolha frugal; e consumo consciente.

5.4.1. Racionalização na escolha

O processo de conversão levou os novos convertidos a pensarem nas escolhas de consumo, a pensarem no significado daquilo que estão consumindo e se o produto está de acordo com a sua fé e jeito novo de ser, conforme relata o neófito E5H quando questionado sobre seu processo de escolha de consumo,

Hoje eu penso bem mais; eu vou comprar alguma coisa, eu penso "o que é isso que eu

estou comprando?”, “o que isso tem a ver comigo com a minha fé ou com o meu jeito de ser?”. Penso bastante nisso. (E5H)

Apondo, os novos produtos consumidos, relacionados a nova condição, serviu como âncora para manter o fiel no caminho da transição para conversão final, pois, ao serem questionados se as atividades adquiridas e consumidas auxiliaram no processo de transição, sendo assim, um instrumento de conversão e socialização,

Se fosse para tirar os livros, eu até creio que alguns detalhes, algumas “sobremesas”, digamos assim, não ia ter, mas a “refeição principal” ia. Agora, se tirasse a bíblia e principalmente os eventos, aí o buraco era mais embaixo já. Talvez eu ainda estivesse com o pé atrás, porque muitas coisas que eu provei que me fizeram querer continuar foi ir em eventos. E muito do conhecimento que eu tive, muitos aprendizados, foram lendo a bíblia. (E5H)

Acho que talvez os livros e Bíblias, a respeito do conhecimento. Por exemplo, camisetas, que eu acho que é uma coisa bem legal e que a gente vai se sentir mais... não enturmado; não sei como eu posso explicar. (E1M)

Sim. Porque igual eu falei, assim, os produtos, serviços e tudo mais. Se a gente não fosse nas células e não visse como que é o ambiente, a gente não ia estar continuando participar. Se a gente não fosse lá na Comunidade Alcance e só passava na frente, e é a igreja dos ricos, a igreja dos renegados, se a gente não frequentasse lá e participasse dos eventos, a gente ia continuar tendo o mesmo pensamento dos outros, então a gente não ia ir. Então, de certa forma, os eventos, os materiais, um curso ou outro que a gente viu esporadicamente antes de se converter, influenciou bastante. Eu digo que sim. Que se não tivesse feito células antes, esporadicamente, visitado a Alcance uma vez ou outra, participado de um evento da mulher, um que eu participei de evento de homens também, antes de se converter, se não tivesse feito esses produtos e serviços, encarado como serviços, não estaria lá hoje. Não estaria. E se não fosse o Leandro e a Dessa, não estaria aqui nem hoje, aqui. (C4H)

5.4.2. Racionalização (autocontrole) financeira

A racionalidade relacionada ao autocontrole pessoal financeiro é rememorada por vários dos entrevistados, e das diversas formas está relacionado ao aspecto do auto melhoramento que a nova conversão traz, além dos controles das vontades e desejos de posse, conforme declara a neófito E2M,

Sim. No futuro, no agora... saber, tipo, não esbanjar dinheiro à toa como eu fazia antes. Até um exemplo: batom. Antes eu comprava, agora eu tento usar até o final. Tentar economizar nisso. Por que comprar mais um se eu tenho aqueles? Vou usar aqueles até o fim. (E2M)

É um traço importante para representatividade da conversão. Pode ser visto no discurso de importância da maioria dos entrevistados, sejam eles, pastores rememorando o

comportamento de seus fiéis como dos próprios neófitos.

Então, muda que elas deixam de comprar – essas que chegam endividadas – e entendem a necessidade de conserto, nisso... que elas não precisam ter tudo aquilo para ser... que elas são filhas e filhos de Deus, são importantes, sem ter tudo aquilo. Elas pagam tudo primeiro, usam o dinheiro para pagar, e ficam sem comprar. Ficam sem consumir. Daí, depois volta a consumir, mas normal... eu acho que isso não muda tanto, assim. (pastora P3M)

Não viajamos ainda porque agora vendi o carro do meu filho. Uma coisa que me (ininteligível), eu tinha aquela empolgação de ter carrão importado - que eu tinha um - aqueles negócios tudo. Agora minha cabeça é outra. Vendi o carro e, para mim, vou comprar um carro bem simples. Dando para viajar com minha esposa para algum lugar, não precisa de luxo. Um fusca vai. Então esse pensamento de consumo eu mudei. De querer consumir, gastar. Eu nunca fui de misturar em bar, e futebol eu gostava, mas agora não gosto. Não jogo, não assisto. Meu esporte é pescar. (C1H)

5.4.3. Frugalidade e economia de recursos

Entende-se que as motivações relacionadas ao consumo podem variar entre as pessoas, sociedades, tempo e espaço de ação. Hoje vemos mudanças significativas nos comportamentos de pessoas e país e no que diz respeito ao comportamento dos consumidores de grupos religiosos, pudemos observar uma mudança nos parâmetros de algumas escolhas.

A frugalidade é um dos comportamentos de consumo que pode observar nos relatos e experiências junto ao grupo de fiéis. Frugalidade está centrada no uso cuidadoso e sábio de recursos para a realização de metas de consumo de longo prazo (Todd & Lawson, 2002), diz respeito à propensão do indivíduo a um estilo de vida simples, menos consumista, com otimização racional de recursos, direcionado inclusive a comportamentos ambientalmente favoráveis (Shaw & Moraes, 2009).

A frugalidade enquanto comportamento de consumo foi visualizada nos discursos de neófitos quanto à racionalização das suas escolhas de compra,

Já pensei, mas não são todos os produtos. Agora não lembro um produto específico, mas já veio na minha mente. Não vou lembrar... falando em produtos lembrei de um fato na Calce Bem. Eu tinha visto um chinelinho desses da moda que estão usando, olhei o preço e fiquei com vontade. Falei: “não vou levar. Tenho lá e vou usar aqueles que eu tenho. Por que querer gastar? Só porque todo mundo está usando?”, falei: “Deus, eu não preciso disso”. Peço para Deus me ajudar na questão de me controlar nos gastos. (E2M) Na verdade, mudou bastante. Até pela questão de, como antes, balada: saia e gastava em balada, ingresso, etc., bebida... e até mesmo antes ia sair e: “ai, não tenho roupa”, sabendo que tinha roupa e ia gastar sem necessidade. E hoje eu vejo que não precisa disso. Deus mostra que temos que estar realizados com o que temos, não como eu era antes. Ia sair para qualquer coisinha e não tinha roupa, ficava murmurando. E hoje eu sei que não preciso disso. (E2M)

A mudança de atitude em relação aos produtos consumidos, a importância dada a cada ação como se estivesse num processo teatral real, a forma de se autorregular é demonstrada no discurso da neófita E2M, "Mas o que eu vejo, sem ser um produto específico, é que antes eu não me importava, vamos supor, se eu fosse comprar uma roupa, um calçado. Eu não me importava muito com preço. Gostei e vou levar. E hoje eu pesquiso.", ou mesmo "[pesquisa] Questão de economia, coisa que antes eu não questionava muito." (E2M). Agregando ao posicionamento de E3M "Você não está precisando. Falei: "é verdade, amor". Hoje eu devolvi e não fiquei com a bota."

E quando questionada o motivo deste processo desta auto-regulamentação, economia "Por que você vai economizar nesse sentido? Por que você acha que tem essa ligação com a religião?" (Pesquisadora).

Porque eu sei que é importante eu fazer uma reserva. Pensar lá na frente. Antes eu só pensava no agora. E hoje eu penso lá na frente, que tem que fazer uma reserva, saber direcionar o seu dinheiro. Saber administrar. Até que não estou sabendo muito bem, mas sei que Deus vai me ajudar. Mas estou bem melhor do que eu era antes. Tentando me segurar mais. (E2M)

No futuro, no agora... saber, tipo, não esbanjar dinheiro à toa como eu fazia antes. Até um exemplo: batom. Antes eu comprava, agora eu tento usar até o final. Tentar economizar nisso. Por que comprar mais um se eu tenho aqueles? Vou usar aqueles até o fim. (E2M)

[era um consumo] muito compulsivo. Acredito que eu era. Você falou do produto específico e agora me veio o batom em mente. Tipo, tinha aquele estoque de batom que ficava só... (E2M)

O processo de economia pessoal e autocontrole nos gastos familiares fazem parte do comportamento do novo convertido.

Produto, agora não me recordo muito. Mas para comprar alguma coisa, às vezes a gente comprava, "ah, está bonito, vou comprar isso", a gente se controla. Ainda que a gente não teve os estudos bem, a gente quer fazer o EMA, mas algumas coisas que a gente tem de ensinamento de não gastar muito. De produtos, a gente já ouviu algumas reportagens sobre alimentação, essas coisas que fazem mal. (E3M)

O processo de economia individual está atrelado ao processo de consumo individual de produtos relacionados à religião

Isso, quando eu preciso eu peço. Isso que eu peço, eu penso muito em guardar para eu pegar o ônibus para eu vir para igreja. É o que eu mais penso. Às vezes assim na escola, me pedem para buscar o lanche, eu falo assim: "não, mas você vai me pagar frete, né?". Daí esse dinheiro eu já estou pensando, vou guardar esse dinheiro para pegar o ônibus, para vir para a igreja. (E5H)

A ideia da ética protestante e o espírito do capitalismo de Max Weber, permeou a sociedade protestante no passado, "A ética protestante se enraizara profundamente no modo

americano de vida e a frugalidade, a poupança e o investimento no futuro sempre foram colocados acima da gratificação imediata"⁴⁸ (Gonçalves-Dias & Moura, 2007). Portanto, o autocontrole financeiro traz satisfação, "que a gente controla. Foi tão bom passar o final de ano sem conta, (...) sem conta, com dinheiro na conta, tranquilo. Quando está tudo certinho, as coisas vão se encaminhando." (C1H)

O autocontrole financeiro como forma de comportamento frugal, para o neófito tem relação direta com o contato com a religião. Para a neófito E2M, o controle financeiro advém da direção de Deus, conferindo ao convertido efetivo a certeza da forma melhor de manter uma organização financeira, explica ainda, "Porque tem, por exemplo, a questão financeira. Digamos, os produtos. Eu acho que tenho que pedir mais a direção de Deus. Acho que um convertido mesmo tem um pensamento e já sabe. Não tem dúvidas." (E2M)

Outro ponto interessante a ser ressaltado foi o discurso tanto de neófitos como de pastores sobre receber conselhos financeiros, tanto no sentido de indicação de melhor controle pessoal quanto para usar os líderes como conselheiros espirituais e de consumo de bens de alto valor. Pode-se visualizar no discurso da neófito E2M,

Teve um tempo que eu estava querendo financiar um carro. Só que não era relacionado com comércio com irmão da igreja, era um por fora. E eu estava muito em dúvida; estava orando e não estava sentindo paz dentro de mim. Até procurei minha líder e ela me orientou, até mesmo com o meu amigo da igreja... tipo, consultei, não fiz louca como eu faria antes. (E2M)

Ou mesmo no discurso dos pastores, conforme o que fala a pastora P3M,

Acho que mais... seria no sentido. Vai comprar um carro. Ela vem, assim: "o valor do carro é 60 mil reais, eu ganho tanto, e eu quero comprar e eu estou achando...", ela vê se a gente: "vai dar certo", ou: "está exagerado. Essa parcela, que você vai fazer, está alta, mas você pode fazer". A gente nunca diz: "não faça", a gente diz: "a gente acha que vai pesar um pouco no teu orçamento, e você pode vir a ter tua família prejudicada, por conta disso. Você pode vir a atrasar teu aluguel, pode não poder pagar a tua água, tua luz... então, você pode fazer, mas ciente de que você vai ter essas consequências". Nesse sentido, a gente aconselha bastante. Tanto... vai comprar uma casa, um carro... vai alugar uma casa... a pessoa, às vezes: "esse é o valor, ganho tanto. O que você acha?", então, a gente orienta, dentro da nossa experiência, (do) que a gente já passou e já viveu, a gente orienta a pessoa. (P3M)

Apontando a mudança no comportamento de compra e investimento, vendo o discurso da pastora P3M e o pastor P3H,

Então, muda que elas deixam de comprar – essas que chegam endividadas – e entendem a necessidade de conserto, nisso... que elas não precisam ter tudo aquilo para ser... que elas são filhas e filhos de Deus, são importantes, sem ter tudo aquilo. Elas pagam tudo

⁴⁸ "A sociedade americana foi construída com base nos valores do auto sacrifício, da acumulação e da parcimônia." (Gonçalves-Dias & Moura, 2007)

primeiro, usam o dinheiro para pagar, e ficam sem comprar. Ficam sem consumir. Daí, depois volta a consumir, mas normal... eu acho que isso não muda tanto, assim. (P3M)

Muitas pessoas chegam na igreja desordenadas, especialmente a vida financeira. Elas são dominadas pelo consumismo, é influenciada pelas modas, pelo marketing... assim: “se você não tiver isso, você não é uma boa pessoa”, “se você não fizer isso, você não é uma boa pessoa”. À medida que ela se converte, e ela aprende o que realmente é... (P3H)

Adentrando no campo da noção do comportamento frugal, como a descrição pela pastora P3M "...quem ela é. Não precisa ter para ser." E o pastor P3H:

O que ela realmente precisa, uma ordem de prioridade... ela muda o comportamento. Muitas pessoas chegam endividadas. Porque elas queriam ter e ser. Elas compreendem a vontade de Deus, a palavra de Deus, e elas vão vendo que, aquilo que era prioridade, agora já não é mais. Se tornam mais prudentes, no consumismo. (P3H)

5.4.4. Consumo consciente

Os aspectos do consumo consciente são observados no comportamento do neófito cristão, porém, em termos de consumo de produtos de forma consciente usando os padrões apreendidos ao entrar na nova religião. A definição mais premente desta ideia é pontuada pelo Instituto Akatu,

Consideramos aqui “consumo consciente” como sendo o ato ou decisão de consumo (compra ou uso de serviços ou de bens industriais ou naturais) praticado por um indivíduo (uma pessoa física) levando em conta o equilíbrio entre sua satisfação pessoal, as possibilidades ambientais e os efeitos sociais de sua decisão. Ou seja, “consumo consciente” não deve aqui ser confundido com “não consumo” ou com o consumo de determinados produtos/serviços ou dentro de determinados padrões/quantidades. O que define a consciência no consumo não são parâmetros rígidos ou “receitas prontas”, mas sim a reflexão consciente e abrangente do consumidor ao realizar suas escolhas. Assim, as práticas resultantes do “consumo consciente” podem ser diferentes, para diferentes contextos e consumidores (AKATU, 2005, p. 12).

Dentro desta ideia de "consumo consciente" pode-se estabelecer o conceito de "consumo consciente". O consumo sustentável é complexo por contemplar diferentes arenas do território humano tais como tecnologia, cultura, crenças, atitudes e vida em sociedade, agregando o ato de consumir menos, mudança no estilo de vida e padrões de consumo, com foco no usuário final, busca por alternativas de aquisição, mudança radical urgente e essencial e foco em alta qualidade de vida sem degradação ambiental (Gonçalves-Dias & Moura, 2007).

Portanto, dentro da senda de compreensão desta maneira de consumo, ao ser questionada sobre o consumo consciente, se acredita que estariam tendo uma forma de consumo consciente, e em complementaridade se não tivesse todo esse conhecimento novo, alguns

neófitos responderam dentro da ideia de consumo racional consciente,

Não, porque são atitudes que a gente tinha, mas que a gente não sabia o quanto era, como eu posso dizer a palavra, errado. (E3M)

Eu não consigo me recordar no momento. Eu sei que já teve casos que eu também pensei, por exemplo, tem uma loja que eu compro lá em Irati, eu era muito viciada em comprar bota. Meu marido até fala “você tem bota e não usa”. Ela sempre separa uma condicional e eu trago para cá, quando eu vou para lá eu levo. Ela preparou para mim no final de semana, a gente pegou na quinta que era feriado aqui. Hoje eu levei, aí ele tinha falado: “tem bota, você não está precisando”... (E3M)

O processo de conscientização do consumo tem o envolvimento do casal para a tomada de decisão enquanto novos convertidos, assim, é importante a participação da decisão de compra do casal, e que o comportamento de compra envolve restrições de ambos,

Simplesmente cheguei um dia e estava lá o aparelho, quer dizer... mas hoje em dia a gente entende que é uma conta que a gente vai assumir junto; que o dinheiro não é dele e não é meu, é nosso e que se ele quer comprar, ele precisa conversar comigo; e se eu quero comprar, conversar com ele. Então eu acho que ficou agora muito equilibrado assim. Como eu te falei, a gente não compra mais por impulso. Então se eu quero alguma coisa: “amor, o que você acha? Será que devo? Será que vai dar no orçamento?” (C2M)

A aquisição de bens de valor agregado é entendida no patamar que envolve a decisão cristã racional, conforme podemos ver no diálogo a seguir:

- Olha, eu acho que só do carro que eu ia comprar e não comprei. (C1H)
- É? Como é que foi? (pesquisadora)
- Eu vendi meu carro, porque carro tem a prestação alta. Pagava e tudo. (C1H)
- Com pensamento de grandeza. (C1M)
- (E mudou). (C1H)
- Ele mudou. (C1M)
- Não é isso que eu quero. (E é tão bom). (C1H)
- (ininteligível), eu vejo que ele não tem (mais isso) (C1M)
- Aí agora apareceu um outro carro para eu comprar, bom e tudo, só que daí meu filho por dia (por causa da moto). Ele tem o carro dele, só que o carro gasta mais. Aí eu pensei assim, não, daí eu orei: “Mas será que eu compro?”, daí apareceu essa moto. (C1H)".

5.4.5. Consumo pensando no futuro

A racionalização do consumo futuro e o pensamento no coletivo é expresso pelo relato da neófito E1M, que pretende após casar-se constituir uma célula em sua casa, porém, seu pensamento em adquirir um imóvel está centrado em adquirir num lugar aonde as pessoas possam ter facilidade de acesso, conforme descreve

Pensar que vamos receber pessoas. Até a gente foi ver uma casa esses dias, não sei se você conhece para lá do CTG, é aquele condomínio alguma coisa (Pepe) (...) o nome. Só que as ruas são bem certinhas, até a gente falou: “e quando tivermos a nossa célula, onde vai caber o carro das pessoas?” (E1M).

Pensar e se preparar para o futuro é uma preparação importante para o neófito, pois ele tem a intenção de fazer parte do corpo de convertidos, ser líder ou até mesmo pastor. Portanto, ver-se como parte do grupo é no futuro é um dos motivos de manter a continuidade junto a "*communitas*" ou o coletivo,

Mas uma coisa que você falou e que eu já pensei nisso: eu e o Eduardo vamos nos casar. Uma coisa que vamos ter que ter é um sofá grande, porque vamos querer ser líder de célula. Então, vamos receber muita gente na nossa casa. Esse tipo de coisa que a gente pensa assim, sabe. Uma casa que possa também acomodar as pessoas... (E1M).

A programação pessoal é indicação advinda do estudo e participação dos grupos de célula e cursos. Há indicação de preparo para o futuro quanto informação, quanto a investimentos financeiros e bem como para evolução espiritual. Logo, programar o dia a dia e o futuro, como autogerenciamento melhorado ao investir em algo que demandará investimento em montante monetário alto, conforme explica a neófito E2M, "Na verdade eu ia fazer sem me programar. E eles me fizeram ver que tem que fazer uma programação, não pensar só no agora. Ver o depois, lá para frente. Foi muito importante mesmo."

6 Considerações Finais

Ao longo deste trabalho foi possível tecer várias considerações teóricas e da vivência empírica enquanto pesquisadora e observar nesta pequena parte de um grupo de milhões de fiéis, as características que moldam não só cristãos, mas uma constelação de indivíduos com interesses religiosos onde o consumo permeia suas decisões mundanas e a religião permeia suas decisões de consumo.

Parti sob a ideia de conectar o ser neófito ao ser liminar, pautado na teoria de Van Gennep e Turner, resultado este que sobreveio de maneira inesperadamente positiva ao identificar características novas a este velho indivíduo liminar teórico. Também iniciei meus estudos no campo da Cultura de Consumo sem saber aonde chegar nesta pesquisa pois, o que eu queria mesmo era ratificar o que já conseguia observar empiricamente, o indivíduo cristão protestante consome e dá um significado distinto ao seu consumo e forma de consumir.

Partindo da tese de que o artefato consumido pelo neófito da religião protestante o ajuda a modificar seu comportamento no dia a dia com o grupo e no seu cotidiano, cheguei a algumas considerações que espero fazerem sentido.

6.1 Contribuições teóricas: classificação do neófito protestante contemporâneo

Ao separar as definições do indivíduo neófito pela observação e experiência dos pastores (efetivo conhecedores da palavra e experientes enquanto indivíduos convertidos), procurei trazer um recorte de conhecimento do aspecto da passagem. E diante de seu discurso, pude estabelecer quatro características principais elencadas por eles sobre o neófito, ou o que o define.

Os pontos de classificação foram a *Temporalidade*, com a ambiguidade do tempo, ou seja, o tempo de passagem de antes da conversão, para liminaridade e posterior conversão é desconhecido, porém, relegado a todos os cristãos convertidos, ou seja, é contínuo, conforme inclusive dispõe Turner (1974)⁴⁹; *Conhecimento* é outra característica delineada, quanto maior conhecimento da palavra, mais perto esta de ser convertido, a busca individual vai indicar o espaço de transito (não convertido - novo convertido - convertido), e a temporalidade e a prática

⁴⁹ ""O cristão é um estranho no mundo, um peregrino, um viajante, sem nenhum lugar para descansar a cabeça". A transição tornou-se, neste caso, numa condição permanente. Em parte, alguma esta institucionalização da liminaridade foi mais claramente marcada e definida do que nos estados monástico e mendicante, nas grandes religiões mundiais." (Turner, 1974, p.131).

estão associadas com o conhecimento adquirido/aplicado; *Comportamento* é a característica de indicação de mudança de comportamento do cristão, associado ao conhecimento adquirido, e vai mudar os atos interiores (ex.: deixar de praticar pecado, avanço da maturidade) e exteriores (ex.: mudar vestimenta); *Prática* diz respeito a ação do novo fiel junto aos pares, participação mais intensa na igreja, praticar o novo comportamento 'melhorado', é acompanhada/avaliada pelos pares e pastores.

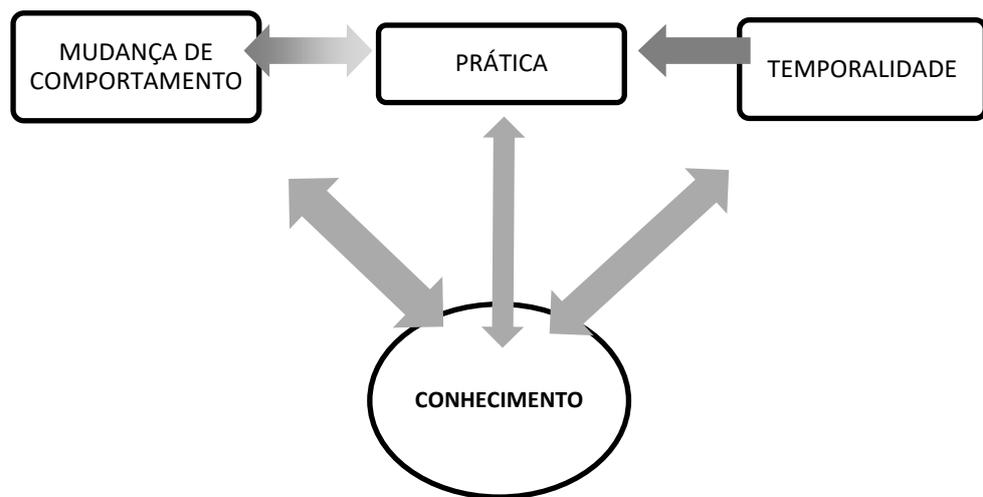


Figura 40 - Neófitos na visão dos pastores

Fonte: a autora

Quanto a auto-observação dos neófitos, em relação às características componentes deste indivíduo, foram identificadas as variáveis: *Conhecimento*, no sentido que o novo convertido tem pouco conhecimento, mas ao mesmo tempo está em busca do conhecimento da palavra e autoconvencimento; *Comportamento*, reflete a a mudança de comportamento, com autocontrole, instabilidade, fuga do pecado e autocondenação; *Participação*, reflete a participação nas atividades em comum com o grupo.

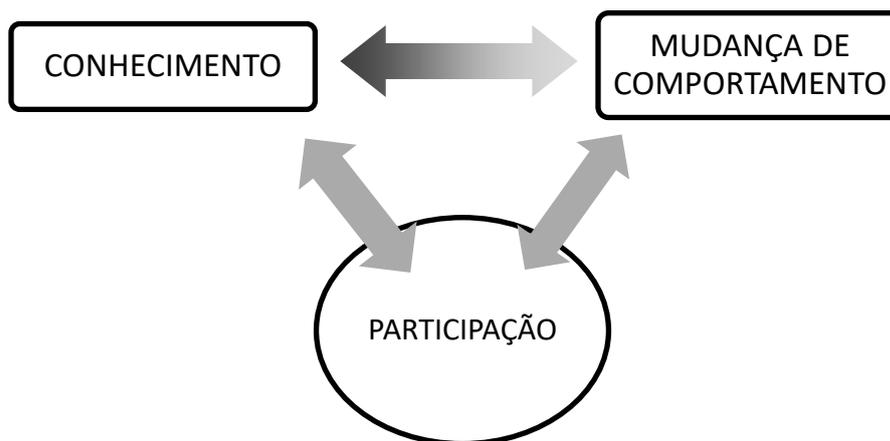


Figura 41 - Neófitos pelos neófitos

Fonte: a autora

Estas representações indicam que o neófito é um indivíduo existente diante do grupo e que sua definição e processo de passagem será pautada na participação das atividades, no acúmulo de conhecimento adquirido e mudança notória de comportamento. Diferentemente visualizada pelos pastores, o neófito, efetuará o processo de passagem mediante o acúmulo de conhecimento adquirido, mudança de comportamento notório, prática frequente e tempo de vivência junto aos pares da igreja.

Esta diferenciação na indicação de pastores e neófitos, indica que, conhecimento e mudança de comportamento são dois preditores da evolução no comportamento do indivíduo que entra na nova religião. Mas, a sua participação nas atividades e prática cristã denota o efeito desta passagem e quanto mais tempo se tem na nova religião, mais se aprende, lendo assim, ao processo de transição.

Pode-se entender que o cumprimento de alguns requisitos pelos neófitos parece padronizados diante dos pastores. Porém, diante da descrição das propriedades da liminaridade, algumas características parecem relegadas a função das propriedades dos sistemas de posições sociais apontados por Turner (1974). Estas observações são pautadas pela interpretação que dei à experiência enquanto pesquisadora junto ao grupo, me levando ao entendimento que o novo convertido protestante agrega características da liminaridade, mas também, dos sistemas de posições sociais propostos por Turner (1974), sendo um indivíduo híbrido liminar. Assim sugiro a classificação das propriedades liminares do novo convertido como adaptação do proposto por Turner (1974), conforme quadro abaixo:

Propriedades da Liminalidade		NOVO CONVERTIDO	Propriedades dos sistemas de posições sociais	
<i>Transição</i>	X	<i>Transição</i>		Estado
Totalidade		<i>Parcialidade</i>	X	<i>Parcialidade</i>
Homogeneidade		<i>Heterogeneidade</i>	X	<i>Heterogeneidade</i>
<i>"Communitas"</i>	X	<i>"Communitas"</i>		Estrutura
Igualdade		<i>Desigualdade</i>	X	<i>Desigualdade</i>
Anonímia		<i>Sistemas de nomenclatura</i>	X	<i>Sistemas de nomenclatura</i>
Ausência de propriedade		<i>Propriedade</i>	X	<i>Propriedade</i>
<i>Ausência de "status"</i>	X	<i>Ausência de "status"</i>		"status"
<i>Nudez ou uniformidade de vestuário</i>	X	<i>Uniformidade de vestuário</i>		Variedade de vestuário
<i>Continência sexual (solteiro)</i>	X	<i>Continência sexual (solteiro) E Sexualidade (casado)</i>	X	<i>Sexualidade (casado)</i>
Subestimação das distinções sexuais		<i>Alta importância das distinções sexuais</i>	X	<i>Alta importância das distinções sexuais</i>
<i>Ausência de classe</i>	X	<i>Ausência de classe</i>		Distinções de classe
<i>Humildade</i>	X	<i>Humildade</i>		Justo orgulho da posição
Descuido com a aparência pessoal		<i>Cuidado com a aparência pessoal</i>	X	<i>Cuidado com a aparência pessoal</i>
<i>Nenhuma distinção de riqueza</i>	X	<i>Nenhuma distinção de riqueza</i>		Distinções de riqueza
<i>Altruísmo</i>	X	<i>Altruísmo</i>		Egoísmo
Obediência total		<i>Obediência apenas à classe superior</i>	X	<i>Obediência apenas à classe superior</i>
<i>Sacralidade</i>	X	<i>Sacralidade</i>		Secularidade
<i>Silêncio</i>	X	<i>Silêncio</i>		Fala
<i>Suspensão dos direitos e obrigações de parentesco</i>	X	<i>Suspensão dos direitos e obrigações de parentesco</i>		Obrigações e direitos de parentesco
<i>Referência contínua aos poderes místicos</i>	X	<i>Referência contínua aos poderes místicos</i>		Referência intermitente aos poderes místicos
<i>Insensatez</i>	X	<i>Insensatez</i>		Sagacidade
<i>Simplicidade</i>	X	<i>Simplicidade (não possui todo o conhecimento)</i>		Complexidade
<i>Aceitação de dores e sofrimentos</i>	X	<i>Aceitação de dores e sofrimentos</i>		'Evitação' de dores e sofrimentos
<i>Heteronomia</i>	X	<i>Heteronomia</i>		Graus de autonomia

Quadro 13 - Propriedades congruentes da liminaridade e novo convertido

Fonte: adaptado de Turner (1974, p. 130-131) com os dados de pesquisa.

Um dos pontos principais deste trabalho é enquadrar o *novo convertido protestante moderno do rito neopentecostal* na teoria da Liminalidade de Turner. Para esta primeira parte da pesquisa, pode-se perceber o enquadramento funcional aceitável e composto por diversas das propriedades que compõem o ser liminar, conforme demonstra o Quadro 12 acima.

Diante do levantamento teórico para esta tese, pude efetuar a identificação da

liminaridade nos escritos teóricos da antropologia de Van Gennep, Turner e Noble e Walker. E de acordo com a definição da transição liminar apontada por eles, pude construir um panorama referente a transição do novo convertido protestante, assim, criei inicialmente os passos da transição adaptado de Noble e Walker (1997) durante o levantamento teórico e depois com os dados resultantes das entrevistas e observações, cheguei a um modelo sobre a transição liminar do novo convertido protestante.

No Quadro 13 descrevo os momentos de trânsito do neófito, diferente das outras estruturas, este modelo tem uma segmentação a mais. O processo de transito protestante pode iniciar com a participação do não convertido e seu não interesse apesar de visitar a igreja, este não apresenta interesse em participar; o indivíduo que quer converter-se participa de alguns eventos da igreja, porém, não mantém vínculo; o indivíduo pré-liminar é aquele que frequenta esporadicamente as atividades da igreja (cultos, eventos) e demonstra interesse em participar da igreja; o indivíduo liminar é aquele que aceitou publicamente Jesus⁵⁰ e começa a frequentar as atividades semanais da igreja, sejam elas reuniões e cursos; Pós-liminar é o indivíduo que partiu para o processo de batismo e faz os cursos oferecidos na igreja, participa de algum ministério ou convocações esporádicas de atividade em grupo, como mutirão de limpeza ou organização de eventos e, por fim; o indivíduo convertido é aquele que é reconhecido pelos pares pela participação como líder de célula ou diácono na igreja.

⁵⁰ O ato de aceitar publicamente Jesus refere-se ao processo de oração específica de abandono das atitudes prévias e aceitação verbal da permissão da ação de Jesus sobre a sua vida. Esta oração é feita sob o acompanhamento de algum que frequente da igreja ou pode ser feita de forma pública ao final dos cultos. Por exemplo, o pastor sempre pergunta ao final dos cultos se alguém que não é convertido gostaria de aceitar Jesus, assim, a pessoa que se dispor, vai até a frente do púlpito e junto com o pastor faz a oração de aceitação e ao final está recebe uma salva de palmas dos demais participantes do culto, bem como, recebe abraços de alguns membros e é encaminhado para o processo de consolidação. Neste processo o aceitante recebe um livro ou uma bíblia de presente e faz um cadastro manual com seus dados e se está disposto a receber oração em sua casa. Esta prática é feita em várias igrejas protestantes modernas.

Genep (1909)	Separação			Margem	Reagregação	
Turner (1974)	Pré-Liminar			Liminar	Pós-Liminar	
Noble & Walker (1997)	Evento com objetivo gatilho	Desligamento simbólico do papel		Ambiguidade de papel	Absorção simbólica do novo papel	Benefícios psicológicos
Passos da transição adaptado de Noble e Walker (1997) durante o levantamento teórico	Conhecendo a igreja pentecostal -Apresentação da igreja por alguém -Participação de grupo de oração (célula) -Participação de cultos -Participação de eventos festivos	Opção por seguir a nova igreja - Participação de cursos de membresia - Integração com a igreja - Faz o processo de batismo -Se vê como novo convertido		Reconhecimento e desprendimento -Desprendido das antigas convicções religiosas. -Tenta se reconhecer como novo convertido, mas pode não ser visto como convertido pela <i>communitas</i> . -Período de adaptação ao novo contexto	Reconhecimento pela <i>communitas</i> - Reconhece-se e é reconhecido como convertido efetivo e frequentador da igreja.	Pleno em sua condição de conversão -Se reconhece e como cristão -Aceito pela <i>communitas</i> - Reconhecido como membro da igreja e conhecedor da palavra -Imagem e comportamento de cristão
Transição de neófitos protestantes	Não convertido -Visita a igreja; -Não mantém vínculo.	Quer converter-se -Participa dos eventos; - Não mantém vínculo.	Pré-liminar -Frequenta esporadicament e; -Quer fazer parte da igreja.	Liminar -Aceitou Jesus e/ou -Começou a frequentar as atividades da igreja.	Pós-liminar -Batizado -Participa de cursos/ministérios e atividades mais frequentes na igreja.	Convertido -Faz parte de liderança ou ministérios na igreja.

Quadro 14 - Fases de transição nos ritos de passagem do novo convertido protestante.

Fonte: dados de pesquisa, adaptado de Genep (1909), Turner (1974) e Noble e Walker (1997).

6.2 Contribuições teóricas: consumo do neófito

Uma vez que este trabalho busca compreender qual é o papel do artefato tangível e intangível consumido pelo neófito durante a transição liminar na religião protestante. Até aqui falei sobre quem são os neófitos pela definição dos pastores e pela própria observação do novo convertido, bem como, sobre a incorporação do entendimento classificativo do neófito e os aspectos referentes ao consumo cristão, bem como, no tocante à teoria da liminaridade.

Nesta pesquisa, procurei avançar para além do que se compreende por consumo sacralizado, procurei mapear este consumo num corte específico de tempo em que se encontra um indivíduo que se dispõe a entrar em uma nova religião, sob a lente da transição liminar. Minha preocupação foi compreender se o indivíduo percebe a modificação em seu comportamento de consumo após entrar na nova religião, se ele percebe que está no estágio de transição nesta religião e descrever o impacto e o papel dos artefatos materiais e imateriais consumidos durante esta transição.

Assim, descrevi o consumo sob o apelo dos objetivos específicos gerados para compreender o papel do artefato na expressão da prática de consumo do neófito na fase de

liminaridade. Assim, busquei elencar o que o neófito consome quanto a bens tangíveis e intangíveis e como ele consome durante o estágio de conversão estudado, contemplando o cumprimento do objetivo "Identificar e analisar o que e como o neófito consome no estágio de liminaridade na religião". Para cumprir o objetivo sobre a percepção dos agentes ou líderes religiosos sobre o que o neófito consome, foi indicado no decorrer da análise a partir do discurso dos pastores, contemplando o objetivo "Identificar e analisar a percepção dos outros agentes religiosos sobre o que e como o neófito consome no estágio de liminaridade na religião.". E para identificar os significados atribuídos, busquei elencar o comportamento de consumo, contemplando o objetivo "Identificar significados atribuídos pelos consumidores neófitos à experiência vivida, durante e após o consumo no processo de transição religiosa."

Mas para compreender o que é consumido pelo cristão, além das observações de campo junto ao grupo, procurei outras formas de identificação, como a criação de questionário virtual aberto a todo público cristão e participação na feira Expo Cristã.

No tocante aos bens tangíveis, estes foram compreendidos por objetos de aprendizado e vestimenta. Apesar de existirem outros itens que podem ser considerados mediadores da fé cristã, os neófitos apresentaram conhecimento de itens mais comuns como bíblia, livros, músicas e vestimenta. Quanto à representação dos objetos para aprendizado, o hábito da leitura foi revelado com a entrada na nova religião, sendo a bíblia o objeto que os neófitos referem como um dos primeiros itens de compra, portanto: a bíblia é um objeto de expressão da fé; podem ser adquiridos por indicação durante eventos; o apelo estético e estilo de bíblia vai ativar o consumo; mudança de hábito de leitura e no hábito de aquisição de livros e itens para estudo.

E quanto à vestimenta, os léxicos resultantes da observação do consumo de vestimenta como item representativo de mudança centram em: vestimenta comportada; objetos da expressão religiosa; escolha pela nova forma de vestir-se; item de expressão externa da identidade cristã; a vestimenta é a representação do eu convertido; vestimenta representa o cuidado estético; não consome vestimenta com símbolos fora do contexto cristão.

Os bens tangíveis foram representados pela busca e incorporação de conhecimento, Consumo de mídias e Entretenimento: aprofundar os conhecimentos; a bíblia é o item facilitador do conhecimento; aprendizagem como investimento.

O Consumo de mídias: vídeos online, tv e música gospel, enquanto mídias são representações da informação moderna para o novo convertido, nela ele vê o acesso ao conhecimento necessário para o processo de se tornar cristão convertido. A interpretação da representação dada pelos entrevistados ao conhecimento, levaram há algumas considerações:

escolha racional ocorre na busca por música gospel; atenção seletiva de informação, passando a escolher por produtos direcionados para o público cristão protestante; processo de atenção seletiva engloba os meios digitais; assistem canais de TV religiosos; consumo diário familiar é modificado; deixam de assistir programas não edificantes da TV; consumo de vídeos e pregações evangélicas online; usam a internet para estudo aprofundado e entretenimento pela apreciação de louvores; acompanhar ministrações digitais auxiliam no processo de aprendizado.

Eventos são lugares determinados a ocorrência de alguma atividade em grupo, a interpretação da participação em eventos pelos neófitos geraram alguns caminhos direcionadores: os neófitos participaram de palestras especiais, conferências, encontros, culto para homens, chá das amadas, Mulher 100%, encontro com Deus (encontro secreto), curso de membresia, curso de casais, encontro de casais, EMA, cultos, MMI, células, ACAMP e festa das células; participam de evento para agradecer a si e a Deus; a participação em eventos desperta maior interesse na contínua participação na religião; eventos propiciam o acesso ao conhecimento que não teriam antes da conversão; eventos propiciam a participação intensiva junto às atividades na igreja.

O entretenimento é representado pelo espaço de lazer e lugares das más escolhas, ou seja, lugares que eram frequentados antigamente pelos neófitos enquanto não convertidos. Neste sentido, a mudança nas escolhas de consumo, no caso dos novos convertidos, passa pela decisão da escolha por produtos cristãos nos momentos de lazer e isso leva ao entendimento de que após a entrada na nova religião: o neófito participa mais das atividades familiares; busca filmes cristãos; evita o acesso a locais que poderão servir como gatilhos do comportamento do passado.

O apelo a saúde e as restrições de consumo trazem a ideia do consumo como reeducação alimentar, o jejum como prática cristã, o Cuidado com o corpo e estética e o abandono do consumo ou a descontinuação do consumo. Logo, pude depreender a indicação de: restrição alimentar vem do novo comportamento com domínio próprio; auto melhoramento pelo consumo racional dos alimentos; consumir produtos saudáveis que antes da conversão não comia; indicação de consumo por pares da igreja; reeducação fazer parte do consumo mundano familiar; cura de vícios alimentares; jejum é importante ato da prática cristã; consumir menos alimentos é visto como tipo de jejum; não usar produtos piratas ou de procedência duvidosa; descontinuo do uso de medicamentos; abandono do consumo de bebida alcoólica; o abandono do consumo de bebida alcoólica leva a não convivência com pessoas com hábito de beber; e deixar de assistir programas de TV. Assim, a descontinuação do uso de produtos é expressão do

consumo do novo convertido e um ato de autocontrole, seja ele de alimento ou coisas.

As expressões da fé foram representadas pela interpretação dos resultados sobre o Consumo antes e após a conversão, a Influência de consumo pelos pares, identificação de objetos como identidade cristã e de produtos de identidade do coletivo, o consumo com o grupo, o Colecionismo e o *gift given*. Expressar e posicionamentos como os neófitos consomem perpassa por noções de pertencimento ao grupo, indicação de consumo, consumir produtos da identidade do coletivo e a verificação do consumo antes e após entrar na igreja. Assim, pude chegar às seguintes interpretações: atos de prudência qualificam o indivíduo na conversão; racionalização do consumo; mudança de hábitos de compra; mudança no orçamento para consumo cotidiano; prática cristã no cotidiano; controle do comportamento; significado de consumo de cunho interior para o indivíduo que o faça melhorar; pastores são observados como modelos de comportamento e para indicadores de objetos de consumo; indicação de produtos para consumo da aplicação da fé; o grupo cristão como um todo é a nova base referencial de busca de informação para compra. E em referência a área de identidade cristã, colecionismo e *gift given*, logo, as representações são: identidade cristã transferida no produto; readequação do eu individual ao eu coletivo cristão; colecionismo para aprendizagem; colecionismo por estética; escolha racional ao presentear; presente com ideologia cristã; presente para edificação humana pelo apelo cristão.

Continua...

PANORAMA DO CONSUMO NO AMBIENTE DO NOVO PROTESTANTE		
BENS TANGÍVEIS	Objetos para aprendizado	<ul style="list-style-type: none"> → a bíblia é um objeto de expressão da fé; → podem ser adquiridos por indicação durante eventos; → o apelo estético e estilo de bíblia vai ativar o consumo; → mudança de hábito de leitura e no hábito de aquisição de livros e itens para estudo.
	Vestimenta	<ul style="list-style-type: none"> → vestimenta comportada; → objetos da expressão religiosa; → escolha pela nova forma de vestir-se; → item de expressão externa da identidade cristã; → a vestimenta é a representação do eu convertido; → vestimenta representa o cuidado estético; → não consome vestimenta com símbolos fora do contexto cristão.
BENS INTANGÍVEIS	Busca e incorporação de conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> → aprofundar os conhecimentos; → a bíblia é o item facilitador do conhecimento; aprendizagem como investimento.
	Consumo de mídias: vídeos online, tv e música gospel	<ul style="list-style-type: none"> → escolha racional ocorre na busca por música gospel; → atenção seletiva de informação, passando a escolher por produtos direcionados para o público cristão protestante; → processo de atenção seletiva engloba os meios digitais; → assistem canais de TV religiosos; → consumo diário familiar é modificado; → deixam de assistir programas não edificantes da TV; → consumo de vídeos e pregações evangélicas online; → usam a internet para estudo aprofundado e entretenimento pela apreciação de louvores; → acompanhar ministrações digitais auxiliam no processo de aprendizado
	Eventos	<ul style="list-style-type: none"> → palestras especiais, conferências, encontros, culto para homens, chá das amadas, Mulher 100%, encontro com Deus (encontro secreto), curso de membresia,

Conclui.

		<p>curso de casais, encontro de casais, EMA, cultos, MMI, células, ACAMP e festa das células;</p> <p>→ participam de evento para agradar a si e a Deus;</p> <p>→ a participação em eventos desperta maior interesse na contínua participação na religião;</p> <p>→ eventos propiciam o acesso ao conhecimento que não teriam antes da conversão;</p> <p>→ eventos propiciam a participação intensiva junto às atividades na igreja.</p>
	<p>Entretenimento:</p> <p>a) Lazer</p> <p>b) Lugares das más escolhas</p>	<p>→ o neófito participa mais das atividades familiares;</p> <p>→ busca filmes cristãos;</p> <p>→ evita o acesso a locais que poderão servir como gatilhos do comportamento do passado.</p>
SAÚDE E RESTRIÇÕES	<p>Reeducação alimentar:</p> <p>a) Jejum</p> <p>b) Cuidado com o corpo e estética</p> <p>c) abandono do consumo e descontinuação do consumo</p>	<p>→ restrição alimentar vem do novo comportamento com domínio próprio;</p> <p>→ automelhoramento pelo consumo racional dos alimentos;</p> <p>→ consumir produtos saudáveis que antes da conversão não ingeria;</p> <p>→ indicação de consumo por pares da igreja;</p> <p>→ reeducação fazer parte do consumo mundano familiar;</p> <p>→ cura de vícios alimentares;</p> <p>→ jejum é importante ato da prática cristã;</p> <p>→ consumir menos alimentos é visto como tipo de jejum;</p> <p>→ não usar produtos piratas ou de procedência duvidosa;</p> <p>→ descontinuo do uso de medicamentos;</p> <p>→ abandono do consumo de bebida alcoólica;</p> <p>→ abandono do consumo de bebida alcoólica leva a não convivência com pessoas com hábito de beber;</p> <p>→ deixar de assistir programas de TV.</p>
EXPRESSÕES DA FÉ NO CONSUMO	<p>a) Consumo antes e após a conversão</p> <p>b) Influência de consumo pelos pares</p> <p>c) Objetos como identidade cristã</p> <p>d) Produtos de identidade do coletivo</p> <p>e) Consumo com o grupo</p> <p>f) Colecionismo</p> <p>g) <i>Gift given</i></p>	<p>→ atos de prudência qualificam o indivíduo na conversão;</p> <p>→ racionalização do consumo;</p> <p>→ mudança de hábitos de compra;</p> <p>→ mudança no orçamento para consumo cotidiano;</p> <p>→ prática cristã no cotidiano;</p> <p>→ controle do comportamento;</p> <p>→ significado de consumo de cunho interior para o indivíduo que o faça melhorar;</p> <p>→ pastores são observados como modelos de comportamento e para indicadores de objetos de consumo;</p> <p>→ indicação de produtos para consumo da aplicação da fé;</p> <p>→ o grupo cristão como um todo é a nova base referencial de busca de informação para compra.</p> <p>Identidade cristã, colecionismo e <i>gift given</i>:</p> <p>→ identidade cristã transferida no produto;</p> <p>→ readequação do eu individual ao eu coletivo cristão;</p> <p>→ colecionismo para aprendizagem;</p> <p>→ colecionismo por estética;</p> <p>→ escolha racional ao presentear;</p> <p>→ presente com ideologia cristã;</p> <p>→ presente para edificação humana pelo apelo cristão.</p>

Quadro 15 - Panorama do consumo no ambiente do novo protestante

Fonte: dados de pesquisa

Por fim o comportamento de consumo enquanto racionalização do consumo foi salientada pelos tópicos de racionalização na escolha, racionalização (autocontrole) financeira, frugalidade e economia de recursos, consumo consciente e consumo pensando no futuro.

CONSUMO NO AMBIENTE DO NOVO PROTESTANTE	
COMPORTAMENTO DE CONSUMO: RACIONALIZAÇÃO NO CONSUMO	<ul style="list-style-type: none"> a) Racionalização na escolha b) Racionalização (autocontrole) financeira c) Frugalidade e economia de recursos d) Consumo consciente e) Consumo pensando no futuro

Quadro 16 - Consumo no ambiente do novo protestante

Fonte: dados de pesquisa

Diante deste cenário, a conveniência de expressar esta relação em Figura 40, demonstrando o entendimento geral da pesquisa, demonstra que o panorama do consumo no ambiente do novo convertido sai do processo de racionalização do consumo nos processos de escolha do produto, na racionalização financeira, na frugalidade e economia de recursos, no consumo consciente e consumo pensando no futuro. Estes comportamentos advindos do contato com a nova religião, leva o neófito a escolha de consumo dos bens tangíveis, intangíveis e referentes a saúde e restrições. Nestes termos encontram-se a escolha do objeto pelo pensamento cristão e que direciona as expressões da nova fé no consumo em forma de diferenciação do consumo antes e após a conversão, pela influência e indicação de consumo pelos líderes, busca de objetos com identidade cristã, consumo de produtos que irão conferir ao neófito a identidade do coletivo, consumo de bens tangíveis e intangíveis junto com o grupo, o desejo pelo colecionismo e o ato de presentear lembrando a expressão da fé.

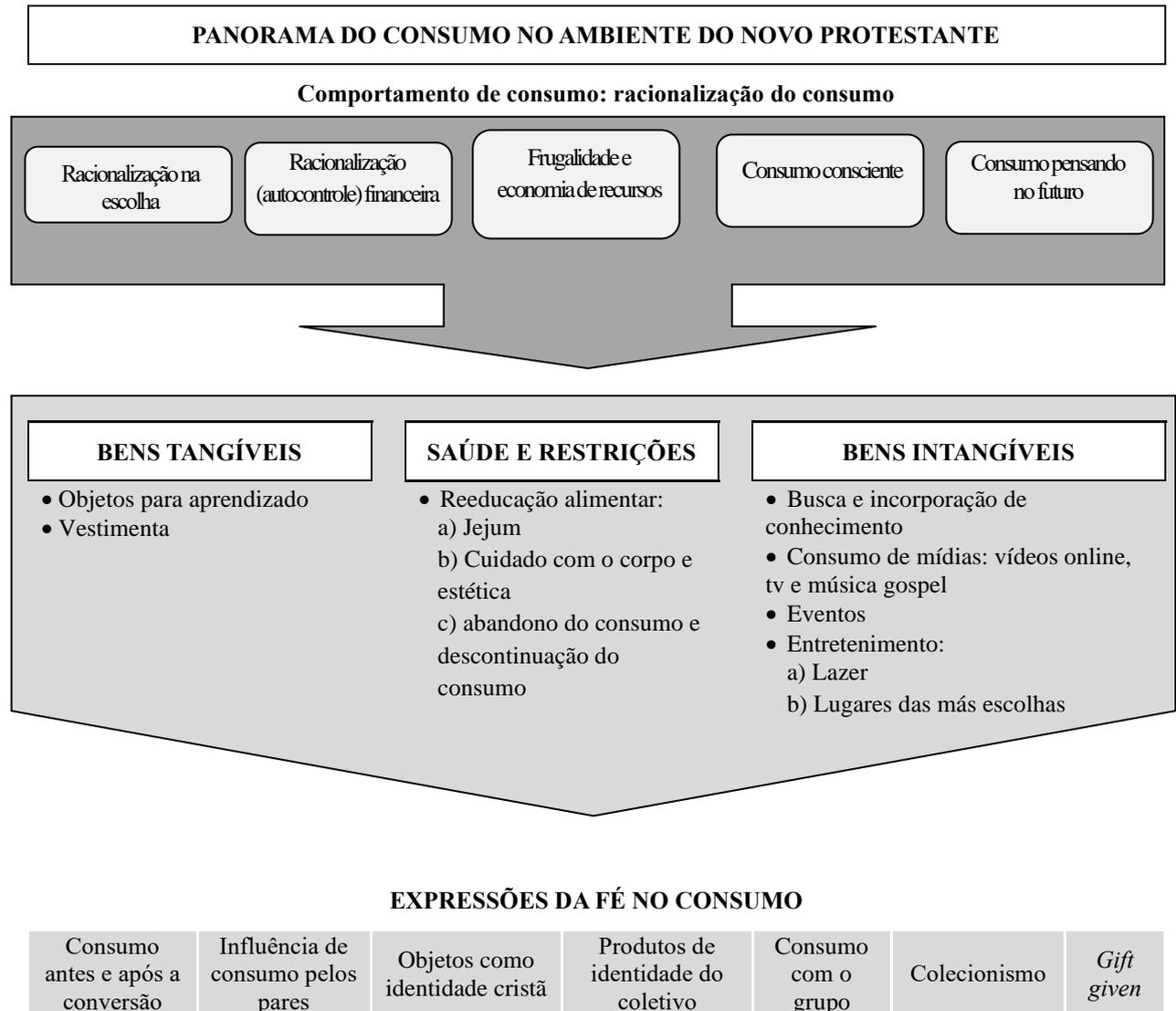


Figura 42- Comportamento de consumo do neófito protestante moderno

Fonte: dados de pesquisa.

Estes resultados demonstram algumas observações necessárias no tocante ao consumo e o neófito na fase de transição. Os discursos dos entrevistados remetem a pessoas que observam alguma forma de mudança em sua vida cotidiana por intermédio de auxílio da religião protestante. O consumo mundano é modificado juntamente ao comportamento do cotidiano tanto na vida familiar, como na vida social e religiosa.

Há que se notar que existe o apagamento do sujeito, para a entrada do novo sujeito. São trabalhadas novas condições de existência, transformando-o no ser convertido.

Apontar que o consumo de bens materiais e imateriais auxilia no processo de conversão é um apontamento simples de depreender de todo o discurso dos neófitos. Pois percebi que estes não se atentam a perceber o consumo de produtos cristãos como algo relevante e até certo ponto impactante. Contudo, ao serem questionados sobre a ausência desses produtos, afirmam que

sozinhos sem leitura, estudos e eventos, possivelmente não estariam trilhando de maneira rápida e nem eficaz o caminho para conversão efetiva.

Para os neófitos, pensar no estágio de transição em que se encontram não é uma opção, ou seja, não parece ser um processo central na vida do indivíduo e aparentam não refletir sobre o estágio de transição. Alguns se viam como neófitos, mas ficou claro em suas respostas e na sua expressão corporal e facial que não pensavam no assunto, assunto este que só foi lembrado por eles devido a entrevista.

O fiel é direcionado para fazer escolhas que eles por si só desconheciam se não fosse por indicação de seus líderes, pois, o caminho da maturidade cristã necessita de aprimoramento pelo conhecimento. E este conhecimento só é recolhido pela experiência cristã pela transição e passagem pelos ritos e atividades. Assim, consumir os bens, eventos, cursos, os aproximam do conhecimento e da prática cristã. Os acolhe junto ao grupo e os fazem sentirem-se pertencentes a *communitas*.

E ao consumir artefatos materiais e imateriais os neófitos estão demonstrando aos pares um propósito de continuidade na realidade do cotidiano da igreja protestante. Assim, este consumo do simbólico (Noble e Walker, 1997), ou seja, dos artefatos da crença protestante representa a transitoriedade do antigo eu para o novo eu, o "eu convertido".

Os dados analisados demonstram que o estágio de liminaridade é percebido e o ser liminar é percebido pelos líderes e pares, justamente pela sua expressão corporal, vestimenta e busca espiritual pela compra de livros, participação em cursos, eventos, cultos, etc.

Mas o contexto que mais valida e identifica o ser que quer transitar para algo além de neófito, seria a busca pelo conhecimento, ou seja, o nível de conhecimento (aprofundamento) na nova crença, mais até do que pelo tempo de convivência na igreja.

Percebi também que os neófitos não são qualificados enquanto neófitos junto aos pares e parece ser até refreado o ensejo de discriminação por esta qualidade por parte dos pastores. Entendo que isto ocorre para que não exista preconceito por parte dos pares.

Enfim, o que me leva a considerar se o uso de tais produtos seria considerado medida de controle de conversão, direcionadores sim, mas, acredito que sejam métodos de controlar ou mesmo monitorar a passagem do neófito pela conversão, pois, por todos estes anos enquanto praticante do protestantismo percebo que na medida que o indivíduo novo na fé vai 'avançando', ganha novo *status* junto ao grupo ao assumir novas responsabilidades e estudos, ao buscar novos cursos e produtos textuais para aprendizagem.

Enfim, entendo que o objeto principal para o alcance da conversão é a bíblia. Pois a

compreensão da interpretação bíblica é mais saliente no indivíduo com o passar do tempo, se este se comprometer a buscar o aprofundamento de seus conhecimentos e participar das atividades da igreja.

A maioria das pesquisas científicas apresentam limitações e contrapontos consideráveis e este estudo não foge a regra. As limitações são iniciadas sobre o contraponto científico de pesquisa qualitativa em detrimento a quantitativa. Esta pesquisa foge a regra das pesquisas em administração, portanto, seguindo o viés qualitativo interpretativos, neste sentido, não sendo acompanhada de valores quantitativos pode não representar um contexto completo do grupo evangélico nacional, contudo, entendendo que para uma pesquisa qualitativa etnográfica, um indivíduo apenas é considerado amostra viável.

As sugestões iniciais direcionavam esta pesquisa para identificação de um grupo maior de indivíduos de outras religiões e seitas, contudo, pela necessidade de aprofundamento e permanência diante das atividades as quais participaram os neófitos, seria praticamente impossível acompanhar todos os sujeito de diversas religiões ao mesmo tempo, portanto, o que foi um limite de espaço e tempo acabou sendo um pensamento direcionador.

Eu enquanto pesquisadora me predispus a trabalhar com um estilo de pesquisa que jamais passaria em minha mente antes deste doutorado, por desconhecimento e despreparo para este tipo de pesquisa, posso considerar um ponto crucial de limitação para esta pesquisa.

O processo de pesquisa retrata o pesquisador que existe em nosso interior, retrata também a influência do exterior em nosso pensar e agir enquanto cientista. Muitas vezes estas inquisições direcionam caminhos de pesquisa impossíveis de se tratar em um único esforço de pesquisa.

Do caminho de quatro anos de doutorado, e três anos pensando nesta temática para tese, me deparei com oportunidades de novos caminhos a serem pesquisados. Início pensando nos inúmeros casos de indivíduos liminares em toda a esfera da sociedade, penso no núcleo acadêmico, penso no indivíduo, nos grupos, no neófito presente em cada um de nós. Só esta ideia já garante um amplo mapa de possibilidades, porém, ao pensar no neófito da religião protestante e sua relação com o consumo, pude pensar em algumas oportunidades de futuras pesquisas.

A liminaridade é necessária ao aprendizado social e individual, perpassa toda a nossa vida, nossa individualidade, nosso corpo, nossas estruturas sociais e psicológicas, é a própria fase de preparação para o viver no mundo. Logo, me questiono sobre a existência da própria fase de liminaridade, e se não existisse liminaridade, como seria a agregação do novo

convertido, aliás, haveria novo convertido? Como seria a agregação desses seres a nova estrutura?

Quanto ao espaço liminar, qual é então o espaço liminar do neófito, o espaço mental, o local onde ele se coloca em sua mente e como é o espaço físico do neófito em seu lar, na sociedade e na igreja?

Posso também questionar como futura pesquisa qual seria o simbolismo que norteia neófitos de outras religiões e outras conotações e lugares.

Os ritos modernos dos grupos protestantes ocorrem de diversas formas, assim, questionar como os rituais são limitados ao ambiente religioso, perpassa o grupo social. A construção do ritual que ocorre nas diversas organizações protestantes modernas, despertou minha atenção também, seus processos antecessores e posteriores, como ocorre o engajamento público no ritual e por que este ocorre, bem como, compreender o significado do ritual religioso e rituais de consumo individuais dos indivíduos protestantes, sejam eles neófitos ou não.

Aspectos demográficos como gênero, renda e idade ligados ao consumo protestante seriam outra oportunidade de pesquisa futura como aspecto a ser compreendido na fase de liminaridade. Identificar se a classe social, a cultura do país afetaria o indivíduo enquanto neófito. Identificar possíveis tipos diferentes de liminaridade dentro da estrutura religiosa moderna pós-industrial, dentre outros.

Referências

- ABREPE (Associação Brasileira de Empresas e Profissionais Evangélicos). (2017). Panorama do Segmento Evangélico. Disponível em: <<http://www.abrepe.com.br/mercado.html>>. Acesso em: fev. 2017.
- Adelman, M. (1992). Rituals of adversity and re-membering: the role of possessions for persons and community living with AIDS. *Advances in Consumer Research*, 19, 400-403.
- Alcance Irati. (2019). **Curso pais para toda a vida**. Disponível em: <<http://alcanceirati.com.br/pais-para-toda-a-vida/>>. Acesso em março de 2019.
- Amorim, Diego. (2014). Mercado evangélico no país faz girar R\$ 15 bilhões em vários segmentos. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2014/01/30/internas_economia,410347/mercado-evangelico-no-pais-faz-girar-r-15-bilhoes-em-varios-segmentos.shtml>. Acesso em: fev. 2017.
- Arnould, E. J., & Fischer, E. (1994). Hermeneutics and consumer research. *Journal of Consumer Research*, 21(1), 5570.
- _____, & Thompson, C. J. (2005). Consumer culture theory (CCT): twenty years of research. *Journal of Consumer Research*, 31(4), 868-882.
- _____, & _____. (2007). Consumer culture theory (and we really mean theoretics): dilemmas and opportunities posed by an academic branding strategy. In: Belk, R. W; Sherry, J. F. *Consumer culture theory*. Oxford: Elsevier.
- _____, Linda L. Price, & Cele Otnes. (1999). Making Consumption Magic: A Study of White-Water River Rafting. *Journal of Contemporary Ethnography*, 28(1), 33-68.
- _____, & Wallendorf, M. (1994). Market-oriented ethnography: Interpretation building and marketing strategy formulation. *Journal of Marketing Research*, 31(4), 484-504.
- Askegaard, Søren. (2015). Consumer Culture Theory (CCT). In: Cook, Daniel Tomas; Ryan, J. Michael. (2015). *The Wiley Blackwell Encyclopedia of Consumption and Consumer Studies*. Malden: John Wiley & Sons, Ltd. DOI: 10.1002/9781118989463.wbeccs54.
- _____, & Linnet, J. T. (2011). Towards an epistemology of consumer culture theory: Phenomenology and the context of context. *Marketing Theory*, 11(4), 381-404.
- Ashforth, B. E., & Johnson, S. A. (2001). Which hat to wear? The relative salience of multiple identities in organizational contexts. In: Hogg, M. A. & Terry, D. J. (Eds), *Social Identity Processes in Organizational Contexts*, pp. 31-48. Philadelphia, PA: Psychology Press.
- Atkin, Douglas. (2004). *The Culting of Brands: When Customers Become True Believers*. New York: Portfolio.
- Banister, E. & M.Hogg. (2006). Experiencing motherhood: the importance of possible selves to new mothers. *Advances in Consumer Research*, 33, 343-344.

- Barbosa (2004). *Sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barros, Carla Fernanda Pereira. (2007). Trocas, hierarquia e mediação: as dimensões culturais do consumo em um grupo de empregadas domésticas. *Tese* (Doutorado em Administração) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ, Instituto COPPEAD de Administração, 259 f.
- Bates, M. J. & J. W. Gentry. (1994). Keeping the family together: How we survived divorce. *Advances in Consumer Research*, 21, 30-34.
- Baudrillard, Jean. (2005). *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70.
- Baxter, Leslie A. (1984), "Trajectories of Relationship Disengagement," *Journal of Social and Personal Relationships*, 1, 2948.
- Belk, R. W. (1988, September). Possessions and the extended self. *Journal of Consumer Research*, 15(2), 139–168.
- _____. (1979). Gift Giving behavior. In: Sheth, J. N. (Ed.). *Research in Marketing*, ed. Jagdish N. Sheth, Greenwich, CT: JAI Press, 95-126.
- _____, & Tumbat, Gülnur. (2005). The Cult of MacIntosh. *Consumption, Markets & Culture*, 8 (3), 205–217.
- _____, & Wallendorf, Melanie. (1990). The Sacred Meanings of Money. *Journal of Economic Psychology*, 11(1), 35–67.
- _____, John F. Sherry, Jr., & Melanie Wallendorf. (1988). A Naturalistic Inquiry into Buyer and Seller Behavior at a Swap Meet. *Journal of Consumer Research*, 14(4), 449–470.
- _____, Melanie Wallendorf, & John F. Sherry. (1989). The Sacred and Profane in Consumer Behavior: Theodicy on the Odyssey. *Journal of Consumer Research*, 16(1), 1–38.
- Berger, Peter L. & Luckmann, Thomas. (1966/repr.1991). *The Social Construction of Reality: A Treatise in the Sociolog of Knowledge*. New York: Penguin Books.
- Bernstein, Richard J. (1983). *Beyond Objectivism and Relativism: Science, Hermeneutics, and Praxis*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Beudaert, Anthony; Özçağlar-Toulouse, Nil; Türe, Meltem. (2015). Negotiating Identity Reconstruction through Consumption: An Analysis of the Experiences of Consumers with Acquired Sensory Impairments. *Consumer Culture Theory*. Published online: 18 Nov, p. 349-366.
- Beuren, Ilsen Maria; *et al.* (2003). *Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade*. São Paulo: Atlas.
- Bradford; J.F. Sherry Jr. (2013). Orchestrating rituals through retailers: An examination of gift registry. *Journal of Retailing* 89 (2, 2013), p. 158–175.

- Bridges, William (1980), *Transitions*, Reading, MA: Addison Wesley.
- Burrell, G. & Morgan, G. (1979). *Sociological paradigms and organizational analysis*. London: Heinemann Educational Books.
- Bonsu, S. K. & R.W. Belk. (2003). Do not go cheaply in that good night: death ritual consumption in Asante Ghana. *Journal of Consumer Research*, 30(1), 41-55.
- Bradford, T. W.; Sherry Jr., J. F. (2013). Orchestrating rituals through retailers: An examination of gift registry. *Journal of Retailing* 89 (2, 2013), p. 158–175.
- Burke, P. (1980). The self: Measurement requirements from an interactionist perspective. *Social Psychology Quarterly*, ed 43, p. 18–29.
- Burroughs, J.E. & A. Rindfleisch. (1997). Materialism as a coping mechanism: An inquiry into family disruption. *Advances in Consumer Research*, 24, 89-97.
- Campbell, Joseph (1972), *Myths to Live By*, New York: The Viking Press.
- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior. (2016). *Protestantismo*. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 30 set.
- Cappellini, Benedetta & Yen, Dorothy Ai-wan. (2016). A space of one's own: spatial and identity liminality in an online community of mothers, *Journal of Marketing Management*, DOI: 10.1080/0267257X.2016.1156725.
- Cardona, M. M. (2000). Multicultural marketing. *Advertising Age*, 65(52), 16.
- Carrigan, M. & I. Szmigin. (2004). Time, uncertainty, and the expectancy experience: An interpretive exploration of consumption and impending motherhood. *Journal of Marketing Management*, 20(7-8), 771-798.
- Carter, Jeffrey. (2003). *Understanding religion sacrifice: a reader*. London: Continuum.
- Cavalcanti, Maria Laura Viveiros de Castro (2012). Luzes e sombras no dia social: o símbolo ritual em Victor Turner. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 103-131, jan./jun.
- Chiluwa, Innocent & Uba, Emmanuel. (2015). 'Text messaging and Christian practice.' In: Yan, Zheng. (ed). *Encyclopedia of Mobile Phone Behavior*. Hershey PA: IGI Global.
- Cody, Kevina. (2012). 'No longer, but not yet': Tweens and the mediating of threshold selves through liminal consumption. *Journal of Consumer Culture*, 12, 41–65. doi:10.1177/1469540512438155.
- _____. (2014). Consuming in the Thresholds: Stepping Outside Socialization Theory to Understand the Contemporary Child Consumer. *Consumer Culture Theory*. Published online: 20 Aug, p.p. 73-96. Doi:[http://dx.doi.org/10.1108/S0885-2111\(2013\)0000015005](http://dx.doi.org/10.1108/S0885-2111(2013)0000015005).
- _____ & Lawlor, Katrina. (2011). On the borderline: Exploring liminal consumption and the negotiation of threshold selves. *Marketing Theory*, 11(2) 207–228. DOI:

10.1177/1470593111403220.

Comunidade Alcance. (2019). **Quem somos.** Disponível em: <http://comunidadealcance.com.br/quem-somos/>. Acesso em abril de 2019.

Creswell, J. W. (1998). *Qualitative inquiry and research design: choosing among five traditions.* Thousand Oaks, CA: Sage.

Curasi, C. F., M. Hogg, & P. Maclaran. (2001). Entering the empty nest stage: a multi-method exploration of women's life experiences and coping strategies in periods of life stage 42 transition. *Advances in Consumer Research*, 5, 260-267.

Da Matta, Roberto. (1981). *Universo do Carnaval: Imagens e Reflexões.* Rio de Janeiro: Pinakotheke.

_____. (2000). Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. *MANA*, 6(1), 7-29.

_____. (1986). *O que faz o brasil, Brasil?.* Rio de Janeiro: Rocco.

Daniel Miller. (2007). Consumo como cultura material. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez.

Denzin N and Lincoln Y. (2005). Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In: Denzin N and Lincoln Y (eds) *The Sage handbook of qualitative research.* Thousand Oaks: Sage Publications Ltd., pp. 1-32.

Douglas, Mary. (1957). Animals in Lele Religious Symbolism. *Journal of the International African Institute*, 27(1), 46-58.

_____. (1966). *Purity and Danger.* London: Routledge & Kegan Paul.

_____. (1966; 1991). **Pureza e Perigo:** ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Tradução: Sônia Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Edições 70 Lda.

_____, & Isherwood, Baron. (2006). *O Mundo dos Bens: Para uma antropologia do consumo.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Drenten, Jenna. (2014). The Role of Market-Mediated Milestones in Negotiating Adolescent Identity Tensions. *Consumer Culture Theory.* Published online: 20 Aug 2014; 97-122.

Driver, Tom F. (1996), "Transformation: The Magic of Ritual," in *Readings in Ritual Studies*, Ronald L. Grimes, Ed. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall.

Durkheim, E. (1996). *As formas elementares da vida religiosa.* São Paulo: Martins Fontes, 1996. 609 p.

Durkheim, E. (1999). *Da divisão do trabalho social.* São Paulo: Martins Fontes, 1999. 481 p

Durkheim, E. (1974) 'Value Judgements and Judgements of Reality', in *Sociology and Philosophy.* New York: Free Press.

- Ebaugh, H. R. F. (1988). *Becoming an Ex: The Process of Role Exit*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Eliade, Mircea. (1958). *Rites and Symbols of Initiation: The Mysteries of Birth and Rebirth*. New York: Harper & Brothers.
- _____. (1965). *Rites and Symbols of Initiation*. New York: Harper & Row.
- Elliott, R.; Jankel-Elliott, N. (2003). Using ethnography in strategic consumer research. *Qualitative Market Research*, v. 6, n. 4, p. 215-223.
- Erikson, E. H. (1951). *Childhood and Society*. New York: W. W. Norton.
- _____. (1982). *The Life Cycle Completed*. New York: W. W. Norton, 1982.
- _____. (1977). *Toys and Reasons: Stages in the Ritualization of Experience*. New York: W. W. Norton, 1977.
- Escalas, Jennifer Edson. (1993). The consumption of insignificant rituals: a look at debutante balls. *Advances in Consumer Research*, Volume 20, eds. Leigh McAlister and Michael L. Rothschild, Provo, UT: Association for Consumer Research, p. 709-716.
- Faubion, James D. (2001). Currents of Cultural Fieldwork. In: Atkinson, Paul; Coffey, Amanda; Delamont, Sara; Lofland, John; Lofland, Lyn (editors). (2007). **Handbook of ethnography**. London: Sage Publications Ltd.
- Featherstone, Mike. (1995). *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel.
- Fernandez, Karen V., & John L. Lastovicka. (2011). Making Magic: Fetishes in Contemporary Consumption. *Journal of Consumer Research*, 38(2), 278–299.
- Ferreira, Luciene Braz; Torrecilha, Nara & Machado, Samara Haddad Simões. (2012). A técnica de observação em estudos de administração. **XXXVI Encontro da Anpad**. Anais XXXVI Enanpad, Rio de Janeiro/RJ, 22 a 26 set. 2012.
- Fischer, E. & B. Gainer. (1993). Baby showers: A rite of passage in transition. *Advances in Consumer Research*, 20(1), 320-324.
- Freston, Paul. (1994). Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: Antoniazzi, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, p. 67-159.
- Geertz, Clifford (1926/2008). A interpretação das culturas. 13ª reimp. Rio de Janeiro: LTC.
- _____. (1968). Religion: anthropological study. In: SILLS, D. (Ed.). *International Encyclopedia of the Social Sciences*, 13. New York: The Macmillan Company and the Free Press, 285-290.
- _____. (1983). *Local Knowledge: Further Essays in Interpretative Anthropology*. New York: Basic Books.
- Gennep, Arnold Van (1969/2008). **Los ritos de paso**. Traductor: Juan Aranzadi. Madrid:

- Alianza Editorial, S. A.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.
- Gluckman, Max (org.) (1962). *Essays on the ritual of social relations*. Manchester: U. Press.
- Goodman, Douglas J.; Cohen, Mirelle. (2004). *Consumer culture: a reference handbook*. California: ABC-CLIO, Inc.
- Gosling, M. & Gonçalves, C. A. (2004). Ideias metodológicas dos autores de estratégia dos Enanpads: uma meta-análise. *Revista Eletrônica de Administração – REAd*, Porto Alegre-RS, ed. 41, vol. 10, nº 5, set-out.
- Grimes, Ronald L. (1996), "Introduction," in *Readings in Ritual Studies*, Ronald L. Grimes, Ed. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall.
- Hair Junior, J. F. et al. (2005). *Fundamentos de Métodos de Pesquisa em Administração*. São Paulo: Bookman, 2005. 471 p.
- Hall, S, Clarke, J.; Jefferson, T. & Roberts, B. (eds). (1976). *Resistance Through Rituals*, Hutchinson, London.
- Hall, S. (1980). Cultural studies: two paradigms. *Media, Culture and Society*, vol. 2, no. 1, p. 57-72.
- Hatch, M. J. & Yanow, D. (2003). Organization theory as an interpretative science. in: Tsoukas, H.; Knudsen, C. (Eds.) *The Oxford Handbook of Organization Theory*. Oxford: Oxford University Press, p.63-87.
- Heyl, Barbara Sherman. (2001). Ethnographic Interviewing. In: Atkinson, Paul; Coffey, Amanda; Delamont, Sara; Lofland, John; Lofland, Lyn (editors). (2007). **Handbook of ethnography**. London: Sage Publications Ltd.
- Hirschman, Elizabeth. (1985). Primitive Aspects of Consumption in Modern American Society. *Journal of Consumer Research*, 12(2), 142–154.
- _____. (1988). The Ideology of Consumption: A Structural-Syntactical Analysis of ‘Dallas’ and ‘Dynasty’. *Journal of Consumer Research*, 15(3), 344–359.
- Hogg, M., C. Folkman, C. F. Curasi, & P. Maclaran. (2004). The (re-)configuration of production and consumption in empty nest households/families. *Consumption, Markets and Culture*, 7(3), 239-259.
- _____, P. Maclaran, & C. F. Curasi. (2003). Consumption, role transitions and the reconstruction of the self: an exploratory study of social capital within the context of 43 transitional consumers. *European Advances of Consumer Research*, 6(1), 258-262.
- Hong, Y.-Y., Morris, M., Chiu, C.-Y., & Benet-Martinez, V. (2000). Multicultural minds: A dynamic constructivist approach to culture and cognition. *American Psychologist*, 55(7), 709–720.
- Iacobucci, Dawn. (2001). Commonalities between Research Methods for Consumer Science

- and Biblical Scholarship. *Marketing Theory*, 1(1), 109–133.
- Ibarra, Hermina. (2003). *Working Identity: Unconventional Strategies for Reinventing Your Career*. Boston: Harvard Business School Press.
- Ibarra, Hermina. (2007). *Identity transitions: possible selves, liminality and the dynamics of voluntary career change*. France: INSEAD.
- Idoeta, Paula Adamo. (2011). Conheça alguns dos principais negócios ligados ao mercado evangélico. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,conheca-alguns-dos-principais-negocios-ligados-ao-mercado-evangelico,767002>>. Acesso em: fev. 2017.
- Jackson, M. (1998) *Minima Ethnographica*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Jennings, R. & L. O'Malley. (2003). Motherhood, identity, and consumption. *European Advances in Consumer Research*, 6, 221.
- Jeyaraj, J. (2004). Liminality and othering: The issue of rhetorical authority in technical discourse. *Journal of Business and Technical Communication*, 18(1), 9–38.
- Kehret-Ward, T.; Johnson, M. W.; Louie, T. A. (1985). Effects of ritual syntax on product categorization and evaluation. In: Holborrk, M. B.; Hirschman, E. C. (Eds.). *Advances in Consumer Research*. v. 12. Ann Arbor, MI: Association for Consumer Research, 1985. p. 319-324.
- Kerlinger, F. N. (2003). *Metodologia da pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Kozinets, R. V. (2001). Utopian Enterprise: Articulating the Meanings of Star Trek's Culture of Consumption. *Journal of Consumer Research*, 28(1), 67–87.
- Kramer, Thomas & Lauren Block. (2008). Conscious and Nonconscious Components of Superstitious Beliefs. *Journal of Consumer Research*, 34(6), 783–793.
- Ladeia, Bárbara (2014). *Mercado bilionário da fé avança com novos produtos e serviços*. Disponível em: <<http://economia.ig.com.br/empresas/comercioservicos/2014-01-02/mercado-bilionario-da-fe-avanca-com-novos-produtos-e-servicos.html>>. Acesso em: fev. 2017.
- La Fontaine, Jean (1985), *Initiation*, Harmondsworth, G. B.: Penguin Books.
- Leach, Edmund R. (1964). Anthropological Aspects of Language: Animal Categories and Verbal Abuse. In: E. H. Lenneberg (ed.). *New Directions of the Study of Language*. Cambridge: The MIT Press. pp. 22-63.
- Lee, Loren (1984), Sequences in Separation: A Framework for Investigating Endings of the Personal (Romantic) Relationship. *Journal of social and Personal Relationships*, 1, 4973.
- Levy, S. J. (1978). *Marketplace Behavior: Its Meaning and Management*. Chicago: Amacom.
- Longhurst R. (2005). (Ad)dressing pregnant bodies in New Zealand: Clothing, fashion, subjectivities, and spatialities. *Gender, Place, and Culture* 12(4): 433–446.

- Lüdke, Menga & André, Marli. E. D. A. (1986). **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU.
- Machado, Sany Karla. (2013). O enfeite nosso de todo dia: significados atribuídos aos acessórios de moda por *tweens*. **Tese (doutorado)** - Escola de Administração de Empresas de São Paulo. 169f.
- Malhotra, N. K. (2001). *Pesquisa de Marketing*. São Paulo: Bookman.
- Manzini, E. J. (1990/1991). A Entrevista na Pesquisa Social. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158.
- Marcus, George. (1998). **Ethnography Through Thick and Thin**. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Matos, Alderi Souza de. (2013). Histórico do movimento neopentecostal no Brasil. In: Portela Neto, Francisco Solano; Lopes, Augustus Nicodemus; Matos, Alderi Souza de e Campos, Heber Carlos de. **Fé cristã e misticismo**. 1ª ed. São Paulo: Cultura Cristã.
- Mauss, M. 1978. ENSAIO SOBRE A DÁDIVA - *Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*", *Antropologia e Sociologia*, V. 1, São Paulo: Epu – Edusp.
- McCracken, Grant. (1986). Culture and Consumption: A Theoretical Account of the Structure and Movement of the Cultural Meaning of Consumer Goods. *Journal of Consumer Research*, 13 (June), 7184.
- _____. (1988). *Culture and Consumption: New Approaches to the Symbolic Character of Consumer Goods and Activities*, Bloomington, IN: Indiana University Press.
- Mick, David Glen (1986) ‘Consumer research and semiotics: exploring the morphology of signs, symbols, and significance’, *Journal of Consumer Research*, 13 (September): 196–213.
- Minayo, M. C. de S. (2000). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 269 p.
- _____. & Sanches, O. (1993). Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?. *Cad. de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set.
- Mccracken, Grant. (2003). *Cultura e Consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo*. Rio de Janeiro: Mauad.
- McDannell, Colleen. (1995). *Material Christianity: Religion and Popular Culture in America*. New Haven, CT: Yale University Press.
- McKechnie, Roz; Jaye, Chrys, & MacLeod, Rod. (2010). The liminality of palliative care. *SITES: New Series*, 7(2), 9-29.
- Merriam-Webster. (2019). Artifact. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/artifact>>. Acesso em: julho de 2019.
- Merriam-Webster. (2019). Practice. Disponível em: <<https://www.merriam->

- webster.com/dictionary/practice>. Acesso em: julho de 2019.
- Moore, Robert L. (1995). *Selling God: American Religion in the Marketplace of Culture*. New York: Oxford University Press.
- Moore, S. F., & Myerhoff, B. G. (1977). Secular ritual: forms and meaning. In: Moore, S. F., & Myerhoff, B. G. (Eds.). *Secular Ritual*. Amsterdam: Van Gorcum, pp. 3-24.
- Morgan, David. (1999). *Visual Piety: A History and Theory of Popular Religious Images*. Berkeley, CA: University of California Press.
- Mowen, John C., & Brad Carlson. (2003). Exploring the Antecedents and Consumer Behavior Consequences of the Trait of Superstition. *Psychology & Marketing*, 20(12), 1045–1065.
- Moura, Ana Clara B. De, Ordonez, Solange A. D. (2018). A aplicação de conceitos administrativos em instituições religiosas a partir da perspectiva do MDA. *REGRAD, UNIVEM/Marília-SP*, v. 11, n. 1, p 309-324, agosto de 2018.
- Murray, J. B., & Ozanne, J. L. (1991). The critical imagination: Emancipatory interests in consumer research. *Journal of Consumer Research*, 18(3), p. 129-144.
- Myerhoff, Barbara C., Camino, Linda A., & Turner, Edith. (2005). Rites of Passage: an Overview. In: Lindsay Jones (Ed.), *Encyclopedia of Religion*. (vol. 11, 2nd edition), Detroit: Thomson Gale.
- Noble, C. H. & B. A. Walker. (1997). Exploring the relationships among liminal transitions, symbolic consumption, and the extended self. *Psychology and Marketing*, 14(1), 29-47.
- Novaes, Joana de Vilhena. (2006). *O intolerável peso da feiura: Sobre as mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro: Garamond/Ed. PUC.
- Novaes, Joana de Vilhena. (2010). *Com que Corpo eu Vou?*. Rio de Janeiro: Pallas.
- Osherton, S. D. (1980). *Holding On and Letting Go: Men and Career Change at Midlife*. New York: Free Press.
- O'Guinn, Thomas C., & Russell W. Belk. (1989). Heaven on Earth: Consumption at Heritage Village, USA. *Journal of Consumer Research*, 16(2), 227–238.
- Ogle, Jennifer Paff., Tyner, Keila E., & Schofield-Tomschin, Sherry. (2013). The role of maternity dress consumption in shaping the self and identity during the liminal transition of pregnancy. *Journal of Consumer Culture*, 13(2), 119–139.
- Olsen, B. (1999). Exploring women's brand relationships and enduring themes at midlife. *Advances in Consumer Research*, 26(1), 615-620.
- Ostwalt, Conrad E. (2003). *Secular Steeples: Popular Culture and the Religious Imagination*. Harrisburg, PA: Trinity Press International.
- Parker, Jonathan; Crabtree, Sara Ashencaen; Baba, Ismail Bin; Carlo, Dolly Paul; & Azman, Azlinda. (2012). Liminality and learning: international placements as a rite of passage. *Asia Pacific Journal of Social Work and Development*, 22(3), 146-158.

- Parsons, Talcott. (1963). On the Concept of Influence. *Public Opinion Quarterly*, 27, p. 37-62.
- Patrick, V. M., D. J. MacInnis, & V. S. Folkes. (2002). Approaching what we hope for and avoiding what we fear: the role of possible selves in consumer behaviour. *Advances in Consumer Research*, 29(1), 270 – 276.
- Pavia, T. M., & Mason, M. J. (2004). The reflexive relationship between consumer behavior and adaptive coping. *Journal of Consumer Research*, 31(2), 441-454.
- Peirano, Mariza. (2006). Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance. *Revista Campos*, 7(2): 9-16.
- Pinto, Marcelo de Rezende; Lara, Jose Edson. (2011). As experiências de consumo na perspectiva da teoria da cultura do consumo: identificando possíveis interlocuções e propondo uma agenda de pesquisa. *Cadernos Ebape.BR*, 9(1), 37-56.
- Price, L. L., Arnould, E. J. & Curasi, C. F. (2000). Older consumers' disposition of special possessions. *Journal of Consumer Research*, 27 (2), 179-201.
- Prothero, A. (2002, June). Consuming motherhood: An introspective journey on consuming to be a good mother. *6th Conference of Gender, Marketing, and Consumer Behaviour*, Dublin, Ireland, pp. 211-225.
- RadcliffeBrown, A. R. (1952), *Structure and Function in Primitive Society*. Glencoe: Free Press.
- Ragas, M. W., and B. J. Bueno. (2002). *The Power of Cult Branding: How 9 Magnetic Brands Turned Customers into Loyal Followers (and Yours Can, Too)*. New York: Crown Business.
- Remenyi, D. et al. (1998). *Doing Research in Business and Management: An Introduction to Process and Method*. London: SAGE Publications.
- Reyna, Carlos Francisco Pérez. (1996). Vídeo & pesquisa antropológica: encontros e desencontros. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 255-267.
- Richardson, L. (1994). Writing: A method of inquiry. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (1st ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Richardson, R. et al.. (1989). *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. 2. ed. São Paulo: Atlas.
- Ricoeur, P. (1981). *Paul Ricoeur hermeneutics and the human sciences*. Cambridge: Cambridge University Press
- Rinallo, Diego. (2009). ‘Living a Magical Life’: Sacred Consumption and Spiritual Experience in the Italian Neo-Pagan Community. In: McGill, Ann L. & Shavitt, Sharon (Eds). *Advances in Consumer Research*, (Vol. 36, pp. 60–63). Duluth, MN: Association for Consumer Research.
- _____, Scott, Linda & Maclaran, Pauline. (2012). *Consumption and Spirituality*. New York: Routledge.
- Rindfleish, Jennifer. (2005). Consuming the Self: New Age Spirituality as ‘Social Product’ in

- Consumer Society. *Consumption, Markets and Culture*, 8(4), 343–360.
- Ritchie, J., Lewis, J., & Elam, G. (2003). Designing and selecting samples. In: J. Ritchie & J. Lewis (Eds.), *Qualitative research practice: A guide for social science students and researchers*. London: Sage.
- Rocha-pinto, S. R., Freitas, A. S., & Maisonnave, P. R. (2010). Métodos interpretativistas em Administração: implicações para pesquisadores. *Revista de Administração FACES Journal*, 9(1), 115-127.
- Rook, Dennis W. (1984). Ritual Behavior and Consumer Symbolism. In: Thomas F. Kinnear (ed.) *Advances in Consumer Research*, Vol. 11, Provo, UT: Association for Consumer Research, 279-284.
- _____. (1985). The Ritual Dimension of Consumer Behavior. *Journal of Consumer Research*, 12 (December), 251–64.
- Ruth, J.A. (1995). Sad, glad and mad: The revealing role of emotions in consumer rituals. *Advances in Consumer Research*, 22, 692.
- Rocha, Angela da & Rocha, Everardo. (2007). Paradigma interpretativo nos estudos de consumo: retrospectiva, reflexões e uma agenda de pesquisas para o Brasil. *RAE*, vol. 47, nº 1, p. 71-80.
- Rocha, Everardo. (1995). *Magia e Capitalismo: um estudo antropológico da publicidade*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (2006). *Representações do Consumo: Estudos sobre a narrativa publicitária*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio.
- Rook, Dennis W. (2007). Dimensão ritual do comportamento de consumo. *Revista de Administração de Empresas*, 47(1), 81-95.
- Rutherford, Vanessa & Pickup, Ian. (2015). Negotiating Liminality in Higher Education: Formal and Informal Dimensions of the Student Experience as Facilitators of Quality. In: Curaj, Adrian., Matei, Liviu., Pricopie, Remus., Salmi, Jamil., & Scott, Peter. (2015). *The European Higher Education Area: Between Critical Reflections and Future Policies*. London: Springer open.
- Schouten, J. W. (1991). Selves in transition: symbolic consumption in personal rites of passage and identity reconstruction. *Journal of Consumer Research*, 17(4), 412-425.
- Schwandt, Thomas A. Schwandt, Thomas A. (1994). Constructivist, Interpretivist Approaches to Human Inquiry. In: Denzin, Norman K. *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage.
- Sherry, John F. (1983). Gift Giving in Anthropological Perspective. *Journal of Consumer Research*, 10 (September), 157–68.
- _____. (1991). Postmodern Alternatives: The Interpretive Turn in Consumer Research. In: *Handbook of Consumer Research*, ed. Thomas S. Robertson and Harold H. Kassirjian, Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 548–91.

- ____ & Kozinets, Robert V. (2007). Comedy of the commons: nomadic spirituality and the burning man festival. *Research in Consumer Behavior*, Vol. 11, 119–147.
- Shomaker, D. J. (1989). Age disorientation, liminality and reality: The case of the Alzheimer's patient. *Medical Anthropology*, 12(1), 91-101.
- Slater, D. (2002). *Cultura do consumo e modernidade*. São Paulo: Nobel.
- Smith, W. R. (1989). *The Religion of the Semites*. New York: Meridian.
- Solomon, M. R. (1983). The role of products as social stimuli: a symbolic interactionism perspective. *Journal of Consumer Research*, 10(3), 319-329.
- ____ & P. Anand. (1985). Ritual costumes and status transition: The female business suit as totemic emblem. *Advances in Consumer Research*, 12(1), , eds. Elizabeth C. Hirschman and Moris B. Holbrook, Provo, UT: Association for Consumer Research, p. 315-318.
- Spiggle, Susan (1994), "Analysis and Interpretation of Qualitative Data in Consumer Research," *Journal of Consumer Research*, 21 (3), 491–503.
- Spradley, James P. (1979). **The Ethnographic Interview**. Orlando, FL: Harcourt Brace Jovanovich.
- St. James, Yannik; Handelman, Jay M., & Taylor, Shirley F. (2011). Magical Thinking and Consumer Coping. *Journal of Consumer Research*, 38(4), 632–649.
- Stephenson, Barry. (2005). Rites of Passage (Further Considerations). In: Lindsay Jones (Ed.). (2005). *Encyclopedia of Religion*. (vol. 11, 2nd edition), Detroit: Thomson Gale.
- Stuart Hall. (1980). Cultural studies: two paradigms. *Media, Culture & Society*, 2: 57-72. DOI: 10.1177/016344378000200106.
- Swimberghe, Krist., Sharma, Dheeraj., & Flurry, Laura. (2009). An exploratory investigation of the consumer religious commitment and its influence on store loyalty and consumer complaint intentions. *Journal of Consumer Marketing*, 26(5), 340 - 347.
- Terra. (2015). Mercado evangélico cresce ao apostar em consumidor fiel. <<http://economia.terra.com.br/vida-de-empresario/mercado-evangelico-cresce-ao-apostar-em-consumidor-fiel,ccccff10d0f6156d00846f3f517978c3mgqxuxdu.html>>. Acesso em: fev. 2017.
- Tetreault, Mary A. Stanfield & Kleine III, Robert E. (1990). Ritual, ritualized behavior, and habit: refinements and extensions of the consumption ritual construct.. *Advances in Consumer Research*, Volume 17, n. 1, eds. Marvin E. Goldberg, Gerald Gorn, and Richard W. Pollay, Provo, UT: Association for Consumer Research, p. 31-38.
- Tinson, Julie & Nuttall, Peter. (2010). Exploring appropriation of global cultural rituals. *Journal of Marketing Management*, 26:11-12, pp. 1074-1090, DOI:10.1080/0267257X.2010.510325.
- Thomsen, T. U. & Sørensen, E. B. (2006). The first four-wheeled status symbol: pram consumption as a vehicle for the construction of motherhood identity. *Journal of Marketing*

Management, 22(9/10), 907-927.

Thompson, C. J., Locander, W. B., & Pollio, H. R. (1989). Putting consumer experience back into consumer research: The philosophy and method of existential-phenomenology. *Journal of Consumer Research*, 16(September), 133–146.

Tinson, Julie & Nuttall, Peter (2010) Exploring appropriation of global cultural rituals, *Journal of Marketing Management*, 26:11-12, 1074-1090, DOI:10.1080/0267257X.2010.510325.

Thrift, N. (2008). *Non-representational theory: space, politics, affect*. New York: Routledge.

Tonner, Andrea. (2016). Liminal mothers' negotiation of conflicting service consumption, *Journal of Marketing Management*, 32:1-2, 100-120, DOI: 10.1080/0267257X.2015.1089306

Trentmann, F. (2009). Crossing divides: consumption and globalization in history. *Journal of Consumer Culture*, 9(2), 187-220.

Trungpa, Chögyam. (1973). *Cutting Through Spiritual Materialism*. Berkeley: Shambala.

Turner, Victor. (1964). Betwixt and Between: The Liminal Period in Rites de Passage. In: Helm, j. (Ed.) (1964). *Symposium on New approaches to the study of religion: Proceedings of the 1964 Annual spring Meeting of American Ethnological Society*, pp. 4–20, Seattle: American Ethnological Society.

_____. (1967). *The Forest of Symbols*. Ithaca, NY: Cornell University Press.

_____. (1969). *The ritual process, structure and anti-structure*. Chicago: Aldine.

_____. (1974a). *Dramas, fields and mXX: Symbolic action in human society*. Ithaca, NY: Cornell University Press.

_____. (1974b). *O Processo Ritual: Estrutura e Anti-Estrutura*. Petrópolis, R.J.: Vozes.

_____. (1985). *On the Edge of the Bush: Anthropology as Experience*, ed. Edith L. B. Turner, Tucson, AZ: University.

_____. (1990). *La selva de los símbolos*. Madrid: Siglo XXI, p. 103-123.

Tylor, Edward B. (1871). *Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art and Custom*. Gloucester, MA: Peter Smith.

_____. (1871) *Primitive Society: Research into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Language, Art and Culture*. London: John Murray.

Van Gennep, Arnold. (1960). *The Rites of Passage*. Chicago: Phoenix Books/University of Chicago Press.

_____. (1978). *Os Ritos de Passage*. Petrópolis, R.J. Vozes.

Varejista. (2015). Mercado evangélico cresce ao apostar em consumidor fiel. Disponível em: <<http://www.varejista.com.br/noticias/11396/mercado-evangelico-cresce-ao-apostar-em>

consumidor-fiel>. Acesso em: fev. 2017.

- Viveiros de Castro, Eduardo. (2002). O nativo relativo. *Mana*, 8(1), 113-148. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132002000100005>.
- Vizedom, Monika. (1976). *Rites and Relationships: Rites of Passage and Contemporary Anthropology*, Beverly Hills, CA: Sage Publications.
- Voice Group. (2008). Buying into motherhood? Problematic consumption and ambivalence in transitional phases. *Consumption, Markets and Culture*, 13 (4, Special Issue), 373-397.
- _____. (2010). Buying into motherhood? Problematic consumption and ambivalence in transitional phases. *Consumption Markets & Culture*, 13, 373-397. Doi:10.1080/10253866.2010.502414.
- Wallace, Anthony. (1966). *Religion: Na Anthropological View*. New York: Random House.
- Warner, L. (1959). *The living and the dead*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Williams R (1965) *The Long Revolution*. Harmondsworth: Penguin.
- Wilson, Monica. (1954). Nyakyusa ritual and symbolism. *American Anthropologist*, vol. 56, no. 2.
- Wissinger, E. (2009). Modeling consumption: fashion modeling work in contemporary society. *Journal of Consumer Culture*, 9(2), 273-296.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e método*. São Paulo: Bookman.
- Young, M. M. (1991). Disposition of possessions during role transitions. *Advances in Consumer Research*, 18(1), 33-39.
- Zanelli, José Carlos. (2002). Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. *Estudos de Psicologia*, v. 7, p. 79 - 88.
- Zembylas, M. (2007). *Five pedagogies, a thousand possibilities: struggling for hope and transformation in education*. Rotterdam/Taipei: Sense Publishers.

APÊNDICES

Apêndice A

1ª etapa: Entrevista com pastores e líderes

Apresentar a ideia de pesquisa: esta é uma pesquisa que terá como fim a apresentação de uma tese na área de pesquisa sobre Cultura de Consumo, dentro do conhecimento de marketing. A intenção é estudar as pessoas que estão passando pelo processo de transição ao tornarem-se membros da igreja e os desdobramentos, mudanças e adaptações das práticas de consumo.

Ratificar a importância da pesquisa para a área de cultura de consumo e antropologia da religião.

Ratificar que os dados estarão restritos à pesquisadora, e os pesquisados assinarão junto à pesquisadora termo de confidencialidade.

Rito de passagem na igreja

- Como se dá o ingresso de um novo membro na igreja? Ele é convidado, quem convida, como convida? As pessoas chegam sem convite? Quando uma pessoa mostra interesse em participar da igreja existe algum evento comum para o qual é convidada a participar?
- O que vocês consideram que seriam ritos de passagem? (batismo, membresia, etc)
- Quais são os tipos de evangelismo para atingir o possível fiel.

Reconhecendo o neófito

- Quando novos fiéis são introduzidos ou levados à igreja quais são os passos que eles seguem dentro da igreja?
- As práticas religiosas classificam o neófito?
- Existe algum tempo/prazo, pela sua experiência, que as pessoas levam para se transformarem de neófito a membro convertido? Quais são os indicativos de que a pessoa não é mais um neófito ou que ainda é um neófito? (Quando os novos convertidos são vistos pelos líderes da igreja e pelos pares como não mais neófitos ou já convertidos?).
- Antes, durante e após a conversão é possível identificar mudanças no comportamento de consumo dos fiéis, antes neófitos e que se tornam convertidos? Se sim quais mudanças são essas?

Consumo de Produtos e serviços

- Quais são os produtos e serviços consumidos pelos fiéis (que os qualifica como cristãos protestantes)?
- Existe alguma orientação da igreja no sentido de consumir ou não determinados itens? Ou a forma como os itens devem ser consumidos? Quais são os produtos orientados ao descontinuo de consumo?
- Existem produtos consumidos pelos fiéis que demonstram que esses são convertidos? Quais são os produtos consumidos pelos protestantes que podem classificá-los como convertidos ou passando pelo processo de conversão?
- Os fieis perguntam sobre os produtos (objetos materiais/serviços) que vocês utilizam/consomem? (durante o culto, para seus estudos, durante as células e no seu dia-a-dia);
- Vocês conseguem identificar na igreja quem seriam referencias em consumo (rever).

Apêndice B

1ª etapa– Seleção

Apresentação da ideia de pesquisa: esta é uma pesquisa que terá como fim a apresentação de uma tese na área de pesquisa sobre Cultura de Consumo, dentro do conhecimento de marketing. A intenção é estudar as pessoas que estão passando pelo processo de transição ao tornarem-se membros da igreja e os desdobramentos, mudanças e adaptações das práticas de consumo. Ratificar que a pesquisa não está relacionada ou advém da igreja, mas sim ao processo de doutoramento da pesquisadora. Informar que o nome não será mencionado e que a pesquisa é sigilosa. O participante assinará junto com a pesquisadora termo de confidencialidade de informações.

Perfil e história de vida

- Onde nasceu
- Idade
- Formação escolar
- Estado civil
- Filhos
- Religião/ denominação
- Moradia - casa própria, aluguel, com quem mora
- Salário, outras fontes de renda
- História de vida: O que te motivou a ingressar na igreja? Alguém te convidou, ou influenciou? O que espera por participar da igreja?
- História de conversão/Como tem visto seu processo de transição religiosa?
- Rotinas diárias: Após iniciar a sua participação na igreja você mudou algum hábito de consumo? Qual? Você lembra de ter deixado de consumir algo por que perdeu o interesse por isso após entrar na igreja? Você lembra de ter passado a consumir algo por que isso se tornou mais interessante após o ingresso na igreja?
- Rotinas de consumo: Há quanto tempo está frequentando a igreja?

2ª etapa – Aspectos relacionados ao consumo

Orçamento/gastos/hierarquia de escolhas

- Consome algum produto religioso/ligado à religião? Qual? Por que? Mais alguém da sua família costuma consumir produtos ligados à religião? Se sim quem e o que consome?
- Quanto costuma gastar com itens religiosos?
- Mudou algum local de compra em decorrência da participação na igreja? Mudou ou procurou adaptar os prestadores de serviço à igreja? Indicação de prestadores de serviço que são membros da igreja. (Onde costuma e onde prefere de compras as coisas do dia-a-dia (supermercado, padaria, farmácia).
- Qual loja gosta de comprar coisas para casa (móveis eletroeletrônicos, etc.)

Ritos de consumo - consumo mundano

- Consegue diferenciar produtos que consumia antes da conversão e depois da conversão?
- Deixou de consumir algum produto depois da conversão, qual? Por quê?
- História em relação ao aprendizado sobre o que consumir e não consumir na igreja e nos eventos e treinamentos.

Marcas/lojas consumidas e aspiracionais

- Mudou o local de consumo depois da conversão?

Lazer e mídia

- Como ocupa o tempo fora da igreja (trabalho/estudo) e quais são os gastos com o lazer. O que gosta em televisão, rádio e leituras. Relação com a igreja
- Atividades que participa na igreja: culto e eventos simbólicos gerais como a ceia, cultos especiais (convidados de fora, celebração das células), Tadel (Treinamento de líderes), etc.
- Participa/participou de cursos: membresia, finanças, práticas cristãs, etc.
- Participa de eventos e congressos religiosos fora da igreja, quais?
- Lembrança sobre escolhas adequadas de consumo pautadas na aprendizagem cristã da conversão: produtos e serviços.

Futuro

- Você já se considera plenamente convertido? Sim/não por quê?

Apêndice C

Tópico	Descrição
Autores de liminaridade	Arnold Van Gennep (1909; 1960; 1978), Victor Turner (1964; 1969; 1974; 1990), Mary Douglas (1957; 1966), Max Gluckman (1962), Edmund Leach (1964), Roberto Da Matta (1981; 2000).
Estágios dos ritos de passagem	Separação, período liminar (liminaridade), agregação.
Forma social de liminaridade	<i>communitas</i>
Dimensões	Social, individual e simbólica.
Contexto da liminaridade	Positivo e negativo
Tendência interpretativa dos estudos	Ritos de passagem como resposta adaptativa obrigatória; modo pelo qual a liminaridade é caracterizada.
Características apontadas pelos estudos	Evasão da estrutura jurídico-política cotidiana, das classificações cognitivas fundadas na lógica do isso ou aquilo, uma coisa ou outra — no princípio aristotélico do terceiro excluído; Associação com a morte para o mundo (entre os Ndembu, o lugar da circuncisão é chamado de “lugar onde se morre”); Impureza, pois os noviços/neófitos transgredem (e transcendem) as fronteiras classificatórias; Identificação com objetos e processos antissociais (fezes) ou “naturais” (lactação, parto, desmame e gestação), com a consequente associação dos noviços aos embriões e crianças de peito; Uso de línguas secretas, estranhas e/ou especiais; Invisibilidade social plena, com a perda de nomes, insígnias, roupas; Associação com seres bi ou transexuais, como os andróginos, ou com animais que estão na interseção de duas classes e sinalizam estados negativos ou abomináveis; Ordálios como a circuncisão, a subincisão, a supressão do clitóris, a exposição prolongada ao frio ou testes físicos impossíveis nos quais o fracasso é ridicularizado, bem como pela resposta a enigmas, adivinhações e resistência à punição física.
Indivíduo na liminaridade	Neófito; estado de identidade incerta; persona liminar; espaço liminar afetivo; transição entre os diferentes modos de ser; isolamento e individualização;
Espaço	Espaço social
Temporalidade	Indefinida; período histórico.

Quadro 17 - Resumo descritivo: Liminaridade

Fonte: a autora.

Apêndice D

Continua...

Raizes	Religião	Cody (2014) Arnould & Thompson (2005) Moore & Myerhoff, (1977)
Ordenação	Início/meio/fim	Moore & Myerhoff, (1977)
Definição de ritual	<ul style="list-style-type: none"> • Tipo de atividade expressiva e simbólica, construída por múltiplos comportamentos que ocorrem em uma sequência fixa, episódica, e que tendem a ser repetidos ao longo do tempo. É dramaticamente roteirizado, atuando de forma exógena e é executado com formalidade, seriedade e intensidade endógena (Rook, 1985). • O Ritual é definido como uma classe analítica de propósito, socialmente padronizadas, sendo concebido para manter e transmitir a ordem social e "moral": reafirmar a interdependência social, evocando e comunicando uma rede de significados cognitivos e afetivos ambíguos, condensados e multivocais aos quais os membros da coletividade podem subscrever em conjunto. Tetreault e Kleine III (1990) • Os ritos de iniciação são os meios fundamentais pelos quais pessoas se transformam em humanos e o cosmo o faz sagrado, acreditando que a iniciação seria um fenômeno metacultural e trans-histórico (Eliade, 1958). 	
comportamento	Sistema de comportamento formal	Solomon & Anand (1985)
Funcionalidade	Fornecem a ordem, a experiência de comunidade e a transformação individual, ordenando os papéis, promove a experiência compartilhada em comunidade e a internalização, resultando na transformação individual.	Driver (1996)
Classificação	- Origens comportamentais de elementos comuns presentes nos rituais: Crenças cosmológicas, Valores culturais, Aprendizado em grupo; Metas e emoções individuais e a biologia humana. (Levy, 1978)	
Componentes tangíveis	Artefatos rituais (sinais e símbolos) Roteiro ritual Papéis de desempenho ritual e público ritual	Rook (1985)
Pessoas	Seres vivos e racionais	Tetreault & Kleine III (1990)
Artefatos simbólicos ou metafóricos	- Objetos usados no ritual - Linguagem ritualística - Atores sociais rituais - Comportamentos (orquestrados em um complexo dramático estruturado (episódio ou roteiro), e repetido com frequência ao longo do tempo).	Tetreault & Kleine III (1990)
Tempo e lugar	Significado próprio individual	
Fronteira	Existe na fronteira das áreas do conhecimento	
Poder do ritual	o poder do ritual de acordo com Tetreault e Kleine III (1990) emerge do fato de que as fronteiras disciplinares tradicionais se dissolvem, resultando numa interação contínua das respostas emocionais, cognitivas e afetivas dos indivíduos, às suas interpretações idiossincráticas do engajamento de papéis socialmente definidos, que são demarcados uns dos outros por artefatos culturais que se tornam símbolos condensados para facilitar o engajamento ritual.	

Continua...

Comportamento do consumo	O ritual é um veículo através do qual o comportamento de consumo, com todas as suas qualidades multissensoriais, hedônicas, afetivas, cognitivas, sociais e culturais são plenamente reconhecidos (Tetreault & Kleine III, 1990).	
Pontos críticos ritual como categoria analítica	<ul style="list-style-type: none"> • Ritual é uma categoria analítica; • Ritual é um comportamento intencional, cumpre seus objetivos de transição e manutenção de ordem social e moral; • O ritual é socialmente padronizado. Seu engajamento requer a cooperação organizada de indivíduos para cumprir todos os papéis necessários. O ritual também é socialmente padronizado na medida em que o roteiro prescreve papéis e regras associadas de conduta para o comportamento do ator; • O Ritual evoca e comunica mais de um significado específico, evoca uma rede de significados cognitivos e afetivos. Assim, não evoca respostas comportamentais imediatas e idênticas de todos os atores. No entanto, a coerência seria esperada entre atores que cumprem papéis semelhantes. • O ritual ocorre no tempo e ou lugar social entre 'colchetes'. Isso não implica necessariamente que o ritual abrange apenas a experiência humana "extraordinária", que abrange a experiência humana que celebra eventos significativos de transição social ou natural. • As regras socialmente padronizadas para o desempenho ritual consistem de exigências convencionais explícitas e implícitas. Regras implícitas, como parte da "cultura oculta", exercem uma influência extremamente poderosa sobre o comportamento. O desvio dessas regras pode provocar desprezo, alienação ou hostilidade absoluta. 	Tetreault & Kleine III (1990)
Áreas contempladas multidisciplinar	sociobiologia, psicologia, sociologia e antropologia cultural.	Tetreault e Kleine III (1990)
Consumo	<p>O ritual é um veículo através do qual o comportamento de consumo, com todas as suas qualidades multissensoriais, hedônicas, afetivas, cognitivas, sociais e culturais são plenamente reconhecidos (Tetreault & Kleine III, 1990).</p> <p>A construção ritual oferece um grande potencial para conceituação e interpretação de muitos aspectos dos fenômenos de consumo (Tetreault & Kleine III, 1990; Belk, 1979; Kehret, Ward, Johnson & Louie, 1985; McCracken, 1986, 1988; Rook & Levy, 1983; Solomon & Anand, 1985; Sherry, 1983), já que atividades ritualizadas e eventos que simbolizam experiências de vida importantes e significativas são regularmente praticados pelos consumidores (Ruth, 1995). Todavia, na medida em que esses rituais estão sendo adaptados e adotados, são menos documentados e precisam de mais exploração (Tinson & Peter Nuttall, 2010).</p> <p>A construção ritual oferece grande potencial para a interpretação de muitos aspectos dos fenômenos de consumo (Tetreault & Kleine III, 1990), logo, mais refinamentos na definição de Ritual são necessários para cristalizar a construção e distinção do ritual, embora essas construções possam de fato "representar conjuntos sobrepostos" (Rook 1985, p.252). Uma maior discriminação entre elas pode ser "útil" ou "apropriada" para fins de análise/pesquisa (Tetreault & Kleine III, 1990).</p>	
Característica	<ul style="list-style-type: none"> • Reforça a transição de papel e status (Tetreault & Kleine III, 1990). 	

Conclui.

	<ul style="list-style-type: none"> • Comportamento ritualizado x ritual Tetreault & Kleine III, 1990). • Propositivo (La Fontaine, 1985) • Salto de fé dos participantes (Tetreault & Kleine III, 1990). • Precisa da existência de um ritual prévio normal (rook, 1985) • Deve estar ligado a mudança ou manutenção na sociedade Tetreault & Kleine III, 1990). • Ligado a auto percepção Tetreault & Kleine III, 1990). • Efeitos ocorrem no tempo social (Warner, 1959) • Ritual é suporte para a mudança (Turner, 1985) • Mais evidente em atividades públicas (Tetreault & Kleine III, 1990.) • Necessita do engajamento público (Tetreault & Kleine III, 1990). 	
Indivíduos rituais	Neófito e facilitador	Tetreault & Kleine III (1990)
neofitos	<p>Seres lineares viventes fora das normas e categorias fixas dos sistemas sociais, possuem sentimento de similaridade e unidade emergente, e este sentido de unicidade ou até <i>communitas</i>, também possui estrutura, mesmo que seu propósito seja antiestrutural (Myerhoff, Camino & Turner, 2005).</p> <p>São quase sempre separados da sociedade, e seus hábitos anteriores de agir, pensar e sentir acabam por serem arrancados, sendo, portanto, cortados de suas formas usuais de apreender o mundo, suas rotinas e suas formas habituais de se comunicar, sendo, portanto, colocados em um estado altamente sugestível para o processo de aprendizagem. (Myerhoff, Camino e Turner, 2005)</p>	
Símbolos usados por neófitos	Inocência, renascimento, vulnerabilidade, fertilidades, mudança, emoção, paradoxo, desordem, anormalidade, oposição entre outros (Myerhoff, Camino & Turner, 2005).	
Quando ocorre	Nos momentos de ansiedade ou crises de vida (Myerhoff, Camino & Turner, 2005).	
Fins do ritual	Seus fins são inculcar as regras e os valores de uma sociedade para aqueles que estariam prestes a se tornarem seus membros de direito pleno (Myerhoff, Camino & Turner, 2005).	
Falha que podem ocorrer quanto aos pesquisadores	Na maioria das vezes, os antropólogos acabam falhando em lidar com as experiências dos participantes rituais, pois são experiências privadas (individuais), subjetivas, psicológicas, conscientes e até inconscientes, inclusive em seus esforços para explicar o ritual, e isso acaba representando uma enorme barreira para a compreensão do assunto, pois são muitas variáveis a serem contempladas, sendo necessária a abordagem interdisciplinar. (Myerhoff, Camino & Turner, 2005).	
Fases do aprendizado	<ul style="list-style-type: none"> • pré-aprendizagem ou antecipação; • separação (por meio de privação sensorial, os estímulos monótonos, estresse físico extremo, e similares); • sugestão (alta sugestibilidade associada com transe e dissociação, às vezes tida como a conversão ou a posse); • execução (realização de uma nova estrutura cognitiva); e • manutenção (através da repetição ou reforço), ocasionalmente envolvendo uma ressíntese 	Myerhoff, Camino & Turner, (2005).
Local de transição/rito	Estruturas sociais	

Quadro 18 - Resumo descritivo de ritos

Fonte: a autora

Apêndice E - Notas de campo

Estas foram algumas notas de campo desenvolvidas durante a pesquisa.

Nota de campo 1

31/12/2017 e 01/01/2018

Culto da virada.

Fui sozinha no culto da virada que começou as 22:00h. Geralmente as atividades na igreja não atrasam.

Vi alguns neófitos da minha pesquisa. Matheus e Camila. A Camila trouxe para o culto seus pais e uma amiga. Já o Matheus o vi sentado sozinho no canto direito do templo.

Camila estava com roupa social, mais arrumada do que o normal. Ela sempre me cumprimenta sorridente a partir do dia em que a encontrei.

Eu fui com uma roupa normal, pois após o culto iria para a ceia na casa da sogra da irmã Silvia e Cristiano.

O culto foi igual aos outros em rito oração->louvor -> oração -> palavra. Mas o louvor final foi estendido para que pudéssemos esperar a hora da virada. Os minutos seguintes à zero hora foram de trocar abraços e felicitações entre os membros da igreja. Cumprimentei Camila, após ter cumprimentado várias pessoas.

Percebo que além do núcleo de célula dela, ela está adaptada às atividades da igreja e enturmada com membros.

Nota de campo 2

26/01/2018

Neste dia foi a primeira vigília do ministério da intercessão.

Cheguei atrasada pois não tinha carona e a amiga Cristina foi me buscar as 9:51 em casa sem me avisar. Eu me arrumei rapidamente pois já tinha esquecido.

Ao chegar nos dirigimos para o salão menor e como já estava escuro, eu me ajoelhei em cadeira que dava um espaço distante das outras pessoas que estavam lá naquele dia.

Ao chegar eu vi pessoas fora do templo caminhando e orando. Ao chegar no salão vejo umas 20 pessoas andando, sentadas e ajoelhadas no seu momento de oração, enquanto a música soava alta. Ao total acredito que tinham umas 35 pessoas na vigília.

Lembro que desde que eu tinha entrado na igreja e que pertencia ao ministério de intercessão, eu queria ir em vigília, mas nunca conseguimos ir, ou por falta de tempo ou por estarmos viajando ou cansados. Mas neste dia fiquei tão feliz em ir e estar junto aos meus irmãos e irmãs.

A Ana Paula me deu carona, no carro com o esposo, os dois filhos e a sogra. Saímos da igreja as 00:04.. Lembro o horário pois olhei no celular para ver se o Ricardo me ligou.

Nota de campo 3

27/01/2018

Encontrei a Camila e sua irmã e amiga almoçando, ela sempre vem me cumprimentar com alegria e atenção. Neste mês foi a terceira vez que a encontrei no restaurante chaleira preta.

Ela almoça nele porque é próximo a seu trabalho.

Não cheguei a ver seu prato e nem tirar foto.

Nota de campo 4

28/01/2018

O culto foi dado pelo Ney e a palavra eu tive que prestar atenção e anotar, pois, seria eu a dá-la na célula esta semana.

Sentei ao lado do Matheus, e percebi que ele sempre está sozinho ou em convívio com um ou outro amigo, apesar de cumprimentar seus conhecidos que sentaram a sua frente. As roupas dele são sempre semelhantes, calça jeans e camiseta. Não vi se ele estava com a bíblia ou caderno. Mas creio que caderno para anotação ele tinha.

Minha sobrinha Laís foi junto comigo. Pegamos carona para voltar para casa com a Cris.

Nota de campo 5

29/01/2018

Mais um dia fui para a oração e para o asilo.

As mulheres que fazem parte da intercessão se reuniram para orar.

Eu e Ana nos reunimos antes para ensaiar o louvor.

Após nosso ensaio fomos para intercessão e como de costume eu me ajoelhei num puff, algumas mulheres ficam sentadas, outras de pé e outras de joelhos nas almofadas.

Que eu saiba, nenhuma das mulheres do grupo são neófitos, mas fazem parte desta igreja já há alguns anos. Sendo mães de pastor (Elza).

A oração de intercessão é como um clamor, muitas vezes as mulheres orando Aldo ou mesmo chorando.

Há um momento nos últimos 20 ou 15 minutos que damos as mãos para orar junto por alguém que está ali, por um mi ministério ou pelos pastores e a igreja.

Terminamos a oração e nos dirigimos para os carros. Desta vez contamos com a presença de mais mulheres e até um homem. Estávamos em 9 pessoas e 1 criança. O homem que foi junto é novo na igreja, era missionário no RJ.

Cantamos para os idosos. Tentamos fazê-los cantar, depois a Dani falou a palavra do dia e cantamos o último louvor e após entregamos os salgadinhos.

Nos dividimos nos carros e fomos embora.

Lembro que cheguei mais cedo na igreja 12:50 e fiquei esperando uns 10 min. No portão em baixo de um sol muito forte. O pedreiro chegou e abriu o portão para mim.

Algum tempo depois que eu estava conversando com a faxineira, o Mateus chegou.

Ele vai algumas vezes por semana na igreja. Neste dia depois que fomos ensaiar o louvor numa sala separada, ouvi o som da bateria. Acredito que ele foi ensaiar bateria. Não o vi quando saí.

Conversei com a Marisa para marcar entrevista com ela novamente, mas não consegui tempo até agora.

Nota de campo 6

31/01/2018

Na quarta-feira passada ao ir no culto com minha líder Silmara, ela me convidou para eu dar a palavra na célula neste dia.

Nos últimos 5 dias foram lutas em casa com contendas entre mim e Ricardo. Muitas delas pela arrogância e forma de mandar dele.

Sinto que por participar dessas atividades, estão me delegando maior autoridade.

Nota de campo 7

19/10/1

No dia 08/10 estive presente no curso de membros na igreja. Senti na última fila de cadeiras, aguardando o momento pré-comunhão com a pastora. Márcia qd era falar sobre minha pesquisa. Alguns momentos antes de iniciar o curso de pedu qd eu levantei e falei da minha pesquisa e perguntei qd os curistas quem poderia/queria me ajudar na pesquisa. Falei qd ao final queria o contato de quem quisesse participar.

* Bate que tenho pensado muito sobre a estrutura organizacional da igreja. A hierarquia de comando presente, hierarquia de poder, a necessidade de se fazer conhecido entre os pais. Isso pessoalmente me incomoda, quanto as estruturas de poder mas sei qd toda organização precisa ter a cultura hierárquica qd qd não vive um laissez-faire.

↳ Obz pessoal.

Consegui 5 contatos neste dia mais 2 em outros 1 pessoas qd encontrei nos corredores da igreja e lembraram-se de mim.

Figura 43 - Nota de campo 7

Fonte: a autora

Nota de campo 8

19/10/17

No dia 19/10 foi feito o evento chamado celular. O evento foi a convocação de todas as células para um momento de "leitura e oração".

Tudo o rito começou com a leitura poética, com uma diferente solicitação do pastor Rey, de que todos desligassem os celulares e que todos pudessem ler um livro exclusivo, sem usar o whatsapp.

Eu após as orações e durante um momento de leitura liques meu celular e tirei algumas fotos.

No final, o mesmo pastor perguntou quem tirou foto, eu levantei minha mão e disse que era por minha pesquisa. E ele confirmou que eu poderia que era por meu TCC. Logo me chamaram a atenção pois, era costume fazer anotações no app bubble no celular e sempre fazer a leitura e eles podem estar pensando que estava mandando mensagem pelo whatsapp e não anotando. (OBSERVAÇÃO PESSOAL).

Figura 44 - Nota de Campo 8

Fonte: a autora.

Nota de campo 9

19/10/17

no dia 17/10 ~~então~~ após vários dias (desde junho) tentando marcar hora no p/ entrevista, consegui ~~na entrevista~~ ^{em} posturas Jorge e Tati. às 19:00h.

Ambos me ~~responderam~~ ^{receberam} a simpatia, me levaram até a sala que eles usam p/ atendimentos dos filhos na igreja.

Ambos sorridentes e simpáticos, começamos a conversar sobre algumas ideias de eventos na igreja (marcha sugestão) pois na semana anterior um novo evento foi feito nomeado células.

Comecei a explicar minha pesquisa e fui iniciada a minha entrevista.

O interessante de estar imersa no quotidiano cristão é o conhecimento q' acaba ditando de coisas q' mesmo os pastores não têm conhecimento (na entrevista celi e reflex.com).

No final, foi ~~quase~~ às 20:00h, terminando a pesquisa e pastor Jorge pediu licença pois foi chamado p/ o trabalho de dia antes do Tardel. O qual o mesmo fez a preparação do dia.

Figura 45 - Nota de Campo 9

Fonte: a autora.

Nota de campo 10

19/10/17

Marisa - ~~da~~ cabeleireira

Um dos dias após um dos cultos no 4º p. (11/10)
 peguei conversa com uma irmã ~~da~~ qd faz parte há
 alguns anos do grupo. Contei p' ela sobre a minha
 pesquisa e ela relembrou o momento q' ela percebeu
 que já não era mais irmã convertida. Quando
 as indagações não eram nas mãos, mas mais
 maduras.
 Marquei entre nós e ela.

Figura 46 - Nota de Campo 10

Fonte: a autora.

Nota de campo 11

1 1

A reunião começou e poucos membros
 foram cantando 2 louvores.
 houve imitação pedindo p' os líderes levantarem
 6 60 células no grupo
 6 2 pessoas tem + de 1 célula (elige a variação)
 - as pessoas estão c/ roupas comuns, diferente
 do vestimenta do culto no domingo
 - muitos c/ celular nos mãos ou bíblias, com
 até bebas nas mãos

Figura 47 - Nota de Campo 11

Fonte: a autora.

Nota de campo 12

Evento mulher 100% 72/11/2013

- cheguei ~ 19:15 mas tinham chegado
muitas mulheres.

- as mulheres começaram a chegar
por volta das 20h.

- muitas cita comentários do evento.

- como o evento é p/ mulheres, poucas
homens da igreja vieram, mas a maioria
eram mulheres, de várias igrejas.

- Pastora Helena fez a oração

- as 09 mulheres contaram suas histórias

- começou o debate "Imagem da mulher"

- Ribis, Graziela Martins, Ferrnanda, Juliana

- Fala de cada uma p/ mostrar como
mulheres também contam p/ a igreja
e para a igreja, dando exemplos de
mulheres que vivem a fé em
casa.

- algumas citam a Bíblia no ato

- ao final foi feita oração e as mulheres
e foram lembradas a família e amigos
que quiserem ir p/ a igreja próxima.

- houve contatos de alguns amigos
e pastora perguntou se tem alguém q/ vai
entrar p/ a vida p/ Jesus

- as mulheres de
arrumaram p/ a
de organização p/ a
de volta.

- quem q/ gosta de
evento de mulheres,

- pedi p/ uma
amiga tirar foto
de cada uma.

LC17:1

- tá na igreja
mas não quer
participar de
nada, cada um
tem o seu jeito
de fazer as coisas.

- Em conexão com
dona de um salão de
contato de que o
evento de mulheres
em casa, fica cheio de
as mulheres da
igreja e arrumando

Figura 48 - Nota de Campo 12
Fonte: a autora.

Continuação da Nota de campo 12

2 Tm 3:1-5 / Rm 12:21
 Sl 32:3
 Rm 12:19 / /

- O rei da decisão é representativa da pessoa física. do rei que a dita diz q' razão

* 1ª de uma parte? não representativa

1 - princípio de Rm 12:19 - vista - cometa preta e a colônia de morte

2 - Pq termos que são 2 is 2:10 met. acho q' as mulheres sentem orgulho de vestir vestes / indivíduos = indivíduos das comunidades

Cl 3:13
 Olio, acorda, oração e 1:10

3 - Pq Romanos não puniram eles Mt 18 42-40-30
 10 de talentos e 1 deus de 6 talentos
 10 é impossível não pagar os talentos
 de volta. Cl 6:13 Mt 18 33-35

• Verdugo - verugo? Mt 6:14-15
 Lm 3:21 antes q' se levantar de cama diga
 Lc 23:34

Figura 49 - Continuação da Nota de Campo 12
Fonte: a autora.

Nota de campo 13

Encontros c/ Deus	1 1
Todos se reuniram no igrej. p/ culto.	56 fêmeas 46 ♂
Cada um c/ suas malas e cobertas.	48 no ônibus
Todas aparentemente muito felizes, na expectativa de algo bom.	entramos em carros
familiares e amigos foram acompanhando elas até a mesa p/ pegar as cachaças	
Foi feita a chamada e distribuídas as porra em carros e ônibus.	
- Cada um pegou 1 lugar no bus, Wilma fez chamada na saída da cidade, no posto incerto	
li ne, havia um grupo de pessoas esperando p/ dar tabaco e as meninas	
foi dito p/ olhar p/ a direita p/ dar tabaco p/ elas	
Algumas mulheres (maioria) foram resmungar no ônibus	
Não percebi a reação das pessoas, mas algumas usou c/ roupas confortáveis e sem maquiagem.	

Figura 50 - Nota de campo 13

Fonte: a autora.

Apêndice F - Diário de consumo - Parte 1

Olá, tudo bem?
Obrigada por me ajudar!

Sobre o que é esta pesquisa?

Esta pesquisa busca compreender a cultura de consumo do novo convertido, ou seja, como ele consome, qual o significado o indivíduo atribui ao consumo, como é a sua prática diária de consumo, a sua prática de compra, seu processo de escolha, e compreender como e onde o pensamento religioso proveniente da conversão está inserido neste contexto. Seu ponto de vista é muito importante para compreendermos a cultura de consumo do novo convertido.

Produtos: produtos de consumo diário para as refeições, uso em comum com outras pessoas como produtos de higiene e beleza, utilidades domésticas, material de papelaria, roupas, calçados, livros, produtos de maior valor agregado como imóveis e móveis, etc.

Serviços: filmes, corte de cabelo, academia, eventos como shows e pregações atípicas, cursos e palestras em geral (relacionado a religião ou não), consultorias, etc.

Confidencialidade?

Esta pesquisa faz parte da minha tese de doutorado, todas as informações coletadas serão analisadas por mim e os nomes dos participantes serão suprimidos.

O que devo fazer?

Você deverá responder a cinco perguntas por semana informando seu processo de escolha e consumo de produtos e serviços utilizados no seu dia-a-dia. Você pode descrever um produto, uma compra específica na semana ou várias.



Contato:

Franciani Galvão

francianigalvao@gmail.com

WhatsApp: (42) 99900-2870

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0455027454343602>

Tempo de pesquisa: 4 MESES - 03/2018 até 07/2018

Apêndice F - Diário de consumo - Parte 2

Data: _____ Semana: _____
1) O que comprou nesta semana? (para você, família, presentear)
2) Como foi seu processo de escolha para compra deste produto? (o que você pensou quando estava escolhendo o produto, antes ou durante o ato da compra)
3) Teve alguma referência de escolha a partir de base religiosa? Qual foi a referência? Por que essa referência foi utilizada?
4) Quando você consumiu o produto, o seu ato de consumir teve algum significado religioso? Ou você atrelou o pensamento religioso ao seu ato de consumo?
5) O espaço do consumo remeteu ao pensamento/ideologia da sua religião? (transformou o lar, o ambiente num local evangélico?)
6) Tire uma foto do produto consumido e me envie pelo WhatsApp ou e-mail.

Apêndice G - Contato inicial com neófitos

Convite para participar da pesquisa enviado aos neófitos pelo aplicativo WhatsApp

_____, bom dia! Tudo bem? Sou Franciani Galvão e faço doutorado em Administração pela Universidade Estadual de Maringá. Estou pesquisando a cultura de consumo de novos convertidos. Estou entrevistando novos convertidos para verificar o que consomem e como consomem. Conversei contigo há algumas semanas sobre a possibilidade de entrevistá-la para minha pesquisa. Gostaria de saber da sua disponibilidade para entrevistá-la nesta semana, você poderia verificar a sua agenda para marcarmos? A entrevista durará 1 hora e pode ser no local que você achar melhor, na sua casa ou na Clínica (ClíniCanaã) do meu esposo no centro de Irati. Ressalto que é uma pesquisa científica e toda informação é confidencial e ficará somente comigo para análise. Muito Obrigada pela sua atenção, tenha um ótimo dia!

Segue meu currículo <http://lattes.cnpq.br/0455027454343602>.

Abraços

Apêndice H - Roteiro de observação

Este roteiro serviu para compor a ideia do que buscava visualizar durante a observação.

- Espaço físico: localização, data
- Tipo de atividade: culto, evento interno ou externo.
- Pessoas envolvidas: neófitos, convertidos e líderes (pastores ou não)
- Apresentação dos indivíduos: vestimenta, acessórios, etc.
- Contato com os pares
- Artefatos: objetos que portam
- Comportamento durante o evento

Apêndice I - Fluxograma das fases de pesquisa

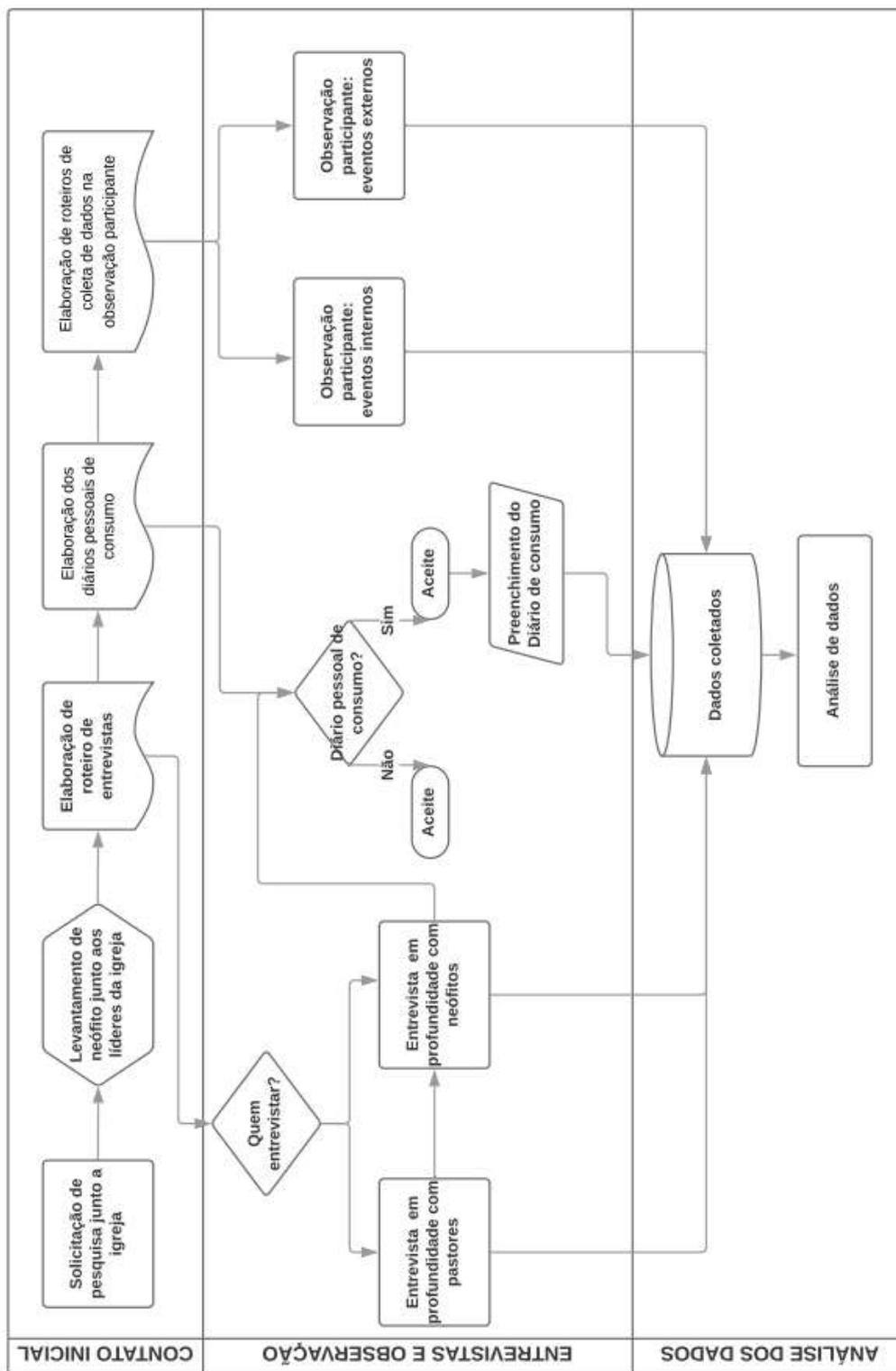


Figura 51 - Fluxograma das Fases de Pesquisa

Fonte: a autora.

ANEXOS

Anexo 1 - Módulo 2 do curso da Escola Ministerial Alcance: A doutrina do Espírito Santo

Lição 02

O FRUTO DO ESPÍRITO

27/02
18

1. O FRUTO E "SEUS GOMOS"

- a) A palavra no singular revela uma única obra do Espírito - Gl.5:22,23.
 b) A descrição no plural revela a abrangência desta obra do Espírito Santo. Assim como a mexerica é um só fruto e tem vários gomos, também o fruto do Espírito se desenvolve como um todo, mas toca diversas áreas de nossas vidas.

Palavras
de Deus

c) Os gomos são:

- ↳ **amor** - no grego: agape. Significa amor incondicional. *Amor sem restrição*
Jo.13:34,35; Rm.5:5; I Jo.4:7-21. *1 Co.13*
- ↳ **alegria** - no grego: chara. Significa a alegria do viver.
Ne.8:10; Sl.16:11; Jo.15:11; At.13:52; Rm.14:17.
- ↳ **paz** - no grego: eirene. Significa serenidade, bem estar total.
Jo.14:27; Rm.5:1; Fp.4:7; I Ts.5:13.
- ↳ **longanimidade** - no grego: makrothumia. Significa paciência. *solos culpados*
Pv.16:32; Ef.4:2; Cl.1:11 e 3:12; Hb.6:12.
- ↳ **benignidade** - no grego: chrestotes. Significa benignidade.
Lc.6:27; Rm.2:10 e 12:21; Gl.6:9; I Tm.6:18; I Pe.2:15.
- ↳ **bondade** - no grego: agathosune. Significa: bondade magnânima.
Dt.28:47,48; Rm.15:14; Ef.5:9.

Palavras
de Deus

OBS: O significado das palavras benignidade e bondade são muito parecidos. Estudiosos definem a primeira como uma qualidade do coração e da emoção, e a segunda como uma qualidade da conduta e ação.

Palavras
de Deus

- ↳ **fidelidade** - no grego: pistis. Significa fidelidade ou lealdade.
Mt.24:45 e 25:21,23; I Co.4:1,2; I Tm.1:12; II Tm.2:2.
- ↳ **mansidão** - no grego: prautes. Significa suavidade. *de coração*
- ↳ **domínio próprio** - no grego: egkrateia. Significa vitória sobre o desejo.
Gn.4:7; At.24:25; II Pe.1:6.

2) O QUE LEVA O FRUTO A SE DESENVOLVER?

a) O paralelo entre o natural e o espiritual - Jesus disse ser a videira e nós os ramos. O fruto aparece nos ramos (galhos), mas isso só é possível pelo fluir da seiva da árvore - Jo.15:5.

b) Fatores que contribuem para o desenvolvimento do fruto:

- **água** - quanto mais regada, maior o potencial de frutificação da árvore. Figura a Palavra de Deus, que torna mais fértil o nosso coração.
- **o tipo de terra** - Em Mt.13:3-8 Jesus fala que os diferentes tipos de solo em que a semente cai são responsáveis por determinar a produção; a terra boa é a que mais produz. Fala da condição do nosso coração para com as coisas de Deus.

3) SEMEANDO E COLHENDO

a) Semeando na carne ou no Espírito - Gl.6:7,8. *na semente e na leitura bíblica*
Experimentaremos da ação do Espírito Santo em nós o que nós mesmos decidimos investir nestas áreas.

b) Decidindo a que lado se inclinar - Rm.8:5,6.

A pessoa vai se inclinar a um lado ou a outro; não existe meio termo. - Ap.22:11.

Figura 52 - Definição "Frutos do Espírito"

Fonte: Módulo 2 do curso da Escola Ministerial Alcance: A doutrina do Espírito Santo. (sem data)

Anexo 2 - Apostila do Curso de Membresia da Comunidade Alcance

09 ESTABELEECER

Anotações:

Esta é uma poderosa estratégia para reter os frutos alcançados. À medida que crescemos nesta prática, o potencial de crescimento e frutificação também crescem!

1) DEFINIÇÃO

- a) É o processo pelo qual firmamos o novo-convertido em sua fé e o auxiliamos na integração à Igreja. É uma forma de NÃO PERDER quem foi ganho, e evitar que "as portas dos fundos (saída) sejam tão largas como as da frente (entrada)".
- b) Não recebemos de Jesus a ordem de pregar o evangelho somente (Mc.16:15), mas de FAZER DISCÍPULOS. Há algo mais do que a decisão inicial por Jesus, que é o processo de compromisso de vida com Cristo. Devemos dar frutos (ganhar almas) que permaneçam (não desviem)! - Jo.15:16
- c) Os apóstolos faziam o trabalho de firmar aqueles que já haviam sido ganhos - At.14:21,22

2) COMO É O PROCESSO DE ESTABELECIMENTO

O ideal seria que a própria pessoa que leva um visitante à Igreja, o consolidasse, mas ainda não acontece assim; por falta de maturidade e até de treinamento da muitos crentes, uma vez que a visão ainda está no processo de estabelecimento. Além disto há muitos que chegam à Igreja sozinhos e não há quem os acompanhe se não houver este processo.

- a) **O 1º passo (colher dados)** - Algo deve ser feito imediatamente após a decisão da pessoa por Jesus. Nos cultos, chamamos as pessoas que se decidiram por Cristo (se possível) para uma sala à parte a fim de encorajá-las. Entregamos um livreto, pegamos seus dados (nome, endereço e telefone) e avisamos que alguém irá fazer contato posterior. Estas pessoas já deram o primeiro passo em direção a Cristo, mas geralmente ainda não se sentem à vontade para voltar à Igreja ou freqüentar qualquer outro tipo de reunião por não estarem ambientadas ainda.
- b) **O 2º passo (contato)** é o contato com a pessoa que pode ser feito mediante telefonema e/ou visita e tem o propósito de convidar o novo a participar de uma célula. Um líder ou alguém especialmente designado para isto fará o contato, munido da ficha com os dados que foi preenchida no dia da decisão. No caso da pessoa não corresponder a este passo, deve ainda haver uma gentil insistência somada de intensa intercessão em seu favor.
- c) **O 3º passo (integração)** - Depois da pessoa passar a freqüen-

Figura 53 - Estabelecimento de fiéis neófitos - Parte 1

Fonte: Apostila do Curso de Membresia da Comunidade Alcance (sem data)

Conclusão do Anexo 2

tar à célula e demonstrar ter se firmado no compromisso com Cristo, deverá ser encaminhada para a Classe de Integração onde receberá 8 lições semanais acerca da visão da Igreja e será preparada para ir ao Encontro.

- d) **O 4º passo (encontro)** - A passagem pelo Encontro é um dos pontos mais fortes neste processo, pois a pessoa recebe ali um grande impacto de Deus em sua vida. A célula deve investir bastante em oração intercessória em prol dos seus membros que vão ao Encontro e caprichar no “banho de amor”.
- e) **O 5º passo (pós-encontro)** - Depois do Encontro, as 4 lições semanais do Pós-Encontro devem ser ministradas com o objetivo de fortalecer a pessoa nas oposições que agora tem enfrentado (do diabo, do pecado e dos conhecidos), adestrando-o para a batalha espiritual com a qual agora conviverá e ensinando-o a ter um viver santo e vitorioso.
- f) **O 6º passo (batismo)** - Tendo passado pela Classe de Integração a pessoa será batizada e o processo de *estabelecimento* terá sido concluído, devendo agora se iniciar a fase do *ensino* na Escola Bíblica.

3) A IMPORTÂNCIA DO ESTABELECIMENTO

- a) Um novo convertido ainda não sabe lidar com os ataques do diabo e suas tentativas de pará-lo (Mt. 13:4,19), portanto deve ser acompanhado.
- b) Quase toda pessoa ao chegar num ambiente novo tem dificuldade de se integrar e sente-se fora do “circulo”. Devemos ajudá-las até que seja tão fácil para elas quanto é para nós hoje o convívio com a igreja.
- c) Quem é consolidado por outro crente está tendo o melhor treinamento (que é o exemplo e algo funcional em sua vida) para também se tornar um futuro consolidador!
- d) Textos que falam sobre desenvolver firmeza:
 - I Co. 16:13
 - Ef. 3:17
 - Fl. 1:27

Figura 54 - Estabelecimento de fiéis neófitos - Parte 2

Fonte: Apostila do Curso de Membresia da Comunidade Alcance (sem data)

Anexo 3 - Qualificações de líderes na igreja

Lição 05

AS QUALIFICAÇÕES DO OBREIRO

- As Sagradas Escrituras são claras a respeito das qualificações que os presbíteros devem apresentar em suas vidas – 1 Tm 3.13
- Abaixo detalhamos cada uma destas características (em seu significado no original grego e com alguns comentários do que é esperado do obreiro):

1. Irrepreensível. Do grego, "*anepileptos*", significa: "*não apreendido, que não pode ser repreendido, não censurável, irrepreensível*". Não fala de ser perfeito, mas de alguém que não anda no erro, que não merece ser corrigido (Fl 2.15). Fala do exemplo que o mesmo deve dar, seguindo o padrão ensinado por Cristo aos seus discípulos (Jo 13.15) e também pelos apóstolos (2 Ts 3.9).

2. Esposo de uma só mulher. É óbvio que o texto fala da monogamia. Um ministro, à semelhança de qualquer outro cristão, não pode ter um caso ou relações extra-conjugais. Mas o enfoque aqui vai para a característica de não ser alguém casado de novo fora dos padrões bíblicos (Mt 19.9; 1 Co 7.39).

3. Temperante. Do grego "*nephaleos*", significa: "*sóbrio, controlado, abster-se de vinho, seja totalmente ou pelo menos do seu uso imoderado*". Como a seguir Paulo fala sobre ser sóbrio e depois sobre não ser dado ao vinho, entendemos que a temperança em questão fala mais do comportamento diante das circunstâncias. A NVI traduziu esta palavra como "*moderado*", a Versão Corrigida de Almeida preferiu a palavra "*vigilante*", enquanto que a Tradução Brasileira optou por "*discreto*". A forma de falar pode refletir isto (Cl 4.6).

4. Sóbrio. Do grego "*sophron*", significa: "*de mente sã, equilibrado, que freia os próprios desejos e impulsos, auto-controlado, moderado*". Fala de auto-controle – não só quanto à bebida, mas também quanto a cada aspecto da vida espiritual, emocional e física (2 Tm 4.5). A NVI traduziu este termo como "*sensato*".

5. Modesto. Do grego "*kosmios*", significa: "*bem organizado, conveniente, modesto*". Fala de características como organização (pessoal e

Figura 55 - Qualificações de líderes na igreja - Parte 1

Fonte: Apostila para Tadel: O caráter do líder (sem data)

Continuação do Anexo 3

do trabalho), comportamento agradável e humildade. A Versão Corrigida de Almeida traduziu esta palavra como "honesto", enquanto que a Tradução Brasileira optou por "circunspecto". Já a NVI optou por "respeitável".

6. Hospitaleiro. Do grego "*philoxenos*", significa: "hospitaleiro, generoso para as visitas". Fala de um coração aberto e amoroso que permite que o seu próprio lar seja um lugar de acolhida. Esta característica revela alguém que se importa com os outros e que não é egoísta (Hb 13.2).

7. Apto para ensinar. Do grego "*didaktikos*", significa: "apto e hábil no ensino". Fala do entendimento bíblico necessário para viver e ensinar a palavra de Deus em todos os aspectos, o que inclui a capacidade de correção e refutação do erro (Tt 1.9-11).

8. Não dado ao vinho. A palavra grega é "*paroinos*" e significa "dado ao vinho, bêbado". Não proíbe a ingestão de bebida (Ef 6.18; 1 Tm 5.23), mas revela a necessidade de cuidado e atenção nesta área (Gn 9.21; Pv 20.1).

9. Não violento. Do grego "*plektes*", significa: "brigão, pronto para um golpe, contencioso, pessoa briguenta". A Versão Corrigida de Almeida e a Tradução Brasileira traduziram esta palavra por "não espancador". Fala de alguém que se domina em suas emoções e não seja uma espécie de "pavio-curto" (2 Tm 2.24).

10. Cordato. Do grego "*epieikes*", significa: "aparente, apropriado, conveniente, eqüitativo, íntegro, suave, gentil". Fala de educação, amabilidade e simpatia. A NVI preferiu traduzir esta palavra como "amável", enquanto que a Versão Corrigida de Almeida e a Tradução Brasileira traduziram esta palavra por "moderado".

11. Inimigo de contendas. Do grego "*amachos*", significa: "irresistível, invencível, pacífico, que se abstém de lutar". A Versão Corrigida de Almeida traduziu como "não contencioso" enquanto que a NVI optou por "pacífico". Fala de alguém que não tem a briga (ainda que só verbal) ou intriga como opção.

12. Não avarento. Do grego "*aphilarguros*", significa: "que não ama o dinheiro, não avarento". A Tradução Brasileira optou pelo termo "não cobiçoso" enquanto que a NVI optou por "não apegado ao dinheiro". Fala

Figura 56 - Qualificações de líderes na igreja - Parte 2

Fonte: Apostila para Tadel: O caráter do líder (sem data)

Conclusão do Anexo 3

de contentamento (Fl 4.11; Hb 13.5) e ausência de ganância (1 Pe 5.2).

13. Que governe bem a própria casa. “...*criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito (pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?)*”. A família do líder deve ser referência e modelo ao rebanho. A principal razão de Deus ter eliminado a casa de Eli do exercício do sacerdócio foi justamente a situação de desestrutura familiar (1 Sm 3.12-14).

14. Não seja neófito. “...*para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo*”. A palavra “*neófito*” significa “novo na fé” e foi traduzida pela NVI como “*recém-convertido*”. A maturidade advinda do tempo de caminhada cristã é essencial, uma vez que a palavra “*presbítero*” significa “*ancião*” e fala, não de maturidade cronológica, e sim de maturidade espiritual (1 Tm 4.12).

15. Ter bom testemunho dos de fora. “...*a fim de não cair no opróbrio e no laço do diabo*”. Sua vida cristã deve primeiro ganhar o respeito dos que o conhecem no dia à dia, para depois servir de referência à Igreja, caso contrário será envergonhado e preso pelo inimigo.

Figura 57 - Qualificações de líderes na igreja - Parte 3

Fonte: Apostila para Tadel: O caráter do líder (sem data)